

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO

Karla Mesquita Belgo



A TRAJETÓRIA DA MULHER NO PARADESPORTO BRASILEIRO

Juiz de Fora

2021

Karla Mesquita Belgo

A TRAJETÓRIA DA MULHER NO PARADESPORTO BRASILEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: “Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas”.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eliana Lucia Ferreira

Juiz de Fora

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Belgo, Karla Mesquita.
A TRAJETÓRIA DA MULHER NO PARADESPORTO
BRASILEIRO / Karla Mesquita Belgo. -- 2021.
271 f. : il.

Orientadora: Eliana Lúcia Ferreira
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2021.

1. Mulher com deficiência. 2. Mulher paratleta. 3. Paradesporto. I. Ferreira, Eliana Lúcia, orient. II. Título.

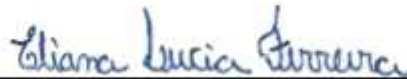
KARLA MESQUITA BELGO

A trajetória da mulher no paradesporto brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: “Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas”

Aprovada em 13 de Agosto de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Dra. Eliana Lúcia Ferreira – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora



Dr. Wilson Alviano Júnior – Titular Interno
Universidade Federal de Juiz de Fora



Dra. Maria Beatriz Rocha Ferreira – Titular Externo
Universidade Estadual de Campinas

À minha mãe, pela referência de mulher e pelo que
representa em minha vida.

AGRADECIMENTOS

À professora Dr.^a Eliana Lúcia Ferreira, admirável orientadora deste estudo, pelos ensinamentos, generosidade acadêmica, dedicação e presteza com que conduziu esse processo.

Às professoras Dr.^a Maria Beatriz Rocha Ferreira e Dr.^a Eliamar Godoi, aos professores Dr. Wilson Alviano Júnior e Dr. Luís Carlos Lira, pela gentileza em aceitarem participar das bancas de qualificação e defesa, o que muito me honrou, bem como pelas preciosas contribuições.

Aos professores do PPGE, da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela contribuição em minha formação acadêmica.

Às minhas amigas do grupo de estudos do NGIME, pelas calorosas discussões e valorosas contribuições acadêmicas.

À Cássia e ao Rodrigo, do NGIME, pela parceria durante os dois anos que lá frequentei e necessitei de seus apoios.

Aos funcionários administrativos do PPGE, Everton e Rafael, pelos inúmeros e-mails respondidos com rapidez e presteza.

Às pessoas que constituem o *corpus* deste trabalho, por aceitarem participar da pesquisa e permitirem os “ditos” e os “não ditos” do estudo.

Ao meu amado marido Francisco e aos meus queridos filhos, Túlio e Théo, pelo apoio incondicional, pela paciência nos momentos difíceis, pela compreensão de minhas angústias e irritações, enfim, por tudo...

Aos meus pais, por serem meus maiores exemplos, pelos valores que me transmitiram e pela educação que me proporcionaram.

Ao meu irmão e minha irmã, aos meus cunhados, cunhadas, concunhados, concunhadas, sobrinhos e sobrinhas, pelo incentivo e torcida para a obtenção desta titulação.

“Não basta ter um corpo, é necessário senti-lo, amá-lo, cuidá-lo respeitosamente, conhecê-lo, vivê-lo na totalidade, para que possamos, na relação com o outro, assumir com autoria o que somos, sentimos, desejamos, pensamos, fazemos com o nosso corpo, nossa vida, nossa história”.

Madalena Freire, 2000

RESUMO

Ao longo da história, a inclusão da mulher nos esportes se deu de forma lenta, gradativa e “por vezes traumática”, marcada por lutas e preconceitos, o que se mostrou ainda mais grave no tocante à mulher esportista com deficiência (SIMÕES, p. 17, 2004; CIDADE, 2004; OLIVEIRA, 2008). Diante disso, o objetivo desta pesquisa foi analisar a trajetória da mulher brasileira com deficiência nos esportes de competição, tomando-se como fio condutor a história esportiva dessas mulheres e a forma como se percebem vistas pela sociedade, a fim de compreendermos sua visão de mundo e, assim, podermos dar visibilidade à sua importância no cenário esportivo. Metodologicamente, a pesquisa foi desenvolvida utilizando a História de Vida, baseada nas ideias de Bertaux (2005) e a Análise de Discurso Francesa, filiada aos pensamentos de Pêcheux (2015) e Orlandi (2015; 2017), com *corpus* de análise abrangendo imagens, fotografias, gráficos, quadros, organogramas e entrevista semiestruturada aplicada em 14 mulheres paratletas brasileiras com deficiência física ou visual, praticantes das modalidades paralímpicas de Atletismo, Halterofilismo e Natação ou da modalidade não-oficial de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, com participação em, pelo menos, um campeonato internacional em sua modalidade nos últimos dez anos. Como resultado da pesquisa, identificamos que os sentimentos negativos sobrepuseram os positivos nos discursos dos sujeitos, uma vez que ainda não perceberam sua posição-sujeito atual e nem deram conta de seu lugar social. Apesar disso, buscaram forças para lutar por seus direitos e desejos, tornaram-se protagonistas de suas histórias, transformaram o espaço ao seu redor e se transformaram. Essas mulheres significaram a si mesmas para além do discurso da falta e da desvalorização, legitimando-se perante a sociedade, mesmo diante da falta de uma política nacional esportiva inclusiva, capaz de incentivar, promover e fortalecer a mulher no esporte, como também de proporcionar o reconhecimento e a visibilidade almejados.

Palavras-chave: Mulher. Deficiência. Paradesporto. Paratletas.

ABSTRACT

Throughout history, the inclusion of women in sports has taken place slowly, gradually and “sometimes traumatic”, marked by struggles and prejudices, which proved to be even more serious with regard to disabled sports woman (SIMÕES, p. 17, 2004; CITY, 2004; OLIVEIRA, 2008). Therefore, the objective of this research was to analyze the trajectory of Brazilian women with disabilities in competitive sports, taking as a guideline the sports history of these women and the way they perceive themselves seen by society, in order to understand their worldview and, thus, we can give visibility to its importance in the sports scene. Methodologically, the research was developed using the Life Story, based on the ideas of Bertaux (2005) and the French Discourse Analysis, affiliated with the thoughts of Pêcheux (2015) and Orlandi (2015; 2017), with corpus of analysis covering images, photographs, graphs, charts, organization charts and semi-structured interviews applied to 14 Brazilian female parathletes with physical or visual disabilities, practitioners of the Paralympic modalities of Athletics, Weightlifting and Swimming or of the unofficial modality of Wheelchair Sports Dance and with participation, in at least, one international championship in its sport in the last ten years. As a result of the research, we identified that negative feelings outweighed the positive ones in the subjects' speeches, since they still did not realize their current subject-position and did not even realize their social place. Despite this, they sought strength to fight for their rights and desires, became protagonists of their stories, transformed the space around them and transformed themselves. These women meant themselves beyond the discourse of lack and devaluation, legitimizing themselves before society, even in the face of the lack of an inclusive national sports policy, capable of encouraging, promoting and strengthening women in sport, as well as providing the desired recognition and visibility.

Keywords: Women. Disabilities. Paralympicsports. Parathletes.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Paratletas participantes do IPC World Championships de 2010 (Hannover)	31
QUADRO 02 – Atletas participantes da Copa dos Continentes de 2015 (Saint Petersburg)	32
QUADRO 03 – Atletas participantes da Copa dos Continentes de 2019 (Saint Petersburg)	33
QUADRO 04 – Paratletas medalhistas nos Jogos Paralímpicos de 1976 (Toronto)	33
QUADRO 05 – Paratletas medalhistas nos Jogos Paralímpicos de 1984 (Stoke Mandeville)	34
QUADRO 06 – Paratletas medalhistas nos Jogos Paralímpicos de 1988 (Seul)	35
QUADRO 07 – Paratletas medalhistas nos Jogos Paralímpicos de 1992 (Barcelona)	36
QUADRO 08 – Paratletas medalhistas nos Jogos Paralímpicos de 1996 (Atlanta)	36
QUADRO 09 – Paratletas medalhistas nos Jogos Paralímpicos de 2000 (Sydney)	37
QUADRO 10 – Paratletas medalhistas nos Jogos Paralímpicos de 2004 (Atenas)	38

QUADRO 11 – Paratletas medalhistas nos Jogos Paralímpicos de 2008 (Pequim)	39
QUADRO 12 – Paratletas medalhistas nos Jogos Paralímpicos de 2012 (Londres)	40
QUADRO 13 – Paratletas medalhistas nos Jogos Paralímpicos de 2016 (Rio de Janeiro)	41
QUADRO 14 – Respostas dos sujeitos	54
QUADRO 15 – Respostas dos sujeitos	54
QUADRO 16 – Respostas dos sujeitos	55
QUADRO 17 – Respostas dos sujeitos	56
QUADRO 18 – Respostas dos sujeitos	58
QUADRO 19 – Interdiscursos dos sujeitos	59
QUADRO 20 – Pesquisa nas bases de dados	72
QUADRO 21 – Fragmentos de matérias de mídias internacionais	97
QUADRO 22 – Eventos desenvolvidos pela CBDCR	116
QUADRO 23 – Enunciados dos sujeitos	133
QUADRO 24 – Discursos dos sujeitos	136
QUADRO 25 – Falas dos sujeitos	139

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Participação das Atletas nos Jogos Paralímpicos	44
FIGURA 02 – Organograma Paralímpico Nacional	52
FIGURA 03 – Organograma Paralímpico Internacional	53
FIGURA 04 – Resultados do Brasil nos Jogos Paralímpicos	106
FIGURA 05 – Atletas Brasileiros nos Jogos Paralímpicos	107
FIGURA 06 – Mulheres Medalhistas nos Jogos Paralímpicos	129
FIGURA 07 – Sentimentos Positivos dos Discursos Verbais	131
FIGURA 08 – Sentimentos Negativos dos Discursos Verbais	131

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 01 – Atletismo Paralímpico	47
FOTOGRAFIA 02 – Halterofilismo Paralímpico	48
FOTOGRAFIA 03 – Natação Paralímpica	50
FOTOGRAFIA 04 – Dança Esportiva em Cadeira de Rodas	51
FOTOGRAFIA 05 – Sujeito 1 da Pesquisa	63
FOTOGRAFIA 06 – Sujeito 2 da Pesquisa	63
FOTOGRAFIA 07 – Sujeito 3 da Pesquisa	64
FOTOGRAFIA 08 – Sujeito 4 da Pesquisa	64
FOTOGRAFIA 09 – Sujeito 5 da Pesquisa	64
FOTOGRAFIA 10 – Sujeito 6 da Pesquisa	64
FOTOGRAFIA 11 – Sujeito 7 da Pesquisa	65
FOTOGRAFIA 12 – Sujeito 8 da Pesquisa	65
FOTOGRAFIA 13 – Sujeito 9 da Pesquisa	65
FOTOGRAFIA 14 – Sujeito 10 da Pesquisa	65
FOTOGRAFIA 15 – Sujeito 11 da Pesquisa	66
FOTOGRAFIA 16 – Sujeito 12 da Pesquisa	66
FOTOGRAFIA 17 – Sujeito 13 da Pesquisa	66
FOTOGRAFIA 18 – Sujeito 14 da Pesquisa	66
FOTOGRAFIA 19 e 20 – Atleta da CBDCCR (S1) em evento internacional e com medalha	67

FOTOGRAFIA 21 e 22 – Atleta do CPB (S2) em evento internacional e com medalha	68
FOTOGRAFIA 23 e 24 – Atleta do CPB (S3) em evento internacional e com medalha	68
FOTOGRAFIA 25 – Atleta da CBDCCR (S4) em evento internacional com medalha	68
FOTOGRAFIA 26 e 27 – Atleta do CPB (S5) em evento internacional e com medalha	68
FOTOGRAFIA 28 e 29 – Atleta do CPB (S6) em evento internacional e com medalha	69
FOTOGRAFIA 30 – Atleta do CPB (S7) em evento internacional com medalha	69
FOTOGRAFIA 31 e 32 – Atleta do CPB (S8) em evento internacional e com medalha	69
FOTOGRAFIA 33 e 34 – Atleta do CPB (S9) em evento internacional e com medalha	69
FOTOGRAFIA 35 e 36 – Atleta do CPB (S10) em evento internacional e com medalha	70
FOTOGRAFIA 37 e 38 – Atleta do CPB (S11) em evento internacional e com medalha	70
FOTOGRAFIA 39 – Atleta do CPB (S12) em evento internacional com	70

medalha

FOTOGRAFIA 40 e 41 – Atleta da CBDCCR (S13) em evento internacional 70

e com medalha

FOTOGRAFIA 42 e 43 – Atleta da CBDCCR (S14) em evento internacional 71

e com medalha

FOTOGRAFIA 44 – Revezamento da Tocha Paralímpica 82

FOTOGRAFIA 45 – Novo Logotipo do IPC 93

FOTOGRAFIA 46 – Nova Bandeira Paralímpica 93

FOTOGRAFIA 47 – Slogan da Paralimpíada de 2008 94

FOTOGRAFIA 48 – Emblema de 2008 94

FOTOGRAFIA 49 – Foto das atletas da DECR no I Open Paradance 2020 119

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AAAD: Associação Atlética Americana para Surdos

AACD: Associação de Assistência à Criança Deficiente

ABRADECAR: Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas

ABDA: Associação Brasileira de Desportos para Amputados

ABDC: Associação Brasileira de Desportos para Cegos

ABDEM: Associação Brasileira de Desportos para Deficientes Mentais

AD: Análise do Discurso

ADEVIBEL: Associação dos Deficientes Visuais de Belo Horizonte

AMAN: Academia das Agulhas Negras

ANAE: Associação Nacional de Administração de Enfermagem da Espanha

ANDE: Associação Nacional de Desportos para Deficientes

ANDEF: Associação Nacional para Deficientes

APB: Academia Paralímpica Brasileira

APOC: Comitê Organizador Paralímpico de Atlanta

ATL: Atletismo

AVAO: Associação Voluntariado de Apoio à Oncologia

BH: Belo Horizonte

CBBC: Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas

CBCa: Confederação Brasileira de Canoagem

CBC: Confederação Brasileira de Ciclismo

CBDCR: Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas

CBDS: Confederação Brasileira de Desporto para Surdos

CBDV: Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais

CBE: Confederação Brasileira de Esgrima

CBH: Confederação Brasileira de Hipismo

CBR: Confederação Brasileira de Remo

CBT: Confederação Brasileira de Tênis

CBTM: Confederação Brasileira de Tênis de Mesa

CBTARCO: Confederação Brasileira de Tiro com Arco

CBTRI: Confederação Brasileira de Triathlon

CBVA: Confederação Brasileira de Vela Adaptada

CBVD: Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes

CDC: Center for Disease Control (Centro para Controle e Prevenção de Doenças)

CENESP: Centro Nacional de Educação Especial

CEP: Comitê de Ética em Pesquisa

CND: Conselho Nacional de Desportos

COB: Comitê Olímpico Brasileiro

COI: Comitê Olímpico Internacional

CORDE: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência

COVID-19: Corona Vírus Disease (Doença do Coronavírus)

CPB: Comitê Paralímpico Brasileiro

CP-ISRA: International Sports and Recreation Association (Associação Internacional de Esportes e Recreação)

CPRJ: Clube dos Paraplégicos do Rio de Janeiro

DECR: Dança Esportiva em Cadeira de Rodas

DF: Deficiência Física

DV: Deficiência Visual

EUA: Estados Unidos da América

FAEFID: Faculdade de Educação Física e Desportos

GTI: Grupo de Trabalho Internacional sobre a Mulher e o Esporte

HALT: Halterofilismo

IAPESGW: International Association of Physical Education and Sport for Girls and Women (Associação Internacional de Educação Física e Esporte para Meninas e Mulheres)

IBSA: International Blind Sports Association (Associação Internacional de Esportes para Cegos)

ICC: Comitê Coordenador Internacional

ICSSPE: Conselho Internacional para a Ciência do Esporte e Educação Física

INAS-FID: Associação Internacional de Esportes para Pessoas com Deficiência Intelectual

INDESP: Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto

IPC: Comitê Paraolímpico Internacional (International Paralympic Committee)

ISMG: International Stoke Mandeville Games (Jogos Internacionais Stoke Mandeville)

ISMWGF: International Stoke Mandeville Wheelchair Games Federation (Federação Internacional de Jogos em Cadeira de Rodas Stoke Mandeville)

ISOD: International Sports Organization for the Disabled (Organização Internacional de Esportes para Deficientes)

IWAS: International Wheelchair and Amputated Association Sports (Associação Esportiva Internacional de Cadeira de Rodas e Amputados)

MEC: Ministério de Educação Esporte e Cultura

NAT: Natação

NGIME: Núcleo de Pesquisa em Inclusão Movimento e Educação à Distância

OMS: Organização Mundial de Saúde

ONU: Organização das Nações Unidas

ONU-Mulheres: Organização das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres

PC: Paralisia Cerebral

PPGE: Programa de Pós-Graduação em Educação

SADEF: Sociedade Amigos dos Deficientes Físicos

SEDES/PR: Secretaria de Desportos da Presidência da República

SEED: Secretaria de Educação e Desporto

SEL: Secretaria de Esportes e Lazer

SESPE: Secretaria de Educação Especial

TCLE: Termo de Consentimento Livre Esclarecido

UFJF: Universidade Federal de Juiz de Fora

UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas

UNIMEP: Universidade Metodista de Piracicaba

USABA: Associação dos Estados Americanos para Atletas Cegos

WDSC: Wheelchair Dance Sport Committee (Comitê de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas)

WSI: Woman Sport International (Esporte Internacional para Mulher)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 METODOLOGIA DA PESQUISA	22
2.1 OBJETIVOS	22
2.2 MÉTODO E ESTRATÉGIAS DE AÇÃO	22
2.2.1 Momento 01	22
2.2.2 Momento 02	24
2.3 ESTRATÉGIAS DE AÇÃO	26
2.4 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE	28
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	72
4 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A POLÍTICA NACIONAL DO ESPORTE E DO PARADESPORTO BRASILEIRO	77
5 ALGUNS APONTAMENTOS HISTÓRICOS DO PARADESPORTO NO BRASIL E NO MUNDO	83
6 ALGUNS APONTAMENTOS HISTÓRICOS DA TRAJETÓRIA DA DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS	110
7 A MULHER, O ESPORTE E O PARADESPORTO FEMININO BRASILEIRO	121
8 RESULTADO E DISCUSSÃO DO <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE	133
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	149
Apêndice I	155
Apêndice II	192
Apêndice III	201
ANEXO I	257

1 INTRODUÇÃO

Enquanto profissional de Educação Física, atuei em projetos e programas da Secretaria de Esportes e Lazer (SEL) da Prefeitura de Juiz de Fora/MG durante sete anos ininterruptos. Nesses projetos, participavam pessoas com deficiência, a partir de 10 anos de idade. Passada essa fase, assumi o cargo de Supervisora de Esportes Adaptados da SEL, a partir de 2013, com a função de coordenar o Programa JF Paralímpico e viabilizar eventos esportivos em seis modalidades voltadas para pessoas com deficiência de Juiz de Fora e de localidades circunvizinhas.

Como fruto dessa experiência e da contribuição dada ao desenvolvimento do esporte paralímpico no município, tive a honra de ser agraciada como umas das condutoras da Tocha Olímpica na edição dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio de Janeiro/RJ, em sua passagem por Juiz de Fora, em 2016.

Assim, com as experiências vieram as observações e, a partir delas, as questões que motivaram esta pesquisa, com o objetivo de fomentar a discussão sobre a mulher brasileira e atleta com deficiência nos esportes de competição, bem como contribuir para a consolidação da compreensão de sua trajetória no paradesporto brasileiro, considerada a percepção vigente da ínfima participação e invisibilidade dessas mulheres nos esportes.

Portanto, a minha inquietação intelectual em relação à mulher esportista com deficiência, somada à minha experiência acadêmica e profissional, uma vez que sou pedagoga, psicóloga, educadora física e atleta feminina de alto rendimento na modalidade de natação, resultaram neste estudo, que teve como objetivo principal analisar a trajetória da mulher no paradesporto brasileiro e, com isso, estabelecer o desafio de quebrar os paradigmas oriundos de impressões e sentidos cristalizados em uma visão masculina de práticas esportivas, onde as mulheres foram e, ainda são, muitas vezes excluídas, tendo que confrontar e enfrentar vários tipos de preconceito.

Podemos perceber tais fatos quando Simões e Knijnik (2004, p.17) apregoam que, desde a antiguidade, a presença da mulher nas práticas esportivas esteve no centro das preocupações de todos os envolvidos com o esporte e a sua inclusão, que por vezes se deu “de forma traumática” em virtude de preconceitos, ocupava

espaços marginais na sociedade. Revelam ainda que, mesmo nos dias atuais, a mulher esportista vive à sombra de premiações e de uma mídia que pouco divulga os seus feitos, suas conquistas e seus resultados.

Corroborando com os autores (2004), a ONU-Mulheres (2015) acrescenta que, apesar do aumento significativo do ingresso de mulheres nos esportes nas últimas décadas, as diferenças ainda são uma realidade, principalmente no que concerne aos recursos destinados às práticas desportivas femininas.

Na Antiguidade, as mulheres eram proibidas de praticar qualquer modalidade esportiva e até mesmo de serem espectadoras nas competições, pois acreditava-se que elas não poderiam se expor, que o corpo feminino era frágil, delicado e condicionado para a maternidade e a vida doméstica. (IDEM, 2004).

Recentemente, essa temática foi retomada pela mídia através da ONU-Mulheres, entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres, quando foi dito que:

durante muito tempo o esporte foi considerado um espaço masculino e, até o ano de 1979, as mulheres eram proibidas de praticar lutas e jogar futebol, uma vez que estas práticas eram consideradas incompatíveis e inadequadas para o sexo feminino. (ONU-Mulheres, 2015, p.01).

Nessa perspectiva, Oliveira (2008) afirma que a presença da mulher no esporte foi marcada por lutas e preconceitos, por episódios de reivindicação por direitos iguais, que deram origem a grandes ícones da luta feminina por toda a história do esporte nos séculos XIX e XX. Porém, Cidade (2004, p.57) pontua que, apesar do esporte ser “um fenômeno cultural de caráter universal, multirracial, praticado em países ricos e pobres e que tem uma lógica própria”, questões como valores, normas, regras, problemas de tensão e, principalmente, controle do poder, representam um desafio ainda maior a ser transposto pela mulher esportista com deficiência.

Dessa forma, Araújo (1996) descreve que o paradesporto no Brasil se desenvolveu e se organizou dentro de uma estrutura diferenciada daquela estabelecida pelo desporto convencional e que, na atualidade, os esportes paralímpicos só se desenvolveram de maneira significativa, devido ao desempenho

positivo conquistado pela delegação brasileira em competições mundiais nas últimas duas décadas. Entretanto, o Brasil fez sua estreia nos Jogos Paralímpicos na Alemanha em 1972, sendo que as mulheres integraram a delegação brasileira somente na edição seguinte, em Toronto, no Canadá. Segundo Fernandes (2016), mesmo com todo este cenário, o esporte paralímpico brasileiro apresentou avanços, conquistando a sétima posição no quadro de medalhas nos Jogos Paralímpicos de Londres em 2012.

Já nos Jogos Paralímpicos de 2016, no Rio de Janeiro, elas estiveram em número maior do que em todas as edições anteriores. Neste evento, foram disputadas 528 provas, sendo 226 femininas, 264 masculinas e 38 mistas, em 22 modalidades esportivas, tendo a Delegação Brasileira contado com 184 homens e 102 mulheres paratletas, das quais 33 foram medalhistas em seis modalidades distintas. (IDEM, 2016).

Dentre outros eventos paralímpicos relevantes que podemos destacar, temos os Jogos Parapan-Americanos que, na 5ª edição realizada no Canadá em 2015, utilizou todas as 15 modalidades disputadas como qualificação para os Jogos Paralímpicos de 2016 no Rio de Janeiro. (JOGOS PARAPAN-AMERICANOS 2015, 2020)

Nesta edição do Parapan, o Brasil participou com a maior delegação da competição e uma presença expressiva de atletas femininas, conquistando o primeiro lugar entre os 28 países participantes. A Delegação Brasileira obteve 257 medalhas, sendo 109 de Ouro, 74 de Prata e 74 de Bronze, ficando 89 medalhas à frente do segundo colocado, o país-sede, que conquistou apenas 50 medalhas douradas. (IDEM, 2020)

Contudo, a importância deste trabalho está pautada na oportunidade de conhecermos a trajetória da mulher atleta brasileira com deficiência no desporto institucionalizado e de competição, e de podermos contribuir para a valorização e visibilidade dessas mulheres no esporte, reforçando os princípios da inclusão esportiva e social.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

2.1 OBJETIVOS

A presença da mulher no esporte veio se consolidando ao longo da história e, portanto, o objetivo precípua desta pesquisa foi analisar a trajetória da mulher com deficiência no desporto brasileiro.

Para atingirmos tal meta, realizamos o seguinte percurso:

- 1- conhecemos a história das instituições paradesportivas brasileiras, a história do paradesporto e a história da mulher atleta com deficiência nos esportes de competição;
- 2- identificamos as modalidades paradesportivas que possuem a participação das mulheres atletas brasileiras com deficiência;
- 3- verificamos o número de mulheres atletas brasileiras com deficiência que participaram de competições esportivas internacionais nos últimos dez anos, identificando as suas respectivas deficiências;
- 4- discutimos os processos de inclusão, de reconhecimento e de visibilidade da mulher no paradesporto brasileiro.

2.2 MÉTODO E ESTRATÉGIAS DE AÇÃO

O presente estudo se caracterizou por uma pesquisa qualitativa, descritiva, perpassando pelo método de História de Vida, baseada nas ideias de Bertaux (2005) e, num segundo momento, pelo método da Análise de Discurso Francesa, filiada aos pensamentos de Pêcheux (2015) e Orlandi (2015; 2017).

2.2.1 Momento 01

A História de Vida envolve uma compreensão entre a relação do corpo, a sociedade e o tempo de vida social do sujeito. É a história sobre a trajetória de vida contada pela pessoa que a vivenciou, de acordo com Marinho (2017).

Segundo Born (2001, p.243), “a trajetória de vida pode ser descrita como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa”, determinados pela “frequência dos acontecimentos, pela duração e localização dessas existências ao

longo de uma vida”.

Para Becker (1994), esse método envolve episódios interativos capazes de trazer aspectos inconscientes à tona, como também revela uma história que nos conta o que significa ser aquele indivíduo.

Assim, por meio dos relatos das trajetórias de vida, procura-se apreender o cotidiano das pessoas ou a opinião que têm sobre determinado aspecto de sua vida, uma vez que as histórias reveladas apresentam um conjunto de significações dos sujeitos, no contexto em que se desenvolveram, conforme pontuam Spindola e Santos (2003).

Corroborando com as autoras (2003), Silva, Barros, Nogueira e Barros (2007) afirmam que o conhecimento construído a partir das interpretações, das significações dadas pelo sujeito pesquisado, só faz sentido se entendido dentro do seu contexto, na realidade em que nos é apresentado.

Todavia, para Spindola e Santos (2003, p.121), o método de História de Vida “tem como consequência tirar o pesquisador de seu pedestal de ‘dono do saber’ e ouvir o que o sujeito tem a dizer sobre ele mesmo: o que ele acredita que seja importante sobre sua vida”. Para tanto, em toda entrevista baseada neste método, emergirão direta ou indiretamente, valores, definições e atitudes referentes ao grupo social do qual a pessoa faz parte. (IDEM, 2003).

Não obstante, a História de Vida proporciona uma abertura ao sujeito para narrar sua história de maneira própria, capaz de levar o pesquisador a compreender o universo do pesquisado, porém, possibilitada a partir da relação que vai sendo estabelecida – vínculo, confiança, construção de sentidos – entre os envolvidos, permitindo ao método um desenvolvimento mais eficaz. (SILVA; BARROS, NOGUEIRA, BARROS, 2007).

Por isso, Nogueira, Barros, Araújo e Pimenta (2017, p.478) apregoam que “o método de história de vida possui uma dupla dimensão: a descrição de fatos e a busca de sentido”, no qual “os fatos fazem parte de uma experiência de vida singular, inscrita num universo de relações sociais, de classe, de poder” e, o sentido, sendo tudo aquilo que “faz sentido” para a pessoa, mesmo não se apresentando claramente na narrativa.

2.2.2 Momento 02

De acordo com Souza (2006), o método de Análise de Discurso Francesa surge no final da década de 1960, quando Michel Pêcheux organiza a disciplina dentro de uma concepção de sujeito contingenciado, aproximando-se das ideias Foucaultianas, enriquecidas pela Psicanálise e a Linguística. O sujeito contingenciado é aquele determinado e construído de fora para dentro, ou seja, por aquilo que é posto e colocado pela sociedade, não dando conta de seu processo ideológico e inconsciente.

Esse autor (2006, p.52) ainda afirma que, na Análise de Discurso de Pêcheux, a ideologia está em todo lugar e é constituída das ideias que são uma impressão da realidade e não a realidade em si. Além disso, influenciado por Louis Althusser, que considera que “a ideologia representa a relação imaginária do indivíduo com suas reais condições de existência”, Pêcheux acredita que a ideologia “tem uma existência material, pois, aquilo em que o sujeito acredita é o que o faz agir ou deixar de agir, direcionando-o em sua vida”.

Da influência de Foucault, Pêcheux desenvolve sua teoria do discurso e aproveita do filósofo que “todo conhecimento é determinado por uma combinação de pressões discursivas, institucionais e sociais” de luta pelo poder. Assim, o discurso é aquilo porque e pelo que se luta, constituindo seus objetos e significados pela ideologia, bem como a noção de subjetividade do sujeito. (IDEM, 2006, p.61).

Portanto, uma Análise de Discurso (AD) baseada na teoria foucaultiana envolve descrever o processo ideológico no tempo e espaço, como os sentidos foram produzidos ao longo da história (arqueologia do saber), o que eles significam em termos de poder, como foram apropriados para se estabelecer essas relações (genealogia do poder) e como elas podem ser explicadas do ponto de vista ético, esculpindo a estética dos desejos e da existência do sujeito, uma vez que cada ser humano possui sua singularidade, sua história, sua ideologia e seu desejo, conforme pontua Souza (2006).

Para Pêcheux, os discursos se organizam em formações discursivas, que têm palavras e sentidos próprios, e “o sujeito quando fala esquece que está dentro dessa formação discursiva que o domina”. Ele apaga da consciência que é um sujeito ideológico e tem a visão de que é autor original do que diz e de que “é em si que nasce o sentido. Dessa forma, o sujeito para Pêcheux é aquele indivíduo assujeitado

pela ideologia e que a exterioridade é constitutiva de seus sentidos. (IDEM, 2006, p.91)

Sendo assim, a AD articula as questões do discurso àquelas do sujeito e da ideologia, enfatizando o sentido e não o conteúdo propriamente dito de um texto. Trabalha, sobretudo, com os sentidos que são produzidos e propõe construir escutas que permitam

considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária. (ORLANDI, 2015, p.32).

Nesta perspectiva, a AD se preocupa em compreender os processos discursivos dos atores envolvidos e, mais especificamente, como seus discursos são produzidos, como se constituem e se formulam em dado ambiente e como são interpretados à luz de suas tensões, contradições, incompletudes, equívocos e metáforas. (ORLANDI, 2017).

Dessa forma, “na AD a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-construídos que são ecos da memória do dizer. Entende-se como memória do dizer o interdiscurso, ou seja, a memória coletiva constituída socialmente”, por sentidos do que é dizível e que circula na sociedade, existente mesmo antes do sujeito. (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p.681).

Para Michel Pêcheux (2015, p.145), o interdiscurso é definido como um corpo de traços de materialidade discursiva, “exterior e anterior à existência de uma sequência dada, na medida em que esta materialidade intervém para constituir tal sequência”. O não-dito da sequência discursiva remete a um já-dito, ao dito em outro lugar, ou seja, o interdiscurso é aquilo que fala sempre antes, em outro lugar e independentemente, sendo um já-dito denominado de memória discursiva. Pode-se dizer que é a constituição de um discurso em relação a outro já existente e um conjunto de ideias que se apropria, implícita ou explicitamente, de outras configuradas anteriormente.

Orlandi (2015, p.29) apregoa, baseada em Pêcheux (2015), que o interdiscurso tem uma íntima ligação com a memória discursiva, que fornece ao sujeito as evidências de seu discurso. “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo

como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”. É um conjunto de discursos que se relacionam com outros discursos externos, em campos distintos, de formações ideológicas antagônicas, estruturado na historicidade e na memória, havendo “o que se deve dizer, o que se pode dizer e mesmo a possibilidade de se dizer o irrealizado”. (ORLANDI, 2017, p.172).

Segundo Ferreira (1998), os procedimentos metodológicos da AD também se sustentam na paráfrase e na metáfora, entendidas como transferência de sentido, que consiste no uso de uma palavra por outra. Tais procedimentos foram observados durante a análise do conteúdo das entrevistas efetuadas, procurando-se detectar o não-dito naquilo que foi dito.

Portanto, da Análise de Discurso nos interessou a posição do sujeito, o lugar empírico que ele ocupa, buscando analisar sua fala enquanto ocupante de um lugar específico.

Mediante ao exposto sobre a metodologia a ser utilizada, os métodos de História de Vida e de Análise de Discurso tornam-se complementares neste estudo.

2.3 ESTRATÉGIAS DE AÇÃO

O fio condutor de nossas reflexões foi a história esportiva das mulheres atletas brasileiras com deficiência, bem como a maneira como elas se percebem e são percebidas na sociedade, a fim de compreendermos a sua trajetória e participação nesses ambientes.

Pretendeu-se, nesta pesquisa, obter a participação de aproximadamente 30 mulheres paratletas brasileiras com deficiência física ou visual, praticantes de qualquer modalidade paralímpica e com participação em, pelo menos, um campeonato internacional em sua modalidade nos últimos dez anos. Este universo seria composto por 24 mulheres paratletas brasileiras com deficiência física ou visual, na faixa etária entre 28 e 60 anos, praticantes de modalidades esportivas promovidas pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e de 06 mulheres paratletas brasileiras com deficiência física, praticantes do esporte Dança em Cadeira de Rodas, com a idade entre 28 e 60 anos.

Optamos pelas atletas praticantes dos esportes paralímpicos por serem

modalidades que exigem alto grau de competitividade e complexidade, dedicação e concorrência, sendo um *locus* de difícil acesso para as mulheres, mas que, por outro lado, é um espaço de grande visibilidade social.

Também optamos pelas atletas de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, pois embora não seja uma modalidade do calendário paralímpico de inverno e nem de verão, faz parte do calendário oficial do Subcomitê Paralímpico Internacional, com campeonatos mundiais de participação dos cinco continentes, bem como por ser uma atividade histórica e culturalmente conhecida como modalidade não-oficial de maior representatividade da mulher.

Neste estudo, os critérios de inclusão utilizados foram: mulheres, paratletas com deficiência física ou visual, com a idade entre 28 e 60 anos, participantes de esportes paralímpicos e/ou da Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, com participação efetiva em eventos internacionais e que aceitaram de forma voluntária participar da pesquisa.

Como critério de exclusão, adotamos pessoas com deficiência menores de 18 anos, dançarinos andantes da Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, bem como aqueles que por qualquer motivo não tiveram interesse em participar da pesquisa.

Às participantes foi apresentada a proposta do estudo, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Anexo I, que compõe o protocolo de pesquisa. Estes são a expressão e a garantia da autonomia dos participantes envolvidos, ficando uma cópia para o pesquisador e outra para o participante da pesquisa. Dessa forma, puderam ser observadas as exigências éticas e científicas fundamentadas na Resolução nº 196/1996, do Ministério da Saúde, que regulamenta a pesquisa que envolve seres humanos. (BRASIL, 1996).

A participação das atletas foi voluntária, ou seja, nenhuma delas recebeu qualquer forma de ressarcimento ao participarem da pesquisa. Elas tiveram a liberdade de desistir em qualquer momento da coleta de dados, bem como foram orientadas de que o risco a que seriam expostas era mínimo. Também foi assegurado o anonimato das participantes em todo o percurso do estudo, de acordo com a referida Resolução.

Ressaltamos ainda que, para a realização desta pesquisa, ela foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da UFJF, sob Parecer Consubstanciado de nº 4.256.448, deferido em 03 de Setembro de 2020.

É importante considerar que o número de participantes neste estudo foi

representativo, se comparado ao universo de mulheres paratletas em campeonatos mundiais, uma vez que o número de mulheres participantes dos Jogos Paralímpicos totalizou 171 atletas nas edições de 2012 e 2016, e de dançarinas/cadeirantes brasileiras participantes de Campeonatos Internacionais de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas totalizou seis atletas, nos últimos 10 anos.

Não obstante, participaram efetivamente desta pesquisa 10 mulheres paratletas brasileiras com deficiência física ou visual, na faixa etária entre 29 e 44 anos, praticantes das modalidades esportivas de Atletismo, Halterofilismo e Natação, promovidas pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), e quatro mulheres paratletas brasileiras com deficiência física, praticantes do esporte Dança em Cadeira de Rodas, com a idade entre 32 e 54 anos, todas com participação em, pelo menos, um campeonato internacional de sua modalidade no decorrer dos últimos 10 anos.

2.4 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* DE ANÁLISE

Conforme Caregnato e Mutti (2006, p.680), “o processo de análise discursiva tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação”.

Assim sendo, constituímos o *corpus* de análise desta pesquisa abrangendo os discursos verbais e não verbais, da seguinte forma:

- **Primeira Etapa** – 1) realização de pesquisa de levantamento de dados; 2) formatação dos dados apurados em quadros, sobre os resultados obtidos pelas mulheres paratletas em eventos internacionais, com modalidade e prova disputada; 3) formatação em gráfico sobre a participação feminina nas paralimpíadas de 1972 a 2016; 4) elaboração de um organograma do paradesporto;
- **Segunda Etapa** – realização de entrevistas com as paratletas dos desportos de Atletismo, Halterofilismo, Natação e da Dança Esportiva em Cadeira de Rodas;
- **Terceira Etapa** – apresentação de imagens das paratletas de Atletismo, Halterofilismo, Natação e da Dança Esportiva em Cadeira de Rodas e das mesmas em eventos internacionais.

Descrevendo sucintamente, para a realização da primeira etapa, houve um levantamento de dados, através de revisão bibliográfica e busca no site do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas (CBDCR), com o intento de se recolher informações a respeito do foco desta pesquisa. Buscamos dados sobre o número de participação das mulheres paratletas nos eventos internacionais, sua classificação, modalidade disputada e em quais provas foram medalhistas em cada edição dos Jogos Paralímpicos, até a última realizada no Rio de Janeiro em 2016, bem como nos campeonatos internacionais da modalidade não-oficial de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, nos últimos dez anos. De posse dos dados apurados, elaboramos e apresentamos quadros, figuras e gráfico para melhor visualização e interpretação.

Para a realização da segunda etapa, iniciamos com um estudo de identificação das atletas, de suas modalidades e dos eventos esportivos internacionais em que se fizeram presentes. Em seguida, realizamos contato com o CPB e a CBDCR, para que pudéssemos ter acesso ao contato direto de cada atleta. Nessa fase, o CPB, através da Academia Paralímpica Brasileira (APB), solicitou-nos a submissão do projeto desta pesquisa, juntamente com o Parecer Consubstanciado aprovado pelo CEP/UFJF, para que, após análise, pudessem deferir ou não a solicitação da lista de atletas para contato.

É importante salientar que, neste período, passávamos pelo advento da Pandemia do Novo Coronavírus (Covid-19), doença que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros respiratórios gravíssimos, podendo ocasionar o óbito. A transmissão desse vírus se faz por contato com pessoas doentes, contato com mãos, gotículas de saliva, espirro e tosse de pessoas contaminadas e por contato com objetos ou superfícies contaminadas, tais como celulares, mesas, talheres, maçanetas, teclados de computador, mouses etc., de acordo com o Ministério da Saúde do Governo Federal. (BRASIL/MS, 2021).

Portanto, a Pandemia do Covid-19 trouxe-nos algumas dificuldades e impossibilidades de realização do estudo, levando-nos a decidir por dar continuidade à pesquisa de campo através de entrevistas executadas via on-line, acessadas pelas participantes por celular ou computador próprio, sendo gravadas pela Plataforma Google Meet e pelo celular da pesquisadora.

No terceiro momento da segunda etapa, entramos em contato com as atletas indicadas (31 do CPB e seis da CBDCR), através dos e-mails e telefones

disponibilizados pelas entidades, a fim de podermos nos identificar, esclarecer os diversos aspectos do estudo e efetuar o convite de participação. Porém, somente 10 atletas do CPB, das modalidades de Atletismo, Halterofilismo e Natação, e quatro da modalidade de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas aceitaram participar da pesquisa e compareceram aos encontros coletivos e entrevistas individuais realizadas pela Plataforma Google Meet.

Cabe ressaltar que as gravações das entrevistas semiestruturadas realizadas com as paratletas que tiveram interesse e concordância em participar da pesquisa, de maneira voluntária, foram transcritas, fidedignamente, pela pesquisadora (Apêndice III) e serão arquivadas no Núcleo de Pesquisa em Inclusão, Movimento e Ensino a Distância (NGIME), da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora (FAEFID/UFJF), por um prazo de cinco anos.

Nos encontros coletivos, todas as participantes estiveram solícitas e, aparentemente, satisfeitas durante os 90 minutos de duração para cada grupo. Mas, deste encontro até a realização do agendamento da entrevista individual, passaram-se 15 dias e, mesmo assim, todas as 14 mulheres paratletas responderam prontamente ao meu contato e marcaram suas entrevistas.

Nas entrevistas individuais, as 14 atletas estavam sorridentes, participaram de forma empática e sentindo-se confortáveis para responderem aos questionamentos. Neste momento, foi solicitado a cada mulher paratleta que falasse sobre sua história esportiva, sua trajetória de conquistas na modalidade que desempenha, bem como as impressões existentes com relação ao seu desempenho esportivo e a sociedade. As respostas foram fluindo naturalmente, sem elaboração de frases prontas, de efeitos ou de falas curtas. Ao final, sentiram-se próximas a mim e sugeriram continuarmos o contato pelo WhatsApp, Facebook ou Instagram, desejaram-me sucesso na pesquisa e se colocaram à disposição para qualquer dúvida ou informação a ser complementada no estudo.

Na terceira etapa de análise do *corpus* da pesquisa, apresentamos imagens das paratletas de Atletismo, Halterofilismo, Natação e Dança Esportiva em Cadeira de Rodas em eventos internacionais, no intuito de se analisar o discurso não-verbal e os “não ditos” na pesquisa.

PRIMEIRA ETAPA DA CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* DE ANÁLISE

A partir do levantamento de informações realizado no site do CPB e da CBDCCR, formatamos os dados apurados em quadros, ilustrando, primeiramente, os resultados obtidos pelas bailarinas paratletas de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas em campeonatos internacionais. Nestes quadros, apresentamos o tipo de deficiência, o número de participantes na prova e a colocação conquistada na respectiva categoria disputada no Campeonato Mundial e na Copa dos Continentes dos últimos 10 anos. Em seguida, ilustramos os resultados obtidos pelas paratletas pertencentes às modalidades esportivas oficiais em suas trajetórias competitivas, contendo as respectivas deficiências nelas acometidas, o tipo de medalha conquistada, a modalidade e prova disputada nas edições dos Jogos Paralímpicos de 1976 a 2016.

1) Quadros de participação feminina internacional de DECR de 2010 a 2019

Quadro 01: Mulheres paratletas participantes do IPC World Championships de 2010 (Hannover)

PARATLETA	DEFIC.	NÚMERO DE PARTICIPANTES	COLOCAÇÃO	CATEGORIA
Adelina Perez	DF	25	25º lugar	Combi Latin
Viviane Macedo	DF	25	19º lugar	Combi Latin

Fonte: CBDCCR (2019)

Autor: a pesquisadora (2020)

Quadro 02: Mulheres paratletas participantes da Copa dos Continentes de 2015 (Saint Petersburg)

PARATLETA	DEFIC.	NÚMERO DE PARTICIPANTES	COLOCAÇÃO	CATEGORIA
Adelina Perez	DF	20	6º lugar	Single Conventional
		11	10º lugar	Single Freestyle
Ana Patrícia Costa	DF	20	11º lugar	Single Conventional
		11	4º lugar	Single Freestyle
		8	7º lugar	Duo Latin
Lídia Fagundes	DF	20	17º lugar	Single Conventional
		16	13º lugar	Combi Freestyle
		13	11º lugar	Combi Latin

Fonte: CBDCCR (2019)

Autor: a pesquisadora (2020)

Quadro 03: Mulheres paratletas participantes da Copa dos Continentes de 2019 (Saint Petersburg)

PARATLETA	DEFIC.	NÚMERO DE PARTICIPANTES	COLOCAÇÃO	CATEGORIA
Aliny Rosa	DF	9	9º lugar	Combi Freestyle
		18	18º lugar	Single Conventional
		13	13º lugar	Combi Latin
		9	8º lugar	Duo Latin
Tayane Santana	DF	18	17º lugar	Single Conventional
		9	9º lugar	Duo Latin

Fonte: CBDCCR (2019)

Autor: a pesquisadora (2020)

2) Quadros de participação feminina nos Jogos Paralímpicos de 1976 a 2016

Quadro 04: Mulheres paratletas medalhistas nos Jogos Paralímpicos de 1976 (Toronto)

ATLETA	DEFIC.	MODALIDADE	MEDALHAS		
			Ouro	Prata	Bronze
-----	-----	-----	-----	-----	-----

Fonte: CPB (2019)

Autor: a pesquisadora (2020)

Quadro 05: Mulheres paratletas medalhistas nos Jogos Paralímpicos de 1984 (Stoke Mandeville)

ATLETA	DEFIC	MODALIDADE	MEDALHAS		
			Ouro	Prata	Bronze
Amintas Piedade	DF	Atletismo	Arrem. Peso Lanç. Dardo	Slalom Lanç. Disco	
Anelise Hermany	DV	Atletismo		100m rasos Salto em Distância	800m rasos
Márcia Malsar	DF	Atletismo	200m rasos	1000m Cross Country	60m rasos
Maria Jussara Mattos	DF	Natação	4 x 50m Medley	100m Livre 100m Costas	
Miracema Ferraz	DF	Atletismo	Arrem. Peso	Slalom 100m em CR 200m em CR 400m em CR 800m em CR	

Fonte: CPB (2019)

Autor: a pesquisadora (2020)

Quadro 06: Mulheres paratletas medalhistas nos Jogos Paralímpicos de 1988 (Seul)

ATLETA	DEFIC.	MODALIDADE	MEDALHAS		
			Ouro	Prata	Bronze
Ádria Santos	DV	Atletismo		100m rasos 400m rasos	
Anelise Hermany	DV	Atletismo		800m rasos	400m rasos
Graciana Alves	DF	Natação	100m Livre		100m Borboleta 100m Peito
Márcia Malsar	DF	Atletismo		100m rasos	
Maria Jussara Mattos	DF	Natação		100m Borboleta	100m Livre

Fonte: CPB (2019)

Autor: a pesquisadora (2020)

Quadro 07: Mulheres paratletas medalhistas nos Jogos Paralímpicos de 1992 (Barcelona)

ATLETA	DEFIC.	MODALIDADE	MEDALHAS		
			Ouro	Prata	Bronze
Ádria Santos	DV	Atletismo	100m rasos		
Suely Guimarães	DF	Atletismo	Lanç. Disco		

Fonte: CPB (2019)

Autor: a pesquisadora (2020)

Quadro 08: Mulheres paratletas medalhistas nos Jogos Paralímpicos de 1996 (Atlanta)

ATLETA	DEFIC.	MODALIDADE	MEDALHAS		
			Ouro	Prata	Bronze
Ádria Santos	DV	Atletismo		100m rasos 200m rasos 400m rasos	
Maria José Alves (Zezé)	DV	Atletismo			100m rasos 200m rasos
Suely Guimarães	DF	Atletismo			Lanç. Disco

Fonte: CPB (2019)

Autor: a pesquisadora (2020)

Quadro 09: Mulheres paratletas medalhistas nos Jogos Paralímpicos de 2000 (Sydney)

ATLETA	DEFIC.	MODALIDADE	MEDALHAS		
			Ouro	Prata	Bronze
Ádria Santos	DV	Atletismo	100m rasos 200m rasos	400m rasos	
Fabiana Sugimori	DV	Natação	50m Livre		
Roseane dos Santos (Rosinha)	DF	Atletismo	Arrem. Peso Lanç. Disco		

Fonte: CPB (2019)

Autor: a pesquisadora (2020)

Quadro 10: Mulheres paratletas medalhistas nos Jogos Paralímpicos de 2004 (Atenas)

ATLETA	DEFIC.	MODALIDADE	MEDALHAS		
			Ouro	Prata	Bronze
Ádria Santos	DV	Atletismo	100m rasos	200m rasos 400m rasos	
Daniele Bernardes	DV	Judô			Até 57Kg
Edênia Garcia	DF	Natação		50m Costas	
Fabiana Sugimori	DV	Natação	50m Livre		
Karla Cardoso	DV	Judô		Até 48Kg	
Maria José Alves (Zezé)	DV	Atletismo			100m rasos 200m rasos
Suely Guimarães	DF	Atletismo	Lanç. Disco		
Terezinha Guilhermina	DV	Atletismo			400m rasos

Fonte: CPB (2019)

Autor: a pesquisadora (2020)

Quadro 11: Mulheres paratletas medalhistas nos Jogos Paralímpicos de 2008 (Pequim)

ATLETA	DEFIC.	MODALIDADE	MEDALHAS		
			Ouro	Prata	Bronze
Ádria Santos	DV	Atletismo			200m rasos
Daniele Bernardes	DV	Judô			Até 57Kg
Deanne Almeida	DV	Judô		+ 70Kg	
Edênia Garcia	DF	Natação			50m Livre
Fabiana Sugimori	DV	Natação			50m Livre
Jerusa Santos	DV	Atletismo			200m rasos
Josiane Lima	DF	Remo			Dupla Mista
Karla Cardoso	DV	Judô		Até 48Kg	
Michele Ferreira	DV	Judô			Até 48Kg
Shirlene Coelho	DF	Atletismo		Lanç. Dardo	
Terezinha Guilhermina	DV	Atletismo	200m rasos	100m rasos	400m rasos
Verônica Almeida	DF	Natação			50m Borboleta

Fonte: CPB (2019)

Autor: a pesquisadora (2020)

Quadro 12: Mulheres paratletas medalhistas nos Jogos Paralímpicos de 2012 (Londres)

ATLETA	DEFIC.	MODALIDADE	MEDALHAS		
			Ouro	Prata	Bronze
Daniele Bernardes	DV	Judô			Até 63Kg
Edênia Garcia	DF	Natação		50m Costas	
Jerusa Santos	DV	Atletismo		100m rasos 200m rasos	
Jhulia Santos	DV	Atletismo			100m rasos
Joana Silva	DF	Natação			50m Borboleta
Lúcia Teixeira	DV	Judô		Até 57Kg	
Michele Ferreira	DV	Judô			Até 52Kg
Shirlene Coelho	DF	Atletismo	Lanç. Dardo		
Terezinha Guilhermina	DV	Atletismo	100m rasos 200m rasos		

Fonte: CPB (2019)

Autor: a pesquisadora (2020)

Quadro 13: Mulheres paratletas medalhistas nos Jogos Paralímpicos de 2016 (Rio)

ATLETA	DEFIC.	MODALIDADE	MEDALHAS		
			Ouro	Prata	Bronze
Ádria da Silva	DF	Vôlei Sentado			X
Alana Maldonado	DV	Judô		Até 70Kg	
Alice Correa	DV	Atletismo		Rev. 4x100m rasos	
Bruna Alexandre	DF	Tênis de Mesa			Individual Dupla Fem.
Camila de Castro	DF	Vôlei Sentado			X
Danielle Rauen	DF	Tênis de Mesa			Dupla Fem.
Edneusa Dorta	DV	Atletismo			Maratona
Edwarda Dias	DF	Vôlei Sentado			X
Evani Calado	DF	Bocha	Pares		
Evelyn Vieira	DF	Bocha	Pares		
Gizele Maria Dias	DF	Vôlei Sentado			X
Izabela Campos	DF	Atletismo			Lanç. Disco
Janaina Cunha	DF	Vôlei Sentado			X

Jani Batista	DF	Vôlei Sentado			X
Jennyfer Parinos	DF	Tênis de Mesa			Dupla Fem.
Joana Neves	DF	Natação		50m Livre Rev. 4x50m Livre Misto	100m Livre
Laiana Batista	DF	Vôlei Sentado			X
Lorena Spoladore	DV	Atletismo		Rev. 4x100m rasos	Salto em Distância
Lúcia Teixeira	DV	Judô		Até 57Kg	
Marivana Nóbrega	DF	Atletismo			Arrem. Peso
Nathalie Silva	DF	Vôlei Sent.			X
Nurya Silva	DF	Vôlei Sentado			X
Patrícia dos Santos	DF	Natação		Rev. 4x50m Livre Misto	
Pâmela Pereira	DF	Vôlei Sentado			X
Paula Herts	DF	Vôlei Sentado			X
Shirlene Coelho	DF	Atletismo	Lanç. Dardo	Lanç. Disco	
Silvânia Costa	DV	Atletismo	Salto em Distância		
Suelen Lima	DF	Vôlei Sentado			X

Susana Schnarndorf	DF	Natação		Rev. 4x50m Livre Misto	
Terezinha de Jesus	DF	Atletismo			100m rasos
Terezinha Guilhermina	DV	Atletismo		Rev. 4x100m rasos	400m rasos
Thalita Simplício	DV	Atletismo		Rev. 4x100m rasos	
Verônica Hipólito	DF	Atletismo		100m rasos	400m rasos

Fonte: CPB (2019)

Autor: a pesquisadora (2020)

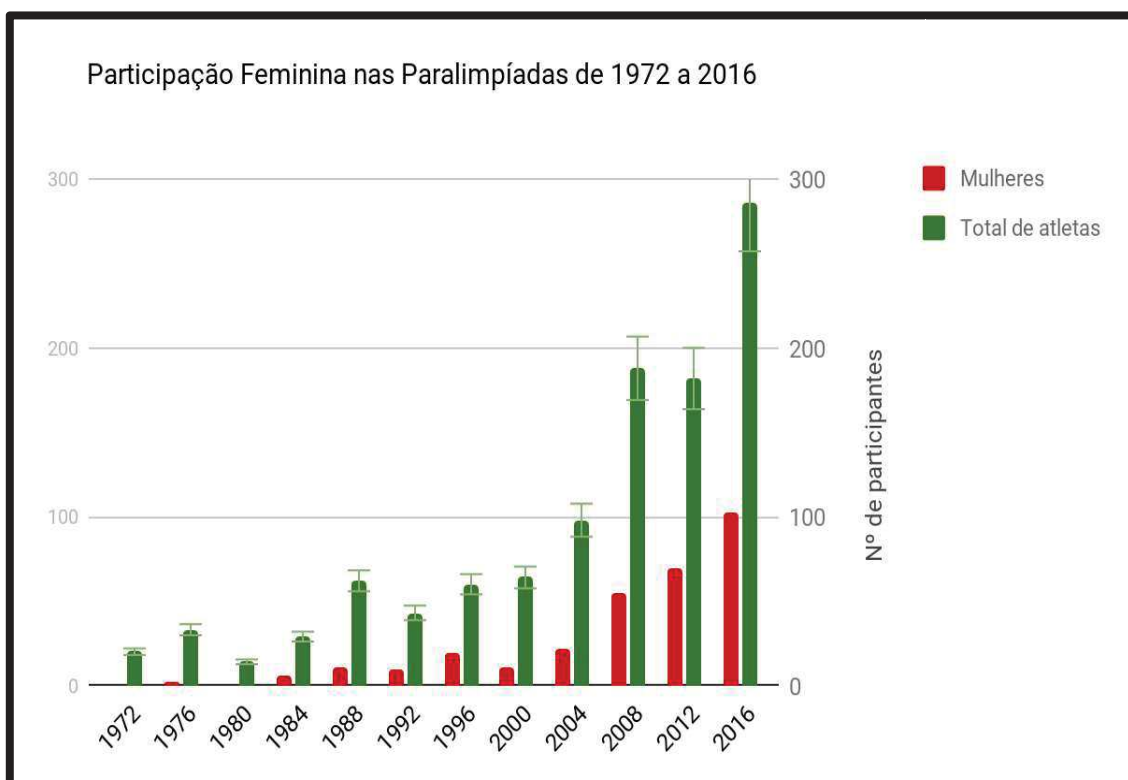
Ainda na constituição da primeira etapa do *corpus* de análise, elaboramos um gráfico sobre a participação brasileira feminina nas edições dos Jogos Paralímpicos de 1972 a 2016, a partir dos dados apurados no site do CPB, com o intuito de melhor esclarecimento e visualização da crescente trajetória feminina em eventos internacionais.

Não obstante, o Brasil estreou nos Jogos Paralímpicos no ano de 1972, em Heidelberg/Alemanha, com uma equipe de 20 atletas, todos do gênero masculino. Entretanto, a participação feminina aconteceu na edição seguinte dos Jogos, em Toronto/Canadá, com somente duas atletas compondo uma equipe de 33 brasileiros em disputas. Em 1980, nos Jogos de Arnham/Holanda, também não houve participação feminina e a delegação brasileira foi representada por apenas 14 atletas masculinos. Já nos Jogos de 1984, em Stoke Mandeville/Inglaterra, a equipe brasileira contou com 29 atletas, sendo seis mulheres e 23 homens. Nos Jogos Paralímpicos de 1988, em Seul/Coreia do Sul, o Brasil contou com sua maior equipe até então, composta por 11 mulheres e 51 homens. Nos jogos seguintes, em Barcelona/Espanha, somamos 43 atletas na delegação, mas com apenas 10 atletas

do gênero feminino. Em 1996, em Atlanta/EUA, a equipe brasileira foi composta por 19 atletas femininas e 41 atletas masculinos, havendo uma queda no número de mulheres atletas em comparação à edição seguinte (2000). Após os Jogos de Sydney/Austrália, o quantitativo de mulheres cresceu vertiginosamente. Em 2004, em Atenas/Grécia, somamos 22 mulheres e 76 homens atletas na delegação brasileira e em 2008, em Pequim/China, contamos com 55 atletas femininas e 133 atletas masculinos. Já em 2012, em Londres/Inglaterra, tivemos a participação de 69 mulheres e 113 homens atletas nos Jogos, sendo este quantitativo superado pelo último Jogos Paralímpicos, no Rio de Janeiro/Brasil, com o expressivo número de 102 atletas mulheres e 184 atletas do gênero masculino.





Dessa forma, compilamos todos os dados apresentados acima sobre a participação feminina nos Jogos Paralímpicos e os representamos no gráfico a seguir:

Figura 01: Participação das atletas nos Jogos Paralímpicos



Fonte: CPB (2019)

Autor: a pesquisadora (2020)

Como quarto item da constituição do *corpus* de análise da primeira etapa, elaboramos um organograma do paradesporto, contendo a estruturação dos esportes utilizados nesta pesquisa, bem como o quantitativo de instituições e de atletas participantes das referidas modalidades. ( ,  ,  , )

A estrutura do paradesporto é composta por clubes, federações e confederações de modalidades esportivas filiadas ao Comitê Paralímpico Brasileiro, que, por sua vez, é regido pelo Comitê Paralímpico Internacional.

Entretanto, com relação aos esportes não-oficiais, como é o caso, neste estudo, da Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, a estrutura é composta por clubes e uma confederação relativa à modalidade, que possuem apoio do IPC (International Paralympic Committee).

Descrevendo em linhas gerais sobre cada estrutura, o Comitê Paralímpico Internacional é uma organização não governamental sem fins lucrativos, voltada para desportos de elite destinados a atletas com deficiências e sua função é organizar os Jogos Paralímpicos de Verão e de Inverno, como também “servir como federação internacional para dez modalidades, para as quais organiza Campeonatos Mundiais e outras competições”. (IPC, 2020).




O Comitê foi fundado em 22 de Setembro de 1989, em Dusseldorf, na Alemanha, para atuar como órgão dirigente do movimento paralímpico global e encontra-se sediado em Bonn, no mesmo país, sua estrutura é composta por representantes de 174 Comitês Paralímpicos Nacionais, quatro Organizações Internacionais do Paradesporto, cinco Organizações Regionais e seis Federações Internacionais Esportivas. (IDEM, 2020).

Já o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB, 2019) é a entidade que rege e representa o paradesporto no Brasil, liderando o movimento paralímpico nacionalmente. “O papel do Comitê é o de organizar a participação do país em competições continentais, mundiais e em Jogos Paralímpicos”, bem como o de promover o desenvolvimento de 22 modalidades esportivas, em articulação com as respectivas organizações nacionais.

Em decisão conjunta com os representantes da ABRADecAR, ABDA, ABDC, ANDE e ABDEM, o Comitê Paralímpico Brasileiro foi fundado em 9 de fevereiro de 1995, com sede na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, mas em 19 de junho de

2002, sua sede foi transferida para Brasília. Esta medida foi tomada para que a entidade ganhasse maior visibilidade e acessibilidade, por estar no centro geográfico do país e na cidade que é o centro das decisões políticas brasileiras. (IDEM, 2019).

O CPB, atualmente, “desempenha a função de confederação e organiza o calendário de competições de quatro modalidades” voltadas para pessoas com deficiência física, paralisia cerebral e deficiência visual, quais sejam: atletismo, halterofilismo, natação e tiro esportivo, seguindo o modelo utilizado pelo Comitê Paralímpico Internacional. Em sua estrutura, o Comitê ainda possui 15 confederações filiadas, que organizam o calendário dos demais esportes paralímpicos, sendo que algumas delas estão ligadas a mais de uma modalidade. Essas entidades são: Associação Brasileira de Desportos para Deficientes Mentais/Intelectuais (ABDEM); Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE) – responsável pela Bocha e pelo Futebol de 7 (Paralisia Cerebral); Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas (CBBC); Confederação Brasileira de Canoagem (CBCa); Confederação Brasileira de Ciclismo (CBC); Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV) – trabalha com o Futebol de 5, Judô e Goalball; Confederação Brasileira de Esgrima (CBE); Confederação Brasileira de Hipismo (CBH); Confederação Brasileira de Remo (CBR); Confederação Brasileira de Tênis (CBT); Confederação Brasileira de Tênis de Mesa (CBTM); Confederação Brasileira de Tiro com Arco (CBTARCO); Confederação Brasileira de Triathlon (CBTRI); Confederação Brasileira de Vela Adaptada (CBVA) e Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes (CBVD). (IDEM, 2019)

Seguindo na estruturação dos esportes paralímpicos, as modalidades oficiais presentes nesta pesquisa ( ,  , ) ligam-se diretamente ao Comitê Paralímpico Brasileiro enquanto confederação representativa de cada uma delas, não havendo subordinação a federações paralímpicas correlatas, de acordo com o site do Comitê (2019).

Dessa forma, fizemos um levantamento dos clubes filiados e existentes nas modalidades de Atletismo, Halterofilismo e Natação Paralímpica, com participação em campeonatos nacionais e internacionais até o ano de 2020 (Apêndice II), bem como do número de atletas presentes nos mesmos, através de busca no próprio site do CPB.

Sobre as modalidades citadas, podemos descrever, sucintamente, que o Atletismo Paralímpico teve sua primeira participação competitiva nos Jogos de Stoke Mandeville, realizados na localidade inglesa de mesmo nome, no ano de 1952, através de corridas em cadeiras de rodas. Essa modalidade faz parte do programa dos Jogos Paralímpicos desde a sua primeira edição em Roma/Itália, em 1960 e, ao longo dos anos, foram sendo adicionadas mais provas, que permitiram a participação de um maior número de atletas acometidos por todos os tipos de deficiência, tanto no gênero feminino quanto no masculino. (CPB, 2019)

Atualmente, os atletas são divididos nas competições em classes esportivas de acordo com a funcionalidade na prática do desporto. Os competidores são pessoas com deficiência física, visual e intelectual que disputam provas de pista (velocidade: 100m, 200m, 400, rev. 4x400m e rev. 4x100m; meio fundo: 800m, 1.500m; fundo: 5.000, 10.000m; saltos: em distância, em altura e triplo) e de rua (maratona: 42km e meia-maratona: 21km), levam a letra T (de track) em sua classe competitiva e os que participam de provas de campo (lançamento de disco e club; lançamento de dardo e arremesso de peso) levam a letra F (de field). (IDEM, 2019).

Para os atletas com deficiência visual, há a utilização de atletas-guia e de apoios que variam de acordo com a classe funcional. Nas provas de fundo e maratonas, os atletas das classes T11(cegueira total) e T12 (baixíssima visão) podem ser auxiliados por até dois atletas-guia durante o percurso, com troca realizada durante a disputa. No caso de pódio, o atleta-guia que terminar a prova é quem receberá a medalha. (IDEM, 2019).

Fotografia 01: Atletismo Paralímpico



Fonte: CPB (2019) –Terezinha Guilhermina – T11

Já o paradesporto de Halterofilismo é um esporte adaptado do Levantamento de Peso Básico, realizado em uma única forma de disputa, que é o supino, por atletas com deficiência física. Essa prova consiste no competidor iniciar sua performance, deitado em um banco, no momento em que retirar a barra de apoio dos suportes, com ou sem a ajuda do Auxiliar Central. Em seguida, com os braços totalmente estendidos, ao sinal do Árbitro Chefe, ele deverá abaixar a barra até o peito, mantê-la imóvel neste nível e elevá-la até a posição inicial, finalizando o movimento. Os braços devem estender “com não mais de 20 graus de perda em ambos os cotovelos para realizar um movimento válido”. Aos atletas são dadas três tentativas e o vencedor é aquele que levantar o maior peso. (CPB, 2016).

Fotografia 02: Halterofilismo Paralímpico



Fonte: CPB (2019) – Terezinha Mulato

Essa modalidade teve sua primeira aparição na segunda edição dos Jogos Paralímpicos em 1964, em Tóquio, no Japão, com atletas com lesão medular, e até os Jogos de Atlanta (1996), somente os homens competiram. As mulheres só passaram a participar do Halterofilismo nos Jogos de Sydney, na Austrália, em 2000, representadas pela paratleta Terezinha Mulato. (IDEM, 2019).

Assim, ao longo dos anos, o Halterofilismo Paralímpico foi obtendo importantes alterações, como a mudança de nome, em 1992, de "*weightlifting*" para "*powerlifting*", a incorporação de regras idênticas às das competições olímpicas da modalidade, bem como a inclusão de pessoas com outros tipos de deficiência nas disputas, como paralisados cerebrais, amputados de membros inferiores e "les

autres”, que são atletas com deficiências de locomoção e limitações mínimas (nanismo, sequelas de poliomielite, distrofia muscular, lesões ortopédicas, queimaduras etc.). Os atletas competem em classes de peso, de acordo com a sua massa corporal, que são divididas em dez categorias femininas e dez masculinas. É a única modalidade em que os atletas são categorizados pelo peso corporal, como no halterofilismo convencional. (IDEM, 2019).

A Natação Paralímpica é uma modalidade que vem crescendo vertiginosamente e tem reunido grande número de participantes. Ela faz parte dos programas oficiais das Paralimpíadas desde a primeira edição dos Jogos, em Roma de 1960, onde houve a participação de 400 atletas. Já nas Paralimpíadas de 2008, em Beijing, o número de participantes atingiu cerca de 10.000 atletas. (REDE NACIONAL DO ESPORTE, 2021).

A seleção brasileira de natação paralímpica obteve sua primeira medalha no ano de 1984, nos Jogos Paralímpicos de Stoke Mandeville, na Inglaterra, e desde então não parou mais. É a segunda modalidade que mais trouxe medalhas para o país, ficando atrás apenas do atletismo. (IDEM, 2021).

A princípio, somente atletas com lesões medulares participavam das disputas, mas com o passar do tempo, a modalidade passou a incluir atletas com deficiência física, intelectual e visual. (IDEM, 2021). Nesta modalidade, as regras são praticamente as mesmas da natação convencional, havendo algumas adaptações quanto às saídas, viradas, chegadas e à orientação dos deficientes visuais. Assim, alguns atletas podem requerer o auxílio da equipe de apoio na borda da piscina, durante a competição, para ajudar na sua entrada e saída da água. Outros podem receber auxílio do técnico ou de um voluntário para a largada, que também pode ser sentada ou ao lado do bloco de partida.

No caso de deficiência visual, a largada pode ser feita de dentro da piscina, como ocorre com atletas de classes iniciais, que não conseguem sair do bloco. Os atletas deficientes visuais recebem aviso do “*tapper*” (pessoa com um bastão de 1m de comprimento com ponta de espuma), quando estão se aproximando da borda para o momento da virada e da chegada. Esses atletas utilizam óculos de natação totalmente preto, sem qualquer visibilidade, para assegurar a igualdade de condições na prova. (CPB, 2019).

As provas são divididas por gênero (masculino e feminino) e por classes funcionais, de acordo com o grau e o tipo de deficiência. Podem ser disputadas

individualmente nas distâncias de 50m (livre, peito, costas e borboleta), 100m (livre, peito, costas e borboleta), 150m (medley – 3 estilos), 200m (livre e medley – 4 estilos) e 400m livre ou por equipe de revezamento nos 4x50m (livre e medley) e 4x100m (livre e medley). (IDEM, 2019).

Na classificação funcional, quanto maior a deficiência, menor o número da classe. As classes possuem números e letras, sendo a letra S para o estilo livre, costas e borboleta, SB para o peito e SM para o medley e os números de 1 a 10 para atletas com limitações físico-motoras, 11 a 13 para atletas com deficiência visual e 14 para atletas com deficiência intelectual. (IDEM, 2019).

Fotografia 03: Natação Paralímpica



Fonte: CPB (2019) – Susana Schnarndorf – SB6

Os atletas com amputações podem usar próteses em diversas modalidades das Paralimpíadas. No entanto, o seu uso é proibido na natação, onde os competidores só podem utilizar o próprio corpo quando entram na piscina. (IDEM, 2019)

Dentre as principais competições expressivas, que abrangem o atletismo, o halterofilismo e a natação, estão os Jogos Paralímpicos, os Jogos Parapan-Americanos, os Campeonatos Mundiais, o Open Loterias Caixa, o Circuito Loterias Caixa e o Campeonato Brasileiro, conforme o CPB (2016).

Em relação à modalidade paradesportiva não-oficial utilizada neste estudo (🏃‍♂️), sua estruturação é composta por clubes filiados a uma confederação, tendo

essa modalidade o seu reconhecimento enquanto esporte, em 1998, pelo Comitê Paraolímpico Internacional (IPC). (CBDCCR, 2019).

A Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas (CBDCCR) é “uma entidade civil, não governamental, de caráter esportivo, artístico e educacional, sem finalidade lucrativa”, que tem como principal objetivo difundir, promover e incentivar a dança para pessoas com deficiência física cadeirante, através das modalidades de dança artística e dança esportiva, ambas adaptadas da dança de salão convencional. (IDEM, 2019)

A Dança Esportiva em Cadeira de Rodas se caracteriza pela formação de duplas de dançarinos, sendo o casal composto por um atleta com deficiência física dançando em uma cadeira de rodas e o outro, sem deficiência, dançando em pé ou ambos com deficiência em cadeira de rodas, realizando sua performance ao ritmo de músicas de dança de salão. (IDEM, 2019).

Fotografia 04: Dança Esportiva em Cadeira de Rodas



Fonte: CBDCCR (2019)

A CBDCCR foi fundada em 06 de novembro de 2001, com sede em Mogi das Cruzes/SP, como resultado das discussões sobre a modalidade de Dança em cadeira de Rodas ocorridas no Simpósio Internacional desenvolvido pela Universidade de Campinas (Unicamp). A motivação principal para a criação da confederação esteve associada à necessidade de democratização do acesso às

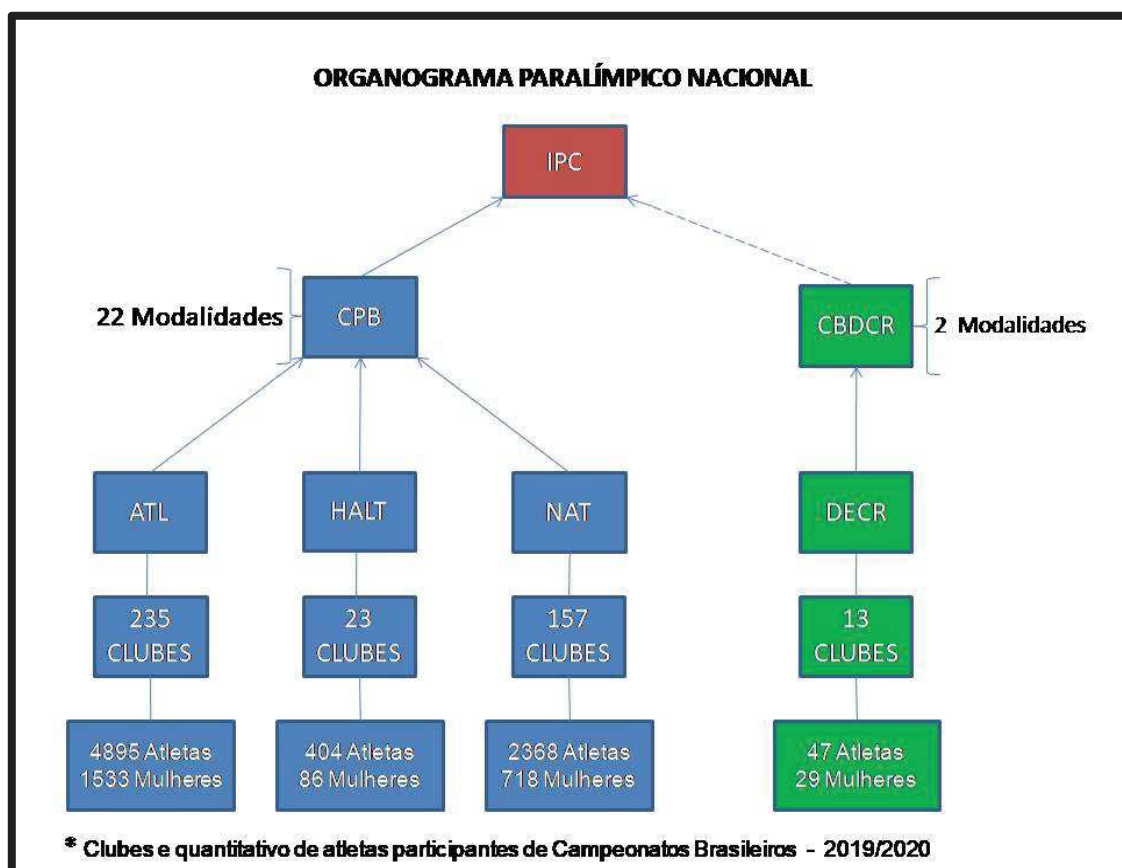
ações em prol da dança em cadeira de rodas para praticantes da modalidade espalhados pelo país. (IDEM, 2019)

As competições de maior relevância da modalidade são a Copa dos Continentes, o IPC World Championships (Campeonato Mundial) e os Campeonatos Brasileiros.

Como ocorre com as modalidades oficiais desta pesquisa, a DECR está ligada diretamente à confederação, não havendo vinculação com uma federação. Assim sendo, fizemos um levantamento dos clubes filiados à CBDCR que participam de campeonatos nacionais e internacionais, até o ano de 2020 (Apêndice II), bem como do número de atletas presentes nos mesmos, através de busca no site da confederação.

As figuras, a seguir, ilustram as informações citadas, no intuito de uma melhor visualização da estrutura do paradesporto:

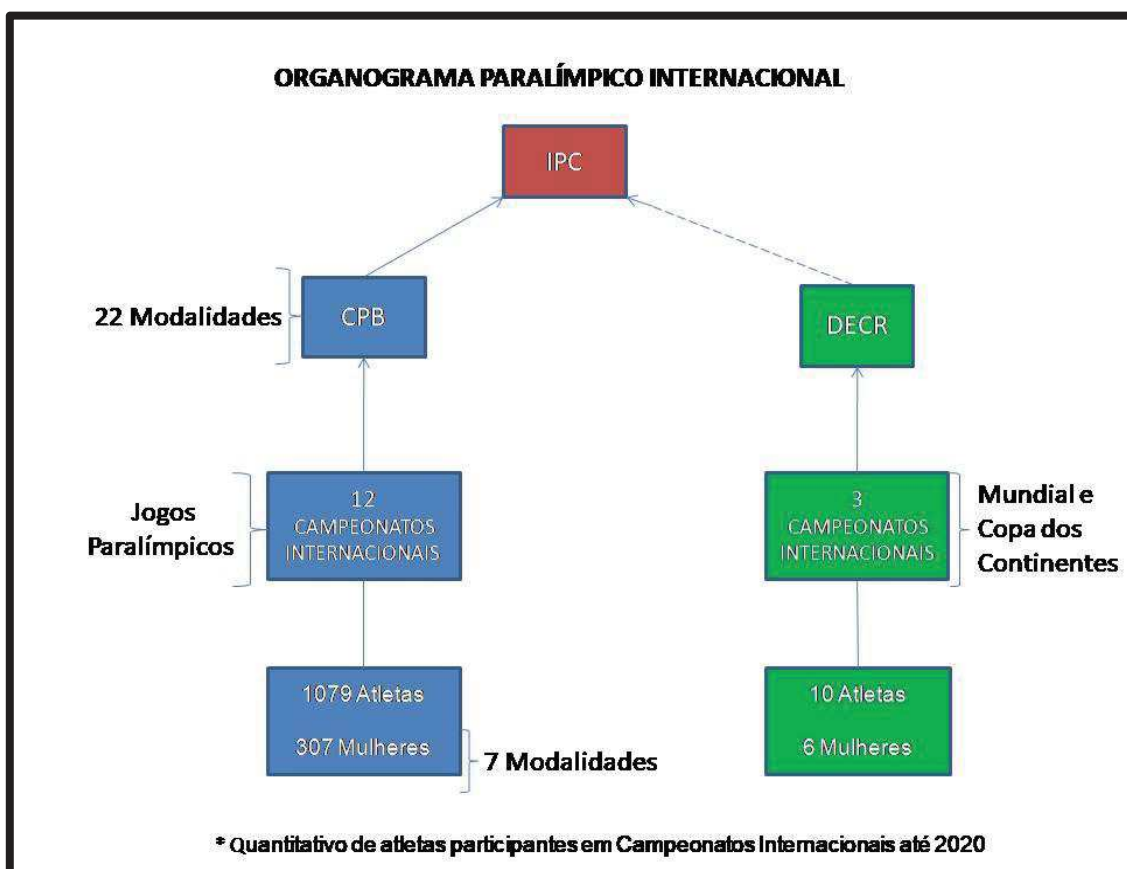
Figura 02: Organograma Paradesportivo Nacional



Fonte: CPB (2019)

Autor: a pesquisadora (2021)

Figura 03: Organograma Paradesportivo Internacional



Fonte: CPB (2019)

Autor: a pesquisadora (2021)

SEGUNDA ETAPA DA CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* DE ANÁLISE

Como *corpus* de análise da segunda etapa desta pesquisa, apresentamos o discurso verbal das paratletas de Atletismo, Halterofilismo, Natação e Dança Esportiva em Cadeira de Rodas.

Os quadros a seguir ilustram a entrevista realizada com as 14 atletas, apontando pistas dos discursos de alguns desses sujeitos, bem como os interdiscursos. As demais informações deste *corpus* encontram-se na íntegra no Apêndice I.

DISCURSO VERBAL DAS MULHERES ATLETAS

I – PERGUNTAS

1) Sua deficiência foi adquirida ou é congênita?

Quadro 14: Respostas dos sujeitos

<p>ENUNCIADO DO SUJEITO</p> <p>S3 (HALTEROFILISMO) - <u>Eu nasci</u> com deficiência, então a <u>minha</u> deficiência <u>é</u> congênita. <u>Nasci</u> sem chegar a completar 5 meses, <u>fiquei</u> na incubadora e, com 7 meses de vida, a <u>minha</u> mãe <u>percebeu</u> que no processo de engatinhar, <u>eu engatinhava</u> empurrando com o bracinho, mas com as perninhas <u>eu arrastava</u>. Daí <u>eu fui</u> encaminhada pra AACD de São Paulo, onde <u>descobriram meu diagnóstico</u> de deficiência, que <u>é</u> a <u>Paralisia Cerebral Diparética Espástica</u>. O prognóstico <u>seria</u> não andar, por <u>eu não ter</u> desenvolvimento motor de perna.</p>
<p>PISTAS DO DISCURSO</p> <p>Deficiência congênita, tendo os membros inferiores afetados. Usa os verbos no passado (Tempo Verbal no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito) em sua maioria e também usa o verbo no presente e no futuro.</p>
<p>ENUNCIADO DO SUJEITO</p> <p>S4 (DECR) - <u>Eu fui</u> atropelada aos 7 anos de idade por um ônibus e <u>eu tive</u> uma <u>grande</u> <u>sequela na perna direita</u>. Durante muitos anos <u>eu fiz</u> várias cirurgias... <u>minha</u> família <u>empobreceu</u> com isso, porque já não <u>éramos</u> de uma família <u>rica</u>. <u>Eu tive</u> várias infecções hospitalares e tal e aos 13 anos <u>eu voltei</u> a andar, usando uma perna mecânica. <u>Eu tive a perna amputada</u> aos 12 anos.</p>
<p>PISTAS DO DISCURSO</p> <p>Deficiência adquirida, tendo um membro inferior afetado. Usa os verbos no passado (Tempo Verbal no pretérito perfeito).</p>

Autor: a pesquisadora (2020)

2) Como você chegou até o esporte?

Quadro 15: Respostas dos sujeitos

<p>ENUNCIADO DO SUJEITO</p> <p>S7 (ATLETISMO) - A <u>professora de Educação Física</u> do Instituto São Rafael <u>disse</u> que <u>eu tinha</u> que <u>fazer</u> uma atividade física, que <u>eu estavam</u> muito acima do peso e coisa e tal e <u>me indicou</u> uma associação que tem aqui em BH, que se chama ADEVIBEL, só para deficientes <u>visuais</u>, e <u>eu fui</u> até lá né. Lá <u>tem</u> vários tipos de modalidades né, tem judô, natação, futebol, goalball e <u>eu escolhi</u> o atletismo pela caminhada, <u>no intuito de perder peso</u> e não tinha pretensão nenhuma de <u>ser atleta nem nada</u>, <u>eu queria ter</u> uma qualidade de vida.</p>
--

PISTAS DO DISCURSO

Através da professora de Educação Física, que indicou uma associação para deficientes visuais de BH, a ADEVIBEL, no intuito de fazer uma atividade física para perder peso e ter qualidade de vida, sem pretensão nenhuma de ser atleta.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S13 (DECR) - Na escola **eu não tinha** nenhum apoio pra praticar esporte e pra nada, né, porque os professores **não sabiam** como trabalhar **comigo**. **Eusó ficava** lá sentada, **vendo** as atividades e **euera** avaliada através de trabalho de pesquisa, que nem **viam** e **eu só ganhava** 10. Então, quando **eu tinha** uns 16, 17 anos e sempre **vinha** pra consultas de retorno e exames, aqui em Belém, **conheci** uma Associação que se chama AVAO, que **dá** apoio aos pacientes do Hospital. [...] **Aí, conversando** com a presidente da Associação, a “tia” Ana, [...] **eu disse** que **tinha** interesse em aprender a dançar, que **eu achava muito bonito** o ballet, mas que nunca **tinha** feito não, porque no interior nem existia isso. [...] **Foi aí** que **eu conheci** a Thaís e o Elielson, que **dançavam** na cadeira de rodas na Casa de Cultura. Então, **eu fui** fazer uma oficina com eles, trocamos contato, **participei de mais umas oficinas e pronto, comecei** a seguir eles. Quando **foi** no outro ano, a Thaís começou com o Projeto “Do Nosso Jeito”, que **era** pra qualquer tipo de deficiência e **foi aí** que **eu comecei** a participar do projeto. Como o projeto **deu muito certo**, foi criada a “Companhia Do Nosso Jeito”, só para deficiência física. **Aí, pronto! Eu comecei** a dançar na cadeira de rodas já pra competir.

PISTAS DO DISCURSO

Como não tinha nenhum apoio para praticar esporte e para nada, após conhecer uma Associação chamada AVAO, participou de umas oficinas e começou a dançar na cadeira de rodas já para competir.

Autor: a pesquisadora (2020)

3) Como foi seu desenvolvimento e participação em competições internacionais?

Quadro 16: Respostas dos sujeitos

ENUNCIADO DO SUJEITO

S1 (DECR) - Em 2010, **na minha primeira** participação internacional, **eu não me sentia** preparada e **senti** um peso muito grande... **eu me senti** em estado **de choque**. Porque na verdade **eu achava** que a gente não **ia**, né, por causa da falta de dinheiro. **Era** um vai, não vai, vai, não vai e uma semana antes, **acho** que nem isso, **é** que **foi** confirmada a passagem. **Foi** meio **um choque** e ainda **foi** com equipe de televisão... **Aí, tipo assim, vou** ter que dar um **resultado**, né, porque **é** um investimento que **estão** fazendo em **mim**. **Senti** uma **autocobrança muito grande**, **foi bem** complicado pra **mim** e... **a segunda** que **eu fui**, em 2015, já **fui** mais **tranquila, sem medo**. **Eu caí** (entrei) na pista não **me** comparando a ninguém e nem querendo **ser a melhor** que ninguém. **Eu caí** na pista pra dançar e **dar** o **meu** melhor e **foi** o que **funcionou**. Quando **eu acabei** indo pra final, que **é** a última bateria, e **fiquei** entre as seis das 17 competidoras e **melhores** paratletas do mundo, isso no Single, pra **mim** **foi maravilhoso**, né. **Eu dancei** bem. **Foi muito gostoso**, **dei** o **meu** máximo e **voltei** uma outra bailarina, uma outra pessoa. **Eu acho** que **me trouxe** um crescimento **muito grande**.

PISTAS DO DISCURSO

Na primeira vez, em 2010, não se sentia preparada e sentia um peso muito grande em ter que dar resultado, pois pensava que estavam fazendo um investimento nela. Isso a fazia sentir uma autocobrança muito grande. Na segunda vez, em 2015, foi mais tranquila, sem medo. Caiu na pista pra dançar e dar o seu melhor e foi o que funcionou, ficando entre as 6 das 17 competidoras e melhores paratletas do mundo. Voltou uma outra bailarina, uma outra pessoa e acha que o evento lhe trouxe um crescimento muito grande.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S8 (NATAÇÃO) - Em 2010, me levaram pra uma competição internacional, um Open na Grécia, e lá me desceram de classe, pra S5. Aí foi quando eu ressurgi e comecei a bater tempos bons, comecei a bater recordes brasileiros, comecei a ficar num patamar melhor. Eu estou na Seleção há 10 anos já e nem parece que já passou esse tempo todo... Depois que eu atingi a classificação S5, lá na Grécia, eu já participei de cinco Mundiais, três Panamericanos, duas Paralimpíadas, várias competições internacionais, como Open, como Abertos, como Pan Pacífico e assim vai... Já participei de dois Pan Pacífico e de muitas competições internacionais. Mas é uma emoção muito grande poder subir no podium, poder representar o Brasil é muito bom... Eu já cantei o Hino do Brasil várias vezes, que eu até já perdi as contas... em Panamericanos, em Mundial e, então, é uma emoção que você para assim e passa um filme, durante 30 segundos, quando você vê que valeu a pena todo o esforço que você fez, valeu a pena você chorar na borda da piscina, valeu a pena você discutir com seu técnico, valeu a pena você deixar sua filha de lado (voz embargada) pra ir em busca de um sonho que não é só seu, é da sua família também, então passa um filme e as lágrimas vêm, vem aquela emoção toda... é muito gratificante, é muito lindo, é uma coisa inexplicável, só sei que é lindo demais...

PISTAS DO DISCURSO

Em 2010, a levaram para uma competição internacional, um Open na Grécia, onde foi feita sua reclassificação funcional. Então, ressurgiu-se e começou a fazer bons tempos e a bater recordes brasileiros. Está na Seleção há 10 anos e já participou de 5 Mundiais, 3 Panamericanos, 2 Paralimpíadas e várias competições internacionais, como Open, Abertos, PanPacífico e assim vai... Já participou de 2 PanPacífico e cantou o Hino do Brasil várias vezes em Panamericanos e uma vez no Mundial. É uma emoção muito grande poder subir no pódio e representar o Brasil.

Autor: a pesquisadora (2020)

4) Qual sua impressão sobre como a sociedade vê a mulher deficiente e esportista?

Quadro 17: Respostas dos sujeitos

ENUNCIADO DO SUJEITO

S12 (HALTEROFILISMO) - Hoje **eu estou** muito conhecida aqui na **minha** cidade e, Karla, **as** pessoas **olham** pra **você** com outro olhar. As pessoas **me olham** e **perguntam** se **eu tomo** “bomba” e **eu digo** que não, que **eu sou** uma paratleta da Seleção Brasileira e **elas assustam** dizendo: “**Você?** Mulher, o que **você faz?**”...Quando **digo** que **faço** Halterofilismo, levantamento de peso, **elas não acreditam**, porque as pessoas nem **sabem** o que é Halterofilismo e ainda **perguntam** como **eu** levanto peso **pequena desse** jeito... **Eu acho que** ainda **tem** muito preconceito... preconceito de como **você é** anã e ainda **levanta** peso. **Teve** uma mulher que **disse** que **era** mentira o que **eu estava** falando... Hoje em dia, **o esporte que é pra uma pessoa que é deficiente é muito difícil**. **Você tem** que querer, **tem** que gostar, **tem** que seguir, entendeu, porque o preconceito **é muito grande** ainda... porque não **melhorou** por ser mulher, por ser **musculosa**, por ser **vaidosa** e muitas pessoas **morrem** de **inveja** de **mim**, do que **eu posto** no Instagram... mas muitas **dizem** também que se inspira em **mim**, no que **eu faço**, no **meu alto** astral e no incentivo que **dou** pra **fazerem** o que desejam, que **basta elas quererem**. Hoje, Karla, **eu tenho** bolsa atleta nacional e internacional, **sou** uma pessoa **feliz, vitoriosa**, que **me amo** e então **eu digo** que o esporte pra **mim é** tudo... **eu só tenho** que agradecer a Deus!

PISTAS DO DISCURSO

As pessoas olham para você com outro olhar e quando diz que faz Halterofilismo, levantamento de peso, não acreditam. Acha que ainda tem muito preconceito... preconceito de como se é anã e ainda levanta peso. O esporte para uma pessoa que é deficiente é muito difícil. Você tem que querer, tem que gostar, tem que seguir, porque o preconceito é muito grande ainda...

ENUNCIADO DO SUJEITO

S14 (DECR) - É **bem** complicado! Quando **eu ganhei** meu primeiro campeonato, **eu acho** que **eu mudei**, sabe Karla, porque **minha** autoconfiança **foi** tão (ênfase) **grande**, **eu me sentia** a mulher **mais realizada** do mundo, sabe. Eu **me tornei** muito (ênfase) **autoconfiante**, sabe, e **tinham** pessoas que já **falavam** muitas coisas pra **mim**, principalmente... já **me chamaram** de **aleijada**, sabe, mas isso não **ficava** em **mim**. Essas coisas que **aconteciam** fora, já não **me afetava**, porque **eu fiquei** tão (ênfase) **realizada**, tão **feliz** de **ter** realizado **meu grande** sonho, que **eu não queria** parar. Hoje **eu sou** uma pessoa **muito realizada** em todos os aspectos e se **tivesse** que fazer tudo de **novo eu faria**, né. [...]Então, assim, por mais que quando **eu chegasse** num local e **as pessoas não me olhassem**, as pessoas não **me percebessem** e as pessoas **queriam me colocar** em um local trancada, pra que **eu não pudesse** sair e rodar o baile ou que ninguém **me visse**, **eu pedia** pra **me colocarem** perto da pista, pra **eu ter** acesso pra dançar. Aí, **elas falavam** me olhando assustadas: “Mas **você** dança?” e **eu dizia**: “**Danço** e **muitíssimo bem!** E quando as pessoas **me viam** dançando, aí **era** tudo diferente...né? **Eu tinha** uma vida social **muito intensa** e quando **eu saía** pra **ir** nos lugares de dança e ninguém **me tirava** pra dançar, **eu ficava** muito **irritada**... **Gostava** de voltar pra casa com os braços **doendo**, **moídos** de tanto dançar... só assim, **deitada** na cama com os braços **abertos** e todo **dolorido**, **eu dormia** feliz...

PISTAS DO DISCURSO

Pessoas já falaram muitas coisas para ela e, principalmente, já a chamaram de aleijada. Mas, isso não a afetava, porque estava realizada e feliz por ter conquistado seu grande sonho. Se as pessoas não a olhassem, não a percebessem e se quisessem colocá-la em um local trancada, para que não pudesse sair, rodar o baile e ser vista, pedia para a colocarem perto da pista, para ter melhor acesso para dançar. E quando a viam dançando, era tudo diferente...

5) Como você se vê? Quem é você?

Quadro 18: Respostas dos sujeitos

<p>ENUNCIADO DO SUJEITO</p> <p>S4 (DECR) - (Olhando para cima) <u>Eu sou</u> uma mulher...eh...<u>madura</u>, <u>eu posso</u> dizer que <u>sou</u> madura em termos de vários valores da vida, né...(olhando para mim) <u>eu sou</u> uma pessoa que <u>reconheço</u> os <u>meus</u> valores, as <u>minhas</u> habilidades, as <u>minhas</u> especialidades... a dança <u>me ajudou</u> muito e através <u>dela eu me redescobri</u>, ou melhor, <u>através da dança eu me descobri</u> enquanto mulher, enquanto pessoa... e... enquanto uma pessoa que <u>tenho</u> as <u>minhas</u> vontades e que <u>posso</u> impor as <u>minhas</u> opiniões... <u>empoderada</u>, como <u>dizem</u> agora né, porque <u>eu tive</u> uma criação <u>muito restrita</u>, <u>eu não me posicionava</u> diante de várias coisas e com a descoberta da dança, <u>eu descobri</u> várias S4 dentro de <u>mim</u>... Não <u>sou perfeita</u>, <u>sou capricorniana</u> e, por isso, <u>eu me cobro</u> muito... <u>estou</u> tentando muito <u>me desculpar</u> mais, <u>me permitir</u> mais, não <u>me julgar</u> tanto, não <u>me cobrar</u> tanto e não <u>me cobrar</u> a perfeição, né, <u>curtir</u> mais a vida e <u>me curtir</u> mais... E se hoje <u>me perguntassem</u> se em algum momento <u>eu me arrependi</u> de ter conhecido a DECR, se <u>eu faria</u> tudo <u>diferente</u>, <u>eu diria</u> que em nenhum momento... <u>No começo</u>, <u>eu reclamei</u> dos desafios várias vezes e <u>disse</u> que não <u>queria</u> mais, porque <u>eu era insegura</u>, <u>me cobrava</u> demais e <u>tinha muito medo</u> de não <u>corresponder</u> às expectativas da <u>minha</u> Companhia e dos <u>meus</u> professores e técnicos, mas tudo <u>foi</u> tão importante pra <u>mim</u>, <u>conhecer</u> a dança e <u>crescer</u> a partir <u>dela</u>, que <u>penso</u> que não <u>poderia</u> ter sido diferente. A DECR <u>foi</u> tudo pra mim, <u>ela é</u> (ênfase) tudo pra <u>mim</u> e hoje <u>eu a curto</u> muito mais, <u>me divirto</u> mais...<u>É</u> maravilhoso! E <u>eu só tenho</u> a agradecer a Deus <u>essas</u> oportunidades e <u>quero</u> aprender mais... <u>eu quero</u> viver mais, <u>quero</u> dançar mais e <u>quero</u> poder ser exemplo pra outras pessoas, não em questões de Ego, mas que, como <u>eu era</u> há 15 anos atrás, que nem <u>me permitia</u> imaginar dançando, que se uma pessoa <u>cadeirante</u> que <u>admira</u> a dança e <u>me veja</u> dançar, perceba que <u>é</u> possível e que <u>existem</u> possibilidades em uma cadeira de rodas.</p>
<p>PISTAS DO DISCURSO</p> <p>É uma mulher madura, uma pessoa que reconhece os seus valores, as suas habilidades, as suas especialidades... Através da dança se descobriu enquanto mulher e enquanto pessoa, que tem vontades e que pode impor as suas opiniões. É empoderada, se cobra muito e está tentando se desculpar mais, se permitir mais, não se julgar tanto, não se cobrar tanto e não se cobrar perfeição, para conseguir curtir mais a vida e a si mesma... No começo, reclamou dos desafios por várias vezes e disse que não queria mais, pois era insegura e tinha muito medo de não corresponder às expectativas da Companhia e dos seus professores e técnicos. A DECR é tudo para ela e, hoje, a curte muito mais e se diverte mais... Quer viver mais, quer dançar mais e quer poder ser exemplo para outras pessoas, para que uma pessoa cadeirante possa perceber que a dança é possível e que existem possibilidades em uma cadeira de rodas.</p>
<p>ENUNCIADO DO SUJEITO</p> <p>S10 (ATLETISMO) - (Olhando para o lado) Quem <u>é</u> a S10? <u>Deixa eu te falar</u>... <u>É</u> uma mulher <u>guerreira</u>, que <u>luta</u> pelo sonho, <u>pelos meus</u> sonhos, sempre <u>lutei</u> pra dar uma vida <u>melhor</u> pra <u>minha</u> mãe, que também <u>me criou sozinha</u>, né, e <u>sou</u> uma <u>sonhadora</u>. <u>Eu sempre estou</u> querendo ter metas, porque <u>a gente tendo</u> metas e objetivos na vida, <u>a gente tem</u> um rumo, né? <u>Eu sou</u> uma pessoa que... que... <u>eu me cobro</u> muito. <u>Eu não sou perfeita</u> não, mas tudo que depende de <u>mim</u>, <u>eu tento</u> fazer da <u>melhor</u> forma e isso, com o esporte também. E independente do esporte, <u>eu sempre vou</u> lutar por <u>meus</u> direitos... como <u>mulher</u>, <u>deficiente</u> e <u>nordestina</u> também, porque <u> você sabe</u> que existe muito preconceito com <u>a gente</u>, <u>é</u> complicado, mas <u>eu tô</u> aí (sorriu). <u>É</u> o que posso <u>me descrever</u>... <u>eu sou</u> uma <u>sonhadora</u>, <u>guerreira</u> e que nunca <u>desiste</u> de <u>seus</u> sonhos. (falou sorrindo)</p>
<p>* A entrevista foi realizada pelo celular da S10, dentro de uma Van em movimento. Esta pergunta foi respondida enquanto observava o trajeto, sem me olhar em momento algum)</p>

PISTAS DO DISCURSO

É uma mulher guerreira, que luta por seus sonhos e se considera sonhadora. Sempre se impõe metas, porque tendo metas e objetivos na vida, tem um rumo. Cobra-se muito e tudo que depende dela, tenta fazer da melhor forma. Sempre vai lutar por seus direitos como mulher, deficiente e nordestina, porque sabe que existe muito preconceito a respeito. Descreve-se como sonhadora, guerreira e como uma pessoa que nunca desiste dos seus sonhos.

Autor: a pesquisadora (2020)

II – INTERDISCURSOS

Quadro 19: Interdiscursos dos sujeitos

O POSSÍVEL DO DIZER
S1 (DECR) - Na minha primeira participação internacional, eu não me sentia preparada e senti um peso muito grande... eu me senti em estado de choque [...], tipo assim, vou ter que dar um resultado, né, porque é um investimento que estão fazendo em mim . Senti uma autocobrança muito grande , foi bem complicado pra mim [...].
O NÃO DITO
Sofrimento pelo desejo de não decepcionar e de atender às expectativas que supõe terem sobre si e sentimento de baixa autoestima.
O POSSÍVEL DO DIZER
S3 (HALTEROFILISMO) - Ainda temos que conviver com o estereótipo de que a modalidade vai te masculinizar, que vamos perder a feminilidade e isso tem dificultado para o aumento das mulheres em competições. [...] e ainda escutamos que tomamos “bomba”, que não vamos conseguir namorar nunca...
O NÃO DITO
Sentimento reprimido de preconceito.
O POSSÍVEL DO DIZER
S4 (DECR) - Eu tive uma grande seqüela na perna direita. Durante muitos anos eu fiz várias cirurgias... minha família empobreceu com isso, porque já não éramos de uma família rica .
O NÃO DITO
Sentimento reprimido de culpa pelo transtorno causado à família.
O POSSÍVEL DO DIZER
S4 (DECR) - Como eu sempre fui acima do peso, fui gorda , eu também não imaginava que uma gorda pudesse ter uma atividade de dançar em uma cadeira de rodas. Eu fiquei encantada com aquilo e, [...] eu me descobri na Dança.
O NÃO DITO
Sentimento reprimido de baixa estima.
O POSSÍVEL DO DIZER

<p>S4 (DECR) - Resumindo, a pessoa com deficiência na nossa sociedade não é vista ainda como produtor de arte, como protagonista da arte. [...], a Dança Esportiva em Cadeira de Rodas ainda não é vista. [...] Acho importante que, agora, a Confederação e as universidades estão abrindo seu olhar para nós, os atletas, e estão nos ouvindo também.</p>
<p>O NÃO DITO</p> <p>Sentimento reprimido de preconceito e sofrimento pelo não reconhecimento da sociedade.</p>
<p>O POSSÍVEL DO DIZER</p>
<p>S7 (ATLETISMO) - A professora de Educação Física do Instituto São Rafael disse que eu tinha que fazer uma atividade física, que eu estava muito acima do peso e coisa e tal e me indicou uma associação [...] e eu escolhi o atletismo pela caminhada, no intuito de perder peso e não tinha pretensão nenhuma de ser atleta, de nem nada [...].</p>
<p>O NÃO DITO</p> <p>Sentimento escondido de preconceito e baixa estima.</p>
<p>O POSSÍVEL DO DIZER</p>
<p>S7 (ATLETISMO) - Ser deficiente, negra e mulher nesse país que a gente vive, a gente sabe que não tem oportunidades nenhuma, a gente sabe que o destino da gente está praticamente já dito na sociedade e que o esporte, não, o esporte proporcionou pra mim, na minha vida, várias coisas, né.</p>
<p>O NÃO DITO</p> <p>Sentimento reprimido do desejo de ser valorizada pela sociedade.</p>
<p>O POSSÍVEL DO DIZER</p>
<p>S8 (NATAÇÃO) - Eu já cantei o Hino do Brasil várias vezes, que eu até já perdi as contas... é uma emoção que você para assim e passa um filme, durante 30 segundos, quando você vê que valeu a pena todo o esforço que você fez, valeu a pena você chorar na borda da piscina, valeu a pena você discutir com seu técnico, valeu a pena você deixar sua filha de lado (voz embargada) pra ir em busca de um sonho [...].</p>
<p>O NÃO DITO</p> <p>Sentimento de dúvida entre prazer e dor.</p>
<p>O POSSÍVEL DO DIZER</p>
<p>S8 (NATAÇÃO) - [...] as mulheres já estão começando a tomar seu espaço, estão começando a subir no pódio sim, estão começando a cantar o Hino Nacional e estão começando a mostrar que mulher também é atleta. A gente dá o nosso sangue, dá nosso suor e a gente faz o que for pra poder representar o Brasil bem todas as competições.</p>
<p>O NÃO DITO</p> <p>Sentimento reprimido do desejo de ser valorizada pela sociedade.</p>
<p>O POSSÍVEL DO DIZER</p>
<p>S10 (ATLETISMO) - Aqui em Maceió eu conheço muita gente, mas a maioria das pessoas daqui não tem muita noção, sabe, que eu vou pra fora, que eu compito... não sabem o quanto é difícil viver longe, não dá tanto valor como realmente a gente da terra queria que dessem, né. [...] porque vocês air do Nordeste, uma mulher, deficiente, lutar e vencer numa cidade totalmente diferente é complicado, mas eu agradeço a Deus, porque eu acho que eu só fui pra lá, porque realmente Deus achou que eu era merecedora, né.</p>

O NÃO DITO
Sentimento reprimido do desejo de ser reconhecida e valorizada pela sociedade e sentimento de baixa estima.
O POSSÍVEL DO DIZER
S12 (HALTEROFILISMO) - As pessoas meolham e perguntam se eu tomo “bomba” e eudigo que não, que eusou uma paratleta da Seleção Brasileira e [...] quando digo que faço Halterofilismo, levantamento de peso, elas não acreditam , porque as pessoas nem sabem o que é Halterofilismo e ainda perguntam como eulevanto peso, pequenadesse jeito... Eu acho que ainda tem muito preconceito...
O NÃO DITO
Sentimento reprimido do desejo de ser reconhecida e valorizada pela sociedade.
O POSSÍVEL DO DIZER
S12 (HALTEROFILISMO) - [...] eudizia que detestava anãs e eu não meaceitava como anã. Karla, você acredita que quando nós chegamos lá (competição no exterior), [...] só tinha anãs de tudo quanto é tamanho e eu mesenti a gigante perto delas? Só sei que foi minha melhor competição do ano e [...] quando euvoltei de lá, eu comecei a gostar mais do esporte, a dedicar , a meamar e a cada dia euqueria mais... [...] Eu só tenho a agradecer, porque aprendi muito com o esporte e sou outra pessoa.
O NÃO DITO
Sentimento reprimido de baixa estima e de aceitação de sua deficiência.
O POSSÍVEL DO DIZER
S13 (DECR) - Olha, as pessoas geralmente ficam bem impressionadas , porque ainda não é uma coisa amplamente divulgado. As pessoas ficam muito surpresas com a pessoa com deficiência dançando na cadeira de rodas, porque as pessoas veem a mulher com deficiência como uma pessoa que tem que ficar em casa, superprotegida .
O NÃO DITO
Sentimento reprimido do desejo de ser reconhecida e valorizada pela sociedade.
O POSSÍVEL DO DIZER
S14 (DECR) - Quando eu comecei a competir internacionalmente, [...] tinham pessoas que já falavam muitas coisas pra mim , principalmente... já me chamaram de aleijada , sabe, mas isso não ficava em mim . Por mais que quando eu chegasse num local e as pessoas não meolhassem , as pessoas não mepercebessem e as pessoas queriam mecolocar em um local trancada, pra que eu não pudesse sair e rodar o baile ou que ninguém mevisse , eu pedia pra mecolocarem perto da pista, pra eu ter acesso pra dançar. Eu tinha uma vida social muito intensa e quando eu saía pra ir nos lugares de dança e ninguém metirava pra dançar, eu ficava muito irritada ... Gostava de voltar pra casa com os braços doendo , moídos de tanto dançar... só assim, deitada na cama com os braços abertos e todo dolorido , eu dormia feliz ...
O NÃO DITO
Sentimento reprimido do desejo de ser valorizada e vista pela sociedade.

Autor: a pesquisadora (2020)

TERCEIRA ETAPA DA CONSTITUIÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE

Nesta etapa de constituição do *corpus* de análise, qual seja: o discurso não-verbal das paratletas de Atletismo, Halterofilismo, Natação e Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, apresentamos suas imagens coletadas no decorrer das entrevistas individuais, a partir do momento em que existiu confiabilidade entre nós, apresentamos também imagens delas em eventos internacionais, sendo que estas fazem parte do acervo pessoal de cada paratleta deste estudo.

Assim sendo, o percurso desenvolvido nesta etapa iniciou com a busca dos sujeitos a serem pesquisados, onde, após realizarmos contato com o CPB e a CBDCCR, para que pudéssemos ter acesso ao telefone e e-mail de cada atleta, o CPB, através da Academia Paralímpica Brasileira (APB), solicitou-nos a submissão do projeto desta pesquisa, juntamente com o Parecer Consubstanciado aprovado pelo CEP/UFJF, para que, após análise dos mesmos, pudessem deferir ou não a solicitação da lista de atletas para contato.

Portanto, houve o deferimento da solicitação e o envio de 31 nomes de paratletas femininas, com seus respectivos contatos, dentre as 171 atletas internacionais pertencentes ao CPB. A justificativa para este parco quantitativo foi que as demais atletas estavam impossibilitadas de participar da pesquisa por imposição de seus patrocinadores. Já a CBDCCR nos encaminhou, diretamente, o contato das seis atletas identificadas.

Dos 31 contatos realizados da lista do CPB, das modalidades de Atletismo, Halterofilismo e Natação, obtivemos sucesso em 25 deles, pois deparamo-nos com alguns telefones e e-mails desatualizados, além do não atendimento por parte de algumas delas.

Contudo, apenas 12 atletas do CPB aceitaram participar da pesquisa, bem como todas as seis paratletas contactadas da modalidade de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas.

Então, depois da confirmação de aceite pelas paratletas, iniciamos o agendamento de um primeiro contato coletivo, com o objetivo de realizarmos uma aproximação, apresentação pessoal e os devidos esclarecimentos e/ou dúvidas sobre a pesquisa. Esse momento foi realizado através da Plataforma Google Meet, com divisão em três grupos de encontro.

Porém, dos 18 agendamentos efetuados, somente dez atletas do CPB e quatro

da CBDCCR compareceram, sendo que as quatro atletas ausentes justificaram o não comparecimento e confirmaram participação no momento seguinte, que seria o da entrevista individual, a ser realizada pela mesma Plataforma. Mas, após o agendamento desta, as quatro atletas não compareceram novamente e não fizeram mais contato.

Dessa forma, apresentamos imagens somente dos 14 sujeitos desta pesquisa, as quais foram criadas pela pesquisadora, a partir da captura de tela, por *print*, durante as entrevistas individuais, após o momento de confiabilidade entre nós e a devida autorização de todas as participantes. Cabe ressaltar ainda, que as fotografias foram colocadas em ordem nominal alfabética e com a respectiva modalidade praticada.

SUJEITOS DA PESQUISA

Fotografia 05: S1 – DANÇA ESPORTIVA

EM CADEIRA DE RODAS



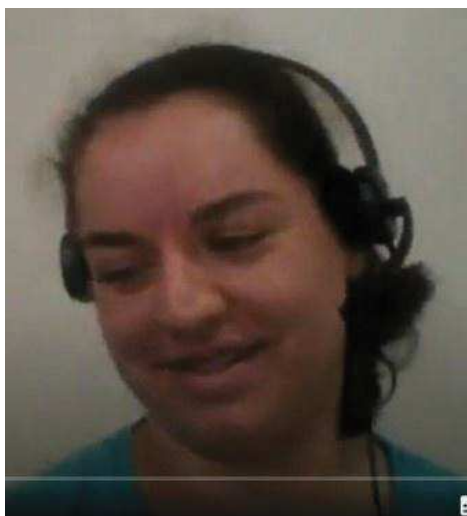
Fonte/Autor: a pesquisadora (2020)

Fotografia 06: S2 – ATLETISMO



Fonte/Autor: a pesquisadora (2020)

Fotografia 07: S3 - HALTEROFILISMO



Fonte/Autor: a pesquisadora (2020)

Fotografia 08: S4 – DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS



Fonte/Autor: a pesquisadora (2020)

Fotografia 09: S5 - ATLETISMO



Fonte/Autor: a pesquisadora (2020)

Fotografia 10: S6 – ATLETISMO



Fonte/Autor: a pesquisadora (2020)

Fotografia 11: S7 - ATLETISMO



Fonte/Autor: a pesquisadora (2020)

Fotografia 12: S8 – NATAÇÃO



Fonte/Autor: a pesquisadora (2020)

Fotografia 13: S9 - NATAÇÃO



Fonte/ Autor: a pesquisadora (2020)

Fotografia 14: S10 – ATLETISMO



Fonte/Autor: a pesquisadora (2020)

Fotografia 15: S11 – ATLETISMO



Fonte/Autor: a pesquisadora (2020)

Fotografia 16: S12 – HALTEROFILISMO



Fonte/Autor: a pesquisadora (2020)

Fotografia 17: S13 - DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS



Fonte/Autor: a pesquisadora (2020)

Fotografia 18: S14 – DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS



Fonte/Autor: a pesquisadora (2020)

Nesta terceira etapa de constituição do *corpus* de análise, também solicitamos uma foto em que os sujeitos estivessem participando de competição internacional e que estivessem recebendo a premiação conquistada no mesmo. Essas imagens, oriundas do acervo pessoal das paratletas, foram solicitadas por mensagem de texto de celular, via WhatsApp, tendo sido retornadas à pesquisadora pelo mesmo veículo de comunicação ou por e-mail.

As paratletas enviaram diversas fotos, mas apenas uma, que possui deficiência visual, enviou somente a foto em que recebeu a medalha de campeã da modalidade de atletismo no evento internacional que participou. Uma atleta da Dança Esportiva em Cadeira de Rodas e outra do Halterofilismo enviaram várias fotos do momento da premiação e nenhuma praticando a modalidade no campeonato.

Dessa forma, as imagens a seguir ilustram e compõem os discursos “não ditos” dos sujeitos da pesquisa e estão dispostas por ordem nominal alfabética, com a respectiva modalidade praticada (S1 a S14).

DISCURSO NÃO - VERBAL DAS MULHERES ATLETAS

SUJEITO	IMAGEM EM COMPETIÇÃO	IMAGEM COM MEDALHA
S1 - DECR	 <p data-bbox="392 1742 582 1749">© Alexander Sperl (2015)</p> <p data-bbox="392 1760 560 1794">Fotografia 19</p>	 <p data-bbox="919 1760 1091 1794">Fotografia 20</p>

S2 - ATL



Fotografia 21



Fotografia 22

S3 - HALT



Fotografia 23



Fotografia 24

S4 - DECR



Fotografia 25

S5 - ATL



Fotografia 26



Fotografia 27

S6 - ATL	 <p>Fotografia 28</p>	 <p>Fotografia 29</p>
S7 - ATL		 <p>Fotografia 30</p>
S8 - NAT	 <p>Fotografia 31</p>	 <p>Fotografia 32</p>
S9 - NAT	 <p>Fotografia 33</p>	 <p>Fotografia 34</p>

S10 - ATL	 <p data-bbox="395 622 561 654">Fotografia 35</p>	 <p data-bbox="922 622 1088 654">Fotografia 36</p>
S11 - ATL	 <p data-bbox="395 1032 561 1064">Fotografia 37</p>	 <p data-bbox="922 1032 1088 1064">Fotografia 38</p>
S12- HALT		 <p data-bbox="922 1473 1088 1505">Fotografia 39</p>
S13-DECR	 <p data-bbox="395 1883 561 1915">Fotografia 40</p>	 <p data-bbox="922 1883 1088 1915">Fotografia 41</p>



Fotografia 19, 20, 25, 40, 41, 42, 43: Atletas da CBDCCR em eventos internacionais e com medalhas

Fotografia 21a 24 e 26 a 39: Atletas do CPB em eventos internacionais e com medalhas

Fonte: acervo pessoal dos sujeitos da pesquisa (S1 a S14)

Autor: a pesquisadora (2020)

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a compreensão da temática proposta, o embasamento teórico pesquisado fundamentou-se em alguns conceitos de deficiência, esporte, esporte adaptado e esporte paralímpico presentes em legislações e regulamentos que direcionam a política do paradesporto brasileiro; em apontamentos históricos do paradesporto no Brasil e no mundo, em suas mais variadas modalidades; na trajetória histórica do esporte não-oficial de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas (DECR), por ser uma modalidade historicamente tida como uma atividade feminina. Também estudamos sobre a mulher e o esporte, pontuando a trajetória da mulher com deficiência no desporto brasileiro, suas conquistas esportivas e superações vivenciadas, tomando como fio condutor a maneira como a mulher é percebida pela sociedade no campo esportivo ao longo do tempo.

No intuito de melhor embasar e esclarecer teoricamente este estudo, que tem por foco e objeto a mulher esportista com deficiência, foi realizada uma pesquisa na Biblioteca Digital Brasileira com os seguintes descritores: 1)“mulher e esporte”; 2)“inclusão da mulher e esporte”; 3)“mulher com deficiência e esporte”; 4)“inclusão e esporte paralímpico” e 5)“mulher e esporte paralímpico”. O resultado encontrado foi:

Quadro 20 - Pesquisa nas bases de dados

Descritores	Trabalhos encontrados	Trabalhos afins com a temática da pesquisa
1- Mulher e Esporte	386	Teses - 4 / Dissertações - 14
2- Inclusão da mulher e Esporte	12	Teses - 0 / Dissertações - 1
3- Mulher com deficiência e Esporte	23	Teses - 1 / Dissertações - 3
4- Inclusão e Esporte Paralímpico	04	Teses - 0 / Dissertações - 1
5- Mulher e Esporte Paralímpico	05	Teses - 0 / Dissertações - 2

Fonte: elaborado pela pesquisadora, (2020).

Pesquisadores clássicos e contemporâneos na área da deficiência, tais como Silva (1986), Carmo (1989), Araújo (1996), Cidade (2004), Greguol (2010), Mello e Winckler (2012), Ferreira (2013), Marques (2016), conceituam deficiência de acordo com o momento histórico, as influências, as inferências e os comportamentos vigentes de dada sociedade, apontando para a necessidade precípua de se exercer

uma atividade ou prática esportiva para o bem-estar pessoal.

Nessa linha de raciocínio, Silva (1986) revela que é necessário compreender que a pessoa com deficiência

necessita não só de cuidados que instituições especiais possam lhe prover, mas também de atenção pessoal, de carinho, de relacionamento familiar e de um ambiente que possibilite alguma participação na vida comunitária, como qualquer outra pessoa. (SILVA, 1986, p.216).

Carmo (1989, p.7) afirma que a deficiência acompanha os homens desde os tempos mais remotos da civilização e que tanto o esporte quanto o lazer, “apesar de ocorrerem em um momento de ‘descompromisso’, estão profundamente comprometidos com o modelo social vigente”.

Já Greguol (2010, p.2) descreve a deficiência como “uma condição que leva um indivíduo a certas restrições, impostas por limitações de ordem sensorial, motora, intelectual ou múltipla”, que podem levá-lo “a situações de desvantagem, embora essas estejam altamente relacionadas ao contexto social em que vive”.

No entanto, Vieira (2013) aponta a definição dada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como sendo:

Deficiência é a perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, temporária ou permanentemente. Inclui a ocorrência de uma anomalia, defeito ou perda de um membro, órgão, tecido ou qualquer outra estrutura do corpo, inclusive das funções mentais. (VIEIRA, 2013, v.5, p.68)

O Center for Disease Control (CDC), dos EUA, responsável pela promoção da saúde e plena participação das pessoas com deficiência na sociedade ao longo da vida, define deficiência como “qualquer condição do corpo ou da mente (dano) que torna mais difícil para a pessoa com a condição realizar certas atividades (limitação de atividade) e interagir com o mundo ao seu redor (restrições de participação)”. (CDC, 2021).

Desse modo, para uma melhor compreensão sobre o vasto conceito de deficiência, embasamos esta pesquisa no conceito estabelecido pelo Decreto Federal nº 3298, de 20 de Dezembro de 1999, que considera deficiência como “toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano”, e que se coaduna com o conceito apresentado pelo CDC/EUA. (BRASIL, 1999).

Embora diversos autores definam o que vem a ser deficiência, nenhum deles abarca a amplitude do termo quando relacionado às questões do esporte. Nessa linha de raciocínio, faz-se necessário, também, mencionar nesta pesquisa o conceito de “esporte” e seus desdobramentos: “esporte adaptado” e “esporte paralímpico”.

O antigo Ministério do Esporte classificou o termo “esporte”, em estudo, como

um bem cultural, direito social e fator de desenvolvimento humano, definido pelo conjunto de práticas corporais, atividades físicas e esportivas que, pelo envolvimento ocasional ou organizado, exprime um grau de desenvolvimento cultural esportivo, com possibilidades de incidir em aspectos educacionais, da saúde, do bem-estar, pela ampliação de conhecimentos, relações sociais e resultados esportivos. (BRASIL/ME/SNELIS, 2021).

Esse mesmo órgão formulou um documento intitulado Política Nacional de Esporte, aprovado em 2005, com definição baseada na Lei Pelé (Lei 9615 de 24 de março de 1998), no qual diz que o desporto brasileiro pode ser reconhecido pelas seguintes manifestações:

I. desporto educacional, praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer; II. desporto de participação, de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente; III. desporto de rendimento, praticado segundo normas gerais desta Lei e das regras de

prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações. (BRASIL, 1998).

Para o Conselho Internacional de Ciência do Esporte e Educação Física (ICSSPE), criado em Paris/FR, em 1958, o esporte possui várias dimensões, sendo que, na Europa, é tido como um termo muito amplo ao se tratar de atividades físicas de todos os tipos, com um desempenho vital em todos os níveis da sociedade. (TALBOT; HAAG; KESKINEN, 2016).

Para a citada organização, o esporte é considerado um fenômeno social e cultural, podendo ter efeitos positivos e negativos em diferentes contextos. No entanto, é através dele que o indivíduo aprimora suas habilidades pessoais, melhora sua saúde, adquire autoconhecimento, experimenta a igualdade e a liberdade, podendo ser um meio dignificante para o empoderamento, “particularmente útil para as meninas e mulheres, pessoas com deficiência, pessoas que vivem em zonas de conflito e aqueles que estão se recuperando de traumas”. (IDEM, 2016).

Segundo Pereira (2016),

o Esporte constitui e representa hoje uma das práticas corporais mais significativas das sociedades contemporâneas. Todavia, mesmo estando indicada como fator importante de cidadania social, a sociedade está cada vez mais distante do acesso, e mais próxima da lógica da exclusão. A questão agrava ainda mais quando tomamos como referência as pessoas com deficiência. (Pereira, 2016, p.97).

Portanto, os conceitos destacados sobre “esporte” e suas múltiplas abordagens apontadas a seguir, serão os que adotaremos nesta pesquisa.

De acordo com Vieira (2013),

o esporte adaptado vive hoje um momento muito rico de aceitação social. A prática da atividade esportiva por pessoas com deficiência, sendo esta visual, auditiva, mental ou física, pode proporcionar, [...] a oportunidade de testar seus limites e potencialidades, prevenir as enfermidades secundárias à sua deficiência, melhorar a qualidade de vida, além de oportunizar a inclusão social do indivíduo em ambientes mais restritivos, respeitando sempre a individualidade. (VIEIRA,

2013,v.5,p.100).

Corroborando com o autor citado (2013), Marques (2016, p.91) diz que o esporte adaptado “consiste em um universo que engloba atividades esportivas adaptadas a pessoa com deficiência ou com qualquer tipo de característica que demande transformações nas práticas”.

Quanto à conceituação de esporte paralímpico, Costa (2012) afirma que o esporte se caracteriza por um ambiente mais restrito, por envolver as modalidades dos Jogos Paralímpicos e ser acessível apenas às pessoas que se enquadrem em seus critérios de classificação e desigualdade.

Para a Academia Paralímpica Brasileira (APB, 2011), o paradesporto atua com limites codificados para os atletas com deficiência, através das chamadas classificações. Tais classificações são estabelecidas por instituições internacionais, sendo divididas em classificação médica para deficientes visuais, intelectuais e auditivos e classificação funcional para deficientes físicos, refletindo a habilidade funcional que se é esperada do atleta com deficiência numa performance básica do esporte. É importante ressaltar que o termo Classificação Funcional se refere ao processo no qual os atletas são avaliados em sua condição atual de limitações e capacidades, para se propiciar uma equidade esportiva. (APB, 2011). Portanto, todas as modalidades pertencentes ao Comitê Paralímpico Brasileiro possuem sua classificação funcional específica, quais sejam: Atletismo, Basquete em Cadeira de Rodas, Bocha, Canoagem, Ciclismo, Dança em Cadeira de Rodas, Esgrima em Cadeira de Rodas, Esportes de Inverno (Curling em Cadeira de Rodas, Esqui Cross-Country, Esqui Alpino, Biatlo, Hóquei no Gelo Snowboard), Futebol de 5, Futebol de 7, Goalball, Halterofilismo, Hipismo, Judô, Natação, Parabadminton, Parataekwondo, Remo, Rugby em Cadeira de Rodas, Tênis de Mesa, Tênis em Cadeira de Rodas.

Por sua vez, a Dança em Cadeira de Rodas, enquanto modalidade esportiva paralímpica não-oficial, também apresenta classificação funcional na sua organização, com as mesmas exigências das modalidades esportivas oficiais.

4 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A POLÍTICA NACIONAL DO ESPORTE E DO PARADESPORTO BRASILEIRO

Aqui, apontaremos as principais ações governamentais e a evolução da legislação que norteou o processo de institucionalização do esporte e do paradesporto no Brasil, com o objetivo de esclarecer o percurso histórico-evolutivo da prática de esportes no país. Para tanto, é importante mencionar a existência de acontecimentos marcantes no âmbito internacional que influenciaram as decisões dos governantes brasileiros, culminando na criação do arcabouço jurídico que legitima a existência e regula a prática esportiva brasileira.

Segundo Araújo (1996), em 1975, a ONU aprovou a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes e, no ano seguinte, a Resolução nº 31/123 proclamou o Ano Internacional para as Pessoas Deficientes (International Year for Disabled Persons), para o ano de 1981, no intuito de conscientizar a população mundial a respeito dessas pessoas.

Tais normativas surgiram para que os países membros estabelecessem planos e metas, em todas as áreas de atuação, voltadas às necessidades das pessoas com deficiência, uma vez que foram detectados inúmeros descasos em relação a este público-alvo e, somente assim, os países em desenvolvimento despertariam para a gravidade do problema e levariam seus governantes a refletirem sobre as dimensões humanas e sociais nele implicadas. (IDEM, 1996).

Naquela ocasião, no Brasil não havia “dados estatísticos fidedignos em relação aos problemas de sua população em diversas áreas” e, portanto, o Governo Federal sentiu-se na obrigação de promover ações, a partir do conhecimento deste universo, a fim de melhorar sua imagem social perante a ONU. Esse foi o motivo pelo qual creditou-se ao movimento da ONU o marco inicial das questões relacionadas à pessoa com deficiência no âmbito brasileiro, de acordo com Araújo (1996, p.22).

Em decorrência disso, surgiu um movimento na área da Educação Física denominado Esporte Para Todos (EPT), cuja finalidade era propiciar a toda população atividades físicas em locais abertos, em áreas livres, onde fosse possível improvisar ou adaptar atividades, exercícios, jogos e campeonatos. O movimento se espalhou por todo o país, resultando na realização de vários eventos científicos e produções literárias voltadas para a prática de atividades físicas recreativas e

esportivas para pessoas com deficiência. (IDEM, 1996).

Conforme Valente (1996, p.138), o Esporte Para Todos foi implantado no Brasil com propostas alternativas e menos formais, surgindo como “uma espécie de elemento estimulador, tanto para a Educação Física quanto para o Esporte desenvolverem práticas mais popularizadas, nas comunidades e, também, pelas comunidades”. Com isso, o EPT “foi definido oficialmente no Brasil, como “Desporto de Massa”, pela Lei 6.251 de 08/10/1975”. (VALENTE, 1996, p.142).

Todavia, foi no II Congresso Brasileiro de Esporte Para Todos que o governo brasileiro despertou interesse nesta questão, em virtude da presença de autoridades educacionais no Congresso, pois a Secretaria de Educação e Desporto (SEED), do governo do Presidente João Figueiredo, havia detectado a ausência de uma política voltada para as questões da Educação Física e do Desporto para deficientes. (ARAÚJO, 1996).

De fato, na década de 1970 o governo brasileiro elegeu a Educação Especial como prioridade e criou o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), na Secretaria de Educação Especial (SESPE), do Ministério de Educação Esporte e Cultura (MEC). E foi a partir dos dados levantados pelo “Projeto Integrado” desenvolvido pelo CENESP, o qual explicitou o descaso com a população deficiente, que foi criado o Comitê Nacional de Ação Conjunta, cujo objetivo era definir caminhos que contribuíssem para a efetiva integração social das pessoas com deficiência, com problemas de conduta e superdotadas. (IDEM, 1996).

Nesse momento, foi criada também a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE), com a finalidade de se estabelecer um mecanismo de interação entre todos os órgãos governamentais, visando a conduzir as ações na direção da integração da população com deficiência. (IDEM, 1996).

Dessa forma, a CORDE tornou-se o primeiro órgão governamental a tratar do desporto para deficientes, tendo entre suas propostas o desporto como agente de integração da pessoa com deficiência, conforme afirma Araújo (1996).

No início dos anos 1980, o desporto estava a cargo da Secretaria de Educação Física e Desporto (SEED), do Ministério de Educação e Cultura (MEC), a qual era responsável pela aprovação dos estatutos dos clubes, das associações, das confederações, entre outros assuntos relativos às práticas esportivas, através do Conselho Nacional de Desportos (CND). (IDEM, 1996).

Em novembro de 1985, no Governo do Presidente José Sarney, foi lançado o Plano Nacional de Ação Conjunta para a Integração da Pessoa Deficiente e, no campo do paradesporto, foram tomadas medidas no sentido de incentivar a prática esportiva para deficientes, fixando uma política de atendimento. Entre as metas a serem cumpridas, estava a organização de uma comissão para tratar do apoio à preparação da Seleção Brasileira para as Paralimpíadas de Seul (1988), a qual foi de inteira responsabilidade da CORDE, como revela Araújo (1996).

Mas, para que o Brasil pudesse participar das Paralimpíadas, houve a necessidade de se criar uma estrutura que institucionalizasse a prática dos paradesportos no país que, naquele momento, ainda era incipiente, de desenvolvimento lento, pouco profissional e carente da existência de um órgão governamental que orientasse e regulamentasse as ações das entidades criadas para a prática esportiva. (BEGOSSI; ZARPELLON, 2016)

De acordo com Araújo (1996), o ponto de institucionalização eficaz do desporto para pessoas com deficiência em nosso país aconteceu no Governo do Presidente Fernando Collor de Mello, no início de 1990, com o lançamento do Plano Plurianual (1990/1995), que previa a criação da Secretaria de Desporto da Presidência da República, ligada ao Gabinete do Presidente, que contaria em seu organograma com o Departamento de Desporto das Pessoas Portadoras de Deficiências, para atender às reivindicações desse segmento da população.

Em 12 de abril de 1990 foi criada a Secretaria dos Desportos, através da Lei nº 8.028, cujo objetivo era dar relevância ao desporto brasileiro como um direito de todos os cidadãos e como um instrumento de melhoria da qualidade de vida da população. Os princípios que nortearam os programas e projetos desta Secretaria foram, fundamentalmente, a igualdade de todos no acesso às atividades esportivas e a liberdade de prática individual, sem qualquer discriminação. (IDEM, 1996).

Cabe ressaltar que os secretários responsáveis por esta pasta foram os ex-atletas Arthur Antunes Coimbra – Zico (Futebol) e Bernard Rajzman (Vôlei), que compuseram a Secretaria dos Desportos durante os seus dois anos de existência. (BRASIL, 2021).

Com o *impeachment* do Presidente Collor, as ações do Governo Itamar Franco mantiveram o apoio às realizações de eventos e de capacitações técnicas para o desporto, porém a estruturação do esporte tomou outra configuração. A Secretaria de Esporte da Presidência da República voltou para o Ministério da

Educação e Cultura e foi transformada em Departamento de Esporte para as Pessoas Portadoras de Deficiências, sob coordenação do Departamento de Desporto Sociocultural do MEC, segundo Araújo (1996).

No ano de 1994 foi criada uma Comissão Provisória ligada à Secretaria de Desportos da Presidência da República (SEDES/PR), cujo objetivo era elaborar uma minuta estatutária, visando à criação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Como resultado do trabalho dessa Comissão, foi criado o CPB no dia 9 de fevereiro de 1995.

No mesmo ano de 1995, o Presidente Fernando Henrique Cardoso criou o Ministério de Estado Extraordinário dos Esportes, nomeando o ex-jogador de futebol Édson Arantes do Nascimento – Pelé para ministro, elevando o status da prática esportiva no país, mantendo, todavia, a estrutura da Secretaria de Desportos do Ministério da Educação com o objetivo de prestação de serviços de apoio técnico e administrativo. (BRASIL, 2021b).

Prosseguindo, a partir de 1998, a organização dos esportes brasileiros ganhou novas possibilidades de crescimento e desenvolvimento através da Lei nº 9615 de 24 de março de 1998 – Lei Pelé, que, entre outras disposições, previu a submissão das entidades aos aspectos formais da nova lei, inspirada “nos fundamentos constitucionais do Estado Democrático de Direito” (art.1º); na regulação nacional e internacional das regras de prática esportiva por modalidade (Art.1º, § 1º); na adoção de um sistema nacional de desporto em sintonia com sistemas estaduais e municipais (art.4º, inciso IV); na organização esportiva fundada na liberdade de associação (art.4º, § 2º), entre outras (BRASIL, 1998). Após o advento da citada lei, as entidades voltadas à organização de práticas esportivas passaram a se constituir com base nela, aumentando o nível de organização institucional da prática esportiva formal no país. (IDEM, 1998).

Nesse contexto, com a finalidade de dar dinamismo e independência administrativa ao Ministério Extraordinário dos Esportes, a Secretaria de Desportos é transformada no Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto (INDESP), desvinculando-se do MEC. (BRASIL, 2021b)

O INDESP implementa cinco Programas esportivos, quais sejam:

1. Mobilização da Sociedade pela Ação Desportiva Comunitária;
2. Desenvolvimento e Difusão Científica e Tecnológica do Desporto;
3. Promoção do Desporto de Rendimento;

4. Assistência ao Atleta Profissional e em Formação;
5. Fomento ao Desporto dos Estados e do Distrito Federal. Assim, a pessoa com deficiência passa a ser beneficiada por todos eles, exceto pelo de número quatro, configurando que não havia um programa específico direcionado a esta população, mas, sim, uma filosofia que a incluía em uma política esportiva geral. (ARAÚJO, 1996)

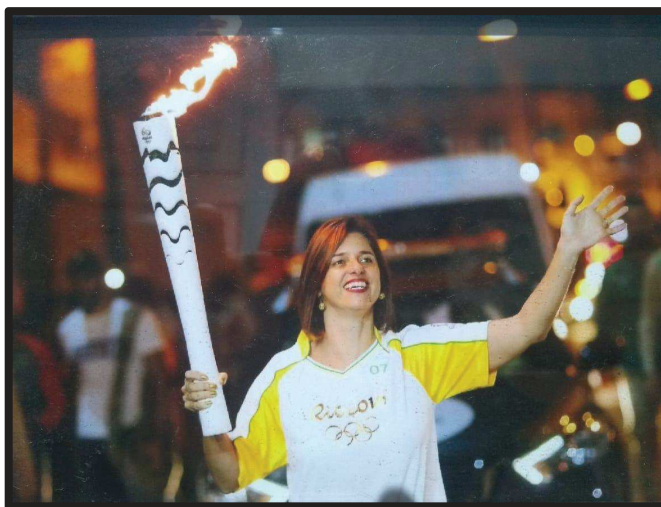
Em 31 de dezembro de 1998, o Ministério do Esporte foi fundido ao de Turismo pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, em seu segundo mandato, através da Medida Provisória nº 1.794-8 e o INDESP passando, então, a ser vinculado a este órgão. (BRASIL, 2021b).

Em outubro de 2000, o INDESP é extinto, tendo sido substituído pela Secretaria Nacional de Esporte, com o ex-atleta Lars Schmidt Graef (Vela) assumindo a função de Secretário. (IDEM, 2021b). Em janeiro de 2003, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) cria o Ministério do Esporte, que foi ocupado por Agnelo Queiroz e, em 2006, interinamente, por Orlando Silva Júnior, considerado o mais jovem ministro do Brasil, com 34 anos, permanecendo na pasta até 2011. Antes de assumir o Ministério, Orlando Silva havia exercido o cargo de Secretário Nacional de Esporte e de Secretário Nacional de Esporte Educacional. (IDEM, 2021b)

Em janeiro de 2019, no início do governo do Presidente Jair Bolsonaro, “o Ministério do Esporte foi transformado em Secretaria Especial do Esporte, dentro da estrutura do novo Ministério da Cidadania”, tendo como secretário o professor de Educação Física Marco Aurélio Vieira. O secretário foi técnico de Pentatlo Moderno e atleta de natação e polo aquático da Academia das Agulhas Negras (AMAN), onde atuou como diretor-executivo de Operações dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio de Janeiro/2016, além de ter participado do planejamento e da execução do revezamento da Tocha Olímpica pelas cinco regiões do país. (IDEM, 2021b).

É importante ressaltar que o revezamento da Tocha Paralímpica no Brasil foi um marco na vida de várias pessoas envolvidas com o paradesporto, proporcionado o coroamento de toda uma trajetória no meio esportivo, como podemos exemplificar com a fala de um sujeito desta pesquisa:

- S12 (HALTEROFILISMO) –*“Em 2016, eu não fui pra Paraolimpíada do Rio, porque fiz uma cirurgia e eu chorei muito, porque eu tinha me preparado tanto... e queria estar lá. Mas eu fui a condutora da Tocha Olímpica e Paralímpica e tenho as duas em casa, é o meu orgulho...”*

Fotografia 44: Revezamento da Tocha Paralímpica

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2016)

Portanto, até o presente momento, o governo brasileiro vem atuando no processo de institucionalização do desporto para pessoas com deficiência através da instituição de leis, como a Lei nº 8.672 de 06/07/1993, que estabelece normas sobre a estruturação do desporto nacional – Lei Zico; a Lei nº 9.615 de 24/03/1998, que institui normas gerais sobre o desporto nacional - Lei Pelé; a Lei nº 5.139 de 12/07/2004, que dispõe sobre a aplicação dos recursos financeiros ao esporte – Lei Agnelo/Piva; a Lei nº 10.891, de 09/07/2004, que institui a Bolsa-Atleta; a Lei nº 11.438 de 29/12/2006 - Lei de Incentivo ao Esporte e a Portaria de nº 341, de 15/12/2017, que estabelece parâmetros de utilização de recursos públicos para a realização de despesas administrativas necessárias ao cumprimento das metas pactuadas pelo COB, o CPB e suas entidades filiadas, dentre outras legislações que possibilitaram e ainda possibilitam a participação do Brasil em competições internacionais em iguais condições dos demais países.

Diante disso, podemos afirmar que o desporto para pessoas com deficiência vem se firmando gradativamente no tempo, através da evolução legislativa apresentada e das diversas propostas de atuação governamentais existentes, mais ainda sem uma política pública específica que envolva todos os indivíduos com deficiência, para proporcionar um melhor desenvolvimento do paradesporto no país. (REIS; MEZZADRI; SILVA, 2017).

5 ALGUNS APONTAMENTOS HISTÓRICOS DO PARADESPORTO NO BRASIL E NO MUNDO

Buscando conhecer o paradesporto em sua totalidade, descrevemos a trajetória histórica cronológica de maior relevância desse movimento esportivo, considerando as modalidades oficiais e a não oficial de maior inserção feminina, a partir dos princípios da história factual, apresentando os principais autores que abordam essa temática.

TRAJETÓRIA DO PARADESPORTO

A tarefa de fixar a origem do paradesporto no tempo e na história não é das mais simples, em virtude das divergências literárias em relação aos seus primórdios. Porém, há consenso no sentido de que o início das atividades voltadas para pessoas com deficiência ocorreu após as duas grandes guerras mundiais.

Segundo Araújo (1996, p.16), “a origem do desporto adaptado é de difícil localização no tempo e na literatura”, embora o autor considere como ponto de partida e de referência para os esportes praticados atualmente, o momento pós II Guerra Mundial, mesmo havendo registros desta prática anteriormente. Contudo, Ferreira (1998, p.33) relata que “logo após a I Guerra Mundial foram criados programas de assistência ampla a pessoas deficientes que logo se transformaram em centros de reabilitação, atendendo aos mutilados da guerra e às pessoas defeituosas”.

A mesma autora (1998, p.33) considera que, em 1918, os países desenvolvidos já davam assistência completa aos combatentes mutilados na guerra, como, por exemplo, os Estados Unidos, que “elaboraram um programa para atender aos seus soldados, intitulado Educação Física Corretiva, que era uma proposta de reabilitação desenvolvida separadamente da Educação Física”. Ainda em 1918, foi aprovada a Lei *Vocational Rehabilitation Act* nos EUA, que garantia aos militares condições de participação em programas de reabilitação para o trabalho e, em 1920, a Lei *Fess-Kenyon Civilian Vocational Rehabilitation Act* veio para autorizar pessoas com deficiência física e civis a participarem desses programas. (IDEM, 1998).

Porém, na década de 30, todos os programas de reabilitação perderam suas funções, devido ao colapso econômico que provocou uma grande onda de

desemprego entre os americanos, todavia, os serviços de atendimento social continuaram a dar orientação aos necessitados. (SILVA, 1986). Após a II Guerra Mundial, os programas de reabilitação tanto para militares como para civis foram se consolidando. Vários governos implementaram seus serviços de reabilitação voltados para o tratamento dos soldados lesionados e, nesse contexto, nasceram os esportes para as pessoas com deficiência na Europa e nos Estados Unidos da América, de acordo com Araújo (1996).

Nessa perspectiva, a II Guerra Mundial passa a ser um marco de grande relevância social para as pessoas com deficiência física, uma vez que centros de reabilitação foram criados, leis foram estabelecidas e estudos começaram a ser desenvolvidos, constituindo-se em avanços nas áreas da medicina, da fisioterapia, da psicologia, do esporte, dentre outros, conforme Ferreira (1998).

Sendo assim, a autora (1998) comenta que, aos poucos, os esportes foram sendo introduzidos como parte dos programas de reabilitação dos hospitais, no sentido de auxiliar o tratamento terapêutico, através de jogos em cadeira de rodas. Este foi o caso do basquetebol, cujos jogadores veteranos da guerra adaptaram as regras e os regulamentos dessa modalidade, organizaram vários times, tornando o basquete o primeiro esporte regulamentado em cadeira de rodas, com seu primeiro campeonato oficial acontecendo nos Estados Unidos em 1949.

Contraopondo ao fato de que os deficientes físicos foram os pioneiros no cenário esportivo, Araújo (1996) afirma que os primeiros atletas a se apresentarem no esporte foram os deficientes auditivos, ainda no século XIX, iniciando nas escolas do Estado de Ohio e no Estado de Illinois (EUA), com o beisebol para surdos em 1870 e o futebol em 1885, respectivamente.

No final do século XIX, o futebol para surdos tornou-se o esporte majoritário para muitas escolas para deficientes auditivos e, em 1906, a escola de Wisconsin passou a oferecer o basquetebol. As equipes das escolas para surdos competiam entre si e com outras equipes de escolas regulares. Porém, a primeira competição internacional de futebol para surdos aconteceu em Paris/FR, em 1924, reunindo competidores de nove nações nos chamados "Jogos do Silêncio". (IDEM, 1996).

Em 1945, a Associação Atlética Americana para Surdos (AAAD) foi estabelecida para providenciar, sancionar e promover oportunidades de competições esportivas para essas pessoas. (IDEM, 1996). Já o primeiro registro de competição formal para deficientes visuais aconteceu nos EUA, entre alunos das escolas para

cegos de Overbrook e Baltimore, em 1907. (IDEM, 1996). Contudo, o autor (1996) prossegue afirmando que, no ano de 1918, na Alemanha, os mutilados da I Guerra Mundial buscaram na prática esportiva o alívio dos horrores da guerra e do tédio das longas internações a que eram submetidos. Entretanto, esses alemães não conseguiram dar continuidade a esta prática, que decaiu após as altas hospitalares. O mesmo fato se repetiu no Reino Unido, em 1932, em Glasgow, com a formação de uma Associação de Jogadores de Golfe para amputados unilateralmente de membros superiores. Nesta mesma época, Carl Dlem e Wall Wilt tentaram reativar a iniciativa da prática esportiva iniciada na Alemanha em 1918, porém não obtiveram êxito.

Dessa forma, a prática esportiva para deficientes físicos passou a ser efetivada com sucesso apenas em 1944, durante a reabilitação dos soldados envolvidos na segunda grande guerra. Na ocasião, acreditava-se no esporte não apenas como um valor terapêutico, mas como um acelerador do processo de reabilitação, por possuir o poder de restabelecer ou estabelecer novos caminhos e de possibilitar uma maior interação das pessoas com deficiência. (IDEM, 1996)

A partir desse momento, surgiu o primeiro programa de esporte em cadeira de rodas, introduzido pelo médico neurologista alemão, Dr. Guttmann, no Hospital de Stoke Mandeville, em 1945, com o objetivo de trabalhar o tronco e os membros superiores dos pacientes, bem como diminuir o tédio da vida hospitalar, na concepção de Araújo (1996).

Neste local, durante um ano de trabalho, o Dr. Guttmann conseguiu preparar seis paraplégicos para o mercado de trabalho, como também lhes proporcionou a oportunidade de competirem tanto na vida quanto nos esportes. Em 1948, com a expansão deste programa, foram acrescentados os esportes de boliche na grama, tênis de mesa e arremesso de peso e, em 1960, foram introduzidas as modalidades de natação, esgrima e sinuca (snooker), segundo Ferreira (1998).

Já nos Estados Unidos, Winnick (1990) relata que Benjamin H. Lipton, diretor do *Joseph Bulova School of Watchmaking*, foi o pioneiro na formação e treinamento de deficientes para o mercado de trabalho e para o esporte. Lipton iniciou com um programa esportivo para deficientes físicos da América do Norte e, em 1946, uma equipe de atletas de basquete em cadeira de rodas da Califórnia fez uma excursão pelo país, com a finalidade de difundir o esporte e despertar o interesse de ex-combatentes.

Com isso, no período de 1946 a 1948, Lipton associou-se ao professor Timothy Nugent, diretor do Student Rehabilitation da Universidade de Illinois, para dedicar-se ao treinamento de equipes de basquete em cadeira de rodas, tendo, por consequência, um aumento no interesse pelo esporte não somente de veteranos de guerra, mas de civis incapacitados por paraplegia, por sequela de poliomielite, por amputação e outras causas. (IDEM, 1990).

O mesmo autor (1990) ainda ressalta que, em 28 de junho de 1948, aconteceram os primeiros jogos de Stoke Mandeville, sob a direção do Dr. Guttmann, que passou a sonhar com a realização de uma olimpíada especial, de caráter internacional e equivalente aos Jogos Olímpicos, num momento em que as pessoas consideravam os deficientes como vítimas infelizes e um peso para a sociedade. Os Jogos entusiasmaram tanto os profissionais do hospital de Stoke Mandeville quanto os pacientes, que logo começaram a elaborar os primeiros regulamentos do evento.

Nessa primeira edição dos Jogos de Stoke Mandeville, houve a participação de 16 atletas ingleses com lesão medular, sendo 14 homens e duas mulheres, nas modalidades de tiro-ao-alvo, arremesso de dardo e arco-e-flecha em cadeira de rodas. A competição tornou-se o marco inicial do movimento de esportes para pessoas com deficiência e o símbolo do início das disputas esportivas entre eles, segundo Cidade (2004).

De acordo com Araújo (1996, p.21), o sucesso desses jogos “não só contribuiu para o desenvolvimento das atividades do esporte competitivo, como também para o conhecimento sobre as habilidades dos lesados medulares”, o que ajudou na formação da Organização Internacional de Esporte para Deficientes, a International Stoke Mandeville Wheelchair Games Federation (ISMWGF), em 1949.

O citado autor (1996) também revela que, em 1950, houve um intercâmbio entre a Inglaterra e os Estados Unidos, representado pela reunião do Dr. Guttmann com Benjamin Lipton, para se discutir e incrementar o desporto em cadeira de rodas. Na ocasião, Guttmann convidou uma equipe Norte Americana para participar dos Jogos de Stoke Mandeville, que passaram a ser realizados anualmente.

Assim, os primeiros jogos internacionais foram realizados na localidade inglesa de Stoke Mandeville, no ano de 1952, com a participação de 130 atletas e de uma equipe Holandesa, totalizando três países integrantes no evento. A sua realização foi considerada um sucesso, tendo por objetivo precípuo congregar

homens e mulheres deficientes de várias partes do mundo. (IDEM, 1996).

Todavia, foi somente a partir de 1956 que os Jogos de Stoke Mandeville passaram a ser reconhecidos oficialmente pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). Em 1957, a sua 6ª edição contou com uma infraestrutura bastante ampliada, que proporcionou conferir ao evento a condição de competição internacional do continente Europeu, no ano seguinte, e, por consequência, a denominação de Jogos Internacionais de Stoke Mandeville. (IDEM, 1996). Mas somente no ano de 1960 o Dr. Guttmann concretizou seu sonho idealizado em 1948, que era realizar um evento com o mesmo impacto de uma Olimpíada, quando os 9º Jogos de Stoke Mandeville, realizados em Roma, aconteceram imediatamente após o encerramento dos Jogos Olímpicos. Esta competição contou com a participação de 230 atletas com deficiência, de 23 países, e contou também com o apoio do Comitê Olímpico Italiano. (IDEM, 1996)

Ainda conforme Araújo (1996), este evento marcou o início do envolvimento político e social de autoridades e personalidades no âmbito esportivo, concretizado pela presença da primeira-dama italiana como madrinha dos Jogos e pelo recebimento de todos os participantes da competição pelo Papa João XXIII, em audiência pública concedida na Cidade do Vaticano. Já em 1964, nos Jogos de Stoke Mandeville em Tóquio, contou-se com as presenças do príncipe e da princesa do Japão no cerimonial de abertura, tendo como participantes da competição 450 atletas com deficiência de 25 países.

Cabe ressaltar que no ano de 1964, surgiu a 2ª organização internacional para dirigir o desporto para deficientes, denominada ISOD (Internacional Sports Organization for the Disabled) e que, em 1985, exatos 25 anos de realização do sonho do Dr. Guttmann, as competições de Stoke Mandeville passaram a ter o nome de "Jogos Paraolímpicos", determinando os jogos realizados logo após o Olímpico, na mesma vila olímpica, com ocorrência de quatro em quatro anos. (ARAÚJO, 1996).

Segundo Cidade (2004), o caminho percorrido para se chegar à denominação "Paraolímpico" teve seu início em 1972, quando o Dr. Guttmann pretendeu que os jogos se chamassem "As Olimpíadas dos Paralisados" (The Olympics of the Paralysed). Porém, como já era esperada a participação de atletas com outros tipos de deficiência física, em 1976, no Canadá, os jogos ficaram conhecidos como "A Olimpíada dos Deficientes Físicos" (The Olympiad for the Physical Disable), mas

esse termo nunca foi aceito pelo Comitê Olímpico Internacional (COI).

Foi nos Jogos de 1984, oito anos mais tarde, que o COI concordou e aprovou a proposta de Robert Jackson, então presidente do ISMG (International Stoke Mandeville Games), de que a denominação dos jogos se tornasse "Paralympics", cujo prefixo "para" fizesse referência à paraplegia. Em fevereiro de 1985, o Comitê Coordenador Internacional (ICC) aceitou os termos do COI e concordou em substituir os "Jogos Olímpicos para Deficientes" (Olympics Games for the Disabled) por "Jogos Paraolímpicos" (Paralympics Games). (IDEM, 2004). Contudo, devido a problemas de organização do comitê mexicano, que preparou os Jogos Olímpicos de 1968, esses Jogos foram realizados pela primeira vez em outro país, sendo em Tel Aviv. Para tanto, foi construído em Israel o primeiro complexo esportivo adaptado do mundo, abrigando neste evento 750 atletas de 29 países. (ARAÚJO, 1996).

Já em 1972, a cidade de Munique, na Alemanha Ocidental, por problemas políticos não relatados, também não foi a cidade sede dos jogos para deficientes e, devido à falta de acessibilidade na Vila Olímpica, todos os jogos aconteceram em Heidelberg, no mesmo país. Esses Jogos foram presididos pelo Presidente da República Federativa da Alemanha, Gustav Helnemann, e contou com a participação de 1004 atletas de 42 países. (IDEM, 1996).

Na sequência, o mesmo fato se repete nas Olimpíadas do Canadá, em 1976, com a não realização dos jogos no mesmo local. Os Jogos Olímpicos ocorreram em Montreal e as Olimpíadas dos Deficientes Físicos em Toronto, com a integração de outras categorias de deficiência. Pela primeira vez foram realizados eventos para deficientes visuais, amputados, pessoas com lesão medular, entre outros, totalizando 1657 atletas de 40 países. Esta edição também foi marcada pelo primeiro boicote da história dos Jogos, por existir uma "rejeição internacional ao evento pela participação da África do Sul, que vivia o regime do Apartheid". (JOGOS PARALÍMPICOS, 2020).

De acordo com Winnick (1990), nesta mesma época, foi criada a Associação dos Estados Americanos para Atletas Cegos (USABA), nos Estados Unidos, com o intuito de promover competições em níveis regionais, nacionais e internacionais para este público. Em 1980, os Jogos Olímpicos foram realizados em Moscou, na antiga União Soviética, e os Jogos para pessoas com deficiência na cidade de Arnheim, na Holanda, uma vez que este país se prontificou a realizar e patrocinar o evento. Nesta edição Paraolímpica, houve a participação de 1973 atletas de 43 países e foi

a última com a participação do Dr. Guttmann, que faleceu no mesmo ano, representando uma grande perda para o movimento e para todas as pessoas com deficiência. (IDEM, 1990).

A partir da década de 1980, com o crescimento da participação de atletas nos Jogos Paraolímpicos e com as mais diversas deficiências, surgiu a necessidade de se implementar medidas que assegurassem as individualidades e igualdades nas competições. Dessa forma, houve o desmembramento em diferentes organizações, cada qual respondendo por uma deficiência específica, já que, até então, a International Sports Organization for the Disabled (ISOD) era a entidade responsável por todas elas. (ARAÚJO, 1996).

Assim, os deficientes visuais se organizaram através da International Blind Sports Association (IBSA) e os paralisados cerebrais através da International Sports and Recreation Association (CP-ISRA), diante da necessidade de se estabelecer regras coerentes para cada tipo e grau de deficiência. (IDEM, 1996).

Retomando a trajetória histórica dos Jogos, em 1984, as Olimpíadas foram realizadas na cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos, e os Jogos Paraolímpicos estavam para ser realizados na cidade de Illinois, dentro de uma nova configuração. Porém, por dificuldade dos organizadores em viabilizar a realização deste evento naquele local, os jogos em que participaram os deficientes físicos em cadeira de rodas foram realizados em Stoke Mandeville, na Inglaterra, e os demais, entre participantes com outras deficiências, na cidade de Nova York, totalizando 2910 atletas de 86 países em toda a competição. (IDEM, 1996)

Foi somente a partir de Seul, em 1988, que os jogos para pessoas com deficiência retomaram sua realização no mesmo local das Olimpíadas, demonstrando que o movimento esportivo havia se estabilizado e que os próximos países candidatos às Olimpíadas teriam que prever este evento com a extensão das Paraolimpíadas, para serem atendidos como país-sede dos Jogos. (JOGOS PARALÍMPICOS, 2020).

Portanto, foi em Seul o maior avanço para o movimento Paraolímpico, sendo esta edição considerada a maior de todos os tempos, a mais bem organizada e o ponto crucial na história dos Jogos Paraolímpicos, pois, diante de 75 mil pessoas, a nova bandeira paraolímpica foi apresentada ao presidente do Comitê Internacional de Coordenação, Dr. Jens Bromann. Também, pela primeira vez na história, houve o revezamento da tocha paraolímpica, tornando-se um ato compulsório desde então,

bem como as cerimônias de abertura e de encerramento dos Jogos passaram a ser realizadas no Estádio Olímpico. (IDEM, 2020).

Um ano mais tarde, em 22 de setembro de 1989, o IPC (Comitê Paraolímpico Internacional) foi oficialmente criado e designado como o representante dos princípios das organizações esportivas internacionais para atletas com deficiências, em substituição ao ICC (Comitê Coordenador Internacional), tendo, em sua composição, representantes de 174 países e sua sede em Bonn, na Alemanha. A missão do IPC era, e ainda é, “permitir que os atletas paraolímpicos alcancem a excelência desportiva e inspirem e excitem o mundo”. (IPC, 2020). Essa mudança de Comitê foi mais do que uma simples troca de nome, foi uma mudança de filosofia e de busca de equiparação com o movimento Olímpico Internacional, assim revela Araújo (1996).

Em 1992, a cidade espanhola de Barcelona sediou os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, apresentando um novo conceito. O Comitê Organizador entendeu que, para as competições paraolímpicas, seria necessário diminuir o número de atletas e aplicar regras de classificação mais restritas. No início, houve muita controvérsia, mas essa nova regra simplificaria e elevaria o nível da competição, que contou com 3001 atletas de 83 países (56 atletas a menos e 22 países a mais que em Seul). (JOGOS PARALÍMPICOS, 2020).

Esta Paraolimpíada também foi a primeira a ser transmitida ao vivo para o país-sede, bem como atingiu o esgotamento de vendas dos 120 mil ingressos disponíveis para as cerimônias de abertura e de encerramento. Estas cerimônias foram assistidas por milhões de telespectadores em todo o mundo e contou com a presença de pessoas ilustres, como o Rei e a Rainha da Espanha, além do presidente do COI e do prefeito local, que era favorável à realização dos Jogos. (IDEM, 2020). Neste mesmo ano, 1992, aconteceram os primeiros Jogos para Deficientes Mentais, realizados imediatamente após os Jogos Paraolímpicos regulares, em Madrid. Mais de 1400 participantes de 74 países estiveram presentes no evento, que contou com cinco modalidades esportivas. A Associação Nacional de Administração de Enfermagem da Espanha (ANAE) se responsabilizou pela organização do evento, o qual foi sancionado pelo Comitê Internacional de Coordenação e pela Federação Internacional de Esportes para Deficientes Mentais. (JOGOS PARALÍMPICOS, 2020). Entretanto, mesmo com o sucesso desses Jogos, os deficientes intelectuais não conseguiram sua inclusão na edição de Barcelona,

apesar da solicitação da Associação Internacional de Esportes para Pessoas com Deficiência Intelectual (INAS-FID), desde 1986, para que tal fato acontecesse. Por “falta de consenso e rejeição por parte de outras três associações desportivas, a entidade teve que buscar outra alternativa”, que foi a realização do evento em uma outra cidade espanhola, em data diferente dos Jogos de Barcelona, mas sob a supervisão do mesmo comitê organizador e o uso da bandeira paraolímpica. (IDEM, 2020). Apesar do não reconhecimento desses Jogos como uma extensão dos Jogos Paraolímpicos de Barcelona, “no contrato de transição entre o ICC e o IPC assinado em 6 de outubro de 1990 existe referência a ‘três sedes’ dos Jogos Paraolímpicos daquele ano (em Albertville, Barcelona e Madri)”. (IDEM, 2020)

Nos Jogos Paraolímpicos de Atlanta, em 1996, a edição foi marcada pela inclusão oficial dos deficientes intelectuais nas modalidades de atletismo e natação. Além disso, o Comitê Organizador Paraolímpico de Atlanta (APOC), juntamente com o IPC, no intuito de ampliar o apelo dos Jogos e de traçar paralelos entre a excelência nos esportes e nas artes, incluiu uma Paraolimpíada Cultural ao evento, mostrando o trabalho de artistas com deficiência em várias disciplinas criativas, como na dança, na música, nas artes visuais, no cinema e no teatro. Nesta edição dos Jogos, houve a participação de 3259 atletas de 104 países. (JOGOS PARALÍMPICOS, 2020)

Ao completar 40 anos de Jogos Paraolímpicos, o evento esportivo rompeu mais uma marca ao ser realizado pela primeira vez no hemisfério sul, em Sydney, na Austrália, por contar com 3879 atletas (2.889 homens e 990 mulheres) de 132 países, em 550 provas disputadas em 19 modalidades esportivas e pela quebra de mais de 300 recordes mundiais e paralímpicos. (PARALYMPIC GAMES/IPC, 2021). Do ponto de vista organizacional, os Jogos de Sydney (2000) foram marcantes por contar com um número recorde, de cerca de 1,2 milhão de ingressos vendidos, tendo o Comitê Organizador se beneficiado de uma série de recursos compartilhados com as Olimpíadas. Em Sydney, foram vendidos 70% a mais dos ingressos vendidos em Atlanta, apesar da dificuldade de venda num primeiro momento. (IDEM, 2021).

No ano anterior aos Jogos de Sydney, o Primeiro-Ministro Australiano, John Howard, conclamou e incentivou todos os nativos a apoiarem as Paraolimpíadas e os atletas australianos, afirmando em nota de imprensa: “Eu encorajo todos os australianos a comprar ingressos paraolímpicos para aquele que será o segundo

maior evento esportivo do mundo em 2000” e continuou, [...] “ao comprar ingressos paraolímpicos, todos os australianos podem vivenciar em primeira mão o sucesso de nossos atletas de classe mundial”. (PM TRANSCRIPTS, 1999).

O Primeiro-Ministro ainda seguiu revelando que:

o Governo de Coalizão está fornecendo apoio significativo aos Jogos Paraolímpicos, incluindo a extensão da passagem da tocha paraolímpica a todas as capitais estaduais e territoriais, bem como assistência financeira para ajudar crianças em idade escolar de todo o país a experimentar a emoção e as conquistas das Paraolimpíadas. (PM TRANSCRIPTS, 1999).

Desse modo, cerca de 2300 correspondentes do mundo todo estiveram em Sydney para cobrir os Jogos, que também apresentaram tecnologias novas, como o *Webcast* na Internet, atingindo o acesso de usuários de 103 países. “O site oficial dos Jogos atraiu cerca de 300 milhões de acessos únicos durante os dez dias dos Jogos”. (JOGOS PARALÍMPICOS, 2020).

Já em Atenas, na Grécia, no ano de 2004, a edição foi marcada por ter sido sediada pelo país berço dos Jogos Olímpicos e também por ser a primeira edição que o conceito "uma cidade, dois eventos" foi praticado, em razão do mesmo comitê organizador atender tanto aos Jogos Olímpicos quanto aos Paraolímpicos. (IDEM, 2020). Neste momento, o nome “Paraolímpico” não mais fazia referência à paralisia ou paraplegia e, sim, aos jogos após as Olimpíadas, acontecendo na mesma localidade, uma vez que em Grego o prefixo “para” significa “ao lado” ou “paralelo” e, portanto, esses Jogos se realizam paralelamente aos Olímpicos e ilustram o modo como os dois movimentos existem lado a lado. Um outro fato sem precedentes desta edição foi o Projeto “ERMIS”, pioneiro na iniciativa de acessibilidade nas sedes desportivas e na cidade-sede como um todo. (JOGOS PARALÍMPICOS, 2020).

Durante os Jogos, a Vila Paraolímpica registrou 3806 atletas, num total de 1160 mulheres em competição, com estreia delas no Vôlei Sentado e no Judô. Além disso, foram adicionadas ao evento as modalidades de Futebol de 5 (para deficientes visuais) e Tênis de Mesa em Cadeira de Rodas (para paraplégicos). (IDEM, 2020).

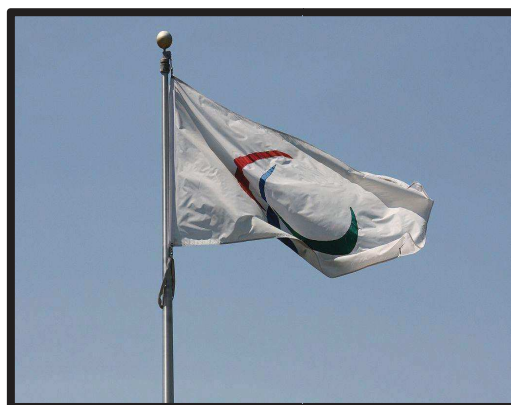
Na Cerimônia de Encerramento dos Jogos de Atenas, o novo logotipo do IPC e a nova bandeira Paraolímpica, com os três "agitos" nas cores vermelho, azul e verde, foram revelados ao mundo. Os agitos foram constituídos por cores que estão presentes, em pelo menos uma vez, nas bandeiras de qualquer país, bem como estão relacionados ao lema do IPC, qual seja: "Espírito em Movimento". Ao final do encerramento, o presidente do Comitê Paraolímpico Internacional, Philip Craven, entregou a bandeira paraolímpica ao vice-prefeito da próxima cidade-sede, Liu Jingmin, de Pequim. (IPC, 2020).

Fotografia 45: Novo Logotipo do IPC



Fonte: IPC (2020)

Fotografia 46: Nova Bandeira Paralímpica



Fonte: IPC (2020)

Em Pequim (2008), pela primeira vez os Jogos Olímpicos e Paralímpicos compartilharam o mesmo slogan ("*One World, One Dream*"), o emblema "Céu, Terra e Humanidade" e "uma figura estilizada de um atleta em movimento, que, para os Jogos Paralímpicos, representou os enormes esforços que uma pessoa com uma deficiência tem que fazer para estar inclusa no esporte e na sociedade". (JOGOS PARALÍMPICOS, 2020).

Fotografia 47: Slogan da Paralimpíada de 2008**Fotografia 48:** Emblema de 2008

Fonte: Internet – www.google.com/imagens - Acesso em 25/05/21

Nesta edição, foram disputadas 472 provas, sendo 47 a menos que em Atenas, em decorrência das alterações no processo de classificação funcional dos atletas. Entretanto, o número de atletas e de países participantes no evento aumentou. A Vila Paraolímpica registrou 3951 atletas de 146 países, com a estreia de Burundi, Gabão, Geórgia e Haiti, como também a participação da Sérvia e de Montenegro como nações independentes, em disputas nas 20 modalidades esportivas, contando com a inclusão do Remo. (IDEM, 2020).

O canal oficial de TV do IPC, na internet, foi usado pela primeira vez, oportunizando aos interessados assistirem os jogos de qualquer lugar e em qualquer dispositivo. Em relação às redes sociais, a parceria com o YouTube promoveu várias ações relativas ao Movimento Paraolímpico, permanecendo durante todo o evento em primeiro lugar na categoria dos “mais vistos”. (IDEM, 2020).

Nos Jogos de Londres, em 2012, houve o retorno do evento a sua casa natal, a vila britânica de Stoke Mandeville, depois de ter sido sede do primeiro evento esportivo da história para pessoas com deficiência, em 1948. (IDEM, 2020). Outro fato marcante desta edição foi a participação do sul-africano, Oscar Pistorius, como o primeiro amputado duplo nos Jogos Olímpicos, semanas antes dos Jogos Paraolímpicos, causando grande expectativa a todos. Uma campanha de marketing maciça foi feita pela emissora de televisão dona dos direitos locais, acarretando uma venda sem precedentes de ingressos e de produtos licenciados. Inicialmente, o comitê organizador disponibilizou 2,5 milhões de ingressos, mas a procura foi tão intensa, que mais 200 mil ingressos foram disponibilizados e vendidos, forçando

muitas das arenas a operar na sua capacidade máxima. (IDEM, 2020).

Na Vila Paraolímpica de Londres, registrou-se 4237 atletas de 164 países, incluindo 15 estreantes, além de Trinidad e Tobago, que não participava do evento desde 1988. Houve um total de 503 disputas em 20 modalidades esportivas e, pela primeira vez, desde as Paraolimpíadas de Sydney, as provas para deficientes intelectuais foram realizadas em três esportes (atletismo, natação e tênis de mesa). “Também em 2012, os guias dos atletas cegos, os goleiros no futebol de 5, os pilotos no ciclismo e os assistentes na bocha passaram a receber medalhas, juntamente com seus atletas”. (JOGOS PARALÍMPICOS, 2020).

Os Jogos Paraolímpicos de 2012 foram transmitidos para mais de 100 países e territórios, com impacto considerável na internet e nas redes sociais. Em uma ação inédita, o IPC se juntou à Samsung e ao Youtube e criou a chamada *Samsung Bloggers*. Nela, os principais paratletas do mundo todo se tornaram "youtubers" e divulgaram o que estava acontecendo *in loco* durante os Jogos. Mais de 600 vídeos foram produzidos e acessados por mais de 300 mil pessoas. (IDEM, 2020).

Dessa forma, a Paraolimpíada de 2012 conseguiu atingir todas as metas esperadas pelos organizadores britânicos, aumentando e marcando a posição do evento em relação aos Jogos Olímpicos, o que levou o presidente do IPC, Philip Craven, a declarar que esta edição havia sido "os maiores Jogos Paralímpicos de todos os tempos". Ao final da cerimônia de encerramento dos Jogos de Londres, foi anunciada a mudança do termo “Paraolímpico”, utilizado desde 1985, ao se anunciar a realização dos Jogos “Paralímpicos” de 2016, no Rio de Janeiro. (IDEM, 2020).

Essa mudança de terminologia, com a supressão da letra “o”, havia sido determinada pelo Comitê Paralímpico Internacional (IPC), em 2011, após os Jogos Pan-Americanos de Guadalajara, no México, com o intuito de se padronizar e haver um alinhamento mundial à palavra em inglês “*paralympic*”. Assim, alguns países, entre eles o Brasil, que haviam optado pelo termo “paraolímpico” por questões linguísticas, passaram, a partir de então, a se referir aos jogos como "Jogos Paralímpicos", aos eventos como "Paralimpíadas" e aos seus como "atletas paralímpicos". (GLOBO ESPORTE, 2016).

Enfim, a última edição dos Jogos Paralímpicos aconteceu pela primeira vez na América do Sul, num país lusófono da América Latina, sendo sediado pela “Cidade Maravilhosa” do Estado do Rio de Janeiro (Brasil). Em termos de performance dos atletas, 83 países participantes retornaram com pelo menos uma

medalha, estando acima da média das edições anteriores mais próximas, o que se tornou um recorde histórico. A China permaneceu em primeiro lugar no quadro de medalhas pela quarta vez consecutiva, com 105 medalhas de ouro, enquanto que a Grã-Bretanha conquistou o segundo lugar, dobrando, praticamente, o número de medalhas de ouro em relação à edição anterior (34 em Londres e 64 no Rio). Completando os 5 melhores no *ranking* de medalhas, apareceram a Ucrânia, os Estados Unidos e a Austrália, “todos melhorando as suas participações em relação a quatro anos antes”. (JOGOS PARALÍMPICOS, 2020).

Apesar da expectativa de ficar entre os 5 melhores países no ranking, o Brasil caiu uma posição no quadro de medalhas em relação ao evento anterior (7º lugar em Londres), porém conquistou sua melhor campanha em Paralimpíadas, totalizando 72 medalhas. (IDEM, 2020).

Os Jogos do Rio 2016 contaram em seu programa com 528 provas disputadas em 22 modalidades esportivas, duas a mais que em Londres, com a adição da Canoagem e do Triatlo. Na Vila Paralímpica foram registrados 4316 atletas de 159 países, com participação de 1670 atletas mulheres e, pela primeira vez, com atletas de Aruba, Congo, São Tomé e Príncipe, Somália e Togo. Além disso, um time composto por Atletas Paralímpicos Independentes participou com dois atletas refugiados. No entanto, a delegação da Rússia foi completamente banida destes jogos, “devido a uma punição imposta pelo Comitê Paralímpico Internacional, após relatório da Agência Mundial Antidoping que apontava um programa institucional de uso de substâncias proibidas apoiado pelo governo do país”. (IDEM, 2020).

De maneira similar aos Jogos Paralímpicos de Sydney (2000), no Brasil o Comitê também desenvolveu estratégias de marketing, realizando uma campanha maciça para a venda de ingressos dos Jogos, no intuito de divulgação do paradesporto e de lotação das arenas. (PARALYMPIC GAMES/IPC, 2021).

O evento foi amplamente noticiado nas mídias impressas, televisivas e nas redes sociais, além da realização de campanhas, com o apoio do IPC, para a compra de ingressos para crianças, onde se chegou a arrecadar uma considerável quantia, que permitiu a participação de 15.000 crianças nos Jogos Paralímpicos. “O Rio 2016 e o governo do estado do Rio também se uniram para fornecer 33 mil ingressos para alunos de escolas estaduais”. (PARALYMPIC GAMES/IPC, 2021b).

A seguir, apontamos alguns fragmentos de matérias veiculadas na mídia internacional sobre as Paralimpíadas do Rio, que ilustram estratégias utilizadas na venda de ingressos e que deram uma maior visibilidade ao evento.

Quadro 21 – Fragmentos de matérias de mídias internacionais

MATÉRIAS INTERNACIONAIS
1) Uma campanha nas redes sociais está fazendo disparar a venda de ingressos para os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, que começam nesta quarta-feira (07/09). A hashtag #FillTheSeats (Preencha os assentos) incentiva a doação de ingressos a jovens para conferir as competições na Cidade Olímpica. A banda britânica Coldplay e o príncipe Harry já colaboraram com a campanha nas redes sociais. (www.paralympic.org/rio.2016)
2) O número de entradas vendidas passou de 300 mil em 21 de agosto, quando acabaram os Jogos Olímpicos do Rio, para 1,6 milhão, duas semanas e meia mais tarde. O Comitê Paralímpico Internacional (IPC, na sigla em inglês) espera ultrapassar o público alcançado em Pequim 2008 – 1,7 milhão – e ser a segunda Paralimpíada com maior número de espectadores, atrás de Londres 2012. Ainda há cerca de 1 milhão de ingressos e os organizadores esperam vender até 80% dos bilhetes disponíveis. (www.dw.com/pt-br/venda-de-ingressos-para-jogos-paralimpicos-aumenta)
3) Divididos em categorias de preço, os valores dos ingressos dos eventos esportivos variam de R\$ 10 a R\$ 130, enquanto os das cerimônias de abertura e encerramento vão de R\$ 100 a R\$ 1200 - e esses são os preços da entrada inteira. O público terá direito também a parcelamento e meia entrada. Em todas as sessões, idosos e cadeirantes usufruirão do benefício em todas as categorias de preço. Estudantes e pessoas com outras deficiências podem comprar a meia entrada na categoria mais barata. Será possível dividir em até cinco vezes no cartão de crédito. (www.espn.com.br/noticia/509689_rio-2016-divulga-precos-dos-ingressos-da-paralimpiada-e-mira-recorde-de-publico)

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2020)

Dessa forma, ao conseguir ultrapassar a marca de 1,7 milhão de espectadores, o Rio 2016 se tornou o segundo Jogos Paralímpicos de maior sucesso de todos os tempos em termos de venda de ingressos, ficando atrás apenas de Londres. (IDEM, 2021b).

TRAJETÓRIA DO PARADESPORTO NO BRASIL

Após a II Guerra Mundial, os programas de reabilitação tanto para militares como para civis foram se consolidando e, nesse contexto, nasceram os esportes

para pessoas com deficiência na Europa e nos Estados Unidos da América. No Brasil, a história não foi diferente, seguindo esta mesma influência e dando início às organizações de clubes e instituições esportivas para este público. (ARAÚJO, 1996).

Segundo Costa e Souza (2004), o início efetivo da prática dos desportos no Brasil aconteceu com Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Serafim Del Grande, residentes no Rio de Janeiro e São Paulo, respectivamente, após ambos terem se tornado deficientes físicos em decorrência de um acidente e, por consequência, terem procurado, no final dos anos 1950, os serviços de reabilitação nos EUA, onde as pessoas que utilizavam esses serviços tinham incluídas em seu programa uma atividade esportiva de sua escolha, que poderia ser o basquete, a natação, o arco e flecha ou os lançamentos de dardo e de disco. Del Grande e Sampaio optaram pelo basquete em cadeira de rodas e, ao retornarem ao Brasil, Sampaio fundou o Clube do Otimismo no Rio de Janeiro, em 01 de abril de 1958 e, Del Grande, o Clube de Paraplégicos em São Paulo, em 23 de julho do mesmo ano, constituindo-se, portanto, as duas primeiras equipes esportivas de basquete em cadeira de rodas do país. (IDEM, 2004).

Com este cenário, Araújo (1996, p.30) relata que “o primeiro confronto entre as duas equipes brasileiras aconteceu em dezembro de 1959, no ginásio de esporte do Maracanãzinho, sendo os paulistas os vencedores por 22x16”. Já nos dois anos seguintes, nos confrontos anuais entre as equipes carioca e paulista, o time do Rio de Janeiro sagrou-se campeão absoluto. Assim, essas disputas de basquetebol sobre rodas foram responsáveis por marcar o pioneirismo do desporto para deficientes no Brasil. A partir de então, vários amistosos aconteceram, o que serviu de incentivo ao surgimento de outros clubes e equipes de basquete em cadeira de rodas, como, por exemplo, o Clube dos Paraplégicos do Rio de Janeiro (CPRJ), em 1965, e a Sociedade Amigos dos Deficientes Físicos (SADEF), em 1979, conforme apregoa Cidade (2004).

Em 6 de dezembro de 1959, o Clube dos Paraplégicos de São Paulo embarcou para Buenos Aires, dando início aos primeiros contatos esportivos para deficientes físicos entre os dois países. No ano seguinte, participam do 1º campeonato mundial realizado em Roma, de acordo com Araújo (1996). Esses contatos esportivos internacionais foram se fortalecendo e se intensificando, ao ponto de culminar na formação da primeira Seleção Brasileira de Basquete em Cadeira de Rodas, no ano de 1969, composta por atletas paulistas e cariocas, para

participar dos 2º Jogos Pan-Americanos realizados em Buenos Aires/AG. (IDEM, 1996).

Segundo o mesmo autor (1996),

a participação do Brasil neste evento era de suma importância para buscar contatos com as equipes de outros países como: Estados Unidos, México, Canadá, Argentina, Peru, Chile, Uruguai e outros e também pela necessidade de intercâmbio entre os profissionais que buscavam conhecer outras modalidades esportivas que ali seriam praticadas. (ARAÚJO, 1996, p.31).

Nesse contexto, Cidade (2004, p.62) acrescenta que “apesar das dificuldades advindas da falta de patrocínio e de credibilidade dos órgãos governamentais, essa modalidade trouxe a medalha de bronze e muita esperança para o esporte voltado para a deficiência física no Brasil”, como também possibilitou a participação brasileira nas grandes competições internacionais.

Todavia, para que o Brasil pudesse participar das Paralimpíadas, foi criada uma estrutura em virtude da configuração e do processo de institucionalização dos desportos que, naquela época, era incipiente e marcado por um ritmo lento, além de haver a ausência de um órgão governamental que orientasse e regulamentasse as ações das entidades criadas para a prática esportiva. (BEGOSSI; ZARPELLON, 2016). Neste período, o desenvolvimento dos esportes era estruturado de forma pouco profissional, sendo que as iniciativas para a criação de entidades representativas das deficiências ocorriam de maneira independente e, geralmente, organizadas pelas próprias pessoas com deficiência. Dessa forma, o processo de institucionalização da estrutura organizacional de orientação do esporte para pessoas com deficiência foi, gradativamente, se desenvolvendo a partir dos anos de 1970. (IDEM, 2016). Contudo, o Brasil fez sua estreia nos Jogos Paralímpicos somente no ano de 1972, na Alemanha, com uma equipe de apenas 20 atletas masculinos, entre 1004 participantes de 42 países, disputando em quatro modalidades esportivas. Nesta edição de estreia, apesar dos brasileiros não terem conquistado medalhas, um dos jogadores do time de basquete em cadeira de rodas, Cláudio Araújo, foi eleito o melhor do mundo dentro de sua classificação funcional. (ARAÚJO, 1996).

Nos jogos de Toronto, em 1976, no Canadá, houve a inclusão dos atletas cegos e dos paralisados cerebrais e a equipe brasileira contou com 33 atletas disputando em nove modalidades, tendo pela primeira vez a participação de atletas femininas na delegação, mesmo que em pequeno número (duas). O Brasil também obteve sua primeira medalha nos Jogos, que foi de segundo lugar, conquistada pela dupla de atletas da modalidade de lawn bowls, Robson Sampaio de Almeida e Luiz Carlos "Curtinho", sendo os responsáveis pelo país ficar em 31º lugar no quadro de medalhas, entre 40 países nas disputas. Esta modalidade esportiva foi antecessora da bocha, cuja prática acontecia na grama. (CPB, 2019).

Na ocasião desses Jogos, o esporte para pessoas com deficiência no Brasil passou a ser administrado pela Associação Nacional de Desportos para Deficientes (ANDE), fundada em agosto de 1975, para “fomentar e desenvolver o desporto para pessoas com paralisia cerebral (PC)”, havendo, portanto, um melhor apoio aos atletas no evento de Toronto e nos que se sucederam. (ANDE, 2020).

Na Holanda, em 1980, a delegação brasileira foi representada por apenas 14 atletas masculinos entre 1973 atletas participantes, em três modalidades esportivas, retornando desta competição em 42º lugar e sem conquistar nenhuma medalha. (CPB, 2019).

Já nos Jogos Paralímpicos de 1984, a delegação brasileira contou com 29 atletas, sendo 6 mulheres e 23 homens e disputando somente em duas modalidades conquistou 28 medalhas e o 24º lugar no ranking entre 54 delegações participantes. (IDEM, 2019). Um dos fatos relevantes nestes Jogos foi o da atleta do atletismo, Anelise Hermany, que se tornou a primeira deficiente visual brasileira a conquistar uma medalha nos 100m rasos (2º lugar). Outro fato que mereceu destaque foi a conquista da primeira medalha dourada na história do Brasil em Paralimpíadas, que, neste evento, obteve 7 medalhas de Ouro, 17 de Prata e 4 de Bronze. (IDEM, 2019).

Em 1988, a equipe brasileira contou com um maior número de atletas (11 mulheres e 51 homens) entre os 3057 participantes e trouxe 27 medalhas de Seul, sendo 4 de Ouro, 9 de Prata e 14 de Bronze, disputadas em cinco modalidades, bem como a conquista da 25ª colocação, num total de 61 países em disputas. Nesta edição, o Brasil se igualou ao desempenho geral obtido nos Jogos anteriores, com amplo sucesso no atletismo e na natação. Porém, a novidade veio do tatame, com os atletas Jaime de Oliveira, Júlio Silva e Leonel Cunha Filho sendo os primeiros atletas brasileiros a conquistarem a medalha paralímpica de terceiro lugar no judô,

em suas respectivas categorias, segundo a Rede Nacional do Esporte (2020).

De acordo com o CPB (2019), nas Paralimpíadas de Barcelona, em 1992, o Brasil ganhou sete medalhas (três de Ouro e quatro de Bronze) disputadas em seis modalidades, atingindo a 32ª colocação de um total de 83 países participantes do evento. A delegação brasileira contou com 43 atletas, sendo 33 homens e 10 mulheres, dos 3001 atletas em competição. “Mas, se faltou quantidade, sobrou qualidade”, conforme ressaltou a Rede Nacional do Esporte (2020), pois duas das três medalhas douradas foram conquistadas de modo especial por atletas do atletismo. Uma delas foi de Luiz Cláudio Pereira, no arremesso de peso, que, em despedida em grande estilo das Paralimpíadas, conquistou seu sexto ouro paralímpico e quebrou o recorde mundial da prova. A outra dourada veio da atleta Suely Guimarães, que conquistou a tão sonhada medalha no lançamento de disco e estabeleceu um novo recorde mundial.

Em 1996, a seleção brasileira retomou ao país trazendo 21 medalhas na bagagem, que proporcionaram ao Brasil a 37ª colocação entre os 104 países participantes da Paralimpíada de Atlanta. Neste evento, a equipe brasileira foi composta por 19 atletas mulheres e 41 homens entre os 3259 atletas e, nas 10 modalidades que disputaram, conquistaram duas medalhas de Ouro, seis de Prata e 13 de Bronze. (CPB, 2019).

Nos EUA, o atleta Antônio Tenório da Silva entrou para a história do esporte paralímpico brasileiro ao se tornar o primeiro judoca a subir no topo do pódio em uma edição dos Jogos. Além do judoca, o Brasil conquistou outro Ouro com o nadador José Afonso Medeiros, o “Caco”, nos 50m borboleta. (IDEM, 2019).

O número de atletas brasileiras, em Atlanta, também foi um recorde (19), uma vez que a representatividade compreendia um total de 29 mulheres até então. Nesses Jogos, as mulheres competiram nas modalidades de atletismo, natação, tênis de mesa, basquete em cadeira de rodas e esgrima em cadeira de rodas, mas foi no atletismo que se destacaram com as atletas Ádria Santos e Maria José Alves, conquistando três medalhas de Prata e duas de Bronze, respectivamente, nas provas de pista e, Suely Guimarães, com a medalha de Bronze no lançamento de disco. (IDEM, 2019).

Já na última Paralimpíada do milênio, em Sydney, na Austrália, o Brasil conquistou 22 medalhas, sendo seis de Ouro, dez de Prata e seis de Bronze, obtendo o 24º lugar no ranking. (IDEM, 2019).

O Brasil esteve presente com 64 atletas (11 mulheres e 53 homens) entre os 3881 participantes, em nove modalidades disputadas. As medalhas douradas vieram do atletismo, do judô e da natação, enquanto as de Prata e de Bronze vieram apenas do atletismo e da natação. A equipe masculina de futebol de 7 (para paralisados cerebrais) também conquistou a medalha de terceiro lugar. (IDEM, 2019).

Segundo o CPB (2019), nos Jogos Paralímpicos de Atenas, em 2004, a equipe brasileira contou com 98 atletas (22 mulheres e 76 homens) entre os 3808 participantes e trouxe 33 medalhas da Grécia, sendo 14 de Ouro, 12 de Prata e 7 de Bronze, disputadas em 13 modalidades, bem como a conquista da 14ª colocação, num total de 135 países em disputas.

Nesses Jogos, quem se destacou foi o nadador brasileiro Clodoaldo Silva, que somou seis medalhas de Ouro e uma de Prata, tornando-se referência nacional do esporte adaptado. Em Sydney, Clodoaldo havia conquistado quatro medalhas, mas nenhuma dourada. Outro destaque foi para a Seleção Brasileira de Futebol de 5 (para deficientes visuais), que conquistou a medalha de Ouro, sendo a única equipe que saiu invicta dos jogos da competição. (IDEM, 2019).

Para o Brasil, a Paralimpíada de Atenas representou uma nova fase do país nestes eventos, pois até então, a melhor campanha havia sido o 24º lugar nos Jogos de Nova York e Stoke Mandeville (1984) e, na Grécia, 20 anos depois, o país terminava na 14ª colocação. (IDEM, 2019).

Os Jogos Paralímpicos de 2008 chegaram pela primeira vez à China, nação mais populosa do mundo, com suas disputas acontecendo em Pequim. Nesta edição, o Brasil obteve o seu maior número de medalhas em competição, sendo 16 de Ouro, 14 de Prata e 17 de Bronze, conquistadas em 17 modalidades disputadas. A delegação brasileira contou com 188 atletas, sendo 133 homens e 55 mulheres, dos 3951 atletas em competição. “Se a 14ª posição no ranking geral na Grécia já significava motivo de alegria, o resultado final dos Jogos em Pequim colocou o Brasil entre as 10 maiores potências do paradesporto nacional”. Este inédito resultado deveu-se, também, ao recebimento de investimentos financeiros decorrentes da Lei Agnelo/Piva, que estabelecia o repasse de parte da arrecadação das loterias federais para os comitês olímpico e paralímpico, sancionada em 2001, além de recursos de outros programas do Governo Federal para o incentivo ao esporte, “como o Patrocínio da Caixa Econômica Federal, que passou a apoiar o Comitê

Paraolímpico Brasileiro em 2004, e os convênios com o Ministério do Esporte, entre outros”. (REDE NACIONAL DO ESPORTE, 2020).

Contudo, a participação nos Jogos Paralímpicos de Pequim foi mais impressionante do que na edição anterior, pois o Brasil conquistou 47 medalhas e, pela primeira vez na história, encerrou sua participação em uma Paralimpíada na 9ª colocação, de um total de 146 países participantes do evento. (IDEM, 2019). As modalidades responsáveis pela conquista brasileira de tantas medalhas douradas foram o atletismo, a bocha, o futebol de 5, o judô e a natação. O nadador Daniel Dias se tornou frequentador assíduo do pódio ao conquistar nove medalhas (4 de Ouro, 4 de Prata e 1 de Bronze), fato que o levou a receber em Londres, em 2009, o Prêmio Laureus, considerado o Oscar do esporte. O nadador, André Brasil, também brilhou “nas piscinas do Cubo Mágico (como ficou conhecido o Parque Aquático de Pequim)”, conquistando quatro medalhas de Ouro e uma de Prata. No atletismo, Lucas Prado foi soberano nas provas de velocidade para deficientes visuais e conquistou quatro ouros, assim como Terezinha Guilhermina conquistou uma medalha de Ouro nos 200m para deficientes visuais. Na bocha individual, Dirceu Pinto foi o vencedor e na disputa de duplas, Dirceu e Eliseu Santos sagraram-se campeões. (CPB, 2019).

Assim, juntos, Daniel Dias, André Brasil e Lucas Prado responderam por 12 das 16 medalhas douradas conquistadas pelo Brasil. Outro destaque foi o judoca Antônio Tenório, que se tornou tetracampeão, após ter triunfado em Atlanta (1996), Sydney (2000) e Atenas (2004), firmando-se como o maior judoca paralímpico do Brasil e único, até então, a conquistar medalhas douradas nos Jogos. Em Pequim, dos 339 recordes paralímpicos que caíram, a natação assistiu a quebra de 334 deles. (IDEM, 2020).

Em 2012, a equipe brasileira contou com uma pequena redução no número de atletas (69 mulheres e 113 homens), totalizando 182 entre os 4237 participantes do evento. De Londres, o Brasil trouxe 43 medalhas, sendo 21 de Ouro, 14 de Prata e 8 de Bronze, disputadas em 18 modalidades, bem como a conquista da 7ª colocação num total de 164 países em disputas. Esta foi, sem dúvida, a melhor participação brasileira em Jogos Paralímpicos de todos os tempos, servindo “para reforçar a condição do Brasil como uma das potências mundiais do paradesporto”, haja vista que o número de medalhas de ouro arrebatadas pelos brasileiros na capital inglesa foi a maior em comparação às edições anteriores, segundo a Rede

Nacional do Esporte (2020).

Entre os destaques destes Jogos, o nadador Daniel Dias vivenciou sua melhor participação, vencendo todas as seis provas individuais que disputou, voltando a ser agraciado com o Prêmio Laureus, em 2013, e coroando uma carreira magnífica na natação paralímpica com a soma de 15 medalhas, sendo 10 delas douradas. (CPB, 2019).

Outro que repetiu o sucesso de Pequim (2008) foi o nadador André Brasil, que somou mais três ouros a sua coleção, além de duas medalhas de Prata. Nos Jogos de Londres, também ocorreu um fato marcante no atletismo, com o brasileiro Alan Fonteles vencendo o favorito Oscar Pistorius nos 200m rasos para amputados. Um ano depois, em 2013, no Campeonato Mundial de Atletismo Paralímpico, Alan Fonteles consagrou-se o maior velocista paralímpico do momento, sendo recordista mundial dos 100m e dos 200m rasos. (IDEM, 2019).

Terezinha Guilhermina, que já tinha quatro medalhas paralímpicas no currículo quando desembarcou em Londres, também reforçou sua condição de grande velocista e faturou a medalha dourada nos 100m e 200m rasos, contribuindo, assim, para o brilho do Brasil na Inglaterra. (IDEM, 2019).

Já na última edição dos Jogos Paralímpicos (Rio 2016), o Brasil obteve uma extraordinária evolução, passando de 43 medalhas para a conquista de 72 e com quase o dobro do número de finais disputadas. Apesar da expectativa do país-sede de ficar entre os cinco melhores da competição, caiu uma posição no quadro de medalhas em relação a Londres, porém, conquistando sua melhor campanha em Paralimpíadas com 14 medalhas de Ouro, 29 de Prata e 29 de Bronze, além de disputar 99 finais. (IDEM, 2019). O país também contou com a maior delegação de sua história em Jogos Paralímpicos, tendo 286 atletas (102 mulheres e 184 homens) entre 4316 atletas de 159 países participantes do evento, disputando em 22 modalidades. (IDEM, 2019).

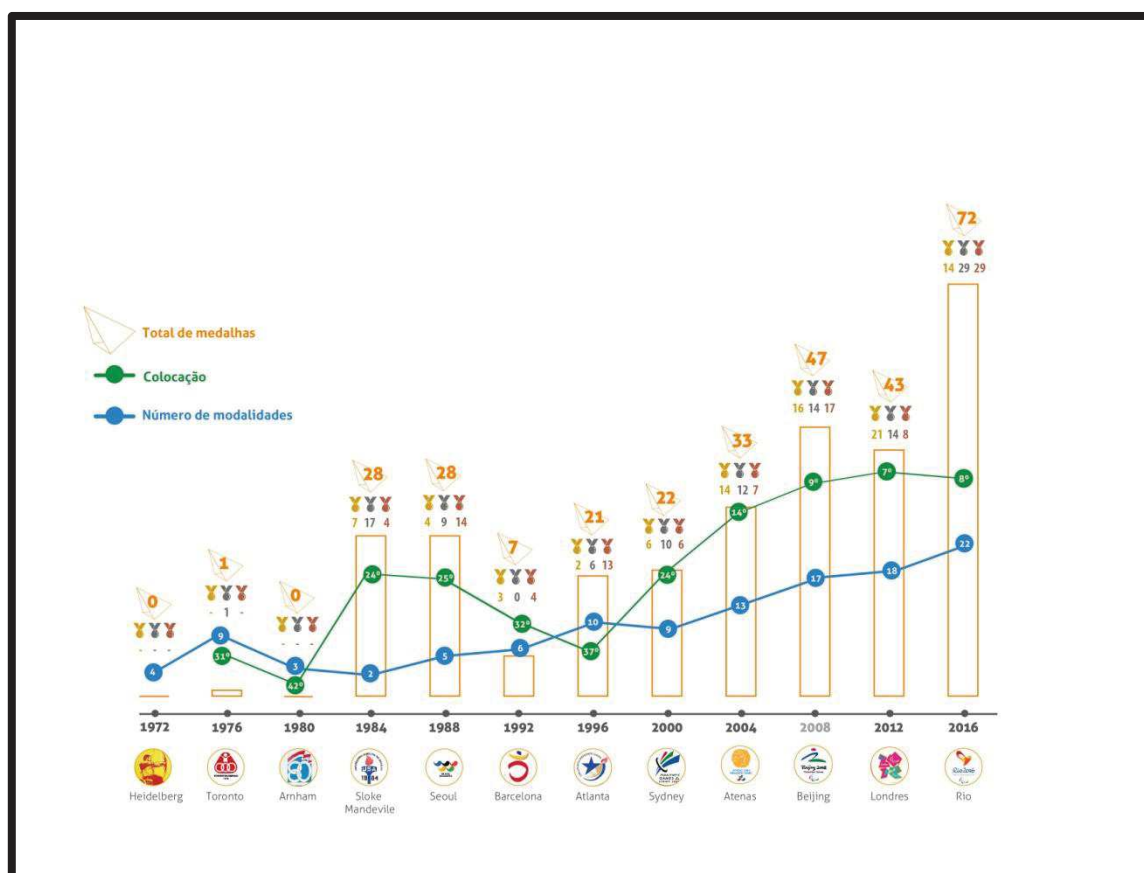
Nos Jogos de 2016, houve a parceria das Forças Armadas e do Governo Federal, que foi “o maior parceiro do esporte paralímpico, seja por meio do Ministério do Esporte, das Loterias Caixa ou da Lei Piva”, bem como todos os medalhistas do Brasil foram beneficiados com os programas Bolsa Atleta e Bolsa Pódio, segundo o Ministro dos Esportes da época, Leonardo Picciani. (REDE NACIONAL DO ESPORTE, 2020). Nas Paralimpíadas de 2016, o Brasil obteve medalhas inéditas em provas, classes e modalidades novas, como foi o caso da canoagem, do

ciclismo, do halterofilismo e do vôlei sentado. Todavia, as modalidades de atletismo, bocha em dupla mista (classe BC3), futebol de 5 e natação foram as responsáveis pela conquista do Ouro, sendo que o nadador Daniel Dias foi o atleta que mais a adquiriu (4 entre 14). A medalha de Prata foi para as modalidades de atletismo, em sua maioria (14 das 29), bocha em dupla mista (BC4), ciclismo de estrada, halterofilismo masculino, judô, natação e tênis de mesa individual masculino. Já a medalha de Bronze foi conquistada pelas modalidades de atletismo (11 das 29), canoagem, ciclismo de estrada, ciclismo de estrada contrarrelógio, futebol de 7, goalball, hipismo, natação, tênis de mesa individual feminino, tênis de mesa individual masculino, tênis de mesa por equipe feminino, tênis de mesa por equipe masculino e vôlei sentado feminino. (IDEM, 2020).

Considerando todas as 12 participações em Jogos Paralímpicos, o Brasil acumulou 301 medalhas, sendo 87 de Ouro, 112 de Prata e 102 de Bronze. Das 301 medalhas adquiridas, 81 delas vieram das modalidades de atletismo e natação. Os seis maiores destaques na conquista dessas medalhas foram os atletas Daniel Dias (24 - natação), André Brasil (14 - natação), Clodoaldo Silva (14 - natação), Luiz Cláudio Pereira (8 - atletismo), Ádria Santos (13 - atletismo) e Terezinha Guilhermina (8 - atletismo), de acordo com o CPB (2019).

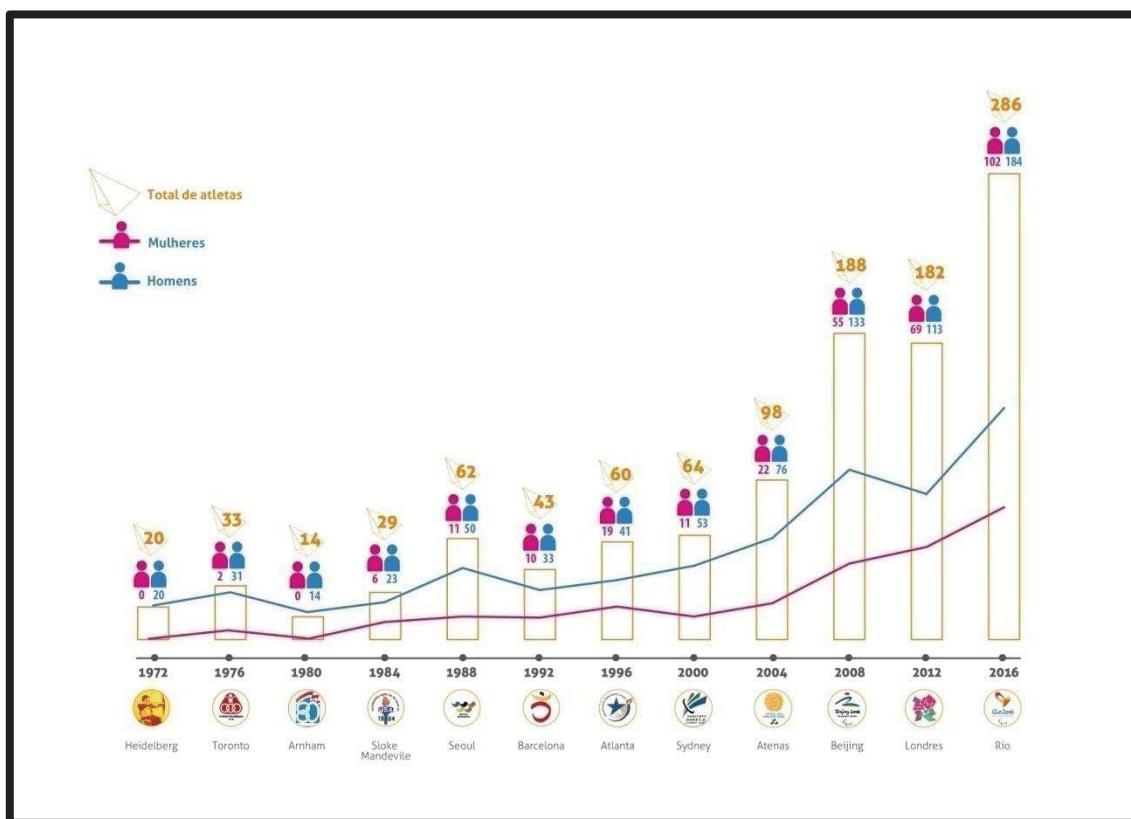
As figuras a seguir ilustram os resultados do paradesporto brasileiro descritos até o momento, no tocante ao número de medalhas conquistadas, à colocação do país nas competições e o número de modalidades disputadas, bem como o número total de atletas participantes, separados por gênero, nas edições dos Jogos Paralímpicos de 1972 a 2016.

Figura 04: Resultados do Brasil nos Jogos Paralímpicos



Fonte: CPB (2019)

Figura 05: Atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos



Fonte: CPB (2019)

A participação do Brasil nos Jogos Paralímpicos passou a ter maior apoio e incentivo na década de 1990, quando, segundo Begossi e Zarpellon (2016), em decorrência do cenário esportivo brasileiro no ano de 1994, foi criada uma Comissão Provisória, ligada à Secretaria de Desportos da Presidência da República (SEDES/PR),

com a finalidade de elaborar uma minuta estatutária visando à criação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Integraram esta Comissão representantes das seguintes entidades: Associação Nacional de Desporto de Deficientes (ANDE); Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas (ABRADECAR); Associação Brasileira de Desporto para Cegos (ABDC); Confederação Brasileira de Desporto para Surdos (CBDS); e Associação Brasileira de Desporto para Amputados (ABDA). (BEGOSSI e ZARPELLON, 2016, p.2995).

O resultado do trabalho da Comissão Provisória concretizou-se no ano

seguinte, com a criação do CPB no dia 9 de fevereiro de 1995, tendo em sua composição inicial todas as entidades da Comissão, que tinham em sua finalidade programar, realizar e fomentar a iniciação e o desporto de alto rendimento para as respectivas áreas da deficiência, bem como incentivar o esporte para este público e organizar o desporto em competições regionais, nacionais e internacionais. Porém, os objetivos iniciais do CPB foram fundamentar sua estruturação administrativa e preparar o envio da delegação brasileira aos Jogos Paralímpicos de 1996, de acordo com as autoras (2016).

Assim, em Atlanta ocorreu a primeira participação do Brasil nos Jogos Paralímpicos sob a gestão do Comitê, que “investiu esforços na ampliação da visibilidade do esporte paralímpico”, realizando um trabalho conjunto ao então Ministro Extraordinário dos Esportes, Edson Arantes do Nascimento - “Pelé”, que acompanhou a delegação brasileira nos Jogos de 1996. A partir de então, gradualmente, o esporte paralímpico brasileiro foi apresentando avanços. (CPB, 2019)

A visibilidade do esporte para pessoas com deficiência no Brasil deu-se, sobretudo, pelo desempenho positivo da delegação brasileira nos Jogos Paralímpicos e demais competições mundiais. Não obstante, a conformação do paradesporto brasileiro esteve relacionada a uma maior organização em âmbito institucional e aos incentivos financeiros obtidos pelas entidades, por meio de programas vinculados ao Governo Federal. (BEGOSSI; ZARPELLON, 2016).

Conforme afirma Greguol (2010, p.3), “o esporte para pessoas com deficiência no Brasil é administrado por algumas entidades, em geral submetidas ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), [...] e filiado ao International Paralympic Committee (IPC)”. Uma dessas entidades de referência é a Associação Nacional de Desportos para Deficientes (ANDE) e a outra, que merece destaque, é a Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas (ABRADECAR) que, segundo Ferreira (2003, p.50), foi fundada em dezembro de 1984, sendo “responsável pela promoção e organização do esporte para pessoas com deficiência física provocada por lesão medular, poliomielite e amputação”. Estas entidades e todas as demais voltadas para assistir a pessoa com deficiência foram se organizando estruturalmente e se consolidando no meio paradesportivo gradualmente.

Contudo, Reis, Mezzadri e Silva (2017, p.61) apontam que “o CPB tem a função de reger e liderar o esporte paralímpico no país, sendo responsável por

traçar as diretrizes e o planejamento estratégico de todo o segmento” e, portanto, é beneficiário das políticas públicas de incentivo ao esporte, através da Lei Agnelo/Piva e do Programa Bolsa Atleta, por desenvolver as paralimpíadas escolares e por auxiliar financeiramente os atletas paralímpicos de alto rendimento, respectivamente.

Segundo os autores (2017), o auxílio Bolsa Atleta é uma ação da Secretaria Especial do Esporte, do Ministério da Cidadania, e tem como objetivo garantir condições mínimas de preparação esportiva aos atletas olímpicos e paralímpicos brasileiros. Trata-se de um apoio direto, sem intermediários, com validade de 12 meses, pagos mensalmente ao atleta beneficiado. Inicialmente, o programa contemplava 4 categorias de bolsas: I) categoria atleta estudantil (R\$370,00); II) categoria atleta nacional (R\$925,00); III) categoria atleta internacional (R\$1850,00); IV) categoria atleta olímpico e paralímpico (R\$3100,00) e que, posteriormente, a Lei nº 7.802, de 13 de setembro de 2012 alterou a lei nº 10.891 de 9 de Julho de 2004 e acresceu mais duas categorias de bolsas: “Base” (R\$370,00) e “Pódio”, de acordo com Reis, Mezzadri e Silva (2017). A categoria Pódio (R\$ 5 mil a R\$ 15 mil) é a mais alta do Bolsa Atleta, destinada aos atletas que disputam as medalhas olímpicas e paralímpicas. Também “podem ser contemplados os atletas que estão entre os 20 primeiros do ranking mundial de sua modalidade ou prova específica e que atendam aos critérios estabelecidos pela legislação aplicável”. (BRASIL/MC/SEE, 2021).

Embora o esporte paralímpico esteja presente nas ações governamentais, este movimento esportivo apresenta especificidades que o diferencia do esporte convencional, principalmente em sua questão estrutural e administrativa e, portanto, a destinação de recursos para as entidades também é diferenciada. (REIS; MEZZADRI; SILVA, 2017)

Não obstante, esses autores afirmam que mesmo não existindo nenhuma política pública específica para o esporte paralímpico, este vem sendo contemplado em ações conjuntas com o esporte olímpico, necessitando, contudo, de uma Política Nacional de Esportes que englobe os indivíduos com deficiência, para um maior desenvolvimento do esporte paralímpico no país. (IDEM, 2017).

6 ALGUNS APONTAMENTOS HISTÓRICOS DA TRAJETÓRIA DA DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS

A Dança Esportiva em Cadeira de Rodas (DECR) foi escolhida para este estudo por ser um esporte paralímpico não-oficial de grande representatividade feminina. Isso se deve, dentre outros, ao fato de que a dança, de um modo geral, possui uma elevada participação de mulheres. Outra razão que justifica essa escolha é a necessidade de se traçar um paralelo com os esportes paralímpicos oficiais, no tocante à trajetória da mulher atleta com deficiência no paradesporto.

Em meados dos anos 1960, surge na Europa, mais precisamente em Stock Mandeville, a dança em cadeira de rodas, numa proposta restrita à reabilitação neurológica. Porém, em 1968, a Suécia e a Alemanha avançam para fins recreativos, além do reabilitacional, fomentando, a *posteriori*, o interesse em adaptar os gestos da dança em cadeira de rodas para um cunho esportivo.

Dos fatos narrados, resulta uma pequena competição recreativa nacional na Suécia, em 1975, e, em seguida, o 1º campeonato internacional, o “Open Suécia”. Nesta época, as competições europeias ainda eram informais, conforme afirma Konstantin Vasilev (2021).

Em sua definição conceitual, de acordo com a Ferreira (2003), a Dança Esportiva em Cadeira de Rodas tem como característica precípua ser praticada por atletas/dançarinos com e sem deficiência física. Ela pode ter tanto um caráter recreativo quanto competitivo, sendo que, neste último, os dançarinos realizam danças de salão no padrão europeu, divididas nas categorias standard e danças latinas. A dança standard é composta pelos ritmos Valsa, Tango, Valsa Vienense, Slow Foxtrot e o Quickstep e a dança latina, pelo Samba, Cha-cha-cha, Rumba, Passo Doble e Jive.

A DECR pode ser disputada nos estilos Combi e Duo Dance, os quais são formados por um atleta cadeirante e um andante, constituindo um casal (homem/mulher) e por um casal de bailarinos cadeirantes, respectivamente, sendo que os atletas cadeirantes necessitam ser elegíveis e satisfazer às regras da Para Dança Mundial. (IDEM, 2003).

Mais tarde, o estilo Freestyle/Showdance, que significa Estilo Livre, foi inserido na modalidade, contemplando o Hip Hop, o Ballet Contemporâneo, o Street Dance, a Salsa, o Tango Argentino, entre outros. No Combi Freestyle, o casal pode

escolher o próprio estilo de música e de apresentação, mas é preciso tomar cuidado com as regras a serem seguidas, apesar da liberdade auferida. (IDEM, 2003).

Segundo Vasilev (2021), o primeiro país a sediar um campeonato europeu de DECR foi a Holanda, no ano de 1985, seguida pela Bélgica, em 1987, e pela Alemanha, em 1991. Na Holanda, inicia-se a modalidade com dois estilos, que foram o Combi Standard e o Combi Latin, considerado este último um estilo divertido e mais utilizado por brasileiros.

Entretanto, em 1989, a DECR foi reconhecida como esporte oficial pela ISOD (International Sports Organization for the Disabled) e, dois anos após, esta entidade realizou o 1º Campeonato Europeu Internacional oficial na Alemanha. (IDEM, 2021)

Em paralelo ao campeonato na Alemanha (1991), ocorreu a segunda Conferência de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, em Munique, com a participação de 40 dançarinos de 13 países europeus, de onde se constituiu o Wheelchair Dance Sport Committee (WDSC), que era um subcomitê da ISOD. Assim, em 1992, aconteceu a primeira competição de DECR organizada pelo WDSC, em parceria com a Deutscher Rollstuhl-Sportverband, Fechtbereich Tanz in Arrangement (Federação Alemã de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas). A partir de então, a cada dois anos, o subcomitê organizou os campeonatos Europeus na Holanda (1993), Alemanha (1995), Suécia (1997) e Grécia (1999), de acordo com Barreto e Ferreira (2011).

Contudo, foi somente em 1995 que o IPC (Comitê Paralímpico Internacional) aceitou a filiação da DECR e, em 1997, aconteceu um fato de suma importância para a modalidade, que foi sua demonstração nas Paralimpíadas de Inverno, em Geilo, na Noruega. (IDEM, 2011)

Após este evento, diversos países se reuniram para regulamentar a nova modalidade esportiva, entre eles a Alemanha, a Bélgica, a Holanda, a Suécia e a Ucrânia e participarem do 1º campeonato mundial fora da Europa sobre as vistas do IPC, em Tóquio/Japão, no ano de 1998. (VASILEV, 2021).

No ano de 2000, em Oslo/Noruega, aconteceu o 1º Campeonato Internacional Oficial do IPC, com a inserção de duas classes funcionais aos estilos de dança Combi Latin e Combi Standard, onde instituiu-se a Classe 1, para atleta com maior dificuldade e Classe 2, para atleta com menor dificuldade de movimentos. (IDEM, 2021).

Segundo Vasilev (2021), em 2006, ocorreu o 1º Campeonato Mundial em Duo Dance, em Arnhem/Holanda, sendo limitado a cinco estilos de danças (duas Standard e três Latino-Americana). No ano seguinte, aconteceu o 1º Campeonato Europeu em Duo Standard e Duo Latin, separadamente, em Varsóvia/Polônia e o 1º Campeonato Teste de Singles em Saint Petersburg/Rússia. (IDEM, 2021).

Em 2007, também houve uma tentativa de a DECR fazer parte dos Jogos Paralímpicos, mas essa possibilidade foi inviabilizada devido à grande maioria dos atletas serem europeus, ter um mínimo de atletas asiáticos e somente atletas mexicanos representando toda a América. (IDEM, 2021).

Contudo, para dar oportunidade aos países que não têm tradição em DECR, em 2013, foi realizado o 1º Campeonato Teste nos estilos Combi e Duo Freestyles/Showdance em Moscou/Rússia e, após uma reestruturação da modalidade, foi oportunizado o 1º Campeonato Europeu de Homens Singles e Mulheres Singles, em 2014, em Varsóvia/Polônia, bem como o 1º Campeonato Europeu em Combi e Singles Freestyles/Showdance na mesma localidade, de acordo com Vasilev (2021).

A partir deste momento, os atletas puderam se expressar nos campeonatos de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas em diferentes modalidades. Porém, devido ao fato de existirem tantos estilos e opções de dança nas competições, foi necessário aprimorar o julgamento. O Sistema Konstantin Vasilev, de classificação dos atletas, foi utilizado pela primeira vez no Campeonato Europeu de 2014, nos estilos Combi e Singles Freestyles/Showdance, sendo um marco para a DECR. Em Incheon/Coréia do Sul, no Campeonato IPC de Dança Esportiva em Cadeira Rodas, esse Sistema de julgamento foi incluído oficialmente. (IDEM, 2021).

Descrevendo sucintamente o Sistema Konstantin Vasilev de classificação, este se constitui por pontuar distintamente a técnica, a musicalidade, a coreografia e a apresentação, além de possuir um coeficiente de pontuação que envolve o nível de dificuldade da dança apresentada. A grande contribuição para a DECR, é que os atletas que se classificam para seguirem nas etapas da competição são avaliados, comparativamente, pela melhor apresentação e, no novo sistema de julgamento proposto por Konstantin, classificam-se aqueles que obtêm o maior valor absoluto de pontuação, deixando de ser uma avaliação meramente subjetiva. O objetivo deste Sistema é reduzir ao máximo a subjetividade dos juízes, passando a ser um julgamento quantitativo, conforme apregoa o autor (2021).

O novo tipo de avaliação e julgamento permite realizar um campeonato de forma remota, através de vídeos enviados pelos competidores, que serão julgados e classificados pelos critérios de pontuação absoluta, em acordo com suas apresentações. É, também, capaz de proporcionar uma agilidade na competição, propiciando a diminuição na quantidade de dias do evento. Além disso, o estilo de pontuação absoluta pode ser realizado por sete a nove juízes, dependendo do tamanho da competição e permite ao atleta verificar em qual item da avaliação necessita melhorar, a fim de realizar treinos mais direcionados e precisos, no intuito de se obter pontuação mais elevada e conquistar melhor classificação em campeonatos futuros. (IDEM, 2021).

Segundo o Vasilev (2021), vem ocorrendo um debate sobre quantos casais podem participar da etapa final da competição, que normalmente são em número de seis casais. A avaliação realizada pelo Sistema de pontuação absoluta de Konstantin Vasilev permite atingir a classificação de 12 a 18 casais na fase final, caso o campeonato tenha um elevado número de participantes. Em consequência disso, o autor acredita que haverá uma maior visibilidade e difusão do esporte, devido ao aumento do público presente. No entanto, afirma que essa decisão estará a cargo de discussões no âmbito do Comitê Internacional.

Retomando aos acontecimentos históricos da DECR, em 2015, houve o 1º Campeonato Mundial Combi e Singles Freestyle, em Roma/Itália, com a utilização do novo sistema de julgamento, bem como o 1º Campeonato Individual de Homens e Mulheres no mesmo país. (VASILEV, 2021).

Em 2016, o primeiro Campeonato Oficial Ásia Pacific aconteceu em Taipei/China e, neste mesmo ano, decidiu-se pela mudança do nome do evento de “Campeonato IPC de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas” para “Campeonato Mundial de Para Dança Esportiva”, a ser adotado a partir de 01 de Janeiro de 2017. (IDEM, 2021).

Já em 2018, houve o 1º Campeonato Europeu de Duo Freestyle e o Campeonato Mundial de Para Dança Esportiva, em Varsóvia/Polônia, com adoção do novo Sistema de Classificação de forma oficial, possibilitando a modalidade ascender aos Jogos Paralímpicos. (IDEM, 2021).

Entretanto, para a DECR se firmar verdadeiramente como um esporte de competição, havia a necessidade de se pensar na renovação e evolução dos atletas e, neste sentido, começou-se a organizar campeonatos para Juniors, acontecendo a

1ª competição para Single Juniors na Copa do Mundo de Saint Petersburg/Rússia, em 2019, como aponta Vasilev (2021). Como exigência de regra nas competições em DECR, é preciso que, no ano do evento, o atleta tenha completado idade mínima de 13 anos e máxima 20 anos, para poder participar da categoria Juniors, a qual é disputada em apenas três estilos de dança: Valsa, Samba e Jive. (IDEM, 2021).

Como evolução natural do campeonato europeu, em 2019, surge o 1º Mundial Duo Freestyle e, também, o 1º Campeonato Mundial de Single Juniors para mulheres em Bonn/Alemanha. O motivo para não haver o campeonato Single Juniors para homens foi a falta de participantes suficientes para a realização do evento. (IDEM, 2021). Por fim, dentre os campeonatos reconhecidos pelo Comitê, ainda se encontra a Copa dos Continentes, que acontece anualmente e é organizada pelo *World Para Dance Sport*, em parceria com a Federação Russa de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, tendo um envolvimento de mais de 20 países a cada edição. (CBDCCR, 2020). Vale lembrar que, no mundo, a DECR está sob o comando do WDSC (Wheelchair Dance Sport Committee), pertencente ao IPC (Comitê Paralímpico Internacional), com mais de 40 países registrados, dentre eles o Brasil. (IDEM, 2020).

Em nosso país, a Dança Esportiva em Cadeira de Rodas foi introduzida por professores alemães, convidados a palestrarem no 1º Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, promovido por pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e realizado nesta mesma instituição, em 2001, segundo Ferreira (2021).

A princípio, o Simpósio objetivava discutir Dança em Cadeira de Rodas como arte, sobre sua prática puramente artística, como também analisar e divulgar a DCR como esporte paralímpico e estimular graduandos e pós-graduandos a pesquisarem esta área de conhecimento, tendo como referencial teórico a pessoa com deficiência física e o esporte. (IDEM, 2021). Entretanto, neste Simpósio, acabaram por introduzir os princípios técnicos da Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, a qual era mais difundida na Europa, através dos ensinamentos dos professores Herbet Rausch (Técnico da Equipe Alemã), Konstantin Vasilev e Gerrie Van Dijk. (IDEM, 2021).

O evento contou com a participação de várias entidades, pesquisadores e interessados em conhecer a nova modalidade, possibilitando a discussão e a adoção de “uma outra trajetória, com novos personagens, objetivos e propostas”, o

que deu novo estímulo à prática da dança para deficientes físicos no Brasil. (BARRETO; FERREIRA, 2011, p.27).

Como desdobramento do Simpósio, houve a regulamentação da modalidade através da criação e fundação da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas (CBDCR), viabilizada a partir dos esforços dos pesquisadores da Unicamp, de representantes e de admiradores da modalidade, com apoio da ABRADDECAR e da ANDE, em 06 de novembro de 2001, tendo sua sede em Mogi das Cruzes/SP.

É importante ressaltar, ainda, que a criação da CBDCR foi viabilizada graças às informações, experiências e conhecimentos jurídicos acrescentados ao processo de criação pelo Secretário Executivo do Comitê Paralímpico Brasileiro à época, ao introduzir no contexto citado um entendimento e diferenciada interpretação sobre a Lei Pelé (1998) para a criação de confederações, contribuindo sobremaneira para sua constituição e fundação. Com a Confederação em vigor, a DECR tornou-se um paradesporto regulamentado pelo subdepartamento do Comitê Paralímpico Internacional (CPI). (CBDCR, 2020).

A Dança Esportiva em Cadeira de Rodas apresenta na sua organização uma classificação funcional com as mesmas exigências dos mais variados paradesportos, constituindo-se “em um fator de nivelamento da capacidade física e competitiva, agrupando as deficiências semelhantes em um grupo determinado”. Nesta modalidade, os classificadores avaliam as possibilidades motoras dos paratletas, observando também como manejam a cadeira de rodas e a força que utilizam nas ações de empurrar e puxar o parceiro. (FERREIRA, 2013, v.6, p.198).

De acordo com Vasilev (2021), as classes funcionais são determinadas por um Classificador, como denomina o IPC, que necessita ser da área médica ou fisioterápica, a fim de que possa ter acesso e conhecimento dos dados clínicos do atleta, conhecer sua fisiologia, sua condição física e os riscos que lhe acometem, para poder classificá-lo ao final da consulta realizada antes da competição, determinando em qual classe de disputa pertencerá.

Segundo Ferreira (2003), no Brasil, após a criação da CBDCR no ano de 2001, a modalidade de DECR passou a ser desenvolvida e disputada de maneira oficial em mostras e campeonatos nacionais realizados anualmente, tendo a participação de grupos filiados à CBDCR, a fim de promover e fortalecer o movimento. Porém, as primeiras competições realizadas tiveram um caráter não oficial, em campeonatos regionais locais.

Dessa forma, o primeiro Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas aconteceu em 26 de novembro de 2002, tendo como participantes diversas equipes das mais variadas regiões do Brasil, chegando à sua 18ª edição em 19 de outubro de 2019. Este evento foi realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora/MG e contou com a participação de atletas de seis estados brasileiros, além de representantes do Comitê Paralímpico do México e de atletas de Cabo Verde, na África. (TRIBUNA DE MINAS, 2019).

No ano de 2020, o Campeonato Brasileiro de DECR foi realizado de forma on-line devido à pandemia de COVID-19. Assim, a CBDCCR optou pelo formato não presencial com a finalidade de oportunizar a participação dos paratletas com segurança, mantendo o espírito esportivo. (CDBCCR, 2020).

No intuito de se registrar cronologicamente os campeonatos de DECR realizados no país, listamos, no quadro a seguir, todos os eventos desenvolvidos pela CBDCCR:

Quadro 22: Eventos desenvolvidos pela CBDCCR

EVENTO	ANO / LOCAL
I Campeonato Brasileiro de DECR	Ano 2002 / Santos – SP
II Campeonato Brasileiro de DECR	Ano 2003 / João Pessoa – PB
III Campeonato Brasileiro de DECR	Ano 2004 / João Pessoa – PB
IV Campeonato Brasileiro de DECR	Ano 2005 / Salvador – BA
V Campeonato Brasileiro de DECR	Ano 2006 / Salvador – BA
VI Campeonato Brasileiro de DECR	Ano 2007 / Rio de Janeiro – RJ
VII Campeonato Brasileiro de DECR	Ano 2008 / Rio de Janeiro – RJ
VIII Camp. Brasileiro de DECR	Ano 2009 / Rio de Janeiro – RJ
IX Campeonato Brasileiro de DECR	Ano 2010 / Santos – SP
X Campeonato Brasileiro de DECR	Ano 2011 / Santa Maria – RS
XI Campeonato Brasileiro de DECR	Ano 2012 / Belém do Pará – PA
XII Campeonato Brasileiro de DECR	Ano 2013 / São Paulo – SP
XIII Camp. Brasileiro de DECR	Ano 2014 / Governador Valadares–MG
XIV Camp. Brasileiro de DECR	Ano 2015 / Recife – PE
XV Camp. Brasileiro de DECR	Ano 2016 / Santos – SP
XVI Camp. Brasileiro de DECR	Ano 2017 / João Pessoa – PB
XVII Camp. Brasileiro de DECR	Ano 2018 / Aracaju – SE
XVIII Camp. Brasileiro de DECR	Ano 2019 / Juiz de Fora – MG
XIX Camp. Brasileiro de DECR	Ano 2020 / On-line

Fonte: CBDCCR (2020)

Autor: a pesquisadora (2021)

Com o amparo da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), a Dança Esportiva em Cadeira de Rodas no Brasil

ganhou, de certa forma, um arcabouço financeiro, sendo possível custear as despesas de professores, técnicos, árbitros e classificadores funcionais de outros países para subsidiar a dança e implantar os padrões internacionais, dando credibilidade à modalidade e proporcionando aos atletas o conhecimento necessário para o desenvolvimento da dança esportiva em cadeira de rodas. (BARRETO; FERREIRA, 2011, p.07)

Não obstante, em virtude de a DECR não ser considerada uma modalidade paralímpica e, por consequência, não receber financiamento dos órgãos públicos de fomento, encontrou dificuldades para se desenvolver e conquistar visibilidade, conforme as autoras (2011).

Todavia, cabe ressaltar que, apesar desta modalidade ter tido “um início pouco estruturado, tendo que enfrentar todas as dificuldades de se iniciar algo totalmente desconhecido”, sem ajuda financeira do governo federal, como acontece com os esportes olímpicos e paralímpicos, a DECR “vem seguindo sua trajetória e começa a se enraizar”, haja vista que modalidade permanece viva por 20 anos e está para se tornar uma das modalidades esportivas nas próximas edições dos Jogos Paralímpicos. (BARRETO; FERREIRA, 2011, p.07). Esta possibilidade vem sendo analisada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro e, caso seja oficializada, será apresentada, provavelmente, como Mostra, objetivando divulgar e popularizar a prática da Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, num primeiro momento. (CBDCCR, 2019).

Dentre os campeonatos internacionais reconhecidos pelo IPC, atletas brasileiros da Dança Esportiva em Cadeira de Rodas participaram do Campeonato Mundial realizado na Alemanha, em 2010, e da Copa dos Continentes realizada na Rússia, nos anos de 2015 e 2019. Tais representantes são integrantes das Companhias “Studio LAS”, de Santos/SP, e “Nosso Jeito”, do estado do Pará, onde obtiveram a sexta colocação Mundial, na categoria Single Conventional, e sagraram-se vice-campeões na Copa dos Continentes, na categoria Freestyle em grupo, em 2019. (CBDCCR, 2019).

Entretanto, a participação internacional feminina teve seu início com a bailarina Célia Diniz, do Grupo Arte de Viver de Santos/SP, no ano de 2003, representando o Brasil, artisticamente, na Mostra *Very Special Arts* na África do Sul. Porém, a primeira participação brasileira feminina em competições internacionais aconteceu em 2008, no Campeonato Mundial em Minsk, na Bielorrússia, com a participação da bailarina Viviane Macedo, que, em 2010, retornou ao IPC World Championships, em Hannover, na Alemanha, com a também paratleta Adelina Perez. (IDEM, 2019)

Para elas, participar de uma competição internacional, pela primeira vez, não foi uma tarefa fácil. Um dos sujeitos dessa pesquisa revelou na entrevista que:

“Eu não me sentia preparada e senti um peso muito grande... eu me senti em estado de choque. [...] Ai, tipo assim, vou ter que dar um resultado, né, porque é um investimento que estão fazendo em mim. Senti uma autocobrança muito grande, foi bem complicado pra mim...” (S1)

No ano de 2015, na Copa dos Continentes em Saint Petersburg, na Rússia, a participação brasileira foi mais expressiva nos resultados. O Brasil contou com as bailarinas cadeirantes Adelina Perez, Ana Patrícia Costa e Lídia Fagundes, tendo Adelina se destacado com a conquista do sexto lugar, entre 20 competidoras, na categoria Single Conventional, e Ana Patrícia, com o 4º lugar entre 11 competidoras na categoria Single Freestyle. (CBDCR, 2019).

Participar de um evento dessa magnitude pela segunda vez trouxe tranquilidade, amadurecimento e autoconfiança para as paratletas, como podemos perceber na fala de uma delas:

“[...] em 2015, estávamos muito aquém das competidoras em termos de equipamentos, de cadeira de rodas, e também em termos de técnica, porque a cadeira é responsável por 50% da técnica. [...], antes de ir, eu me sentia a gorda que dança, a “patinho-feio” e, lá, era eu que estava entre as tops, entre as melhores do mundo, e isso não é pra qualquer um... Olha só o que a dança me proporcionou... O amadurecimento me fez sonhar mais alto e foi muito importante pra mim.” (S4).

O outro sujeito ainda disse:

“Em 2015, já fui mais tranquila, sem medo. [...] Quando eu acabei indo pra final, que é a última bateria, e fiquei entre as seis das 17 competidoras e melhores paratletas do mundo, isso no Single, pra mim foi maravilhoso, né. Eu dancei bem. Foi muito gostoso, dei o meu máximo e voltei uma outra bailarina, uma outra pessoa. Eu acho que me trouxe um crescimento muito grande.” (S1).

No mesmo evento, no ano de 2019, ocorrido também em Saint Petersburg/Rússia, o Brasil contou com a participação das paratletas Aliny Rosa e Tayane Santana, fazendo suas estreias na competição. (IDEM, 2019).

A fala da paratleta (S13), a seguir, ilustra o quanto foi proveitoso participar de

um campeonato internacional:

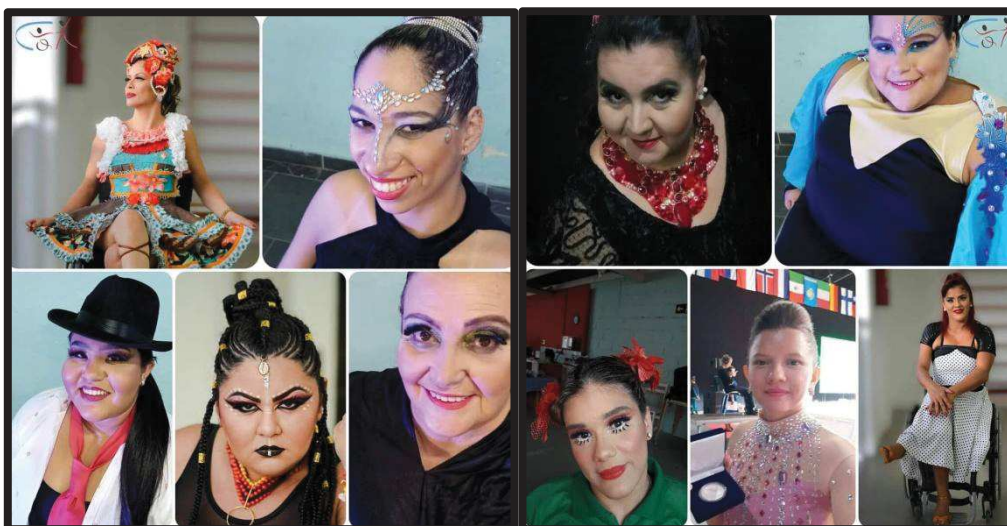
“Quando a gente foi pra Rússia, cada um foi com a sua cadeira e a minha era uma de basquete, que foi conseguida assim: um trouxe uma peça, outro trouxe outra e eles tinham uma cadeira excelente para o dia a dia e uma melhor ainda pra entrar na pista. Nós realmente fomos com a cara e a coragem, mas foi um momento que aprendemos muito sobre dedicar mais. Parece que eles vivem praquilo e eles treinam muito... e eles dançam de uma forma tão perfeita, que foi um momento pra gente se inspirar mesmo...” (S13).

A partir de 2020, devido à Pandemia do Novo Coronavírus (Covid-19), as competições aconteceram de forma remota (on-line), como o I Open Paradance 2020 (Campeonato Latino), que ocorreu concomitantemente ao XIX Campeonato Brasileiro de DECR, ambos realizados pela CBDCCR e o World Championships 2021, organizado pelo *World Para Dance Sport*. No evento, a equipe brasileira contou com a participação de 10 bailarinas e todas conquistaram uma das três primeiras colocações. (CBDCCR, 2019).

Uma delas, na entrevista deste estudo, afirmou que:

“Em 2020, participar de um Open, de um campeonato latino e ainda por cima on-line, foi muito desafiador e, ao mesmo tempo, gratificante e enriquecedor demais, porque o ritmo do Tango é muito difícil de se fazer em cadeira de rodas e eu consegui o primeiro lugar. Ganhar das Mexicanas me fez perceber que estamos evoluindo na técnica e que estamos no caminho certo...” (S4).

Fotografia 49: Foto das atletas da DECR no I Open Paradance de 2020



Fonte: CBDCCR (2019)

Já no Campeonato Mundial de 2021, nossa equipe contou com a participação de sete bailarinas, das 10 que participaram do Open Latino, quais sejam: Aida Nunes, Aliny Rosa, Ana Patrícia Costa, Beatriz Martins, Débora Cardoso, Lídia Fagundes e Tayane Santana, sendo que todas obtiveram bons resultados e melhora em suas performances. (IDEM, 2019).

As competições nacionais e internacionais de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas On-line foram um sucesso, permitiram a participação de mais paratletas e as experiências vivenciadas poderão balizar as discussões sobre os rumos desta modalidade futuramente.

7 A MULHER, O ESPORTE E O PARADESPORTO FEMININO BRASILEIRO

Mulher e esporte encontram-se tão intrinsecamente relacionados hoje em dia, que acabamos por minimizar o passado de lutas, discriminações e preconceitos por elas vivenciados desde a antiguidade. Em certa medida, ainda é possível encontrar algum tipo de segregação ou alguma vivência marginal da mulher esportista perante a sociedade contemporânea. (SIMÕES; KNIJNIK, 2004).

Nessa perspectiva, os citados autores (2004, p.35) revelam que “a relação entre mulher e esporte não deveria ser encarada como as que existiam no início do século XX, quando as mulheres sofriam discriminações em relação aos valores e às normas de conduta estabelecidas pela sociedade”, sofriam pressões e tinham que se sujeitar às concepções e interpretações acerca do que faria parte do universo feminino, sendo bem diverso do masculino.

Essas concepções e interpretações de valores que permearam o cenário das práticas sócio esportivas e esportivas competitivas, acabaram por influenciar decisivamente no estereótipo de mulher, no perfil para as diferentes atividades e, por consequência, no processo de inclusão ou exclusão das mulheres nos esportes de competição. (IDEM, 2004).

Corroborando com Simões e Knijnik (2004), Goellner (2012) afirma que as condições de acesso e participação das mulheres não foram e não são iguais às dos homens em relação às práticas corporais e esportivas, à visibilidade conferida pela mídia, aos valores de alguns prêmios atribuídos aos vencedores e vencedoras de competições esportivas, dentre outros e que, mesmo vivenciando o esporte desde a transição do século XIX para o século passado, nem sempre as mulheres foram incentivadas a nele se inserir e a permanecer.

A exemplo disso, a grega Stamati Revithi realizou o percurso da Maratona (42.195km) no dia seguinte da mesma prova masculina, nos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, em 1896, com tempo inferior ao de alguns homens, mas não obteve reconhecimento de seu feito e nem registro oficial de seu tempo. (MAEDA, 2019).

A partir de então, as mulheres passaram a exigir mais espaço no meio esportivo, porém, naquela ocasião, não houve permissão para a participação feminina de forma ampla no esporte, restringindo-se o acesso somente a determinadas modalidades supostamente adequadas às mulheres. (IDEM, 2019).

Assim, na 2ª edição das Olimpíadas, em 1900, as mulheres participaram extraoficialmente das provas de golfe e tênis, por serem “considerados esportes belos e que não envolviam contato físico. Como não eram consideradas atletas, não ganhavam prêmios, mas apenas um certificado”. (IDEM, 2019).

No Brasil, segundo a autora (2019),

Getúlio Vargas editou o Decreto-Lei 3.199, de 14/4/1941, que previa textualmente: Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país. (MAEDA, 2019, p.01.)

Durante a ditadura militar, o General Eloy Massey Oliveira de Menezes, presidente do Conselho Nacional de Desportos, assinou a Deliberação nº 7, em 02 de agosto de 1965, delimitando “a linha que segregava o esporte feminino brasileiro: não é permitida [à mulher] a prática de lutas de qualquer natureza, do futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball. (MAEDA, 2019, p.1).

Portanto, “ao longo da história do esporte nacional foram e são distintos os incentivos, os apoios, as visibilidades, as oportunidades, as relações de poder conferidos a mulheres e homens”, seja no âmbito da participação ou da gestão e administração esportiva. (GOELLNER, 2005, p.86).

Vale ressaltar que um dos fatores dificultadores da participação feminina nos esportes foi a estrutura conservadora da sociedade brasileira, que não permitia a atuação e projeção da mulher nos ambientes esportivos e de competição, por acreditar nos discursos sobre os “possíveis perigos que a prática competitiva poderia representar, entre eles, o da masculinização da mulher” e da perda da imagem ideal feminina. (IDEM, p.88).

Apesar disso, Souza e Knijnik (2007, p.40) apregoam que “a prática esportiva oferece um espaço para que as mulheres adquiram respeitabilidade e reconhecimento social, destruindo falsos estereótipos femininos associados à fraqueza física e psicológica”, bem como possam se libertar dos percalços e obstáculos, preconceitos e discriminações presentes em todo seu caminhar esportivo.

Simões (2004, p.45) reafirma este posicionamento ao dizer que a participação

das mulheres nos esportes estaria intimamente ligada às representações sociais construídas por elas e à maneira como as “representam para si mesmas, individual ou coletivamente”, uma vez que as dificuldades e estigmas sofridos no universo esportivo, “levam a mulher a ser uma lutadora para conquistar um espaço que também é seu por direito e que infelizmente não depende somente dela para conquistá-lo”.

Assim, com a temática da mulher no esporte recebendo crescente atenção, houve a realização da primeira Conferência Mundial sobre a Mulher e o Esporte, em Brighton/Inglaterra, em maio de 1994, sendo palco da análise de “como acelerar o processo de trocas de experiências para minimizar as barreiras que as mulheres enfrentam quando participam ou se interessam por esporte”. (CIDADE, 2004, p.65).

Essa conferência contou com políticos e dirigentes de âmbito nacional e internacional e “foi organizada pelo Conselho Britânico do Esporte (British Sport Council), com apoio do COI”, reunindo 280 representantes de organizações governamentais e não governamentais de 82 países. (IDEM, 2004, p.65).

A Conferência Mundial sobre a Mulher e o Esporte levou a discussões que resultaram em três conclusões primordiais a destacar, quais sejam: a elaboração da Declaração de Brighton, o desenvolvimento de uma Estratégia Internacional para o Esporte Feminino e a formação de um Grupo de Trabalho Internacional sobre a Mulher e o Esporte. (IDEM, 2004).

A Declaração de Brighton é, conforme a autora (2004, p.66),

um conjunto de princípios estabelecidos para acelerar as mudanças frente à participação e envolvimento das mulheres no esporte. Ela é um marco histórico que vem, no decorrer destes anos, transformando-se no eixo das estratégias, articulações e ações em favor de uma cultura esportiva que capacite e valorize a participação da mulher em todos os aspectos do esporte. (CIDADE, 2004, p.66)

Já a Estratégia Internacional para o Esporte Feminino foi estabelecida para coordenar, no âmbito internacional, os trabalhos realizados em favor da participação da mulher no esporte, entre os anos de 1994 e 1998, bem como para recomendar aos governos e organismos de todo o mundo a implementação da Declaração de Brighton. (IDEM, 2004).

O outro resultado fundamental da conferência de 1994 foi a criação do Grupo

de Trabalho Internacional sobre a Mulher e o Esporte (GTI), instituído para supervisionar a implementação da Estratégia Internacional para o Esporte Feminino, com o objetivo precípua de promover e facilitar a criação de oportunidades para a participação da população feminina no esporte e na Educação Física em todo o mundo, segundo a mesma autora (2004).

Entre os organismos internacionais de liderança esportiva que participaram deste movimento em prol das mulheres, estão os Comitês Olímpico e Paralímpico Internacional, a Federação de Jogos da Commonwealth, o Conselho Internacional para a Ciência do Esporte e Educação Física (ICSSPE) e as federações internacionais de atletismo, tiro com arco, badminton, ciclismo, vela, halterofilismo, dentre outros. (IDEM, 2004).

Das instituições governamentais, também fizeram parte a Comunidade Britânica e os chefes de governo do Caribe, os ministros de esporte europeus e o Supremo Conselho para o Esporte da África. Ainda compuseram o movimento, várias associações que fomentam a participação da mulher no esporte, entre elas a Associação Internacional de Educação Física e Esporte para Meninas e Mulheres (IAPESGW) e a Esporte Feminino Internacional (WSI). Portanto, “todas essas associações esportivas estimulam, pressionam e convencem numerosos organismos nacionais e internacionais a adotarem a Declaração de Brighton”, de acordo com Cidade (2004, p.67).

Não obstante, como fruto dessas ações voltadas à emancipação feminina nos esportes, em 1995, o Comitê Paralímpico Internacional examinou a questão da igualdade dos gêneros e aderiu à Declaração de Brighton, apoiando essa causa desde então. O COI, por sua vez, adotou a declaração neste mesmo ano e, também, criou seu próprio Grupo de Trabalho sobre a Mulher e o Esporte. Assim, a Conferência Mundial de 1994 foi considerada um marco da contemporaneidade por sua iniciativa internacional, estratégica e coordenada em prol das mulheres atletas. (IDEM, 2004).

Entre as associações internacionais que participaram da primeira Conferência Mundial sobre a Mulher e o Esporte, a que merece maior destaque é a Associação Internacional de Educação Física e Esporte para Meninas e Mulheres (International Association of Physical Education and Sport for Girls and Women – IAPESGW), criada em 1949, tendo em sua composição associados de mais de 40 países e de todos os continentes. (IAPESGW, 2020).

Essa Associação objetiva, fundamentalmente, apoiar e unificar profissionais da área esportiva, oferecendo oportunidades às educadoras físicas e acadêmicas de se reunirem para compartilhar conhecimentos, métodos, programas, ideias, problemas e soluções sobre a educação física e o esporte de várias regiões do mundo. (IDEM, 2020).

Como é uma associação filiada ao Conselho Internacional de Ciências do Desporto e Educação Física (ICSSPE), a IAPESGW também colabora na construção de políticas internacionais e auxilia no trabalho, no crescimento e desenvolvimento das áreas de educação física, esporte, atividade física e dança, bem como na divulgação do entendimento de que todas as meninas e mulheres devem ter acesso e oportunidades para desenvolver e sustentar todo o seu potencial, tanto em nível local quanto nacional e mundial. (NGIME, 2020).

No Brasil, desde a segunda década do novo milênio, a Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora passou a integrar a rede global de coordenadores da IAPESGW, através da professora doutora Eliana Lúcia Ferreira, que se tornou a representante do Brasil nesta Associação, nomeada no Congresso Mundial em Havana (Cuba), no ano de 2013. Tal representatividade objetiva, precipuamente, incentivar, divulgar e oportunizar a discussão de conhecimentos relativos a trabalhos e pesquisas científicas sobre atividades físicas e esportivas voltadas às mulheres brasileiras. (IDEM, 2020).

Por certo que não foi uma tarefa fácil a inserção da mulher no mundo dos esportes, mas vale a pena ressaltar que “a história do esporte se fez e se faz também pela participação feminina em diferentes tempos e em diferentes locais sociais”. (GOELLNER, 2004, p.364).

Nesse sentido, Souza e Knijnik (2007, p.39) relatam que “apesar do avanço da mulher no mundo esportivo e delas superarem paulatinamente os estereótipos e preconceitos relacionados ao gênero”, a sociedade contemporânea insiste na manutenção destes, o que torna o cenário ainda mais agravante para as mulheres esportistas com deficiência, segundo Cidade (2004).

Para Barros e Cavallari (2016), mesmo que o esporte constitua e represente uma das práticas corporais mais significativas e que seja indicado como fator importante de cidadania social, a sociedade tem se aproximado mais da lógica da exclusão, quando se toma como referência pessoas com deficiência. Porém, Costa (2012) e Mello e Winckler (2012) apregoam que nas práticas esportivas de alto

rendimento, onde os participantes envolvidos agem de forma a buscar o melhor desempenho atlético possível, a vitória em campeonatos e o reconhecimento esportivo são os principais objetivos dos atletas.

Portanto, até o ano de 2019, 307 mulheres atletas brasileiras com deficiência participaram dos Jogos Paralímpicos, na grande maioria das modalidades paradesportivas existentes no Comitê, sendo que a primeira presença delas nos Jogos aconteceu em Toronto (Canadá), em 1976, com Beatriz Siqueira competindo na natação e no lawn bowls (bocha sobre grama) e Maria Alvares no tênis de mesa e no atletismo. Entretanto, a representação feminina cresceu, significativamente, somente a partir dos Jogos de Atenas (2004), embora as atletas tenham tido uma participação de sucesso, com conquista de medalhas, desde os Jogos de 1984. (CPB, 2019).

A conquista da primeira medalha de Ouro feminina ocorreu nos Jogos de Stoke Mandeville (1984), por Márcia Malsar nos 200m rasos, Amintas Piedade no arremesso de peso e lançamento de dardo e Miracema Ferraz no arremesso de peso, da modalidade de atletismo, bem como por Maria Jussara Mattos, nos 4x50m Medley, da modalidade de natação. Com mais cinco medalhas de prata conquistadas, Miracema Ferraz foi a primeira atleta brasileira a conquistar seis medalhas em uma edição dos Jogos Paralímpicos. Nestes Jogos, a também atleta da modalidade de atletismo, Anelise Hermany, tornou-se a primeira deficiente visual brasileira a conquistar uma medalha nos 100m rasos, sendo vice-campeã da prova. (IDEM, 2019). Ao todo, o Brasil obteve 28 medalhas nos Jogos de 1984, das quais 19 foram conquistadas por mulheres, como também cinco medalhas de Ouro das sete obtidas pelo país, de acordo com o Comitê Paralímpico Brasileiro (2019).

Nos Jogos Paralímpicos de Barcelona, em 1992, a tão sonhada medalha dourada veio de duas atletas da modalidade de atletismo, com Suely Guimarães no lançamento de disco e estabelecendo um novo recorde mundial e Ádria Santos, nos 100m rasos, tornando-se a mulher mais veloz do mundo. (IDEM, 2019).

Já em Atlanta (1996), as atletas que se destacaram foram Ádria Santos, conquistando três medalhas de Prata, Maria José Alves (Zezé), duas de Bronze, todas nas provas de pista, como também, Suely Guimarães, obtendo a medalha de Bronze no lançamento de disco. (CPB, 2019).

Segundo o CPB (2019), em Sydney (2000) as atletas Roseane dos Santos (Rosinha) e Ádria Santos, do atletismo, bem como Fabiana Sugimori, da natação,

foram as únicas mulheres medalhistas no evento, com elevado índice de performance e sucesso, uma vez que conquistaram, juntas, cinco medalhas de Ouro (Roseane - 2, Ádria - 2 e Fabiana – 1).

Nos Jogos seguintes, em Atenas, novamente Ádria Santos e Suely Guimarães conquistaram a medalha dourada, nos 100m rasos e no lançamento de disco, respectivamente. (IDEM, 2019).

Já em Pequim (2008), somente Terezinha Guilhermina subiu no topo do pódio, nos 200m rasos para deficientes visuais e, nos Jogos de 2012, a atleta reforçou sua condição de grande velocista, conquistando a medalha dourada nos 100m e 200m rasos. Shirlene Coelho também obteve o Ouro no lançamento de dardo, contribuindo, ambas, para o brilho do Brasil na Inglaterra. (IDEM, 2019).

Na última Paralimpíada disputada, realizada em solo brasileiro no ano de 2016, além de ter a maior delegação feminina de todos os tempos, o Brasil contou com 33 mulheres medalhistas, em seis modalidades distintas, conquistando quatro medalhas de Ouro, 12 de Prata e 24 de Bronze. As medalhas douradas foram conquistadas por Shirlene Coelho, no lançamento de dardo, e Sylvania Costa, no salto em distância, ambas da modalidade de atletismo. As outras duas foram obtidas por Evani Calado e Evelyn Vieira, da modalidade de bocha, disputadas na categoria Pares. Outra paratleta que merece destaque é Bruna Alexandre, da modalidade de tênis de mesa, por ter sido a primeira mulher a conquistar uma medalha na modalidade (3º lugar), de acordo com o Comitê Paralímpico Brasileiro (2019).

Ao longo dos anos, entre os Jogos de 1984 a 2016, 53 mulheres paratletas brasileiras conquistaram 115 medalhas para o país, sendo 22 de Ouro, 43 de Prata e 50 de Bronze, nas modalidades de atletismo, bocha, judô, natação, remo, tênis de mesa e vôlei sentado. Dessas mulheres, algumas ganharam destaque mundial por seus feitos paralímpicos, como é o caso da velocista Ádria Santos, que ainda hoje possui seu nome marcado na história do paradesporto brasileiro, como a maior medalhista feminina do país, com 13 medalhas conquistadas no atletismo, em seis edições consecutivas dos Jogos Paralímpicos, quais sejam: Seul (1988), Barcelona (1992), Atlanta (1996), Sydney (2000), Atenas (2004) e Pequim (2008). (IDEM, 2019).

Outra velocista que merece destaque é Terezinha Guilhermina, que conquistou um total de oito medalhas paralímpicas no atletismo. Recordista mundial e considerada “a cega mais rápida do mundo, como classificou o Livro dos

Recordes”, a atleta coleciona três medalhas de Ouro, dois de Prata e três de Bronze, da participação em quatro Jogos Paralímpicos: Atenas (2004), Pequim (2008), Londres (2012) e Rio (2016), conforme relata AZMina Revista (2016).

Das mais variadas modalidades paralímpicas, o atletismo é a que mais trouxe medalhas para o Brasil (20 das 53 conquistadas). Dentre elas, duas douradas pertencem a Roseane dos Santos, a “Rosinha”, que enfrentou diversos tipos de preconceitos, mas logo em sua estreia nas Paralimpíadas de Sydney (2000), conquistou o Ouro no lançamento de disco e no arremesso de peso. Em 2015, no Parapan de Toronto (Canadá), Rosinha conquistou um Bronze, que considerou ser “a medalha mais difícil de sua vida”, após a superação de um câncer. (IDEM, 2016).

Entre 287 atletas, sendo 181 homens, Shirlene Coelho foi a escolhida para representar o país na Cerimônia de Abertura dos Jogos Paralímpicos do Rio, em 2016, carregando a bandeira brasileira pelo Estádio do Maracanã. Especialista em lançamento de dardo, Shirlene participou de três Paralimpíadas em sua carreira. Em Pequim (2008) foi medalhista de Prata, em Londres (2012) conquistou o tão sonhado Ouro e bateu seu próprio recorde mundial da prova e no Rio (2016) também conquistou o Ouro no lançamento de dardo e a medalha de Prata no lançamento de disco. (CPB, 2019).

Na modalidade de natação, Susana Schnarndorf se destacou por ter sido triatleta, pentacampeã brasileira da modalidade e ter disputado 13 vezes o IronMan, quando, em 2005, foi diagnosticada com atrofia múltipla de sistemas, um tipo raro de doença degenerativa. Assim, tornou-se paratleta e, em 2011, foi medalhista de terceiro lugar nos Jogos Parapan-Americanos de Guadalajara, na prova de 400m livre. (CPB, 2019).

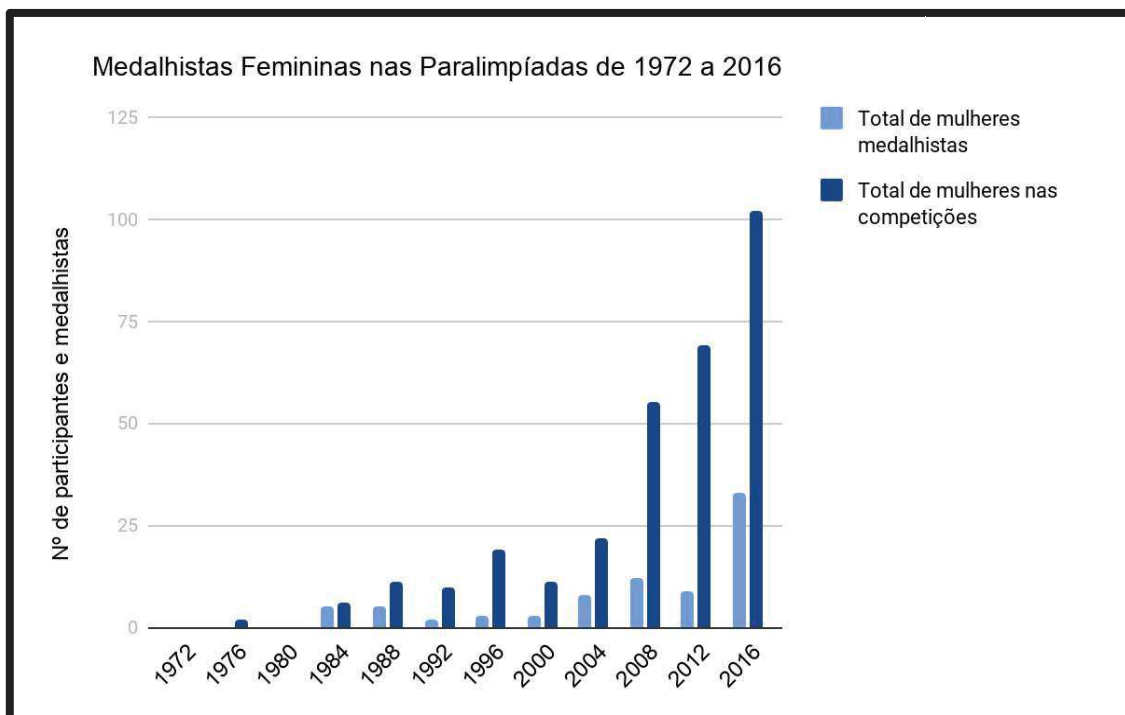
Em 2012, a paratleta realizou o sonho de disputar os Jogos Paralímpicos e, no ano seguinte, foi campeã nos 100m peito e Bronze nos 400m livre no Mundial Paralímpico de Natação, em Montreal, o que a levou a receber o Prêmio Laureus, considerado o Oscar do esporte, no ano de 2013. Na Paralimpíada do Rio (2016), Susana conquistou a medalha de Prata no revezamento 4x50m livre misto e revelou que, muito além das medalhas, o seu maior desejo era “que as pessoas parem de ver a ‘deficiência’ dos atletas paralímpicos e passem a ver a ‘eficiência’ deles”. (AZMINA, 2016).

Enfim, nas Paralimpíadas de 2016, tivemos três sujeitos desta pesquisa compondo o quadro de medalhas, na modalidade de Atletismo, onde S7 obteve o

lugar mais alto do pódio e S5 e S10 amedalha de bronze.

O gráfico a seguir revela o quantitativo das atletas nos eventos Paralímpicos de 1972 a 2016, que cresceu vertiginosamente no século XXI, bem como o total de medalhas por elas conquistadas.

Figura 06: Mulheres medalhistas nos Jogos Paralímpicos



Fonte: CPB (2019)

Autor: a pesquisadora (2020)

Contudo, das 10 participantes deste estudo, que fazem parte das modalidades oficiais de Atletismo, Halterofilismo e Natação, oito participaram das Paralimpíadas, sendo que a grande maioria, nos Jogos de 2016. E, independentemente do resultado obtido, todas apontaram a satisfa o e o prazer em vivenciar esse grandioso evento, bem como mostraram que o esforço dispensado para chegar até ali não foi em v o, como podemos verificar nos depoimentos a seguir:

- S6 (ATLETISMO)– *“Olha, participar de competi es internacionais   muito prazeroso. Você saber que seu trabalho... [...] você vê que todo o trabalho que você fez antes, foi recompensado, que valeu a pena! Pra mim estar hoje onde eu estou, eu tive que lutar muito, tive que abrir mão de muita coisa pra estar aqui... Tem horas que a gente olha pra tr s e fala assim: ‘Eu consegui’”.*

- S7 (ATLETISMO) – *“Em 2012, eu já fui convocada direto para uma Paralimpíada, [...] então, foi um feito muito grande, que ninguém acreditou. Aiem 2016, no Rio, graças a Deus eu também consegui ser convocada e consegui sair com minha medalha no peito, de 1º lugar. Eu guardo ela num lugar bem protegido lá em casa, é o meu maior xodó, porque eu participei de uma Paralimpíada no meu país, com minha torcida e saí vitoriosa”.*

- S11 (ATLETISMO) – *“Em 2008, eu fui pra minha primeira competição dentro do Atletismo e já era ano Paralímpico. Ia acontecer as Paralimpíadas de Pequim e era tudo muito novo pra mim... [...] E foi um sonho, assim, que eu jamais pensei que pudesse acontecer isso, eu estar em outro continente, ta conhecendo outra cultura, foi uma coisa surreal pra mim, foi muito, muito, muito importante pra mim. [...] Eu fui pra minha segunda Paralimpíada e obtive o 5º lugar no Arremesso de Peso e fiquei em 6º no Lançamento de Dardo. E aquilo, assim, me deu um gás pra poder treinar cada dia mais, e mais, e mais, e mais...”*

Já a participação internacional feminina na modalidade não-oficial de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas não chegou a conquistar medalhas, mas Ana Patrícia Costa obteve o 4º lugar entre 11 competidoras na categoria Single Freestyle e Adelina Perez o sexto lugar entre 20 competidoras na categoria Single Conventional, na Copa dos Continentes de 2015. (IDEM, 2019).

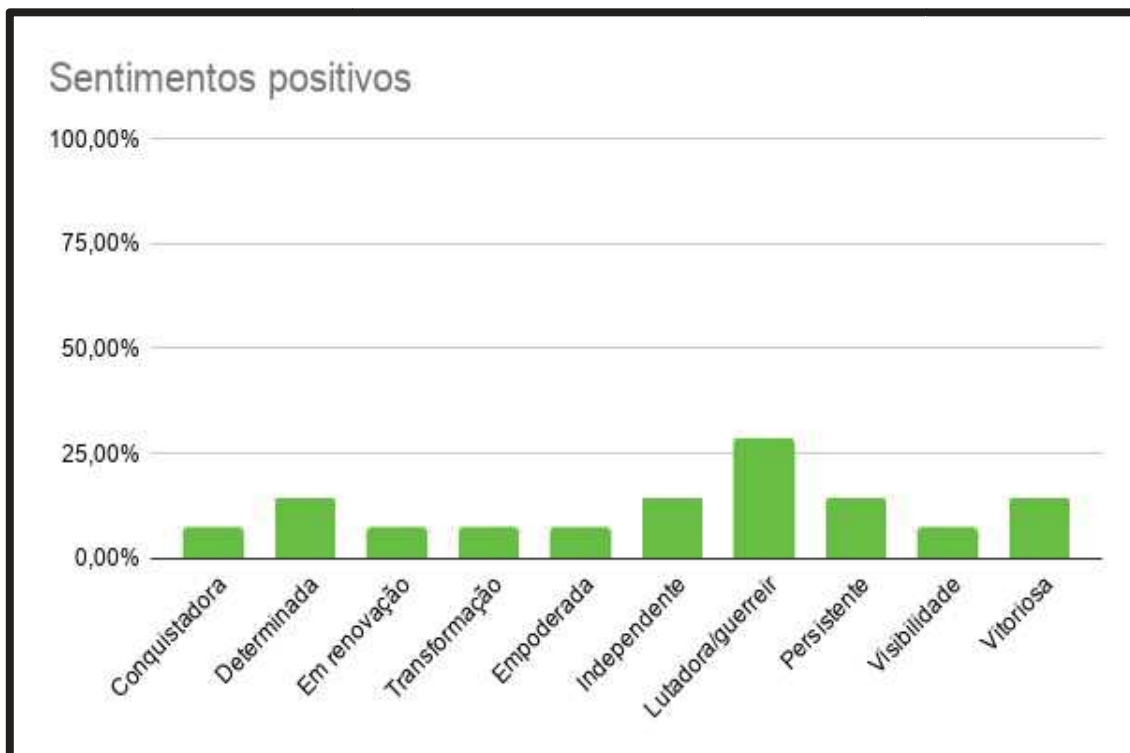
Apesar de não terem conquistado de medalhas, as paratletas se sentiram satisfeitas e orgulhosas de suas participações nos eventos internacionais, como podemos perceber nas falas, durante a entrevista realizada neste estudo, que ilustram esses sentimentos:

- S4 (DECR) – *“Competir no exterior foi muito fascinante pra mim. A primeira vez é tudo novo, é primeiro em tudo e você nem consegue analisar o que está sentindo... Foi uma correria só, treinar e se preparar para a viagem, que só o fato de chegar lá, foi uma conquista e estar lá entre as melhores do mundo, me fez sentir muito importante”.*

- S13 (DECR) – *“Fui em dois campeonatos internacionais... [...] Olha, foi a realização de um sonho mesmo... uma coisa que a gente nunca imaginava. [...] E eu estava lá... Foi muito emocionante e mesmo não tendo conseguido bons resultados, foi uma experiência que eu vou guardar pra minha vida toda...”*

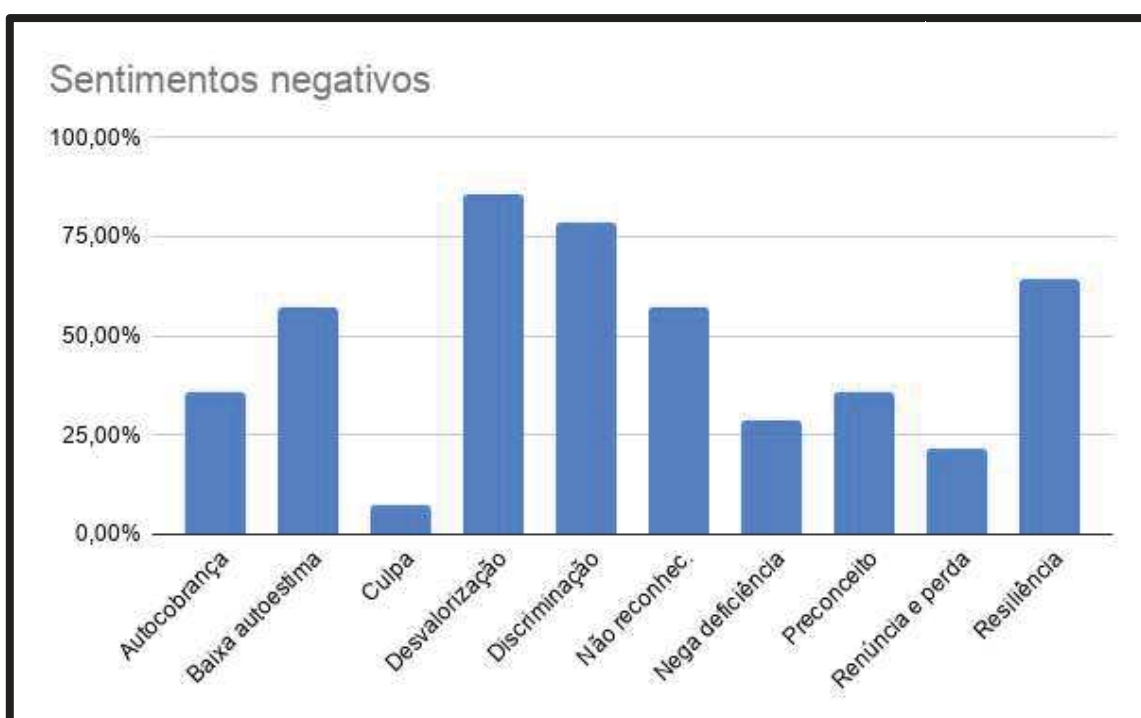
Por fim, no intuito de darmos uma maior abrangência aos objetivos desta pesquisa, apresentamos, nas figuras abaixo, os sentimentos predominantes das paratletas a respeito de si mesmas e de suas relações com o esporte, manifestados nos discursos verbais:

Figura 07 – Sentimentos positivos dos discursos verbais



Autor: a pesquisadora (2021)

Figura 08 – Sentimentos negativos dos discursos verbais



Autor: a pesquisadora (2021)

Cabe ressaltar, para finalizar este capítulo, que mesmo a Dança Esportiva em Cadeira de Rodas não tendo sido reconhecida como uma modalidade paralímpica e, portanto, não tenha recebido incentivos financeiros para seu adequado desenvolvimento, não deixou de exercer sua função principal, que é dar satisfação às pessoas que a praticam.

Não obstante, embora tenhamos verificado o número significativo de participação das mulheres brasileiras com deficiência em competições internacionais e com apresentação de resultados expressivos, nos últimos 10 anos, em pleno século XXI, ainda podemos constatar a inexistência de incentivos adequados para que elas possam desenvolver a contento a sua prática esportiva, bem como a falta de isonomia em relação aos mesmos direitos destinados aos homens esportistas, o que traz dificuldades para sua inclusão, seu reconhecimento e sua visibilidade enquanto paratleta.

8 RESULTADO E DISCUSSÃO DO *CORPUS* DE ANÁLISE

Segundo Ferreira (2003), o sentido aparece na Análise do Discurso como efeito de sentido entre interlocutores, visto que as condições de produção de um discurso se constituem através da língua e da história. A autora (2003) aponta, também, que a constituição dos sentidos é dada pelo próprio sujeito, a partir do funcionamento de seu imaginário.

Nesta perspectiva, Orlandi (2015) pontua que para ocupar uma posição-sujeito em qualquer formação social, é preciso que ele se inscreva em um jogo de relações imaginárias que o possibilite, antecipadamente, a formação de uma imagem de si e do outro. Pêcheux (2008) apregoa que os sentidos não são arraigados às palavras, estando aquém e além delas e, portanto, é isso que buscamos identificar nos discursos dos sujeitos dessa pesquisa.

Assim, a análise discursiva deste estudo não discorrerá sobre o não lugar (empírico) dos sujeitos dentro de uma sociedade de relações hierarquizadas, mas sobre a posição discursiva dos mesmos e as imagens que resultam de suas participações no esporte competitivo.

O primeiro momento da nossa análise deu-se em direção às formas com as quais os sujeitos entrevistados se posicionaram em suas discursividades. Para Orlandi (2015), o sujeito se marca na instância do discurso pela linguagem e, por isso, trabalhamos a partir das marcas assinaladas pelos pronomes pessoais utilizados.

Nos recortes das entrevistas (Apêndice III) colocados a seguir, podemos verificar que os sujeitos usaram a primeira pessoa do discurso, deslocando-se da posição de sujeito deficiente para a posição de sujeito atleta, com todos os adjetivos que essa palavra representa socialmente, em acordo com a Teoria da Enunciação de Benveniste (1988), que consiste na explicitação do enunciador.

Quadro 23: Enunciados dos sujeitos

S1, *Eu to numa fase de falar dessa transformação que a dança trouxe pra mim. [...]*
o quanto eu cresci como pessoa... (em transformação);

S2, *Eu vou pra superar os meus medos e fazer o que eu gosto, que é viver do esporte.* (em superação dos próprios medos);

S3, *Eu lutei por ser mulher, eu lutei por ser uma pessoa com deficiência, eu lutei pra ser uma profissional e hoje eu gosto desse termo “inspiração”, no sentido de que: “vamos que é possível”. (em luta constante);*

S4, *eu sou uma pessoa que reconheço os meus valores, as minhas habilidades, as minhas especialidades... através da dança eu me descobri enquanto mulher, enquanto pessoa... e... enquanto uma pessoa que tenho as minhas vontades e que posso impor as minhas opiniões... empoderada. (empoderada);*

S5, *sou uma atleta paralímpica, brasileira, da cidade da Bahia de Salvador, que nasci pra representar o Brasil. (determinada);*

S6, *É uma pessoa que luta pelo que ela quer [...] é guerreira, na verdade, que vem pra quebrar tabu... sou uma pessoa de fibra e de garra. (lutadora, guerreira e que veio para quebrar tabus);*

S7, *eu me sinto determinada e eu gosto de desafios, eu gosto... (determinada e desafiadora);*

S8, *é uma pessoa sorridente, brincalhona, que tá sempre de bem com a vida, também é [...] uma fera em competição... (de bem com a vida e autoconfiante);*

S9, *eu me vejo como uma mulher como todas as outras, eu estou levando a minha vida, eu treino, eu tenho o meu trabalho, eu tenho os meus amigos, os meus relacionamentos, eu não sou... só a S9 cadeirante, eu sou a S9 mulher, ativa, eu sou muito ativa, eu tô sempre fazendo alguma coisa, eu moro sozinha hoje com o meu cachorrinho, [...] (ativa e independente);*

S10, *[...] eu sou uma sonhadora, guerreira e que nunca desiste de seus sonhos. Eu sempre estou querendo ter metas, porque a gente tendo metas e objetivos na vida, a gente tem um rumo, né? Eu sou uma pessoa que... que... eu me cobro muito. (guerreira, sonhadora, determinada e com autocobrança);*

S11, *é uma pessoa determinada, é uma pessoa com foco, eu sempre coloco pra mim que querer é poder, sim, você tem que querer (ênfase), que você consegue, independentemente de qualquer coisa. (determinada e focada);*

S12, *é uma guerreira, vitoriosa, que nunca desiste e que está sempre correndo atrás... Eu sou uma pessoa que não tenho inveja, que não tenho olho grande, que ajudo todo mundo que precisar e [...] eu não desisto, luto e estou sempre ali. (lutadora, guerreira, vitoriosa e altruísta);*

S13, *Eu sou mulher, e... com deficiência, mas tenho uma ocupação também [...] eu sou bailarina, sou... gosto de [...] conhecer novas coisas, sabe, e... superar os meus limites, que, pra mim (ênfase), na verdade nem são, sabe... é uma dificuldade como qualquer outra*

peessoa tem, mas sou um ser humano cheio de vontades, de desejos e eu vou atrás deles.
(lutadora, independente e determinada);

S14, é uma pessoa que ama a dança, hoje a S14 é uma pessoa que administra a dança, [...] hoje em dia eu quero modificar a S14. Hoje em dia, eu quero me dedicar a estudar, a estudar muito, [...] Esse é o meu objetivo e eu tenho certeza que eu vou realizar, porque isso está me motivando todos os dias. Eu acho que a S14 hoje é uma pessoa que se renova a cada dia e eu me sinto renovada, renovada, renovada... e sempre com um objetivo.
(determinada e em constante renovação).

Autor: a pesquisadora (2021)

Todavia, percebe-se a presença da realização e transformação pessoal de cada sujeito da pesquisa, mediada pela possibilidade do fazer, do pertencer e, ao mesmo tempo, pela importância do compartilhar com o outro (determinado ou não) as possíveis conquistas e realizações. Ocorre, também, a presença do fenômeno de empoderamento e de aparição social do sujeito. As marcas discursivas demonstram a condição singular de ascensão social, inclusive da condição desejada e propagada dos atletas de um modo geral. Tais dizeres trazem em seu “sentido” a possibilidade do sujeito de se movimentar diferentemente pela sociedade.

É notória a constituição de uma nova personalidade e dos relacionamentos interpessoais quando observamos o verbo “ser” com o sentido de “existir”, diferente do sujeito deficiente, que costuma ser denominado inexistente, sendo, portanto, posta a ruptura social com o diferente, que aqui foi dada pela relação corporal esportiva.

Entretanto, a alternância recorrente entre ser mulher/deficiente e mulher/atleta marcou a constituição da pessoalização e impessoalização do sujeito, levando-se em consideração que o seu lugar é o lugar de instabilidade social, costumeiramente, não legitimado para se permanecer no espaço de sujeito atleta.

No entanto, o pronome pessoal que marca de subjetividade uma condição inegavelmente individual, convive com a inserção do discurso dos “outros” (sociedade), representativo de uma posição/sujeito de autoridade historicamente constituída. Vejamos alguns apontamentos:

Quadro 24: Discursos dos sujeitos

S1, *A dança trabalha com uma exposição muito grande, é a exposição de seu corpo, é a exposição dos seus movimentos. É um processo de aceitação do próprio corpo e transformação dessa sua visão sobre o que o outro está vendo e está pensando sobre você. (aceitação de si para transformar a visão das pessoas a seu respeito);*

S2,[...] *desde o início eu conquistei um grande respeito das pessoas. Nunca, nunca fui tratada diferente por ser mulher. Nunca teve essa diferença, principalmente na mídia. Eu acho que na nossa categoria de Corrida em Cadeira de Rodas (T54), a Vanessa, a Jéssica e outras meninas que correm, acabou conquistando uma mídia muito grande. A gente é sempre chamada pra fazer matérias e quando o Comitê precisa de um vídeo chama a gente... Então foi mais uma coisa que as mulheres conseguiram conquistar. Mas também a gente trabalhou muito pra isso... (não é tratada com diferença e discriminação, mas teve que conquistar sua posição);*

S3, *No Halterofilismo ainda temos que conviver com o estereótipo de que a modalidade vai te masculinizar, que vamos perder a feminilidade e isso tem dificultado para o aumento das mulheres em competições. [...] Agora, a mídia mesmo impregna o estereótipo do corpo fitness, escultural, bonito, mas a coisa muda de figura quando se fala de halterofilismo, ainda mais pra atleta paralímpico de alto rendimento. [...] quando a mídia passar a valorizar mais o desporto paralímpico e a modalidade de Halterofilismo, isso irá melhorar. (convivência com o preconceito e estereótipos negativos);*

S4, *Eu percebo que [...] a pessoa com deficiência na nossa sociedade, não é vista ainda como produtor de arte, como protagonista da arte. Nós também temos que parar de dizer que somos bailarinas e devemos falar que somos paratletas, que praticamos Dança Esportiva em Cadeira de Rodas e que somos campeãs na modalidade, porque só assim a DECR irá ganhar respeito e reconhecimento da nossa sociedade. (visão capacitista da sociedade);*

S5, *eu sou a única mulher que trouxe uma medalha de Maratona em Paralimpíada pro Brasil. [...] acho que muitas pessoas ainda precisam me procurar, me valorizar, principalmente patrocinadores e entrevistadores. Eu sinto que ainda não sou reconhecida pelo Brasil. (sente falta de reconhecimento);*

S6, *Na verdade, eles acham a gente coitadas, chamam a gente de coitadas. [...] você ser mulher, ser deficiente, ser mãe e ser esportista entra o preconceito deles, porque eles não acreditam. Só acreditam quando a gente consegue, né, e quando a gente chega lá no topo da escada, eles ainda dizem que foi pura sorte. Não veem o quanto você batalhou pra tá ali, entendeu. [...] eu tive que lutar muito, tive que abrir mão de muita coisa pra estar aqui. (convivência com o preconceito estigmas);*

S7, *ser deficiente, negra e mulher nesse país que a gente vive, a gente sabe que não tem oportunidades nenhuma, a gente sabe que o destino da gente está praticamente já dito na sociedade e que o esporte, não, o esporte proporcionou pra mim, na minha vida, várias coisas né. (convivência com o preconceito estigmas);*

S8, *as mulheres já estão começando a tomar seu espaço, estão começando a subir no pódio sim, estão começando a cantar o Hino Nacional e estão começando a mostrar que mulher também é atleta. A gente dá o nosso sangue, dá nosso suor e a gente faz o que for pra poder representar o Brasil bem em todas as competições. [...] a gente, mulher, está evoluindo, tá crescendo e querendo conquistar o nosso espaço. (crescimento de uma percepção positiva e desejo de conquista de espaço);*

S9, *Eu acho que tem pouquíssima visibilidade ainda, não chega nem perto de mídia, patrocínio e atenção da população comparado a natação convencional e acho que ainda tem um longo caminho para o esporte paralímpico avançar. Acho que muitas pessoas meio que veem a pessoa com deficiência como um coitadinho [...] e às vezes parece que algumas pessoas vêem como se não fosse de tão esforço como é para os olímpicos. Sabe, a gente dedica tanto quanto, dentro das nossas limitações, a gente abdica de um monte de coisa, tanto quanto o atleta olímpico. (sente falta de visibilidade e preconceito);*

S10, *Aqui, como em São Paulo e no Rio, você só é deficiente se sua deficiência aparecer. [...] Eu sofro muito com isso e já passei por várias coisas horrorosas, de chorar mesmo, porque minha deficiência só aparece quando eu ando. Mas aqui em Maceió não é diferente. A diferença aqui é que as pessoas não têm estudo, mas acho que aqui, por não ter estudo é menos preconceituoso que lá, porque o pessoal, em todo lugar, te julga pela aparência, né. Não está escrito na nossa testa que a gente é deficiente. Eu passo por vários perrengues... (convivência com o preconceito estigmas);*

S11, *Eles já colocam o estigma que por ser mulher, a mulher não pode ter o mesmo resultado que o homem, né, e ainda por ser deficiente... (convivência com o preconceito estigmas);*

S12, *As pessoas me olham e perguntam se eu tomo “bomba” e [...] Quando digo que faço Halterofilismo, levantamento de peso, elas não acreditam, porque as pessoas nem sabem o que é Halterofilismo e ainda perguntam como eu levanto peso pequena desse jeito... Eu acho que ainda tem muito preconceito... preconceito de como você é anã e ainda levanta peso. Teve uma mulher que disse que era mentira o que eu estava falando... Hoje em dia, o esporte que é pra uma pessoa que é deficiente é muito difícil. (convivência com o preconceito estigmas);*

S13, *Olha, as pessoas geralmente ficam bem impressionadas, porque ainda não é uma coisa amplamente divulgado. As pessoas ficam muito surpresas com a pessoa com deficiência dançando na cadeira de rodas, porque as pessoas veem a mulher com deficiência*

como uma pessoa que tem que ficar em casa, superprotegida. (convivência com o preconceito e discriminação);

S14, Quando eu ganhei meu primeiro campeonato, eu acho que eu mudei, sabe Karla, porque minha autoconfiança foi tão (ênfase) grande, eu me sentia a mulher mais realizada do mundo, sabe. [...] tinham pessoas que já falavam muitas coisas pra mim, principalmente... já me chamaram de aleijada, sabe, mas isso não ficava em mim. Essas coisas que aconteciam fora, já não me afetava, porque eu fiquei tão (ênfase) realizada, tão feliz de ter realizado meu grande sonho... (convivência com o preconceito e discriminação).

Autor: a pesquisadora (2021)

Nas análises realizadas, percebe-se um discurso ancorado no dualismo deficiente/atleta eficiente, na desagregação do ser humano em duas partes, revelando que as correspondências entre os diferentes discursos não se fazem mecanicamente, muito menos se mantêm de modo estanque.

Esses discursos sinalizam para a verificação dos heterogêneos processos de identificação do nosso *corpus* de análise, no sentido de falta/desvalorização da condição de sujeito e de afirmação/legitimação dessa mesma condição, configurando, dessa maneira, duas posições de sujeito distintas, opostas e contraditórias.

Contudo, os discursos não possuem limites traçados de forma fixa e suas fronteiras são móveis, uma vez que o que se tem são estados desses processos, que estão sempre em movimento e em interrelação constante, ou seja, “o que faz parte de um discurso só se define assim pela sua relação com o que faz parte de outros discursos que o delimitam”, conforme afirmam Orlandi, Guimarães e Tarallo (1989, p.134).

Reafirmando essa perspectiva dualista, Souza e Knijnik (2007) revelam que, apesar das mulheres superarem paulatinamente os estereótipos e preconceitos relacionados ao gênero, a sociedade contemporânea ainda insiste na sua manutenção.

A seguir, apontamos alguns significados que emergiram sobre os nossos sujeitos, a partir de seus discursos durante as entrevistas, explicitando a necessidade de valorização e de reconhecimento pelo outro, contrapondo com um sujeito subjetivado, que busca espaço para a inclusão do “eu”.

Quadro 25: Falas dos sujeitos

S1 tem o desejo de não decepcionar as pessoas e suprir as expectativas sobre si;

S1, S4, S5, S7, S10, S12 e S13 apresentam baixa autoestima;

S2, S4, S5, S6, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13 e S14 possuem o desejo de serem valorizadas;

S4, S5, S6, S10, S12, S13 e S14 desejam ser reconhecidas pela sociedade.

S3 sofre com os preconceitos;

S4 revela sentimento de culpa e de falta de reconhecimento;

S5 e S12 sofrem dificuldade de aceitação e negam sua própria deficiência;

S6 tem desejo de firmar identidade com seus pares;

S9 vê na modalidade que pratica a salvação para sua condição de deficiente;

S14 possui dificuldade em aceitar perdas.

Autor: a pesquisadora (2021)

Dessa forma, os discursos e os interdiscursos das atletas das modalidades esportivas oficiais e da modalidade esportiva não-oficial, de um modo geral, revelaram que os sentimentos negativos sobrepujaram os sentimentos positivos em suas trajetórias esportivas, uma vez que não perceberam sua posição-sujeito naquele momento, não deram conta de seu lugar social, de sua transformação e nem de seu protagonismo. Assim, sobressaíram a falta de valorização e de reconhecimento de suas capacidades e habilidades por parte da sociedade, a discriminação por serem paratletas e do gênero feminino, bem como o sentimento inconsciente de baixa autoestima e de resiliência pela condição em que se

encontram, como pelos preconceitos sofridos.

Contudo, revelaram também a identificação desses sujeitos com o esporte que praticam, a importância dessa atividade em suas vidas, a força que buscaram para lutar por seus direitos e desejos, além do empoderamento adquirido pelas conquistas na modalidade praticada.

Tais fatos se fazem presentes quando elas falam de si, da transformação que o esporte causou em suas vidas, dos apoios recebidos ou não pela família e pelas instituições das quais fazem ou fizeram parte, das lutas e dificuldades encontradas para pertencerem e crescerem na modalidade, serem reconhecidas e valorizadas em um esporte competitivo de alto rendimento, seja ele qual for.

Barros e Cavallari (2016, p.106) apontam que mesmo que o esporte seja indicado como fator importante de cidadania social, a sociedade tem se aproximado mais da lógica da exclusão, quando são tomadas como referência as pessoas com deficiência. As autoras declaram que “a sociedade não vê os deficientes como realmente são: pessoas, com corpos diversos e diferentes estilos de vida” e que, a sociedade, encontra-se permeada por uma “falsa inclusão” e/ou uma “exclusão intencional”.

Assim, podemos constatar esses ditos e não-ditos dos sujeitos desta pesquisa, destacando algumas falas pontuais. No que concerne às lutas e às dificuldades encontradas para permanecerem no esporte, temos:

- S3 (HALT) - *“Eu lutei por ser mulher, eu lutei por ser uma pessoa com deficiência, eu lutei pra ser uma profissional...”*.
- S6 (ATL) – *“Pra mim estar hoje onde eu estou, eu tive que lutar muito, tive que abrir mão de muita coisa pra estar aqui...”*.
- S10 (ATL) - [...] *“eu sempre vou lutar por meus direitos como mulher, deficiente e nordestina também, porque você sabe que existe muito preconceito com a gente, é complicado, mas eu tô aí”*.

Simões e Knijnik (2004), Oliveira (2008) e Goellner (2012) afirmam que a presença da mulher no esporte tem sido marcada por muita luta e preconceitos, gerando grandes episódios de reivindicação por direitos iguais ao longo da história. A ONU-Mulheres (2015) afirma que durante muito tempo o esporte foi considerado um espaço masculino e que, até o ano de 1979, as mulheres eram proibidas de praticar lutas e jogar futebol, por essas práticas serem consideradas incompatíveis e

inadequadas ao sexo feminino.

Esses autores reafirmam a luta constante de S3, S6 e S10 para serem respeitadas, reconhecidas e valorizadas, principalmente por se tratar de uma modalidade esportiva eminentemente masculina.

- S2 (ATL) - *“nossa categoria é muito fraca aqui no Brasil e o fato de não ter premiação também, nas provas de rua do Brasil, faziam os atletas não se interessarem muito. Então foi mais uma coisa que as mulheres conseguiram conquistar”. [...] “Desde o início, quando eu comecei a participar de competições, como eu Morava em cidade pequena, comecei a ir nas rádios da cidade, o meu marido e técnico, o Fernando, escrevia relatório depois de cada competição e a gente chegou a participar do Programa da Fátima Bernardes, mas foi a gente que se inscreveu pra tentar ser chamado e deu certo... E depois disso, outras mídia começaram a chamar nós”.*

- S8 (NAT) – *“a gente, mulher, está evoluindo, tá crescendo e querendo conquistar o nosso espaço. Então, pra você poder ver quem eu sou e também pra poder ter um incentive maior e melhor, que me entreviste, veja quem eu sou, me conheça pra eu poder falar um pouco da minha história e poder motivar outras pessoas, outras mulheres, entendeu? [...] Eu acho que a imprensa também tem que ver quem tá iniciando, fazer entrevista, porque incentiva, dá empolgação pra um atleta novo continuar”.*

Goellner (2012), corroborando com Simões e Knijnik (2004), revela que as condições de acesso e participação das mulheres não foram e não são iguais às dos homens em relação às práticas corporais e esportivas, à visibilidade conferida pela mídia, aos valores de alguns prêmios atribuídos aos vencedores e vencedoras de competições esportivas, dentre outros e que nem sempre as mulheres foram incentivadas a se inserir e a permanecer no esporte. Simões e Knijnik (2004) revelam ainda que, mesmo nos dias atuais, a mulher esportista vive à sombra de premiações e de uma mídia que pouco divulga seus feitos, suas conquistas e seus resultados.

As falas de S2 e S8 mostram também a pouca visibilidade que as mulheres possuem no esporte e, por consequência, a dificuldade da modalidade em conseguir novos adeptos. Já as falas a seguir, de S1 e S13, referem-se a outra vertente de dificuldade encontrada para permanência da mulher no esporte, no caso, a modalidade não-oficial de Dança em Cadeira de Rodas, uma vez que, como tal, esse desporto não possui incentivos financeiros governamentais para se manter em atividade.

- S1 (DECR) - *“se a Dança em Cadeira de Rodas fosse uma modalidade paralímpica, existiriam milhões de pessoas fazendo. Mas como não é paralímpica, não tem apoio do governo e nem nada, são poucas as pessoas que fazem. [...] Então, a gente vai ficar assim, com pessoas que amam o que fazem e levam avante, como são as pessoas que desenvolvem a DECR hoje em dia. E ainda não tem tido renovação de atletas, porque falta incentivo, atrativo”.*

- S13 (DECR) - *“Quando a gente teve o convite pra competir na Rússia, quando o nosso técnico disse que tinha a possibilidade, ele disse que a gente teria que trabalhar muito, até pra conseguir custear, né, a viagem e também pra participar. [...] cada um foi com a sua cadeira e a minha era uma de basquete, que foi conseguida assim: um trouxe uma peça, outro trouxe outra [...]. Nós realmente fomos com a cara e a coragem”.*

Goellner (2005) comenta que, ao longo da história do esporte brasileiro, foram e ainda são distintos os incentivos, os apoios, as visibilidades e as oportunidades conferidas às mulheres e aos homens. Simões e Knijnik (2004) completam dizendo que, em certa medida, ainda é possível encontrar algum tipo de segregação ou alguma vivência marginal da mulher esportista na sociedade contemporânea.

Também conseguimos vislumbrar a segregação, a falta de visibilidade e a não valorização da mulher em comparação aos esportes olímpicos, nas seguintes falas:

- S9 (NAT) – *“Eu acho que tem pouquíssima visibilidade ainda, não chega nem perto de mídia, patrocínio e atenção da população se comparado a natação convencional e acho que ainda tem um longo caminho para o esporte paralímpico avançar. Acho que muitas pessoas meio que veem a pessoa com deficiência como um coitadinho [...] e às vezes parece que algumas pessoas veem como se não fosse de tão esforço como é para os olímpicos. Sabe, a gente dedica tanto quanto dentro das nossas limitações, a gente abdica de um monte de coisa, tanto quanto o atleta olímpico”.*

- S5 (NAT) – *“Eu sinto que ainda não sou reconhecida e valorizada pelo Brasil, entendeu?”.*

Quanto à importância do esporte para os sujeitos desta pesquisa e à transformação ocorrida em suas vidas, podemos apresentar alguns exemplos de falas:

- S1 (DECR) – *“o que vale não é que naquele ritmo eu sou a melhor, naquele outro ritmo eu sou a bam, bam, bam e quantas medalhas eu conquistei, mas o quanto eu cresci e aprendi aqui dentro. (colocou a mão sobre o peito) É isso o grande tesouro, a grande medalha que eu acho que trago, sabe... os amigos que eu fiz, os vínculos, o quanto eu cresci como pessoa”.*

- S4 (DECR) – *“Competir no exterior, foi muito fascinante pra mim. [...] Foi uma correria só, treinar e se preparar para a viagem, que só o fato de chegar lá, foi uma conquista e estar lá entre as melhores do mundo, me fez sentir muito importante. Antes de ir competir, eu me sentia a gorda que dança, a “patinho-feio” e, lá, era eu que estava entre as tops, entre as melhores do mundo, e isso não é pra qualquer um... Olha só o que a dança me proporcionou... O amadurecimento me fez sonhar mais alto e foi muito importante pra mim”.*

- S7 (ATL) – *“No ParaPan do Canadá, eu consegui um sonho muito grande na minha vida, que era ouvir o Hino Nacional no lugar mais alto do pódio. Chorei demais lá no pódio por ter conseguido realizar esse sonho. Então, assim, eu só tenho a agradecer mesmo a Deus né, por ter me presenteado com o esporte na minha vida, porque eu falo que o esporte na minha vida foi um divisor de águas, né.[...] O esporte proporcionou pra mim, na minha vida, várias coisas né. Eu falo assim porque, eu, uma mulher negra e deficiente conheci vários países, culturas, consegui a minha autonomia, hoje eu tenho a minha casa, que eu posso falar que é minha, e eu devo tudo isso ao esporte mesmo, porque se não fosse o esporte eu seria mais uma mulher negra, deficiente e aqui em nosso país, a gente já sabe qual seria o nosso destino na sociedade”.*

- S11 (ATL) – *“Ir nos Jogos de Pequim foi um sonho, assim, que eu jamais pensei que pudesse acontecer isso, eu estar em outro continente, tá conhecendo outra cultura, foi uma coisa surreal pra mim, foi muito, muito, muito importante pra mim”.*

Simões (2004) pontua que a participação das mulheres nos esportes está ligada não somente às representações sociais construídas por elas, mas à maneira como as representam para si mesmas, individual ou coletivamente. Com isso, vislumbramos nessas falas citadas como esses sujeitos são capazes de lutar por seus sonhos, de transformarem-se e de se firmarem num espaço que é seu por direito e que também lhes proporciona o amadurecimento, o crescimento, a independência, a autonomia, enfim, a força.

Quanto aos preconceitos sofridos e estigmas instituídos pela sociedade ao longo de suas trajetórias, destacamos:

- S3 (HALT) – *“Eu sempre tive sobrepeso, sempre fui mais fortinha, mais gordinha e então fui pra Natação por causa do estereótipo de que “agora eu emagreço. Na Natação eu conheci um técnico, que me disse que eu tinha o perfil para a Natação e o Halterofilismo. [...] No Halterofilismo ainda temos que conviver com o estereótipo de que a modalidade vai te masculinizar, que vamos perder a feminilidade. E ainda escutamos que tomamos “bomba”, que não vamos conseguir namorar nunca... tem horas que até dá preguiça de lutar, sabia? Mas, eu penso também que as pessoas só conseguirão lidar com isso se*

conviverem com... e também quando a mídia passar a valorizar mais o desporto paralímpico e a modalidade de Halterofilismo, isso irá melhorar.

- S10 (ATL) – *“você só é deficiente se sua deficiência aparecer. Se você não demonstrar ou não ser aparente, pra eles, você é normal. O pessoal, em todo lugar, te julga pela aparência, né. Não está escrito na nossa testa que a gente é deficiente. Eu passo por vários perrengues, porque minha deficiência só aparece quando eu ando...”*

- S11 (ATL) – *“Eles já colocam o estigma que por ser mulher, a mulher não pode ter o mesmo resultado que o homem, né, e ainda por ser deficiente... A sociedade precisa se abrir um pouquinho mais, né”*

- S12 (HALT) – *“Karla, as pessoas olham pra você com outro olhar. As pessoas me olham e perguntam se eu tomo “bomba” e eu digo que não, que eu sou uma paratleta da Seleção Brasileira e elas assustam... Quando digo que faço Halterofilismo, levantamento de peso, elas não acreditam, porque as pessoas nem sabem o que é Halterofilismo e ainda perguntam como eu levanto peso pequena desse jeito... Eu acho que ainda tem muito preconceito... preconceito de como você é anã e ainda levanta peso. Teve uma mulher que disse que era mentira o que eu estava falando... Hoje em dia, o esporte que é pra uma pessoa que é deficiente é muito difícil”*

- S13 (DECR) – *“As pessoas ficam muito surpresas com a pessoa com deficiência dançando na cadeira de rodas, porque as pessoas veem a mulher com deficiência como uma pessoa que tem que ficar em casa, superprotegida”*

Contudo, ainda podemos destacar algumas falas que refletem as dificuldades enfrentadas e o sentimento de resiliência dos sujeitos da pesquisa, mediante os preconceitos existentes nos dias atuais:

- S4 (DECR) – *“Como eu sempre fui acima do peso, fui gorda, eu também não imaginava que uma gorda pudesse ter uma atividade de dançar em uma cadeira de rodas. [...] Resumindo, a pessoa com deficiência na nossa sociedade não é vista ainda como produtor de arte, como protagonista da arte e [...] a Dança Esportiva em Cadeira de Rodas ainda não é vista”*

- S10 (ATL) – *“Eu fiz as reuniões, as fisioterapias, mas a médica falou pra gente que eu podia fazer a fisioterapia que for, que ia melhorar um pouco, mas que nunca mais eu ia ser normal, né. Teoricamente, foi o que ela disse... Aí, eu fui lidando comisso [...]”*

- S13 (DECR) – *“Na escola eu não tinha nenhum apoio pra praticar esporte e pra nada, né, porque os professores não sabiam como trabalhar comigo. Eu só ficava lá sentada, vendo as atividades e eu era avaliada através de trabalho de pesquisa, que nem viam e eu só ganhava 10”*

A partir das falas dos sujeitos apresentadas acima, somadas à frase cunhada pela atleta paralímpica de natação, Susana Schnarndorf, à revista AZMINA (2016), onde suplica para “que as pessoas parem de ver a ‘deficiência’ dos atletas paralímpicos e passem a ver a ‘eficiência’ deles”, podemos constatar que ainda há obstáculos, percalços, preconceitos e discriminações presentes no universo esportivo feminino a serem vencidos.

Não obstante, é mister apontarmos os discursos não-verbais e os “não ditos” desses sujeitos revelados através das imagens fornecidas em participação nos eventos internacionais (executando a modalidade e recebendo premiação), no intuito de compor essa análise do *corpus* da pesquisa.

Em quatro décadas, a participação das atletas nos Jogos Paralímpicos de 1976 a 2016 apontou um crescimento contínuo até a edição de Atlanta, retomando o crescimento a partir dos Jogos de Sydney, sendo 6% em 1976; 20,7% em 1984; 17,7% em 1988; 23,2% em 1992; 31,6% em 1996; 17,2 %em 2000; 22,4% em 2004; 29,2% em 2008; 37,9% em 2012 e 35,6% em 2016, em comparação ao número total de atletas em cada evento.

Enfim, o resultado alcançado pelas mulheres brasileiras com deficiência, tanto nos paradesportos oficiais quanto no não-oficial apontados nesta pesquisa, revela que o esporte é capaz de mostrar não somente sobre o que essas mulheres representam para a sociedade, mas, também, “sobre a eficiência de quem se supera o tempo todo”. (AZMina, 2016).

Assim, os discursos não-verbais que percebemos em todas as imagens dizem respeito à satisfação e ao orgulho de si mesmas pela superação das dificuldades encontradas em suas trajetórias, que as levaram a conquistar a melhor classificação de suas vidas em um evento mundial e a demonstrar toda sua força e empoderamento.

No entanto, S4 e S12 reforçam o sentimento de baixaestima e de dificuldade de aceitação de si, respectivamente, também apresentados nos interdiscursos verbais, ao não enviarem suas imagens executando a modalidade no evento. Inconscientemente, S4 não acredita em sua capacidade e habilidade esportiva, por se achar uma deficiente gorda para a prática da dança em cadeira de rodas ou para qualquer outra modalidade esportiva e S12, por sua vez, não aceita sua condição de deficiência, uma vez que não aceita o nanismo.

Por fim, vale destacar que S7 enviou apenas uma foto, onde recebe a premiação no evento, diferentemente de todas as demais paratletas, que enviaram em torno de cinco fotos. Provavelmente, a foto enviada é a mais significativa e importante em sua vida e carreira esportiva.

As fotografias disponibilizadas mostraram, portanto, que os sujeitos desta pesquisa se constituem de um mecanismo coerente de produção de sentidos sociais, mas que, segundo Pêcheux (2008), trazem um efeito de sentido contrastante com sua identidade de sujeito.

Estas mulheres, que rompem com os sentidos fixados pela memória social, buscam propor novas maneiras de materializar uma identificação estritamente individual, denominando-se atletas de excelência, legitimando-se a despeito de qualquer falta e considerando-se membro participante efetivo da sociedade.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou contribuir para o reconhecimento e a valorização da trajetória das mulheres com deficiência nos esportes institucionalizados e de competição, com a finalidade precípua de dar visibilidade à importância destas mulheres nos paradesportos.

Não restam dúvidas de que o esporte se traduz como um fenômeno social de grande abrangência e visibilidade. Entretanto, com relação às mulheres atletas com deficiência participantes desta pesquisa, percebemos um esforço hercúleo para superarem as dificuldades encontradas e os preconceitos existentes em suas trajetórias, a fim de conseguirem pertencer e crescer na modalidade, serem reconhecidas e valorizadas no esporte que praticam.

Nesse sentido, foi indispensável refletir sobre o processo de ressignificação e reconstrução dos valores e paradigmas sobre a mulher deficiente e esportista na sociedade, uma vez que nos deparamos com questões que dificultam a participação feminina nas modalidades, muito em virtude da estrutura conservadora existente na sociedade brasileira, que as impede de se desenvolverem e de se projetarem em ambientes esportivos e de competição.

Também foi imperioso repensar as políticas públicas de incentivo aos esportes, no sentido de equidade entre as modalidades oficiais e a não-oficial pesquisada, pois o que temos, ainda hoje, não reflete um processo de inclusão, mas sim de exclusão. Haja vista que os esportes pertencentes ao Comitê Paralímpico Brasileiro se beneficiam de uma estruturação e de apoio financeiro para o desenvolvimento de suas modalidades e de seus atletas, diferentemente do que ocorre com o esporte não-oficial (DECR), que carece de estrutura e financiamento governamental para a permanência e atuação dos atletas, acabando por desestimular a inserção de novos participantes ou a continuidade dos atletas já pertencentes à modalidade, bem como, de dificultar o incentivo ao crescimento e desenvolvimento enquanto atletas profissionais.

Para os esportes não estruturados, mas tão relevantes quanto os estruturados, faltam políticas públicas que os contemplem com os recursos necessários, a fim de proporcionar aos seus atletas uma vivência esportiva em plenitude, ainda mais para aqueles que não possuem sequer incentivo financeiro

familiar, por pertencerem a famílias humildes, de baixa renda e classe social.

Portanto, mesmo que o esporte se traduza como um elemento de promoção do atleta, para as mulheres paratletas brasileiras ele se encontra aquém do que deveria, se considerarmos a existência de uma memória social e esportiva, que define a concepção de corpo e de movimento e que faz circular, majoritariamente, sentidos para a construção de uma identidade.

Assim, percebemos que, no decorrer dos anos, as transformações apresentadas no esporte brasileiro para pessoas com deficiência foram consequências de trabalhos individuais realizados pelas instituições paradesportivas, mas que, na prática, continuaram por perpetuar uma visão de esporte distanciada do ideal e do que se deseja para mulheres paradesportistas.

Percebemos, também, que a trajetória esportiva dessas mulheres é permeada mais por um esforço individual ou de pequenos grupos do que por uma política nacional esportiva inclusiva, capaz de incentivar, promover e fortalecer a mulher deficiente, bem como de lhe proporcionar o reconhecimento e a visibilidade esportiva almejados.

Contudo, os sujeitos dessa pesquisa significaram-se para além do discurso da falta e da desvalorização, ultrapassando um dizer socialmente convalidado sobre as potencialidades do ser humano. E é em virtude desse esforço quase individual para ocupar uma posição social de destaque, que reside o desejo de afirmação e legitimação da mulher atleta com deficiência na sociedade brasileira.

Enfim, o esporte é, sem dúvida, um lugar de produção de identidades, onde as paratletas, ultrapassando o fazer pelo ser, significam-se e são significadas e, por meio da ressignificação de suas subjetividades, incorporam novos valores e motivam outras mulheres a seguirem o mesmo caminho.

10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDE - **Associação Nacional de Desportos para Deficientes (Site)**. Disponível em: www.ande.org.br. Acesso em: 22/04/2020.

APB - Academia Paralímpica Brasileira. *In*: II Congresso Paraolímpico Brasileiro e I Congresso Paradesportivo Internacional. FREITAS, P. S. de. **Classificação Funcional dos Esportes Paralímpicos**. Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2011.

ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade**. 1996. 152f. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP, 1996.

AZMina Revista. **Minas que honram o rolê**. 08 de setembro de 2016. Disponível em: <http://azmina.com.br/reportagens/historias-das-mulheres-que-vaio-mudar-sua-percepcao-sobre-a-paralimpiada/>. Acesso em: 29/03/2020.

BARRETO, M. A.; FERREIRA, E. L. Dança Esportiva em Cadeira de Rodas: a história contada pelas vozes de quem dança. **Revista Fênix [on-line]**, n.3, v.8, ano VIII, ISSN: 1807-6971, disponível em: www.revistafenix.pro.br, 2011.

BARROS, R. C. B. de; CAVALLARI, J. S. (Org.). **Sociedade e Diversidade**. Trilogia Travessia da Diversidade - Vol.2. Campinas, SP: Pontes, 2016.

BECKER, H.S. A História de Vida e o Mosaico Científico. *In*: **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, p. 101-15,1994.

BEGOSSI, T. D.; ZARPELLON, J. O processo de institucionalização do esporte para pessoas com deficiência no Brasil: uma análise legislativa federal. **Revista Ciência Saúde Coletiva [online]**, n.10, v.21, p.2989-97, 2016.

BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes e da subjetividade na linguagem. *In*: **Problemas de linguística geral**. 2 ed. Campinas, SP: Pontes/UNICAMP, 1988.

BERTAUX, D. **Os relatos de vida**. Barcelona (ESP): Bellaterra, 2005.

BORN, C. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 3, n.5, p. 240-65, jan./jun. 2001.

BRASIL. (1999). Presidência da República. Casa Civil. **Decreto nº 3298 de 20 de dezembro de 1999**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3298.htm. Acesso em: 29/03/2020.

BRASIL. (1998). Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 9615 de 24 de março de 1998 - Lei Pelé**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9615consol.htm. Acesso em: 22/04/2020.

BRASIL. (1996). Ministério da Saúde. **Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996**,

do Conselho Nacional de Saúde. Disponível em:http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html. Acesso em: 29/03/2020.

BRASIL. Ministério do Esporte / **Secretaria Nacional de Esporte, Lazer e Inclusão Social – SNELIS** / Governo Federal do Brasil (Site). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br>. Acesso em: 25/02/2021.

BRASIL. Ministério da Saúde / **Governo Federal do Brasil (Site)**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude>. Acesso em: 25/02/2021.

BRASIL. Ministério da Cidadania / **Secretaria Especial do Esporte – SEE** / Governo Federal do Brasil (Site). Disponível em: <<https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/bolsa-atleta>>. Acesso em: 25/02/2021.

BRASIL. Ministério da Cidadania / **Secretaria Especial do Esporte – SEE** / Governo Federal do Brasil (Site). Disponível em: <<http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/cie/52-ministerio-do-esporte/institucional/o-ministerio/historico>>. Acesso em: 22/05/2021.

CAREGNATO, R.C.A.; MUTTI, R. Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo. **Revista Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, n.4, v.15, p. 679-84, out./dez. 2006.

CARMO, A. A. do. **Deficiência Física: a sociedade cria, “recupera” e discrimina**. 1989. 243f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP, 1989.

CBDCR - Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas (Site). Disponível em: www.cbdcr.org.br. Acesso em: 06/12/2019.

CDC - Centro de Controle de Doenças / USA (Site). Disponível em:<<https://www.cdc.gov/ncbddd/disabilityandhealth/disability.html>>. Acesso em: 25/02/2021.

CIDADE, R. E. A. **Atletas paraolímpicas: figurações e sociedade contemporânea**. 2004. 259f. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP, 2004.

COSTA, A. M. da. A Educação Física e o Esporte Paralímpico. *In*: MELLO, M. T. de; WINCKLER, C. (Orgs.). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012.

COSTA, A. M. da; SOUZA, S. B. Educação Física e Esporte Adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira Ciência e Esporte**, Campinas, n.3, v.25, p.27-42, 2004.

CPB - Comitê Paralímpico Brasileiro (Site). Disponível em:<www.cpb.org.br>. Acesso em: 06/12/2019.

FERNANDES, F. **A participação feminina brasileira nos Jogos Olímpicos e**

Paralímpicos. Agosto de 2016. Disponível em:

<<http://www.esporteessencial.com.br>>. Acesso em: 06/12/2019.

FERREIRA, E. L. (Org.). **Educação Física Inclusiva** - Vols. 2, 5 e 6. Juiz de Fora: NGIME/UFJF, 2013.

FERREIRA, E. L. (Org.). **Corpo-movimento-deficiência: as formas dos discursos da/na dança em cadeira de rodas e seus processos de significação.** 2003. 268f. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP, 2003.

FERREIRA, E. L. (Org.). **DANÇA EM CADEIRA DE RODAS: os sentidos dos movimentos na dança como linguagem não-verbal.** Campinas/SP: UNICAMP, Curitiba/SC: ABRADACAR, 2002.

FERREIRA, E. L. (Org.). **Dança em cadeira de rodas: o sentido da dança como linguagem não-verbal.** 1998. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP, 1998.

FERREIRA, Maria Beatriz Rocha Ferreira. **Processo Histórico– Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas.** *In:* Aula Magna do Curso de Pós-Graduação em Dança em Cadeira de Rodas. Juiz de Fora/MG: UFJF/FAEFID/NGIME, 2021. Palestra online pelo link: <meet.google.com/knt-xcqb-xof> Acesso em: 20/03/2021.

FREIRE, Madalena. Sinais do Corpo. *In:* **Diálogos Corporificados.** Número 7, Ano 3, Julho de 2000.

<http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Caderno1_ModosDeVer.pdf>. Acesso em 13/07/2020.

GLOBO ESPORTE (Site) - **BBC Brasil no Rio de Janeiro.** 09 de setembro de 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2016/09/de-paraolimpiada-paralimpiada-por-que-mudanca.html>>. Acesso em: 12/06/2020.

GOELLNER, S. V. Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**, Brasília, Ano II, n.4, p.72-4, dez./2012. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/643>>. Acesso em: 13/07/2020.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Revista Pensar a Prática**, vol.8, n.1, p.85-100, Jan./Jun. 2005.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada. *In:* SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (Orgs.). **O Mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho.** São Paulo: Aleph, 2004.

GREGUOL, M. **Natação adaptada: em busca do movimento com autonomia.** Barueri, SP: Manole, 2010.

IAPESGW - **Associação Internacional de Educação Física e Esporte para Meninas e Mulheres (site)**. Disponível em: <www.iapesgw.org>. Acesso em: 13/07/2020.

IPC - **Comitê Paralímpico Internacional (Site)**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Comitê_Paralímpico_Internacional>. Acesso em: 12/06/2020.

IPC - **International Paralympic Committee (Site)**. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/sydney.2000>>. Acesso em: 01/04/2021.

JOGOS PARAPAN-AMERICANOS 2015 (Site). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jogos_Parapan-Americanos_de_2015>. Acesso em: 22/04/2020.

JOGOS PARALÍMPICOS (Site). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jogos_Paralímpicos>. Acesso em: 11/06/2020.

MAEDA, P. A luta pela inclusão de todas as mulheres nos esportes. **Revista Digital Carta Capital [on-line]**. 20 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/a-luta-pela-inclusao-de-todas-as-mulheres-nos-esportes/>>. Acesso em: 04/04/2020.

MARINHO, M. A. C. Trajetórias de Vida: um conceito em construção. *In: Revista do Instituto de Ciências Humanas*, UENF, v.13, n.17, p. 25-49, 2017.

MARQUES, R. F. R. A contribuição dos Jogos Paralímpicos para a promoção da inclusão social: o discurso midiático como um obstáculo. *In: Revista USP*, São Paulo, n. 108, p. 87-96, 2016.

NGIME - **Núcleo de Pesquisa em Inclusão, Movimento e Ensino a Distância (site)**. Disponível em: <www.ngime.ufjf.br>. Acesso em: 13/07/2020.

NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A. de; ARAÚJO, A. D. G.; PIMENTA, D. A. O. O método da história de vida: exigência de um encontro em tempos acelerados. *In: Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João Del Rei, v.12, n.2, p.466-85, mai./ago, 2017.

ONU-Mulheres (Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres). **Estereótipos de gênero e esporte**. 15 de Julho de 2015. Disponível em: <http://onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/07/valente_aula3_genero_esportes.pdf>. Acesso em: 06/12/2019.

OLIVEIRA, G.; CHEREM, E. H. L.; TUBINO, M. J. G. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência & Movimento**, Universidade Católica de Brasília, n. 2, v. 16, p. 117-25, 2008.

ORLANDI, E. P. **Discurso em análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. 3 ed.

Campinas, SP: Pontes, 2017.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12 ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E.; TARALLO, F. **Vozes e contrastes: discurso na cidade e no campo**. São Paulo, SP: Cortez, 1989.

PARALYMPIC GAMES/IPC. **International Paralympic Committee (Site)**. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/sydney.2000>>. Acesso em: 01/04/2021.

PARALYMPIC GAMES/IPC. **International Paralympic Committee (Site)**. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/rio.2016>>. Acesso em: 01/04/2021.

PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso**. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5 ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

PEREIRA, D. A. de A. Diversidade X Igualdade: o jogo das políticas de esporte. *In*: BARROS, R. C. B. de; CAVALLARI, J. S. (Orgs.). **Sociedade e Diversidade - Vol.2**. Campinas, SP: Pontes, 2016.

PM TRANSCRIPTS, 1999 (Site Australiano). Disponível em: <<https://pmtranscripts.pmc.gov.au/release/transcript-11258>>. Acesso em: 01/04/2021.

REDE NACIONAL DO ESPORTE (Site). Disponível em: <<http://rededoesporte.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/o-brasil-nos-jogos/>>. Acesso em: 27/06/2020.

REDE NACIONAL DO ESPORTE (Site). Disponível em: <<http://rededoesporte.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/modalidades/natacao>>. Acesso em: 07/05/2021.

REIS, R. E.; MEZZADRI, F. M.; SILVA, M. M. e. As Políticas Públicas para o esporte paralímpico no Brasil: apontamentos gerais. **Rev. Corpoconsciência**, Universidade Federal do Mato Grosso, v.21, n.1, p. 58-69, jan./abr. 2017.

SILVA, A. P.; BARROS, C. R.; NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A. de. "Conte-me sua história": reflexões sobre o método de História de Vida. *In*: **Revista Mosaico: estudos em Psicologia**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.25-35, 2007.

SILVA, O. M. **A Epopeia Ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e hoje**. São Paulo: CEDAS, 1986.

SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (Org.). **O Mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004.

SOUZA, J. S. S.; KNIJNIK, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, jan./mar. 2007.

SOUZA, S. A. F. de. **Conhecendo Análise de Discurso – Linguagem, Sociedade e Ideologia**. Manaus: Editora Valer, 2006.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?) *In: Rev. Esc. de Enferm.*, USP, v.37, n.2, p.119-26, 2003.

TALBOT, T.; HAAG, H.; KESKINEN, K. **Diretório da Ciência Esportiva**. 6 ed. Juiz de Fora: NGIME/UFJF, 2016.

TRIBUNA DE MINAS (Site) - Jornal Digital. 17 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://tribunademinas.com.br/noticias/esportes/17-10-2019/jf-recebe-campeonato-brasileiro-de-danca-em-cadeiras-de-rodas.html>>. Acesso em: 08/07/2020.

VALENTE, E. F. **Esporte Para todos: a desescolarização da Educação Física e do esporte e o universalismo olímpico**. 1996. 223f. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP, 1996.

VASILEV, Konstantin Vasilev. **Para Dance Sport: short historical review**. *In: Aula Magna do Curso de Pós-Graduação em Dança em Cadeira de Rodas*. Juiz de Fora/MG: UFJF/FAEFID/NGIME, 2021. Palestra online pelo link: <meet.google.com/knt-xcqb-xof> Acesso em: 20/03/2021.

VIEIRA, I. B. Atividades e esportes inclusivos para pessoas com deficiência física. *In: FERREIRA, E. L. (Org.). Educação Física Inclusiva - Vol.5*. Juiz de Fora: NGIME/UFJF, 2013.

WINNICK, P. J. **Adapted Physical Education and Sport**. Champaign: Human Kinectics, 1990

APÊNDICE I

QUADROS DO *CORPUS* DE ANÁLISE - ENTREVISTA

I – PERGUNTAS

1) Sua deficiência foi adquirida ou é congênita?

ENUNCIADO DO SUJEITO
S1 (DECR) - <u>Eu tive</u> poliomielite quando criança, com 6 meses de idade e <u>usei</u> aparelho <u>ortopédico</u> até mais ou menos os 35 anos.
PISTAS DO DISCURSO
Deficiência adquirida, tendo os membros inferiores afetados. Usa os verbos no passado (Tempo Verbal no pretérito perfeito).
ENUNCIADO DO SUJEITO
S2 (ATLETISMO) - <u>Eu sofri</u> um acidente de carro, quando <u>eu tinha</u> 15 anos de idade e isso foi em 2006. Então, nesse acidente <u>eu quebrei</u> a coluna e <u>fiquei</u> paraplégica.
PISTAS DO DISCURSO
Deficiência adquirida, tendo os membros inferiores afetados. Usa os verbos no passado (Tempo Verbal no pretérito perfeito).
ENUNCIADO DO SUJEITO
S3 (HALTEROFILISMO) - <u>Eu nasci</u> com deficiência, então a <u>minha</u> deficiência é congênita. <u>Nasci</u> sem chegar a completar 5 meses, <u>fiquei</u> na incubadora e, com 7 meses de vida, a <u>minha</u> mãe <u>percebeu</u> que no processo de engatinhar, <u>eu engatinhava</u> empurrando com o bracinho, mas com as perninhas <u>eu arrastava</u> . Daí <u>eu fui</u> encaminhada pra AACD de São Paulo, onde <u>descobriram meu</u> diagnóstico de deficiência, que é a <u>Paralisia Cerebral Diparética Espástica</u> . O prognóstico <u>seria</u> não andar, por <u>eu não ter</u> desenvolvimento motor de perna.
PISTAS DO DISCURSO
Deficiência congênita, tendo os membros inferiores afetados. Usa os verbos no passado (Tempo Verbal no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito) em sua maioria e também usa o verbo no presente e no futuro.
ENUNCIADO DO SUJEITO
S4 (DECR) - <u>Eu fui</u> atropelada aos 7 anos de idade por um ônibus e <u>eu tive</u> uma grande <u>sequela na perna direita</u> . Durante muitos anos <u>eu fiz</u> várias cirurgias... <u>minha</u> família <u>empobreceu</u> com isso, porque já não <u>éramos</u> de uma família <u>rica</u> . <u>Eu tive</u> várias infecções hospitalares e tal e aos 13 anos <u>eu voltei</u> a andar, usando uma perna mecânica. <u>Eu tive</u> a <u>perna amputada</u> aos 12 anos.
PISTAS DO DISCURSO
Deficiência adquirida, tendo um membro inferior afetado. Usa os verbos no passado (Tempo Verbal no pretérito perfeito).
ENUNCIADO DO SUJEITO

<p>S5 (ATLETISMO) - Além <u>deu ter</u> perda auditiva, <u>eu tenho</u> baixa visão e muita dificuldade pra ver, desde <u>pequena</u>, principalmente à noite. Só que <u>eu não falava</u> pra <u>minha</u> mãe, porque <u>eu achava</u> que <u>era</u> assim mesmo, que a noite não <u>dava</u> pra enxergar direito. <u>Eu nunca falei</u> nada pra ninguém, porque <u>achava</u> que isso <u>era normal</u>.</p>
<p>PISTAS DO DISCURSO</p> <p>Deficiência congênita. Usa os verbos, em sua maioria, no passado (Tempo Verbal no pretérito perfeito) e também usa no presente.</p>
<p>ENUNCIADO DO SUJEITO</p>
<p>S6 (ATLETISMO) - <u>Eu tenho</u> má formação no braço esquerdo, não <u>tenho</u> a mão e <u>minha</u> deficiência nunca <u>foi</u> um “empecilho” pra <u>mim</u>, nunca <u>me senti</u> deficiente na verdade, né.</p>
<p>PISTAS DO DISCURSO</p> <p>Deficiência congênita. Usa os verbos no presente.</p>
<p>ENUNCIADO DO SUJEITO</p>
<p>S7 (ATLETISMO) - <u>Eu tive</u> sarampo com 6 anos e aí <u>veio</u> agravando né, até o jeito que <u>é</u> hoje. <u>Eu entrei</u> no São Rafael com 18 anos, que <u>é</u> uma escola especializada pra <u>deficiente visual</u> que <u>tem</u> aqui em BH.</p>
<p>PISTAS DO DISCURSO</p> <p>Deficiência adquirida, tendo a visão afetada. Usa os verbos no passado (Tempo Verbal no pretérito perfeito) e no presente.</p>
<p>ENUNCIADO DO SUJEITO</p>
<p>S8 (NATAÇÃO) - A <u>minha</u> deficiência <u>foi</u> descoberta com 1 ano e 6 meses, quando <u>eu tinha</u> as pernas bem arqueadas e a <u>minha</u> mãe <u>me levou</u> no médico. Aí, o médico <u>disse</u> que <u>eu tinha</u> Acondroplasia.</p>
<p>PISTAS DO DISCURSO</p> <p>Deficiência congênita, tendo os membros inferiores afetados e o crescimento. Usa os verbos no passado (Tempo Verbal no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito).</p>
<p>ENUNCIADO DO SUJEITO</p>
<p>S9 (NATAÇÃO) - A <u>minha</u> deficiência <u>é</u> adquirida. Quando <u>eu estava</u> no segundo ano da faculdade, <u>eu sofri</u> um acidente de moto e <u>eu fracturei</u> o pescoço, na C4 e C5 e <u>eu fiquei</u> tetraplégica.</p>
<p>PISTAS DO DISCURSO</p> <p>Deficiência adquirida, tendo os membros superiores e inferiores afetados. Usa os verbos, em sua maioria, no passado (Tempo Verbal no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito) e também usa no presente.</p>
<p>ENUNCIADO DO SUJEITO</p>
<p>S10 (ATLETISMO) - A <u>minha</u> deficiência <u>foi</u> adquirida, né... <u>eu tive</u> paralisia cerebral no parto, <u>faltou</u> o oxigênio no cérebro, <u>afetou meus</u> membros inferiores... e... também o <u>estrabismo</u> que <u>eu tenho</u> e só. No começo, <u>nasci</u> de 5 meses e meio a seis, <u>fiquei</u> um tempinho lutando pra viver... mas, graças a Deus <u>eu consegui</u>.</p>
<p>PISTAS DO DISCURSO</p>

Deficiência adquirida, tendo os membros inferiores afetados. Usa os verbos, em sua maioria, no passado (Tempo Verbal no pretérito perfeito) e também usa no presente.
ENUNCIADO DO SUJEITO
S11 (ATLETISMO) - A minha deficiência é adquirida. Eu fui atropelada aos 4 anos de idade e nesse acidente, nesse atropelamento, eu fiquei paraplégica e, então, não tenho os movimentos dos membros inferiores.
PISTAS DO DISCURSO
Deficiência adquirida, tendo os membros inferiores afetados. Usa os verbos, em sua maioria, no passado (Tempo Verbal no pretérito perfeito) e também usa no presente.
ENUNCIADO DO SUJEITO
S12 (HALTEROFILISMO) - Eu sou de uma família humilde do interior daqui de Natal e minha bisavó e minha avó já tinham nanismo . É genético aqui na minha família, entendeu? Meu pai é baixinho também, tem 1 metro e 60 mas não tem a perna “ combota ”, eu já tenho a perna “ combotinha ”. Então, na minha família que somos 6 irmãos e eu sou a caçula , só eu e um irmão que somos pequeninhos . Meu irmão tem 1m60 e eu tenho 1m30, não, 1m29 porque já estou diminuindo... e tenho uma tia e um irmão de 1m90.
PISTAS DO DISCURSO
Deficiência congênita, tendo os membros inferiores afetados e o crescimento. Usa os verbos, em sua maioria, no presente.
ENUNCIADO DO SUJEITO
S13 (DECR) - Quando eu tinha 10 anos e estava brincando de Tacoboll, eu machuquei meu joelho e não falei pra minha mãe, porque ela proibia essa brincadeira. Aí, passados alguns dias, eu estava sentindo muita dor, muita dor e eu escondi , mas, quando ela me trouxe pra o hospital, aí eles fizeram a biópsia e detectaram um tumor ósseo, o osteosarcoma. Aí, eu comecei a fazer o tratamento de quimioterapia e com 11 anos eu amputei a perna. Aí, depois, eu continuei fazendo a quimioterapia e por causa dela eu perdi parte da audição. Então, eu tenho duas deficiências... (mostrou o 2 com os dedos e sorriu)
PISTAS DO DISCURSO
Deficiência adquirida, tendo um membro inferior afetado e a audição. Usa os verbos, em sua maioria, no passado (Tempo Verbal no pretérito perfeito) e também usa no presente.
ENUNCIADO DO SUJEITO
S14 (DECR) - Adquiri a deficiência após Poliomielite com 1a6m de idade, fiquei com falta de força na minha perna direita, a sequela maior foi essa, e utilizo mais minha perna esquerda para fazer tudo, né. Hoje em dia, eu uso uma órtese e duas muletas pra me locomover.
PISTAS DO DISCURSO
Deficiência adquirida, tendo um membro inferior afetado. Usa os verbos, em sua maioria, no passado (Tempo Verbal no pretérito perfeito) e também usa no presente.

2) Como você chegou até o esporte?

ENUNCIADO DO SUJEITO
S1 (DECR) - <u>Conheci</u> a Dança em Cadeira de Rodas, <u>eu acho</u> que aos 39 anos, se não <u>me engano</u> , através de um Curso Municipal de Dança em Cadeira de Rodas na cidade de Santos, onde <u>eu fui</u> fazer como lazer, como uma atividade física, porque toda atividade que <u>eu ia</u> fazer se <u>tornava enfadonha</u> e <u>repetitiva</u> . Aí, <u>eu fui</u> conhecer a dança e <u>fui</u> fazer sem nenhuma pretensão e <u>aos poucos fui me apaixonando</u> pela modalidade.
PISTAS DO DISCURSO
Por lazer, como uma atividade física e aos poucos foi se encantando pela modalidade.
ENUNCIADO DO SUJEITO
S2 (ATLETISMO) - <u>Eu fiz</u> toda a <u>minha</u> reabilitação no Sarah Kubitschek, em Brasília, que <u>foi sensacional</u> pra <u>mim</u> e lá <u>eu praticava</u> algumas atividades. Mas, quando <u>eu voltava</u> pra Santa Catarina, <u>não praticava nada na escola</u> . <u>Foi</u> só depois que <u>eu terminei</u> o Ensino Médio, com 19 anos, em 2010, que <u>eu fui</u> convidada por um atleta de Basquete, pelo Orkut, pra conhecer uma associação esportiva numa cidade vizinha de onde <u>eu morava</u> . Então, <u>eu fui</u> conhecer a associação que <u>era exclusiva pra pessoas com deficiência</u> e <u>eles tinham</u> um time de Basquete e um time de Atletismo. Então, com o Basquete logo de cara <u>eu vi</u> que não tinha afinidade nenhuma e <u>eu comecei</u> a treinar o Atletismo.
PISTAS DO DISCURSO
Não praticava nada fora do Sarah Kubitschek. Foi conhecer a associação que era exclusiva pra pessoas com deficiência e lá começou a treinar o Atletismo.
ENUNCIADO DO SUJEITO
S3 (HALTEROFILISMO) - Em Uberlândia, <u>eu fazia</u> parte de grupos de pessoas com deficiência, de adolescentes, e o que mais <u>escutava</u> nesses grupos <u>era</u> que <u>eu tinha</u> que fazer esportes, pra continuar reabilitando, fazendo movimentos, enfim... e aí foi onde começou esse negócio do esporte na <u>minha</u> vida, porque <u>a AACD tinha</u> uma parceria com <u>uma instituição aqui na cidade, que na época chamava Instituto Vistos</u> , e lá os médicos, fisioterapeutas, educadores físicos <u>me indicaram</u> o que <u>era</u> mais difundido na época, que <u>era</u> a Natação. <u>Eu</u> sempre <u>tive</u> sobrepeso, sempre <u>fui mais fortinha, mais gordinha</u> e então <u>fui</u> pra Natação <u>por causa do estereótipo de que “agora eu emagreço”</u> . Na Natação <u>eu conheci</u> um técnico, que era o coordenador de todos os esportes do Instituto e <u>ele me disse</u> que <u>eu tinha</u> o perfil para a Natação e o Halterofilismo, mas quando <u>ele falou</u> do Halterofilismo, <u>minha</u> primeira reação <u>foi</u> de susto, porque <u>eu não queria</u> ficar “ <u>marombada</u> ” de jeito nenhum.
PISTAS DO DISCURSO
Através da AACD de Uberlândia, que tinha uma parceria com uma instituição, que na época chamava Instituto Vistos e para o emagrecimento.
ENUNCIADO DO SUJEITO

S4 (DECR) - **Eu** não **sei** precisar ao certo, mas **eu vi** na televisão um casal, **acho** que do Rio de Janeiro, dançando em cadeira de rodas e **eu achei lindo** aquilo. Como **eu** sempre **fui** acima do peso, **fui gorda**, **eu** também **não imaginava** que uma **gorda** **pudesse ter uma atividade** de dançar em uma cadeira de rodas. Então, quando **foi** em 2004, **eu acho**, **eu fui** em um evento aqui em Santos/SP, que **era** “Para Todos”, que **era** um evento **feito com o Conselho da Pessoa com Deficiência** aqui de Santos e mais patrocínios e tal e lá **eu encontrei** o professor de Dança, o Alexandre Lars, e **eles estavam** com um “stander”, mostrando a dança com fotos. **Eu fiquei** encantada com aquilo e, no ano seguinte, **eles abriram** a primeira Escola Municipal de Dança em Cadeira de Rodas, através da Secretaria de Cultura de Santos. Então, **eu resolvi** e **fiz** a minha inscrição e passados alguns dias, talvez um mês, **eu fiz** a primeira aula, em 2005, e de lá pra cá... **eu me descobri** na Dança, né.

PISTAS DO DISCURSO

Em um evento em Santos/SP, feito com o Conselho da Pessoa com Deficiência, onde mostrava a Dança em Cadeira de Rodas através de fotos. Não imaginava que uma “gorda” pudesse ter uma atividade.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S5 (ATLETISMO) - Na escola **eu** também **tinha** dificuldades, mas **era a melhor** aluna nos esportes. **Eu gostava** muito de correr, de **fazer** coisas rápidas, mas nunca **passou** pela **minha** cabeça que **eu tinha** uma dificuldade... **eu achava** que **eu era normal**, né. Conclusão, o esporte **eu praticava** junto com os convencionais e **tinha** muita dificuldade. **Eu tropeçava**, não **via** lombada, quebra-molas, **eu segurava** nas pessoas pra correr e se **fosse** no escuro **eu não ia**. Aí **eu fui** crescendo **evi** o esporte na TV, a São Silvestre, que **me deu** aquele **pique** pra correr, no ano de 1987. Em 2012, **eu conheci** um amigo, que **me apresentou** a uma ONG de deficiência, onde de lá pra cá **eu vim** praticando esporte na área da deficiência.

PISTAS DO DISCURSO

Viu a São Silvestre pela TV e através de um amigo, que a apresentou uma ONG para deficientes.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S6 (ATLETISMO) - Quando **eu estudava**, **eu era muito popular**, **elétrica**, gostava de brincar, correr...**eu era muito hiperativa**. Aí, **através da Educação Física**, **me falaram** que **tinha** o Atletismo, o treinamento para o atletismo e vários outros esportes... então, **eu entrei** em tudo. **Eu era muito hiperativa**, saía de um e entrava em outro, **estava** sempre participando de um esporte, isso com 14 anos, só que **eu participava** do Convencional. Aí, **eu participei** de uma **competição pra deficientes**, no meio do ano, mas não **tinha** ninguém igual a **mim**. **Tinha** surdo, **tinha** cego, **tinha** físico, mas não **tinha**, não **tinha** iguais a **mim**.

PISTAS DO DISCURSO

Através da Educação Física e da participação em uma competição para deficientes.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S7 (ATLETISMO) - A professora de Educação Física do Instituto São Rafael **disse** que **eu tinha** que **fazer** uma atividade física, que **eu estava** muito acima do peso e coisa e tal e **me indicou** uma associação que tem aqui em BH, que se chama ADEVIBEL, só para deficientes visuais, e **eu fui** até lá né. Lá **tem** vários tipos de modalidades né, tem judô, natação, futebol, goalball e **eu** escolhi o atletismo pela caminhada, no intuito de **perder peso** e não tinha pretensão nenhuma de **ser** atleta, de nem nada, **eu** queria **ter** uma qualidade de vida.

PISTAS DO DISCURSO

Através da professora de Educação Física, que indicou uma associação para deficientes visuais de BH, a ADEVIBEL, no intuito de fazer uma atividade física para perder peso e ter qualidade de vida, sem pretensão nenhuma de ser atleta.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S8 (NATAÇÃO) - **Eu** comecei o esporte com 13 anos de idade, por ordens médicas, porque **eu** caía muito e o médico pediu pra eu fazer uma reabilitação na água. Aí, a **minha** primeira técnica, a Suzana, viu que eu tinha potencial pra ser atleta e perguntou a **minha** mãe se **eu** podia ser atleta. **Minha** mãe aceitou e disse que **eu** podia treinar, já que **ela** viu que **eu** tinha potencial. Então, **ela** começou a **me** treinar...

PISTAS DO DISCURSO

Por ordens médicas, que a pediu para fazer reabilitação na água. A técnica viu que tinha potencial e sugeriu que treinasse para competir.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S9 (NATAÇÃO) - **Eu** sempre **fiz** natação, desde **novinha**, por imposição de meus pais e **eles** incentivavam que sempre **eu** e **meus** irmãos a gente **tinha** que **ter** um esporte e **eu** escolhi a natação e sempre **nadei**. Depois do acidente, na reabilitação a natação me ajudou muito. **Fiquei** internada lá no Sarah, em Brasília-DF, por 1 mês no Hospital Sarah Centro e **fiz** vários exames médicos e **eu** **me** descobri e **descobri** a deficiência. E aí, depois disso **eu** fui continuando na natação e, um dia, um técnico amigo de uma amiga **minha** do ciclismo, também tetraplégica, disse que **tinha** um projeto, exatamente na academia que **eu** **nadava** e quis que **eu** **fizesse** parte. Aí **eu** comecei a nadar mais, de uma forma mais estruturada com **ele**, na equipe dele, que chama Instituto Laramara Britto, do qual faço parte até hoje.

PISTAS DO DISCURSO

Por imposição de seus pais. Na reabilitação a natação a ajudou muito e através também de um técnico, que tinha um projeto e quis que ela fizesse parte, começando a nadar de forma mais estruturada na equipe dele, a partir daí.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S10 (ATLETISMO) - Com relação ao esporte, aqui em Maceió existe uma Associação que **eu** **me** vinculei a **ela** pra conseguir ter um benefício do INSS, né. Aí **eu** **fiz** as reuniões, as fisioterapias, mas a médica **falou** pra gente que **eu** **podia** fazer a fisioterapia que for, que **ia** melhorar um pouco, mas que nunca mais **eu** **ia** ser **normal**, né. Teoricamente, **foi** o que ela **disse**... Aí, **eu** **fui** lidando com isso, conheci vários deficientes de lá da Associação, **fui** **me** inserindo mais e nesses dias entre ir na fisioterapia e na hidroterapia, **tinha** um rapaz lá que era o auxiliar de uma **grande** atleta aqui de Maceió. **Ele** **trabalhava** de manhã lá na Associação e foi **me** convidou. Ele **disse** que tem esporte pra deficiente, que **ela** **faz** o atletismo, aí **falou** **dela** e **ficou** insistindo pra **mim** ir, né. Aí **ele** **falou**: "Ó, **você** **tem** um perfil, **você** aparentemente deve **ter** força, tal"... Aí, pronto!

PISTAS DO DISCURSO

Através de uma Associação e de um rapaz de lá, que também era auxiliar de uma grande atleta de Maceió, que a convidou por achar ter o perfil e, aparentemente, força.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S11 (ATLETISMO) - **Eu** pratico esporte, **acho** que... desde que **eu me entendo** por gente. **Eu falo** que a **minha** família sempre **foi** a **minha** paz, principalmente, a **minha mãe**, porque desde **novinha ela me inseriu** dentro da sociedade, né. Antigamente, as coisas **eram muito mais difícil** pra pessoa com deficiência e, assim, **eu conheci** o esporte em si, através da **natação**, **eu era** atleta de natação.

PISTAS DO DISCURSO

Através da mãe, que desde novinha a inseriu na sociedade e no esporte. Conheceu o esporte em si, através da natação.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S12 (HALTEROFILISMO) - Quando **eu** ainda **trabalhava** numa casa de família como doméstica, uma vez no ônibus **eu encontrei** uma moça, a Socorro, que **me chamou**, em 2003, pra **eu conhecer** uma Associação. **Eu** fui lá e **vi um monte** de cadeirantes e **disse**: “Deus **me** livre, isso é vida pra **louco**, esse povo tudo, esses **aleijados...**” **Eu dizia aleijado**, porque antes **eu não me aceitava**, **eu não gostava** do jeito que as pessoas **olhavam** pra **mim**, porque **me olhavam** como **coitada**, **me encaravam** até **me deixar encabulada** e isso **eu não gostava**. **Eu não voltei** mais, mas quando **minha** patroa **foi** embora pra São Paulo, na **minha** mudança pra outro lugar aqui mesmo em Natal, **eu encontrei** o cartão com o nome da Associação e da moça, Socorro. Aí **eu fui** até lá, **fiz** uma entrevista, **fiz** um teste e **vi** a hora que aquela barra **ia** cair no **meu** pescoço e **disse** que aquilo não **era** pra **mim** não, que **ela fosse** matar outro... A moça **disse** que **eu ia** aprender a técnica **direitinho** e que **ia** gostar. E, então, **eu fui** pegando confiança e **comecei** a treinar o Halterofilismo pra competir.

PISTAS DO DISCURSO

Através de uma pessoa chamada Socorro, que a chamou para conhecer uma Associação. Lá, fez uma entrevista, fez um teste na modalidade, não gostou, mas aos poucos foi pegando confiança até começar a treinar o Halterofilismo para competir.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S13 (DECR) - Na escola **eu não tinha** nenhum apoio pra praticar esporte e pra nada, né, porque os professores **não sabiam** como trabalhar **comigo**. **Eu só ficava** lá sentada, **vendo** as atividades e **eu era** avaliada através de trabalho de pesquisa, que nem **viam** e **eu só ganhava** 10. Então, quando **eu tinha** uns 16, 17 anos e sempre **vinha** pra consultas de retorno e exames, aqui em Belém, **conheci** uma Associação que se chama AVAQ, que **dá** apoio aos pacientes do Hospital. [...] Aí, conversando com a presidente da Associação, a “tia” Ana, [...] **eu disse** que **tinha** interesse em aprender a dançar, que **eu achava muito bonito** o ballet, mas que nunca **tinha** feito não, porque no interior nem existia isso. [...] **Foi** aí que **eu conheci** a Thaís e o Elielson, que **dançavam** na cadeira de rodas na Casa de Cultura. Então, **eu fui** fazer uma oficina com eles, trocamos contato, **participei** de mais umas oficinas e pronto, **comecei** a seguir eles. Quando **foi** no outro ano, a Thaís começou com o Projeto “Do Nosso Jeito”, que **era** pra qualquer tipo de deficiência e **foi** aí que **eu comecei** a participar do projeto. Como o projeto **deu muito certo**, foi criada a “Companhia Do Nosso Jeito”, só para deficiência física. Aí, pronto! **Eu comecei** a dançar na cadeira de rodas já pra competir.

PISTAS DO DISCURSO

Como não tinha nenhum apoio para praticar esporte e para nada, após conhecer uma Associação chamada AVAQ, participou de umas oficinas e começou a dançar na cadeira de rodas já para competir.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S14 (DECR) - Eu cheguei na DECR bem por acaso. Eu sempre gostei de dança e sempre tive dificuldade em fazer dança em um local, em uma academia, em um lugar onde todo mundo faz dança né. Então... o que aconteceu... a associação da qual eu fazia parte, a ANDEF (Associação Nacional para Deficientes), ela fundou... ela resolveu fundar uma Companhia de Dança, chamada Corpo e Movimento, que existe até hoje e, lá, eu já praticava basquete né, e eu nunca imaginava que dava pra dançar em cadeira de rodas né. Então, eu pensei em fazer dança e aí a coisa fluiu... A presidente, que na época era a professora Tânia, nos apresentou a dança como esporte, que era a dança esportiva. E quando ela me mostrou isso, eu fiquei obstinada a fazer. Como naquela época ainda não existia a Federação, a Confederação, não tinha patrocínio e era tudo muito novo, ela também estudou e viu que a dança esportiva era algo muito longe da cultura do Brasil, que o investimento seria muito alto e, então, desanimou do projeto, mas aquilo ficou na minha cabeça. No ano de 2003, essa minha associação me mandou embora, meio que, sabe, tirou um peso das minhas costas e eu disse: “Agora eu posso fazer o que eu posso, posso ir atrás dos meus sonhos, né”. Aí, teve uma vez que eu fundei um grupo de dança e desse grupo a gente fundou um outro, que começou a ser financiado, né, pela Lei Rouanet e aí a gente teve a oportunidade de ir para a Holanda e lá eu encontrei a dança esportiva de novo... olha que interessante! Aí, quando eu voltei da Holanda, a responsável do grupo, a Paula Nóbrega, me apresentou o Érico Rodrigo, que foi justamente o meu técnico que me fez campeã durante 5 anos, e ele começou a me falar de todo o conhecimento que ele tinha, que ele tinha feito estudos com o Jarne, que ele tinha ido pra França, que tinha estudado dança esportiva e aí, eu me encontrei e eu disse: “Agora eu tô em casa, né?”. E aí ele disse que famos nos preparar para fazermos a dança esportiva e para competir...

PISTAS DO DISCURSO

Bem por acaso, pois sempre gostou de dança e sempre teve dificuldade em fazer dança. A ANDEF resolveu fundar uma Companhia de Dança e a presidente apresentou ao grupo a dança esportiva. Ficou obstinada em fazer, mas a presidente desanimou do projeto. S14 fundou um grupo de dança, teve a oportunidade de ir pra Holanda e lá encontrou a dança esportiva de novo. Aqui no Brasil, a responsável do grupo, Paula Nóbrega, a apresentou o técnico Érico Rodrigo e começaram a se preparar, a fazer a dança esportiva e a competir.

3) Como foi seu desenvolvimento e participação em competições internacionais?

ENUNCIADO DO SUJEITO

S1 (DECR) - Em 2010, na minha primeira participação internacional, eu não me sentia preparada e senti um peso muito grande... eu me senti em estado de choque. Porque na verdade eu achava que a gente não ia, né, por causa da falta de dinheiro. Era um vai, não vai, vai, não vai e uma semana antes, acho que nem isso, é que foi confirmada a passagem. Foi meio um choque e ainda foi com equipe de televisão... Aí, tipo assim, vou ter que dar um resultado, né, porque é um investimento que estão fazendo em mim. Senti uma autocobrança muito grande, foi bem complicado pra mim e... a segunda que eu fui, em 2015, já fui mais tranquila, sem medo. Eu caí (entrei) na pista não me comparando a ninguém e nem querendo ser a melhor que ninguém. Eu caí na pista pra dançar e dar o meu melhor e foi o que funcionou. Quando eu acabei indo pra final, que é a última bateria, e fiquei entre as seis das 17 competidoras e melhores paratletas do mundo, isso no Single, pra mim foi maravilhoso, né. Eu dancei bem. Foi muito gostoso, dei o meu máximo e voltei uma outra bailarina, uma outra pessoa. Eu acho que me trouxe um crescimento muito grande.

PISTAS DO DISCURSO

Na primeira vez, em 2010, não se sentia preparada e sentia um peso muito grande em ter que dar resultado, pois pensava que estavam fazendo um investimento nela. Isso a fazia sentir uma autocobrança muito grande. Na segunda vez, em 2015, foi mais tranquila, sem medo. Caiu na pista pra dançar e dar o seu melhor e foi o que funcionou, ficando entre as 6 das 17 competidoras e melhores paratletas do mundo. Voltou uma outra bailarina, uma outra pessoa e acha que o evento lhe trouxe um crescimento muito grande.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S2 (ATLETISMO) - Em 2012, eu já comecei a participar da São Silvestre e, em 2014, comecei a correr maratonas, além das provas de 100, 200, 400, 800, 1500 e 5000 que já fazia. Eu consegui o recorde brasileiro de todas essas provas, inclusive da Maratona. Aí a gente conseguiu realizar o sonho dos Jogos do Rio em 2016. Em janeiro de 2017 eu fui pra minha primeira competição na neve, que foi a Copa do Mundo da Ucrânia. Eu mal sabia esquiar, eu caía muito, atolava, mas eu precisava participar pra abrir a vaga feminina pro Brasil, porque os Jogos Paralímpicos de Inverno já seriam em 2018. Então, voltei para o Brasil, treinei no asfalto e resolvi continuar com o esporte de neve também. No final de 2017, a gente voltou a participar de outras competições na Alemanha, no Canadá e eu consegui o índice pra participar dos Jogos de Inverno. Então, no início de 2018, a gente ficou o tempo todo na Europa treinando, se preparando e chegamos na Coréia. Lá, eu descobri que eu era a única mulher da América Latina na competição e no dia do içamento da bandeira do Brasil, coincidiu com o Dia da Mulher e, como homenagem, eles me escolheram pra ser a porta-bandeira na competição. Foi algo espetacular, apesar de nos Jogos Paralímpicos eu não ter tanta experiência e ter, em todas as provas, capotado na neve... mas foi uma experiência muito bacana. Saindo dos Jogos, eu continuei treinando e, no final de 2018, fui pra Finlândia, na Copa do Mundo. Lá, eu consegui minha primeira medalha, que foi de 3º lugar e de lá pra cá, com certeza eu já sou outra atleta... com certeza nos próximos Jogos Paralímpicos eu não vou cair tanto na neve.

PISTAS DO DISCURSO

Começou participando da São Silvestre, em 2012, e a correr maratonas em 2014, além das provas que já fazia. Conseguiu o recorde brasileiro em todas as provas que participou. Ela e o marido (seu técnico) conseguiram realizar o sonho de participar dos Jogos do Rio/2016. Foi para sua primeira competição na neve, em 2017, para abrir vaga feminina para o Brasil nos Jogos de Inverno de 2018. Voltou a participar de outras competições na Alemanha, no Canadá e conseguiu o índice para participar dos Jogos de Inverno. Na Coréia, descobriu que era a única mulher da América Latina na competição e a escolheram para porta-bandeira no evento de abertura. Foi para a Finlândia, na Copa do Mundo e conseguiu sua primeira medalha dos Jogos de Inverno, de 3º lugar, e de lá para cá, considera-se outra atleta.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S3 (HALTEROFILISMO) - Antigamente, conseguir um índice para campeonatos na modalidade de Halterofilismo era muito difícil e sofrido, porque as regras para as mulheres eram semelhantes às dos homens e diferentes dos campeonatos internacionais. Na época, eu mesma demorei 3 anos pra conseguir um índice. Pra se ter uma ideia, em 2011, uma mulher tinha que levantar 1.1 de seu peso corporal, ou seja, se eu pesasse 50Kg, teria que levantar 55 Kg. Para os homens era 1.4 do peso corporal e se a gente fosse olhar os índices lá de fora, para as mulheres era em torno de 0,8 e 0,9. Por isso que em um campeonato brasileiro tinham poucas mulheres, às vezes só 4. Em 2013, mudou-se a gestão do Comitê e começaram a mexer e a olhar os regulamentos para difundir a modalidade. Então, começou a crescer a participação feminina em exponencial e, hoje, com as marcas tabeladas, melhorou muito. Mas, em 2011, foi “osso” conciliar tudo, a faculdade e os treinos, porque também começaram a ter as competições e, a partir de 2014, as competições internacionais, os mundiais da modalidade aconteceram. Nossa... foi muito difícil... mas valeu a pena e vale muito a pena!

PISTAS DO DISCURSO

No passado, por ser muito difícil e sofrido conseguir índice para campeonatos na modalidade de Halterofilismo, demorou 3 anos para conseguir obter um índice. Após a mudança de gestão do Comitê, começaram a modificar os regulamentos para difundir a modalidade e a participação feminina começou a crescer em exponencial. A partir de 2014, as competições internacionais, os mundiais da modalidade, aconteceram para ela.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S4 (DECR) - Competir no exterior, foi muito fascinante pra mim. Eu teria que ir novamente para vivenciar tudo de novo com mais maturidade. A primeira vez é tudo novo, é primeiro em tudo e você nem consegue analisar o que está sentindo... Foi uma correria só, treinar e se preparar para a viagem, que só o fato de chegar lá, foi uma conquista e estar lá entre as melhores do mundo, me fez sentir muito importante. Mas foi muito assustador também, porque, em 2015, estávamos muito aquém das competidoras em termos de equipamentos, de cadeira de rodas, e também em termos de técnica, porque a cadeira é responsável por 50% da técnica e, mesmo assim, conquistamos um 11º, um 7º e um 4º lugar. Então, quando voltei para o Brasil, eu estava cheia de ideias pra desenvolver aqui, eu trouxe uma bagagem e possibilidades de performances, de técnicas e eu estava com muita autoestima, porque, antes de ir, eu me sentia a gorda que dança, a “patinho-feio” e, lá, era eu que estava entre as tops, entre as melhores do mundo, e isso não é pra qualquer um... Olha só o que a dança me proporcionou... O amadurecimento me fez sonhar mais alto e foi muito importante pra mim. E agora, em 2020, participar de um Open, de um campeonato latino e ainda por cima on-line, foi muito desafiador e, ao mesmo tempo, gratificante e enriquecedor demais, porque o ritmo do Tango é muito difícil de se fazer em cadeira de rodas e eu consegui o primeiro lugar. Ganhar das Mexicanas me fez perceber que estamos evoluindo na técnica e que estamos no caminho certo...

PISTAS DO DISCURSO

Competir no exterior foi muito fascinante e uma conquista para ela. Estar lá entre as melhores do mundo, a fez sentir muito importante. Em 2015, apesar de estarem muito aquém das competidoras em termos de equipamentos e de técnica, conquistou um 11º, um 7º e um 4º lugar. Sentia-se a gorda que dançava, a “patinho-feio” e, lá, era ela que estava entre as tops, entre as melhores do mundo, coisa que não é para qualquer um... Em 2020, participou de um Open, de um campeonato latino on-line e conseguiu o primeiro lugar. Foi muito desafiador, gratificante, enriquecedor e muito difícil, também, fazer o ritmo do Tango em cadeira de rodas.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S5 (ATLETISMO) - Nos Jogos do Rio de 2016, por ser minha primeira vez e em Maratona, tive muita dificuldade nos treinos, muito cansaço de ficar viajando pra lá e pra cá pra aclimação, muito nervosismo, não dormia bem... muita coisa aconteceu, sabe? Mas mesmo assim, quando chegou o dia da prova, foi difícil, mas consegui trazer a medalha de bronze pro Brasil. Em 2017, no ano seguinte do Rio, eu estava lesionada, mas fui pra Buenos Aires, em setembro, e consegui uma boa marca também. Em 2018, me preparei em altitude pra participar da Maratona de Londres e de lá pra cá, sempre me mantive em segundo lugar no Ranking Mundial e graças a Deus até hoje! No ano passado, foi uma rotina de preparação e de treinos para a Paralimpíada de Tóquio e, de novo em Buenos Aires, eu consegui o índice pra 2020. Mas, como aconteceu esse desastre da doença pra todos, no mundo né, nós vamos em 2021. Eu me preparo tanto, tanto, mas ainda não consegui chegar naquele limite de vencer o adversário e chegar em primeiro lugar, né. Mas eu acredito que em Tóquio, no ano que vem, eu consiga honrar mais o país e ficar mais feliz com o resultado.

PISTAS DO DISCURSO

Sua primeira vez nos Jogos Paralímpicos foi no Rio/2016 e em Maratona e, apesar da dificuldade, conseguiu trazer a medalha de bronze para o Brasil. No ano seguinte, estava lesionada, mas foi para Buenos Aires e conseguiu uma boa marca também. No ano passado (2019), em uma rotina de preparação e de treinos para a Paralimpíada de Tóquio, novamente em Buenos Aires, conseguiu o índice. Acredita que em Tóquio, no ano que vem, conseguirá honrar mais o país e ficar mais feliz, pelo resultado que pretende obter (1º lugar).

ENUNCIADO DO SUJEITO

S6 (ATLETISMO) - Olha, participar de competições internacionais é muito prazeroso. Você saber que seu trabalho... porque nem todo dia você tá bem da cabeça, nem todo dia seu corpo tá bem, tem dia que você não tá a fim de ir, mas você vê que lá na competição, quando você ganha uma medalha, quando você é finalista, quando você dá o seu melhor, você vê que todo o trabalho que você fez antes, foi recompensado, que valeu a pena! Pra mim estar hoje onde eu estou, eu tive que lutar muito, tive que abrir mão de muita coisa pra estar aqui... Tem horas que a gente olha pra trás e fala assim: “Eu consegui”. Porque tem dias que você tá no treino debaixo de um sol quente e se pergunta o que está fazendo ali, mas depois você vê, quando lá na frente você deu o resultado... Com o passar do tempo, fui pra Pequim 2008, consegui a vaga, mas aquela coisa... sem muita informação, meu técnico só queria treinar o fundo, não queria me treinar velocidade, então eu fui perdendo o foco, na verdade eu fui me machucando. Como eu treinava fundo, não tinha como dar resultado na velocidade. Aí o tempo foi passando, foi passando, até que eu troquei de técnico e levei três, quatro anos pra ficar com uma forma boa. Quando eu tava voltando pra minha forma boa, eu tinha sido medalhista no Open de Berlin, eu engravidei. Eu vinha muito bem, muito bem e já tinha vaga garantida no ParaPanamericano de Toronto, no Canadá. Aí, no mesmo ano eu ganhei minha filha e no ano seguinte, eu tentei vaga pro Rio. No Rio 2016, eu não tava em forma, porque tava muito inchada por causa do nascimento da minha filha dois meses antes e daí não consegui bons resultados. De lá pra cá, eu comecei a perder peso, a focar no que realmente eu queria e assim fui... fui indo, fui indo e agora, hoje, eu sou campeã brasileira, recordista nos 200 e nos 400 metros e agora eu quero ser recordista mundial. Atualmente, tenho o melhor índice no ParaPanamericano, nos 200 e 400 e fui finalista também nos 200 e 400 no Mundial de Dubai, onde eu não peguei medalha, porque eu adoeci, tava com a garganta inflamada. Eu tava a base de antibiótico, anti-inflamatório, antialérgico e um monte de remédios e mesmo assim fui finalista nas minhas provas principais.

PISTAS DO DISCURSO

Diz que participar de competições internacionais é muito prazeroso. Foi para Pequim/2008 e conseguiu a vaga sem o preparo adequado para dar resultados. Trocou de técnico, foi medalhista no Open de Berlin e, quando estava voltando à sua melhor forma, garantiu vaga para o ParaPanamericano de Toronto/Canadá e engravidou. No Rio 2016, não estava em forma e não conseguiu bons resultados, pois ainda estava muito inchada com o nascimento da filha. Hoje, é campeã brasileira, recordista nos 200m e nos 400m rasos e tem o melhor índice no ParaPanamericano nessas provas. Também foi finalista nos 200m e 400m no Mundial de Dubai, mas não conquistou medalha, porque adoeceu.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S7 (ATLETISMO) - Em 2012, eu já fui convocada direto para uma Paralimpíada, só que foi tão incrível, porque geralmente a gente é convocada pra uma competição menor né, para um Para Pan, um Mundial, e já de cara ser convocada para uma Paralimpíada, então, foi um feito muito grande, que ninguém acreditou. Todo mundo começou a falar que eu entrei pela janela, né e eles não sabem o quanto que eu nunca me permiti sonhar com isso... Aí eu fui convocada pelo arremesso e fiquei em 7º lugar, tinha 19 mulheres e foi junção de classes, F11 e F12. E eu ter ficado em sétimo com todas essas mulheres, foi um feito muito grande né. Mas aí eu fiquei um pouco triste, porque a gente vai com a ideia que vai ficar entre os 3 primeiros e eu fiquei com aquela depressão pós prova e só depois que a gente consegue administrar tudo na cabeça né. Eu pensei que eu nunca mais ia ser convocada e aí, em 2013, eu fui convocada de novo pro Mundial em Lion, na França, e lá sim, eu fiquei entre as três, porque não tinha junção de classe. Fiquei em terceiro lugar no arremesso de peso e então, assim, foi uma realização maravilhosa na minha vida, né. Em 2015 eu fui convocada duas vezes: para o ParaPan e para o Mundial. No ParaPan do Canadá, eu consegui um sonho muito grande na minha vida, que era ouvir o Hino Nacional no lugar mais alto do pódio. Chorei demais lá no pódio por ter conseguido realizar esse sonho. Aí, fui convocada de novo, se não me engano, para o Mundial no Katar e lá eu fiquei em 3º lugar. Era chinesa, chinesa e eu brasileira e então foi um feito muito bom. Aí em 2016, no Rio, graças a Deus eu também consegui ser convocada e consegui sair com minha medalha no peito, de 1º lugar. Eu guardo ela num lugar bem protegido lá em casa, é o meu maior xodó, porque eu participei de uma Paralimpíada no meu país, com minha torcida e saí vitoriosa. Aí, em 2017, fui convocada de novo, se não me engano, foi de novo no Katar, porque lá teve duas vezes. Em 2019, fui convocada mais uma vez para o ParaPan, a gente foi lá e ouvi de novo o hino nacional, foi uma maravilha e aí, logo em seguida teve um Mundial em Dubai e lá foi bom, consegui manter, sabe, consegui melhorar a minha marca e agora, em 2020, a gente tava pré-convocada, mas infelizmente, né, veio essa pandemia e coisa e tal, mas Deus sabe de todas as coisas e agora a gente está trabalhando pra 2021. Então, assim, eu só tenho a agradecer mesmo a Deus né, por ter me presenteado com o esporte na minha vida, porque eu falo que o esporte na minha vida foi um divisor de águas, né.

PISTAS DO DISCURSO

Em 2012, foi convocada direto para uma Paralimpíada e foi incrível, porque geralmente são convocadas para uma competição menor, primeiramente. Foi um feito muito grande, que ninguém acreditou. Foi convocada pelo arremesso de peso e ficou em 7º lugar entre 19 mulheres, devido à junção das classes F11 e F12. Ficou um pouco triste e deprimida com isso, mas, em 2013, foi convocada novamente para o Mundial em Lion, na França, e lá ficou conquistou o 3º lugar, sem a junção das classes. Em 2015, foi convocada duas vezes, indo para o ParaPan e para o Mundial de Atletismo. No ParaPan do Canadá, conseguiu atingir o grande sonho de sua vida, que foi ouvir o Hino Nacional no lugar mais alto do pódio. Foi convocada mais uma vez para o Mundial, que foi no Katar, e lá ficou em 3º lugar. Em 2016, no Rio, também conseguiu sair com a medalha no peito, de 1º lugar. Em 2019, foi convocada novamente para o ParaPan e logo em seguida para um Mundial em Dubai. Lá conseguiu se manter na 1ª colocação e melhorar sua marca. Em 2020, estava pré-convocada, mas, infelizmente, veio a pandemia e agora está trabalhando para a disputa em 2021, nos Jogos de Tóquio.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S8 (NATAÇÃO) - Em 2010, me levaram pra uma competição internacional, um Open na Grécia, e lá me desceram de classe, pra S5. Aí foi quando eu ressurgi e comecei a bater tempos bons, comecei a bater recordes brasileiros, comecei a ficar num patamar melhor. Eu estou na Seleção há 10 anos já e nem parece que já passou esse tempo todo... Depois que eu atingi a classificação S5, lá na Grécia, eu já participei de cinco Mundiais, três PanAmericanos, duas Paralimpíadas, várias competições internacionais, como Open, como Abertos, como Pan Pacífico e assim vai... Já participei de dois Pan Pacífico e de muitas competições internacionais. Mas é uma emoção muito grande poder subir no podium, poder representar o Brasil é muito bom... Eu já cantei o Hino do Brasil várias vezes, que eu até já perdi as contas... em PanAmericanos, em Mundial e, então, é uma emoção que você para assim e passa um filme, durante 30 segundos, quando você vê que valeu a pena todo o esforço que você fez, valeu a pena você chorar na borda da piscina, valeu a pena você discutir com seu técnico, valeu a pena você deixar sua filha de lado (voz embargada) pra ir em busca de um sonho que não é só seu, é da sua família também, então passa um filme e as lágrimas vêm, vem aquela emoção toda... é muito gratificante, é muito lindo, é uma coisa inexplicável, só sei que é lindo demais...

PISTAS DO DISCURSO

Em 2010, a levaram para uma competição internacional, um Open na Grécia, onde foi feita sua reclassificação funcional. Então, ressurgiu-se e começou a fazer bons tempos e a bater recordes brasileiros. Está na Seleção há 10 anos e já participou de 5 Mundiais, 3 PanAmericanos, 2 Paralimpíadas e várias competições internacionais, como Open, Abertos, Pan Pacífico e assim vai... Já participou de 2 Pan Pacífico e cantou o Hino do Brasil várias vezes em PanAmericanos e uma vez no Mundial. É uma emoção muito grande poder subir no pódio e representar o Brasil.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S9 (NATAÇÃO) - A minha primeira participação em competições foi em 2016, no Rio, e eu já comecei direto na Paralimpíada e fui 7º lugar nos 50m Costas e 8º lugar nos 100m livre. Como minha primeira vez num campeonato, eu fiquei muito surpresa com meu resultado, porque foi uma melhora muito significativa pra mim e quando eu participei de uma competição internacional na Austrália, em 2018, foi o Open... o Pan Pacific, e lá eu peguei o 2º lugar nos 50 Costas, também com uma melhora de tempo e foi um resultado muito positivo pra mim. No ano passado, eu participei de Lima/2019, fiquei em 2º lugar também e participei do Mundial de Londres e fiquei em 4º lugar na prova de 50 Costas. Nesse Mundial, eu me deixei levar pela ansiedade e não tive o resultado que eu estava esperando...

PISTAS DO DISCURSO

Sua primeira participação em competições foi em 2016, no Rio, e já começou direto na Paralimpíada. Ficou em 7º lugar nos 50m Costas e 8º lugar nos 100m livre e ficou muito surpresa com esse resultado, pois houve uma melhora muito significativa. Participou de uma competição internacional na Austrália, em 2018, o Pan Pacific, e lá conquistou o 2º lugar nos 50m Costas. Participou de Lima/2019, ficando em 2º lugar também e participou do Mundial de Londres, ficando em 4º lugar na prova de 50m Costas. Lá, deixou ser levada pela ansiedade e não teve o resultado que estava esperando...

ENUNCIADO DO SUJEITO

S10 (ATLETISMO) - Numa competição Regional, **eu bati** um recorde e **no final de 2008 fui** convocada para o PanAmericano. **Aí, desse PanAmericano, nunca mais eu saí** da seleção, né, e **estou** até hoje, graças a Deus! **Em 2009, foi** que **eu comecei** a saber o que realmente **eu queria**, entendeu? No começo, **eu não tinha** experiência, **dava** alguns **moles**, mas **nessa primeira competição que eu fui**, em 2009, no PanAmericano de Jovens, na Colômbia, **eu ganhei** 3 medalhas de ouro e bati recorde Brasileiro e SulAmericano. Daí, **eu fui** pegando experiência, conversando com as pessoas **mais antigas**, né, e depois que **eu peguei** amizade com as meninas das provas de campo, tudo **ficou mais tranquilo**. **Elas me tranquilizaram**, mas no começo **eu dei** uns **moles**, não **tinha** experiência, não **levava** a sério, não **dava** valor, né. Mas depois, **eu tomei** rumo e **estou** até hoje, graças a Deus! **De lá pra cá, só peguei** o ouro em **competições internacionais**. **Sou** da Classe F35, no Lançamento de Disco e Arremesso de Peso, mas só aqui no Brasil que **eu lanço** Disco, porque lá fora não **tem** essa prova. **Eu compito** aqui no Disco, mas no Mundial, infelizmente, na **minha** classe só **tem** o Arremesso de Peso. O **curioso**, Karla, é que o peso **era** a prova que **eu** menos **gostava**, sabe. Então, quando **eu descobri**, em 2014, que não **existiria** mais o Disco, que **era** a prova que **eu gostava**, **foi** tipo, assim, **é** como se **fosse** um recomeço... **Eu falei** pra **minha** treinadora que agora não **dava** mais, que o peso **eu ia** deixar de treinar, porque **eu não gostava**, não **me identificava**, sabe. **Aí, o destino, mais uma vez, fazendo** com que o que **era estranho** se **tornou** a prova que **eu consegui** tudo na **minha** vida hoje, o nome que **eu tenho**, a **minha** medalha paralímpica... a prova que **eu não treinava**, **foi** a prova que **me levou** ao auge. **É** os percalços de Deus na vida da gente, né? **Em 2016, no Rio, ganhei minha** medalha Paralímpica de 3º lugar no Arremesso de Peso.

PISTAS DO DISCURSO

No final de 2008, foi convocada para o PanAmericano e nunca mais saiu da seleção. Em 2009, descobriu o que realmente queria para sua vida, durante o PanAmericano de Jovens, na Colômbia, onde ganhou 3 medalhas de ouro e bateu recorde Brasileiro e SulAmericano. De lá para cá, só obteve ouro em competições internacionais. Aqui no Brasil compete a modalidade de Disco, mas no Mundial, infelizmente, na sua classe só há o Arremesso de Peso. A prova que conseguiu tudo na vida, o nome que tem, sua medalha paralímpica e a que não treinava, foi a prova que a levou ao auge. Em 2016, no Rio, ganhou sua medalha Paralímpica de 3º lugar no Arremesso de Peso.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S11 (ATLETISMO) - Em 2008, eu fui pra minha primeira competição dentro do Atletismo e já era ano Paralímpico. Ia acontecer as Paralimpíadas de Pequim e era tudo muito novo pra mim... e todo mundo na expectativa de ser convocado pra Seleção, né. Eu faço as 3 provas de campo, mas minha especialidade é o Dardo, porém eu iniciei no Disco, é muito engraçado isso... Daí, teve a competição em Brasília e uma semana depois eles mandaram por e-mail a pré-convocação pra Pequim e aí a expectativa aumentava cada dia mais. E foi um sonho, assim, que eu jamais pensei que pudesse acontecer isso, eu estar em outro continente, tá conhecendo outra cultura, foi uma coisa surreal pra mim, foi muito, muito, muito importante pra mim. Porém, durante os Jogos de Pequim, eu fiz a Classificação Internacional, me subiram de classe, fui pra Classe F54, e aí eu não tive a oportunidade de competir. Aí vieram outras competições internacionais e a gente teve muito, muito êxito e em 2012, eu fiquei de fora da de Londres, porque eu não consegui obter o índice, né. Então eu coloquei como meta pra mim, que no Rio 2016 eu seria convocada, que eu estaria no meu país, representando a minha nação. E assim aconteceu... Eu fui pra minha segunda Paralimpíada e obtive o 5º lugar no Arremesso de Peso e fiquei em 6º no Lançamento de Dardo. E aquilo, assim, me deu um gás pra poder treinar cada dia mais, e mais, e mais, e mais... Eu falo que o esporte tá crescendo mais, antes o Atletismo tinha poucas mulheres e hoje não, a gente tem que treinar, tem que suar pra conseguir uma vaga, porque a mulherada tá vindo aí com tudo... Aí eu fui convocada novamente pra Lima, pro ParaPan, e fui medalhista, fiquei em 3º lugar. Foi uma conquista surreal pra mim, porque até então eu tinha que conciliar a minha vida de atleta e a de profissional e eu vi que, pra eu ter resultados melhores, pra poder alcançar o objetivo e a meta que eu queria, eu teria que me dedicar exclusivamente ao esporte. No Regional de Goiânia desse ano, eu fui a melhor atleta no feminino, bati o recorde brasileiro, consegui o índice técnico pros Jogos de Tóquio, foi uma coisa que eu jamais imaginei conquistar... e agora estamos aí, firmes e fortes, treinando e esperando, com muita expectativa, os Jogos de Tóquio acontecerem no ano que vem e, se Deus quiser, trazer uma medalha pro Brasil, independente da cor.

PISTAS DO DISCURSO

Em 2008, foi para sua primeira competição e já foi convocada para os Jogos de Pequim, no mesmo ano. Durante os Jogos de Pequim, houve sua Classificação Internacional e a subiram de classe, não tendo a oportunidade de competir. Vieram outras competições internacionais, onde obteve muito êxito. Em 2012, ficou de fora dos Jogos de Londres, porque não conseguiu atingir o índice e colocou como meta que, no Rio 2016, seria convocada. Foi para sua segunda Paralimpíada, a do Rio, e obtive o 5º lugar no Arremesso de Peso e o 6º, no Lançamento de Dardo. Foi convocada novamente, para o ParaPan, em Lima, e foi medalhista, ficando em 3º lugar, sendo uma conquista surreal pra ela. No Regional de Goiânia desse ano, foi a melhor atleta no feminino, bateu o recorde brasileiro, conseguiu o índice técnico para os Jogos de Tóquio e agora está treinando e esperando, com muita expectativa, os Jogos acontecerem no ano que vem, para trazer uma medalha para o Brasil, independente da cor.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S12 (HALTEROFILISMO) - Em 2013, quando fui embarcar pela primeira vez, pra competir nos EUA, é que descobri que eu ia pra uma competição só de anãs. Se eu soubesse antes não tinha aceitado ir, porque eu dizia que detestava anãs e eu não me aceitava como anã. Karla, você acredita que quando nós chegamos lá, eu com a cara mais feia do mundo e sem querer ninguém perto de mim, só tinha anãs de tudo quanto é tamanho e eu me senti a gigante perto delas? Só sei que foi minha melhor competição do ano e quando eu fiquei em primeiro lugar, na minha categoria, foi lindo... e eu abracei todo mundo e a gente cantou o Hino do Brasil, foi uma festa! Então, quando eu voltei de lá, eu comecei a gostar mais do esporte, a dedicar, a me amar e a cada dia eu queria mais... Aí, em 2014, eu tinha metas pra mim ir pro México, pro ParaPanamericano, e lá eu fiquei em primeiro lugar, levantando 71kg, sendo a melhor atleta e a única a conseguir medalhas pro Brasil, porque também tive uma medalha de bronze e aí eu entrei de vez pra Seleção. Em 2015, meu pai faleceu e no velório dele eu prometi que eu faria o meu esporte, que competiria fora do Brasil e que Deus me daria uma medalha, não importaria qual, em homenagem a ele. Aí, eu fui competir no Canadá e fui a primeira medalhista paralímpica e o ouro geral foi o meu. Essa competição foi muito difícil pra mim, eu chorava muito pelo meu pai e Deus me ajudou, que levantei 78Kg. Então, eu fiquei muito conhecida, em todos os jornais e agradecei muito a Deus por essa homenagem ao meu pai. Fui a melhor atleta do Rio Grande do Norte e recebi uma homenagem no Rio de Janeiro nesse ano. Em 2016, eu não fui pra Paraolimpíada do Rio, porque fiz uma cirurgia e eu chorei muito, porque eu tinha me preparado tanto... e queria estar lá. Mas eu fui a condutora da Tocha Olímpica e Paralímpica e tenho as duas em casa, é o meu orgulho... Então, eu fiquei 1 ano afastada pra tratamento e em 2017 comecei a me preparar pra 2018. Em 2018, eu fui pra minha primeira competição em Bogotá e a primeira medalha que o Brasil conquistou também foi a minha. Aí eu participei do PanAmericano em Lima, no ano passado, e fiquei em 4º lugar, porque me modificaram de categoria, passei pra até 45kg, e juntaram as classes todas também, onde eu, a mais leve, competi com as mais pesadas. Eu perdi a minha medalha, chorei muito, mas mesmo assim quebrei o recorde das Américas. Hoje, Karla, o esporte melhorou o meu astral e ele é tudo na minha vida. Eu só tenho a agradecer, porque aprendi muito com o esporte e sou outra pessoa. E é uma emoção muito grande e boa você sair de seu país, ir competir internacionalmente representando o Brasil que eu amo tanto e chegar lá ouvir o Hino nacional... Sabe, eu já tive muito medo de morrer dessa doença (Covid-19), mas agora eu tenho treinado bastante e de tudo, que até me machuquei, mas eu não parei e estou treinando como se eu fosse participar da Paraolimpíada de Tóquio agora.

PISTAS DO DISCURSO

Em 2013, quando embarcou pela primeira vez para competir nos EUA, se soubesse com antecedência que iria para uma competição para anões não teria ido, porque detestava essa condição e não se aceitava como tal. Mas, foi sua melhor competição daquele ano e quando ficou em primeiro lugar na sua categoria, foi uma festa! Quando voltou de lá, começou a gostar mais do esporte, a dedicar mais e a se amar. Em 2014, no ParaPanamericano do México, ficou em primeiro lugar, sendo a melhor atleta e a única a conseguir medalhas para o Brasil. Foi quando entrou de vez para Seleção. Em 2015, foi competir no Canadá e foi a primeira medalhista paralímpica e o ouro geral. Essa competição foi muito difícil, chorava muito pelo falecimento de seu pai e considerou que Deus a ajudou a ganhar. Foi a melhor atleta do Rio Grande do Norte e recebeu uma homenagem no Rio de Janeiro nesse ano. Em 2016, não foi na Paraolimpíada do Rio, porque fez uma cirurgia, mas foi a condutora da Tocha Olímpica e Paralímpica na sua cidade. Em 2018, foi competir em Bogotá, sendo que a primeira medalha que o Brasil conquistou também foi a sua. No ano passado (2019), participou do PanAmericano em Lima e ficou em 4º lugar, pois modificaram sua categoria, passando para até 45kg e juntaram as classes. Mas, apesar de ter perdido a medalha, ter chorado muito, quebrou o recorde das Américas. Tem treinado bastante e de tudo, como se fosse participar da Paraolimpíada de Tóquio agora.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S13 (DECR) - Fui em dois campeonatos internacionais... pra Rússia, que foi um grupo maior com 10 pessoas (5 cadeirantes e 5 andantes) e pra Alemanha, que foram duas meninas na cadeira de rodas, dois bailarinos e o técnico, um grupo menor. Olha, foi a realização de um sonho mesmo... uma coisa que a gente nunca imaginava. Quando a gente teve o convite, quando o nosso técnico disse que tinha a possibilidade, ele disse que a gente teria que trabalhar muito, até pra conseguir custear, né, a viagem e também pra participar. E quando a gente viu os vídeos deles... eles pareciam ser muito bons... É uma coisa de outro mundo... Meu Deus, eles dançam muito... e treinam muito também. Quando a gente foi pra Rússia, cada um foi com a sua cadeira e a minha era uma de basquete, que foi conseguida assim: um trouxe uma peça, outro trouxe outra e eles tinham uma cadeira excelente para o dia a dia e uma melhor ainda pra entrar na pista. Nós realmente fomos com a cara e a coragem, mas foi um momento que aprendemos muito sobre dedicar mais. Parece que eles vivem praquilo e eles treinam muito... e eles dançam de uma forma tão perfeita, que foi um momento pra gente se inspirar mesmo... E eu estava lá... Foi muito emocionante e mesmo não tendo conseguido bons resultados, foi uma experiência que eu vou guardar pra minha vida toda...

PISTAS DO DISCURSO

Foi em dois campeonatos internacionais: para Rússia e para Alemanha. Foi a realização de um sonho e uma coisa que nunca imaginava acontecer. Quando foi para a Rússia, cada um foi com a sua cadeira de rodas e a dela era uma cadeira para basquete, conseguida com cada pessoa trazendo uma peça e, os russos, tinham cadeiras excelentes para o dia a dia e uma melhor ainda para entrar na pista e competir. Foram, realmente, com a cara e a coragem, mas foi um momento que aprenderam muito sobre dedicar mais ao esporte. E mesmo não tendo conseguido bons resultados, foi uma experiência que vai guardar para sua vida toda...

ENUNCIADO DO SUJEITO

S14 (DECR) - Em 2008, ganhei de novo a competição no avançado e foi a primeira vez que eu fui pra Bielorrússia, representar o país num campeonato mundial de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas e fui a primeira mulher a ir também. Na verdade, nenhum brasileiro cadeirante tinha ido num mundial até então e eu e Cabral fomos juntos, ficamos na mesma colocação, ficamos em 26º lugar. Aí eu voltei e quis ir de novo, né, quis batalhar pra ir de novo... Aí, no ano de 2010, eu e Adelina fomos pro campeonato no exterior, sendo minha segunda vez e a primeira da Adelina. Conquistei o 19º lugar e Adelina o 25º. Aí, em 2012, eu já estava com muitas dificuldades financeiras e eu percebi que não conseguiria ir novamente, né, no campeonato mundial e aí surgiu a oportunidade na dança novamente, de eu dar aulas de dança pra crianças e tive que abdicar da minha carreira de dança, de esportista e de competidora e resolvi abrir mão e dar aulas. É muito difícil parar, né... eu chorei muito, mas eu percebi que era o momento de parar, de dar a vez para outras pessoas e fazer novos atletas, dando a oportunidade para outras pessoas também. Em 2012, o Cabral ganhou de mim no brasileiro e foi muito bom e honrado, e foi mais um motivo para eu parar e começar a construir novos adeptos e, então, comecei a treinar outros cadeirantes.

PISTAS DO DISCURSO

Em 2008, foi a primeira vez que foi para Bielorrússia, num Campeonato Mundial de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas e foi a primeira mulher a ir também. Ficou em 26º lugar e, no ano de 2010, retornou ao mesmo campeonato e conquistou o 19º lugar. Em 2012, não conseguiu ir ao Mundial e foi quando surgiu a oportunidade de dar aulas de dança para crianças. Neste mesmo ano, perdeu o 1º lugar no Campeonato Brasileiro e foi mais um motivo para parar de competir e começar a treinar outros cadeirantes.

4) Qual sua impressão sobre como a sociedade vê a mulher deficiente e esportista?

ENUNCIADO DO SUJEITO

S1 (DECR) - Eu parei de competir em 2016, mas se a Dança em Cadeira de Rodas fosse uma modalidade paralímpica, existiriam milhões de pessoas fazendo. Mas como não é paralímpica, não tem apoio do governo e nem nada, são poucas as pessoas que fazem, entendeu. Você tem que ficar implorando, sabe, e isso tudo cansa um pouco, desestimula né, e... você ainda tem que trazer resultados. Eu acho muito injusto isso, muito injusto, porque ninguém tem que fazer nada visando resultados. A DECR só vai deslanchar no Brasil, quando ela for uma modalidade paralímpica, porque aí abrem as portas pros investimentos. Senão, a gente vai ficar assim, com pessoas que amam o que fazem e levam avante, como são as pessoas que desenvolvem a DECR hoje em dia. E ainda não tem tido renovação de atletas, porque falta incentivo, atrativo. A dança trabalha com uma exposição muito grande, é a exposição de seu corpo, é a exposição dos seus movimentos. É um processo de aceitação do próprio corpo e transformação dessa sua visão sobre o que o outro está vendo e está pensando sobre você. É diferente de outra modalidade esportiva, onde se está ligado somente o desempenho físico. A Dança traz o desempenho físico, a capacidade física, a capacidade motora, mas também a plástica, a arte, a expressão, o ritmo, o figurino e ela contempla muito mais coisas que você tem que trabalhar dentro de si pra poder desempenhar com qualidade, né. É muito mais complexo e diferente. A dança como uma modalidade esportiva, agrega muito mais coisas, entendeu, do que um outro esporte paralímpico. Eu vejo assim e talvez seja isso que me apaixonou, porque na dança, a cada coreografia que você aprende é sempre um desafio e é sempre um crescimento, você é sempre outra pessoa, é muito bom... Mas se a dança não virar uma modalidade paralímpica, eu não sei se ela atingirá mais pessoas. Vai depender somente das pessoas que têm amor pelo que faz, de cada um que trabalha com a DECR do que ter incentivos governamentais e empresariais pra estimular essa modalidade.

PISTAS DO DISCURSO

Como a DECR não é uma modalidade paralímpica e não tem apoio do governo, são poucas as pessoas que a fazem acontecer. Precisam ficar implorando e isso tudo cansa um pouco, desestimula e... ainda têm que trazer resultados. A dança trabalha com uma exposição muito grande, que é a exposição de seu corpo, a exposição dos seus movimentos e também é um processo de aceitação do próprio corpo e transformação da sua visão sobre o que o outro está vendo e está pensando sobre você. Ela contempla muito mais coisas que precisam ser trabalhadas dentro de si, para se poder desempenhar a dança com qualidade. Se a dança não virar uma modalidade paralímpica, não atingirá mais pessoas.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S2 (ATLETISMO) - Olha, desde que foi criado o CPB, nunca mais teve mulheres, cadeirantes, de corrida que foram convocadas pros Jogos Paralímpicos. E foi eu e a outra atleta, a Maria de Fátima, que fomos convocadas. Então, até nisso a gente conseguiu, porque nossa categoria é muito fraca aqui no Brasil e o fato de não ter premiação também, nas provas de rua do Brasil, faziam os atletas não se interessarem muito. Mas, no meu caso, na minha experiência, é... desde o início eu conquistei um grande respeito das pessoas. Nunca, nunca fui tratada diferente por ser mulher. Nunca teve essa diferença, principalmente na mídia. Eu acho que na nossa categoria de Corrida em Cadeira de Rodas (T54), a Vanessa, a Jéssica e outras meninas que correm, acabou conquistando uma mídia muito grande. A gente é sempre chamada pra fazer matérias e quando o Comitê precisa de um vídeo chama a gente... Então foi mais uma coisa que as mulheres conseguiram conquistar. Mas também a gente trabalhou muito pra isso e, desde o início, quando eu comecei a participar de competições, como eu morava em cidade pequena, comecei a ir nas rádios da cidade, o meu marido e técnico, o Fernando, escrevia relatório depois de cada competição e a gente mandava pro e-mail dos jornais e também tinha uma empresa que mandava pra todos os jornais que eles conheciam. Então, a gente acabava aparecendo nos jornais por causa disso e quando a gente veio pra São Paulo, a gente participava da São Silvestre por ser mídia pro Brasil inteiro. A gente chegou a participar do Programa da Fátima Bernardes, eu fui convidada, mas foi a gente que se inscreveu pra tentar ser chamado e deu certo... E depois disso, outras mídias começaram a chamar nós, a Record, já participei do Programa do Roberto Justos, Esporte Fantástico, a gente conseguiu contato com o Renato Peters da Globo, que fez várias matérias com a gente, mas a gente trabalhou pra isso e depois de algum tempo, a gente não precisou mais, porque aí eles começavam a chamar a gente. E quando surgiu o esporte de neve, foi uma grande oportunidade de mídia, porque como eu fui a primeira mulher a participar, então eles tinham bastante interesse com isso. E a gente aproveitava, é claro, de tudo que chamavam a gente... inclusive trabalhos com acadêmicos, que a gente sempre deu atenção. Eles também criaram minhas redes sociais, os acadêmicos de Marketing e os acadêmicos do Jornalismo já fizeram documentários comigo pra TCC. Teve uma acadêmica de Jornalismo que fez um livro fotográfico meu, com fotos nas corridas. Teve uma outra editora também, a Moll, que fez o livro "Eu amo correr" e são histórias de 50 corredores profissionais e amadores e entre um deles tem a minha história. Tem um outro livro fotográfico, do Paulo Vitale, que nossa... nesse livro eu nem consigo acreditar porque ele me chamou, porque o livro é de 50 personalidades brasileiras e tem o Pelé, tem muitas pessoas incríveis e ele me colocou ali no meio...

PISTAS DO DISCURSO

Desde o início conquistou um grande respeito das pessoas e nunca foi tratada diferente por ser mulher. Nunca teve essa diferença, principalmente na mídia. A categoria de Corrida em Cadeira de Rodas acabou conquistando uma mídia muito grande e é sempre chamada para fazer matérias e vídeos para o Comitê. Foi mais uma coisa que as mulheres conseguiram conquistar, mas também trabalhou muito para isso. Depois de algum tempo, não precisou investir mais, porque a mídia já começava a chamá-la. E quando surgiu o esporte de neve, foi uma grande oportunidade, por ter sido a primeira mulher a participar e a mídia teve bastante interesse nisso. Também uma acadêmica de Jornalismo fez um livro fotográfico seu e a editora Moll fez o livro "Eu amo correr", com histórias de 50 corredores profissionais e amadores, e entre elas tem a sua história. Um outro livro fotográfico, do Paulo Vitale, com 50 personalidades brasileiras, inclusive o Pelé, tem muitas pessoas incríveis e está ali no meio...

ENUNCIADO DO SUJEITO

S3 (HALTEROFILISMO) - No Halterofilismo ainda **temos** que **conviver** com o estereótipo de que a modalidade **vai te** masculinizar, que **vamos** perder a feminilidade e isso **tem** dificultado para o aumento das mulheres em competições. **Percebemos** quando **vamos** convidar pessoas para **iniciarem**, porque, principalmente a família, **assusta** com a escolha desse esporte e **temos** que **ter** um certo jogo de cintura nesse momento para convencê-las. Quando **vamos** para uma competição fora, para um mundial da modalidade, **é** que **abrimos** a cabeça para essas coisas. Lá **vemos** mulheres muito, **muito fortes** e **femininas**. Meu irmão mesmo **disse** que, quando **foi** pela primeira vez numa competição dessas, **viu** várias Amandas... Agora, a **mídia** mesmo **impregna** o estereótipo do corpo **fitness, escultural, bonito**, mas a coisa **muda** de figura quando se **fala** de halterofilismo, ainda mais pra atleta paralímpico de **alto** rendimento. A não **ser** que se **seja** de uma categoria baixa, onde não **tem** o corpo **trincado**, não **terá** o estereótipo de **masculinização** do corpo, mas nas categorias médio-pesado, que **estou**, e na pesado, o corpo **é bastante trincado** e **a galera assusta...** e ainda **escutamos** que **tomamos "bomba"**, que não **vamos** conseguir namorar nunca...**tem** horas que até **dá preguiça** de lutar, sabia? Mas, **eu penso** também que **as pessoas** só **conseguirão** lidar com isso se **conviverem** com... não **tem** jeito! E também quando a mídia **passar** a valorizar mais o desporto paralímpico e a modalidade de Halterofilismo, isso **irá** melhorar.

PISTAS DO DISCURSO

Ainda tem que conviver com o estereótipo de que a modalidade vai masculinizar, que vai perder a feminilidade e isso tem dificultado o aumento das mulheres em competições. Sua família mesmo assustou com a escolha desse esporte, porque a mídia impregna o estereótipo do corpo fitness, escultural, bonito. E ainda escuta que toma "bomba" e que não vai conseguir namorar nunca... Quando a mídia passar a valorizar mais o desporto paralímpico e a modalidade de Halterofilismo, isso irá melhorar.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S4 (DECR) - **Eu** **percebo** que, mesmo fazendo parte da Companhia de Dança há 15 anos, a sociedade ainda **tem** uma visão capacitista, né, tipo assim: "ah, que **bonitinho, ela dança...** ai que **lindo...**" e ainda **enxergam** a DECR como uma terapia, dizendo: "Ah, **ela é feliz, ela dança** né?" e não **vê** como arte. Resumindo, a pessoa com deficiência na nossa sociedade, **não é vista ainda como produtor de arte, como protagonista da arte**. Só **somos** aceitas como protagonistas no esporte, porque **nossos** atletas paralímpicos **trouxeram grandes** medalhas e **provaram** que aqui **temos**, realmente, atletas de ponta. Mas, a Dança Esportiva em Cadeira de Rodas ainda não **é** vista. Nós também **temos** que **parar** de dizer que **somos** bailarinas e **devemos** falar que **somos** paratletas, que **praticamos** Dança Esportiva em Cadeira de Rodas e que **somos campeãs** na modalidade, porque só assim a DECR **irá** ganhar respeito e reconhecimento da **nossa** sociedade. Se **a gente** ficar com **mimimi** e **dizer** que **somos** bailarinas e que de vez em quando **dançamos** e **damos** uma giradinha, **a gente** nunca **vai** ajudar a dança a **ganhar** o status que **ela merece**. A dança **ganhará** espaço, não somente por **nossas** ações, por **nossas** conquistas, mas também por **nossa** fala. Por isso que **eu** **aceito** e **participo** de qualquer convite para se **falar** da dança, porque **eu me sinto** mensageira e na obrigação de levar o esporte adiante. **Acho** que todos os atletas **têm** que ser mensageiros do esporte que **está** praticando, porque **você está** representando tudo aquilo que **veio** antes de **você** e tudo aquilo que **virá** depois de **você** naquele esporte. Então, **você é** atuante e o protagonista daquele momento e não **pode** deixar que **te vêem** como **menos...** e isso **eu** **aprendi** com **meus** professores. **Acho** importante que, agora, a Confederação e as universidades **estão** abrindo **seu** olhar para **nós**, os atletas, e **estão** **nos** ouvindo também.

PISTAS DO DISCURSO

Percebe que a sociedade ainda tem uma visão capacitista e ainda enxerga a DECR como uma terapia. A pessoa com deficiência na nossa sociedade não é vista ainda como produtor de arte, como protagonista da arte. As atletas têm que parar de dizer que são bailarinas e devem falar que são paratletas, que praticam Dança Esportiva em Cadeira de Rodas e que são campeãs na modalidade, porque só assim a DECR irá ganhar respeito e reconhecimento da sociedade. A dança ganhará espaço, não somente por suas ações, por suas conquistas, mas também por sua fala. Acha importante que, agora, a Confederação e as universidades estão abrindo seu olhar para eles, os atletas, e os estão ouvindo também.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S5 (ATLETISMO) - Na verdade, os atletas convencionais que **me conhecem** das Corridas de Rua, **me dão** os parabéns **por representar bem o Brasil** na competições internacionais, porque **eu sou** a única mulher que trouxe uma medalha de Maratona em Paralímpíada pro Brasil. **Só essas** pessoas que **me valorizam** e também os técnicos e os atletas com deficiência que **me conhecem**. **Eu fico triste** com isso e acho que muitas pessoas ainda **precisam me procurar, me valorizar**, principalmente patrocinadores e entrevistadores. **Eu sinto** que ainda não **sou** reconhecida pelo Brasil, entendeu?

PISTAS DO DISCURSO

Na verdade, só os atletas convencionais das Corridas de Rua, os técnicos e os atletas com deficiência que a conhecem é que a valorizam por representar bem o Brasil. Fica triste com isso e acha que muitas pessoas ainda precisam procurá-la, valorizá-la, principalmente patrocinadores e entrevistadores. Sente que ainda não é reconhecida pelo Brasil.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S6 (ATLETISMO) - Na verdade, a mentalidade **dessas** pessoas **é pequena**, porque **eles** não **conseguem** ver isso. Na verdade, **eles acham a gente coitadas**, chamam **a gente** de **coitadas**. Não **existe essa** palavra coitadas... Aí já **viu** né, **você ser** mulher, **ser** deficiente, **ser** mãe e **ser** esportista entra o preconceito **deles**, porque **eles** não **acreditam**. Só **acreditam** quando **a gente consegue**, né, e quando **a gente** chega lá no topo da escada, **eles** ainda **dizem** que **foi pura sorte**. Não **veem** o quanto **você batalhou** pra tá ali, entendeu. **Só acreditam** quando **você tá lá em cima** e antes de **você chegar** lá, **eles** não **acreditam** não. Agora, se **você for** comparar uma Parolimpíada com uma Olimpíada, o Brasil **é** uma **potência**... Na verdade, **o Brasil é muito pobre** em espírito, porque **eles** não **acreditam** nos atletas e sem investimento, hoje, **você não chega** em lugar nenhum. **Eu** lhe **digo** isso de experiência própria. Pra **mim estar** hoje onde **eu estou**, **eu tive** que lutar muito, **tive** que abrir mão de muita coisa pra **estar** aqui, **tive** que **deixar** de estar com **minha** família, com **minha** filha, de **dar** o carinho que **ela precisa**, **deixei** de estar com **ela** pra **estar** em São Paulo e em Recife treinando, **deixei** o **meu** marido também, que **me** apoia, que **fica** com **ela**, entendeu, pra **eu ir** atrás do **meu** sonho, do que **eu quero**, entendeu? Ainda **bem** que **eu tenho esse** apoio... porque o esporte não **é** só o **meu** ganha pão, **é** um estilo de vida e **eu amo tá** no esporte.

PISTAS DO DISCURSO

Na verdade, a mentalidade das pessoas é pequena. Elas acham que as pessoas com deficiência são coitadas e ser mulher, ser deficiente, ser mãe e ser esportista ainda entra o preconceito. Elas não acreditam, somente quando se chega lá em cima, no topo. O Brasil é muito pobre em espírito, por não acreditar nesses atletas, que têm que lutar muito e abrir mão de muita coisa para estar ali aonde chegaram.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S7 (ATLETISMO) - **Eu sou** filha de... de um jardineiro e de uma cozinheira, **sou** a terceira de sete irmãos e ser deficiente, negra e mulher nesse país que **a gente vive, a gente sabe** que não **tem** oportunidades nenhuma, **a gente sabe** que o destino da gente **está** praticamente já dito na sociedade e que o esporte, não, **o esporte proporcionou** pra **mim**, na **minha** vida, várias coisas né. **Eu falo** assim porque, **eu**, uma mulher **negra** e **deficiente** **conheci** vários países, culturas, **consegui** a **minha** autonomia, hoje **eu tenho** a **minha** casa, que **eu posso** falar que é **minha**, e **eu devo** tudo isso ao esporte mesmo, porque se não **fosse** o esporte **eu seria** mais uma mulher **negra, deficiente** e aqui em **nosso** país, **a gente** já **sabe** qual **seria** o **nosso** destino na sociedade. E através do esporte **eu consegui** também uma bolsa pra cursar um curso superior, que já **estou** quase acabando, sabe... então **o esporte é só benção na minha vida**. **Eu posso** dizer pra **você**, que **vem** crescendo bastante a participação das mulheres nas competições e para cada tanto de homens convocados, **tem** que ter um tanto de mulheres. Naquela época de 1976, quando as mulheres **começaram**, não **tinha** nenhum reconhecimento financeiro como **tem** hoje, **você vê** que aquilo **era** amor, **era** raça né, por **fazer** aquilo que **gosta**. E o tempo **passa** e **você vê** que todo o esforço que **você vive** e tudo aquilo que **você deixou** de fazer, **é** tudo **muito gratificante** e **você volta** e **faz** tudo de novo, viu? **É muito bom** e é uma coisa que **te joga** pra frente...

PISTAS DO DISCURSO

Ser deficiente, negra e mulher nesse país que se vive, não há oportunidade nenhuma e o destino está praticamente já dito na sociedade. Mas, o esporte a proporcionou várias coisas e ele é só benção na sua vida.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S8 (NATAÇÃO) - **Você pode** ver que na Seleção **tem** poucas mulheres. Antes **eram** duas, três mulheres e hoje **a gente** já **tá** em oito. No último campeonato que **a gente foi, fomos** em 8, então, **as mulheres já estão** começando a tomar **seu** espaço, **estão** começando a subir no podium sim, **estão** começando a cantar o Hino Nacional e **estão** começando a mostrar que mulher também **é** atleta. **A gente dá** o **nosso** sangue, **dá** **nosso** suor e **a gente faz** o que for pra **poder** representar o Brasil **bem** em todas as competições. Então, quando **eu subi** no podium, em 2015, no Mundial, **eu fui** a única mulher a subir no podium num Mundial e a cantar o Hino Nacional, né. Então **foi muito sensacional** as pessoas **me olhando, me dando** os parabéns e tal e nos Jogos do Rio, **eu fui** a única mulher que **trouxe** medalha individual. Então, assim, isso mostra que **a gente, mulher, está** evoluindo, **tá** crescendo e **querendo conquistar o nosso espaço**. Então, pra **você poder** ver quem **eu sou** e também pra **poder** ter um incentivo **maior** e **melhor**, que **me entreviste, veja** quem **eu sou, me** conheça pra **eu poder** falar um pouco da **minha** história e **poder** motivar outras pessoas, outras mulheres, entendeu? **Eu falo** assim, porque **eu já fui** atleta **iniciante** e ninguém **sabia** quem **eu era**. Hoje que **eu ganho** medalhas, **sabem quem sou eu**. Então, isso **é** que as pessoas **têm** que ver, que atleta **ele começa** de baixo, **ele não começa** no topo. Atleta nenhum **nasce** no topo, ninguém **nasce** pronto, **a gente vai** adquirindo como em qualquer profissão, entendeu? **Eu acho** que a imprensa também **tem** que ver quem **tá** iniciando, **fazer** entrevista, porque incentiva, **dá** empolgação pra um atleta **novo continuar**.

PISTAS DO DISCURSO

As mulheres já estão começando a tomar seu espaço, estão começando a subir no pódio, estão começando a cantar o Hino Nacional e estão começando a mostrar que mulher também é atleta. A mulher está evoluindo, está crescendo e querendo conquistar o seu espaço. Quando era atleta iniciante, ninguém sabia quem ela era e, hoje, que ganha medalhas, sabem quem ela é. A imprensa também tem que ver quem está iniciando, fazer entrevista, porque incentiva e dá empolgação para um atleta novo continuar.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S9 (NATAÇÃO) - Eu **acho** que **tem** pouquíssima visibilidade ainda, não **chega** nem perto de mídia, patrocínio e atenção da população comparado a natação convencional e **acho** que ainda **tem** um **longo** caminho para o esporte paralímpico avançar. **Acho** que muitas pessoas meio que **veem** a pessoa com deficiência como um **coitadinho**: “Ai **coitadinha**, **ela está** em uma cadeira de rodas...**coitadinha ela** não **mexe** a mão...**coitadinha ela** não **anda**” e aí **eu acho** que o esporte paralímpico **acaba** sendo visto como um grupo **de coitadinhos** e às vezes **parece** que algumas pessoas **veem** como se não **fosse** de tão esforço como **é** para os olímpicos. Sabe, **a gente dedica** tanto quanto, dentro das **nossas** limitações, **a gente abdica** de um monte de coisa, tanto quanto o atleta olímpico.

PISTAS DO DISCURSO

Acha que tem pouquíssima visibilidade ainda, que não chegam nem perto de mídia, patrocínio e atenção da população como acontece com o esporte convencional. O esporte paralímpico ainda tem um longo caminho para avançar. Muitas pessoas veem a pessoa com deficiência como um coitadinho e o esporte paralímpico acaba sendo visto como um grupo de coitadinhos. Mas, se esforçam e dedicam tanto quanto, dentro das suas limitações, e abdicam de um monte de coisas, tanto quanto um atleta olímpico.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S10 (ATLETISMO) - Aqui em Maceió **eu conheço** muita gente, mas **a maioria** das pessoas daqui não **tem** muita noção, sabe, que **eu vou** pra fora, que **eu compito**... não **sabem** o quanto **é difícil** viver **longe**, **não dá** tanto valor como realmente **a gente** da terra **queria** que **dessem**, né. O valor de realmente “**vestir** a camisa” do seu país, de se **dedicar** e nunca **deixar** de dizer que **é** daqui. Mesmo longe, **eu** nunca **deixei** de **dizer**, mesmo não **tenho** apoio nenhum daqui, entendeu? **A única** coisa que **tem**, **é** quando **você chega** no aeroporto, depois do resultado e **tem** lá a televisão pra **te filmar** e **te entrevistar** né, só pra **divulgar**. Mas, Deus **é** tão **bom comigo**, que **me levou** pro Rio de Janeiro, porque **eu me dediquei** muito, sabe, **fiz** das tripas coração, **fui** pra lá com 21 anos, **me dediquei**... porque **você sair** do Nordeste, uma mulher, deficiente, **lutar** e **vencer** numa cidade totalmente **diferente é** complicado, mas **eu agradeço** a Deus, porque **eu acho** que **eu só fui** pra lá, porque realmente Deus **achou** que **eu era** merecedora, né. Aqui, o pessoal não **tem** estudo né, não **tem** estrutura pra **saber** o que **a gente passa**. Aqui, como em São Paulo e no Rio, **você só é** deficiente se **sua** deficiência **aparecer**. Se **você** não **demonstrar** ou não **ser** aparente, pra **eles**, **você é** normal. Tipo assim, quando **eu estou** no metrô em São Paulo e **me sento** na cadeira **de deficiente**, as pessoas **ficam me** olhando, porque **minha** deficiência só aparece quando **eu ando**. **Eu sofro** muito com isso e já **passei** por várias coisas **horrorosas**, **de chorar** mesmo. Mas aqui em Maceió **não é** diferente. **A diferença** aqui **é** que **as pessoas** não **têm** estudo, mas **acho** que aqui, por não ter estudo **é** menos preconceituoso que lá, porque o pessoal, em todo lugar, **te julga** pela aparência, né. Não **está** escrito na **nossa** testa que **a gente é** deficiente. **Eu passo** por vários **perrengues**... Lá em São Paulo, às vezes **eu** nem **sento** no metrô na cadeira **de deficientes**, **posso** estar super **cansada**, pra não **passar vergonha**. Os idosos de lá **ficam me** olhando se **sento**...

PISTAS DO DISCURSO

A maioria das pessoas de Maceió não tem muita noção de que ela compete fora do país e não dá o valor que realmente gostaria de ter. A única coisa que acontece é a mídia querendo filmar e entrevistar, quando chega no aeroporto retornando do campeonato, só para divulgar seus resultados por ter que fazer matéria. Sair do Nordeste sendo uma mulher, deficiente, lutar e vencer numa cidade totalmente diferente é complicado. Acha que só foi para o Rio, porque realmente Deus achou que era merecedora. Acha que em São Paulo e no Rio, só se é deficiente se sua deficiência aparecer. Sofre muito com isso e já passou por várias situações constrangedoras e horrorosas, de chorar mesmo. Mas, em Maceió não é diferente. A diferença é que lá as pessoas não têm estudo e, por isso, são menos preconceituosas. Em SP passou por vários perrengues...

ENUNCIADO DO SUJEITO

S11 (ATLETISMO) - Eles já colocam o estigma que por ser mulher, a mulher não pode ter o mesmo resultado que o homem, né, e ainda por ser deficiente... mas vejo o quão vem crescendo a participação da mulher nas Paralimpíadas, porque se não me engano, em 2008, nós estávamos em 7 ou 6 mulheres, que eram eu, a Rosinha, a Sueli Guimarães e a Soninha nas provas de campo e mais outras duas ou três atletas nas provas de pista e, em 2016, eu sinceramente não sei te dizer quantas eram, mas assim, eram muitas (ênfase) mulheres. Em 2019, no ParaPan, o campo tava lotado de mulher, enfim, vem crescendo muito, muito, muito... A sociedade precisa se abrir um pouquinho mais, né, até mesmo em questão do profissional de Educação Física, né, em abrir ali o olhar pra mulher, esportista com deficiência, porque mesmo o profissional de Educação Física escolhe quem irá chamar para estar treinando, pra fazer um trabalho a longo prazo e escolhem mais homens. Então, falta um pouquinho mais de mostrar pra esses profissionais que a mulher consegue um rendimento até melhor do que o homem e eu acredito que nessa campanha pra 2021, em Tóquio, as mulheres vêm quebrando muitos tabus aí...

PISTAS DO DISCURSO

Já colocam o estigma que por ser mulher não pode ter o mesmo resultado que o homem e ainda por ser deficiente... A sociedade precisa se abrir um pouquinho mais, abrir o olhar para a mulher, esportista com deficiência. Acredita que nessa campanha para 2021, em Tóquio, as mulheres virão quebrando muitos tabus.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S12 (HALTEROFILISMO) - Hoje eu estou muito conhecida aqui na minha cidade e, Karla, as pessoas olham pra você com outro olhar. As pessoas me olham e perguntam se eu tomo “bomba” e eu digo que não, que eu sou uma paratleta da Seleção Brasileira e elas assustam dizendo: “Você? Mulher, o que você faz?”... Quando digo que faço Halterofilismo, levantamento de peso, elas não acreditam, porque as pessoas nem sabem o que é Halterofilismo e ainda perguntam como eu levanto peso pequena desse jeito... Eu acho que ainda tem muito preconceito... preconceito de como você é anã e ainda levanta peso. Teve uma mulher que disse que era mentira o que eu estava falando... Hoje em dia, o esporte que é pra uma pessoa que é deficiente é muito difícil. Você tem que querer, tem que gostar, tem que seguir, entendeu, porque o preconceito é muito grande ainda... porque não melhorou por ser mulher, por ser musculosa, por ser vaidosa e muitas pessoas morrem de inveja de mim, do que eu posto no Instagram... mas muitas dizem também que se inspira em mim, no que eu faço, no meu alto astral e no incentivo que dou pra fazerem o que desejam, que basta elas quererem. Hoje, Karla, eu tenho bolsa atleta nacional e internacional, sou uma pessoa feliz, vitoriosa, que me amo e então eu digo que o esporte pra mim é tudo... eu só tenho que agradecer a Deus!

PISTAS DO DISCURSO

As pessoas olham para você com outro olhar e quando diz que faz Halterofilismo, levantamento de peso, não acreditam. Acha que ainda tem muito preconceito... preconceito de como se é anã e ainda levanta peso. O esporte para uma pessoa que é deficiente é muito difícil. Você tem que querer, tem que gostar, tem que seguir, porque o preconceito é muito grande ainda...

ENUNCIADO DO SUJEITO

S13 (DECR) - Olha, as pessoas geralmente ficam bem impressionadas, porque ainda não é uma coisa amplamente divulgado. As pessoas ficam muito surpresas com a pessoa com deficiência dançando na cadeira de rodas, porque as pessoas veem a mulher com deficiência como uma pessoa que tem que ficar em casa, superprotegida. E no interior então, ainda tem esse sentimento de superproteção, né. É tudo muito novo pra todo mundo. Eu acho assim, que... até a pessoa com deficiência acha que não pode dançar e fazer um monte de coisas... Tem que divulgar mais isso. Sempre que posso, posto meus vídeos dançando e as pessoas dizem: “nossa, uma pessoa na cadeira de rodas consegue dançar?”

PISTAS DO DISCURSO

As pessoas geralmente ficam bem impressionadas, ficam muito surpresas com a pessoa com deficiência dançando na cadeira de rodas, porque as pessoas veem a mulher com deficiência como uma pessoa que tem que ficar em casa, superprotegida. Até a pessoa com deficiência acha que não pode dançar e fazer um monte de coisas...

ENUNCIADO DO SUJEITO

S14 (DECR) - É bem complicado! Quando eu ganhei meu primeiro campeonato, eu acho que eu mudei, sabe Karla, porque minha autoconfiança foi tão (ênfase) grande, eu me sentia a mulher mais realizada do mundo, sabe. Assim, a primeira vez foi quando eu comecei a competir e, a segunda vez, quando eu comecei a competir internacionalmente. Eu me tornei muito (ênfase) autoconfiante, sabe, e tinham pessoas que já falavam muitas coisas pra mim, principalmente... já me chamaram de aleijada, sabe, mas isso não ficava em mim. Essas coisas que aconteciam fora, já não me afetava, porque eu fiquei tão (ênfase) realizada, tão feliz de ter realizado meu grande sonho, que eu não queria parar. Hoje eu sou uma pessoa muito realizada em todos os aspectos e se tivesse que fazer tudo de novo eu faria, né. Eu acho que quando uma mulher não faz o que gosta, ela acaba ficando muito frustrada e acaba ficando muito infeliz com isso, né. E hoje em dia eu vejo que isso está relacionado com a autoestima. Então, assim, por mais que quando eu chegasse num local e as pessoas não me olhassem, as pessoas não me percebessem e as pessoas queriam me colocar em um local trancada, pra que eu não pudesse sair e rodar o baile ou que ninguém me visse, eu pedia pra me colocarem perto da pista, pra eu ter acesso pra dançar. Aí, elas falavam me olhando assustadas: "Mas você dança?" e eu dizia: "Danço e muitíssimo bem! E quando as pessoas me viam dançando, aí era tudo diferente...né? Eu tinha uma vida social muito intensa e quando eu saía pra ir nos lugares de dança e ninguém me tirava pra dançar, eu ficava muito irritada... Gostava de voltar pra casa com os braços doendo, moídos de tanto dançar... só assim, deitada na cama com os braços abertos e todo dolorido, eu dormia feliz..."

PISTAS DO DISCURSO

Pessoas já falaram muitas coisas a ela e, principalmente, já a chamaram de aleijada. Mas, isso não a afetava, porque estava realizada e feliz por ter realizado seu grande sonho. Se as pessoas não a olhassem, não a percebessem e se quisessem colocá-la em um local trancada, para que não pudesse sair, rodar o baile e ser vista, pedia para a colocarem perto da pista, para ter melhor acesso para dançar. E quando a viam dançando, era tudo diferente...

5) Como você se vê? Quem é você?

ENUNCIADO DO SUJEITO

S1 (DECR) - (de pronto, me olhando e sorrindo) Nossa... S1 já foi tanta gente... são várias S1 construídas ao longo desse tempo todo. Acho que essa pandemia mudou bastante a S1 A S1 hoje é... não sei te definir não... S1 já teve a fase dona de casa, S1 já teve a fase deslumbrada com a dança, S1 já teve a fase estudante, descobridora de novos horizontes, de novos universos... S1 já teve a fase de amadurecimento como bailarina, da descoberta de todo o seu potencial e a S1 hoje está numa fase mais serena, mais alicerçada, mais tranquila, mas vendo que tudo isso foi importante, foi essencial e eu sinto que estou em uma nova jornada... A dança pra mim hoje é arte. Eu gostaria de trabalhar com a dança, hoje, falando da dança, não tanto dançando. Eu tava com esse projeto em 2019. Eu montei com meu parceiro de dança uma Companhia, né, a Hope Dança, e nós íamos desenvolver o trabalho de falar da Dança e da capacidade humana de se transformar através da dança nas empresas, em eventos, em simpósios, mas aí veio a Pandemia... Eu tô numa fase de falar dessa transformação que a dança trouxe pra mim. Sai já da fase competitiva, sai da fase de exibicionismo, de querer ser a melhor, de querer mostrar meu potencial, eu acho que agora eu estou na fase de compartilhar tudo que eu absorvi, tudo que eu aprendi e através desse compartilhar, estimular as pessoas a se desafiarem. Então, faria uma apresentação artística e depois falaria um pouco sobre toda essa questão, trabalhando bastante todo o emocional e o psicológico que a arte e os desafios da vida trazem pra gente, né, que agrega, constrói... porque o que vale não é que naquele ritmo eu sou a melhor, naquele outro ritmo eu sou a bam, bam, bam e quantas medalhas eu conquistei, mas o quanto eu cresci e aprendi aqui dentro. (colocou a mão sobre o peito) É isso o grande tesouro, a grande medalha que eu acho que trago, sabe... os amigos que eu fiz, os vínculos, o quanto eu cresci como pessoa...(sorrisu)

PISTAS DO DISCURSO

S1 já foi tanta gente... são várias S1 construídas ao longo do tempo. Acha que essa pandemia a mudou bastante. S1 está, hoje, numa fase mais serena, mais alicerçada, mais tranquila, mas vendo que tudo isso foi importante, foi essencial e sente que está em uma nova jornada, que está numa fase de falar dessa transformação que a dança trouxe para ela. Já saiu da fase competitiva, da fase de exibicionismo, de querer ser a melhor, de querer mostrar seu potencial e agora está na fase de compartilhar tudo que absorveu, aprendeu e estimular as pessoas a se desafiarem. O que vale não é que naquele ritmo foi a melhor, naquele outro foi a bam, bam, bam e quantas medalhas conquistou, mas o quanto cresceu e aprendeu por dentro. É esse o grande tesouro, a grande medalha que acha que traz, como os amigos que fez, os vínculos e o quanto cresceu como pessoa.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S2 (ATLETISMO) - (olhando pra cima) Eu acho que é uma pessoa que... é... (olhou para mim) vive pra superar os seus medos (risos), que encara de frente, porque... é... (olhou para cima) todo mundo diz: “ah você faz tantas coisas diferentes, você não tem medo”, mas é mentira, porque eu tenho medo sim... Tem vez que eu subo aquela montanha de neve e digo: “Meu Deus, eu tenho que descer isso aqui com um equipamento que não tem freio” (sorrisu), mas aí eu penso que eu estou ali porque quero superar esse desafio, porque eu quero superar esse medo e viver grandes coisas... (olhando pra cima) Eu acho que é isso... (olhou para mim) Eu vou pra superar os meus medos e fazer o que eu gosto, que é viver do esporte.

PISTAS DO DISCURSO

É uma pessoa que vive para superar os seus medos, que os encara de frente e que quer viver grandes coisas, fazendo o que gosta, que é viver do esporte.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S3 (HALTEROFILISMO) - (de pronto e olhando pra mim) Hoje a S3 é... é... (olhou para cima), eu gosto de usar o termo inspiração, mas não como referência, (olhou para mim) mas falando na minha melhor versão. É bom isso que a gente falou, estar sempre em uma luta... Eu lutei por ser mulher, eu lutei por ser uma pessoa com deficiência, eu lutei pra ser uma profissional e hoje eu gosto desse termo inspiração no sentido de que: “vamos que é possível”. Eu falo sempre isso para os meus pacientes no consultório: “vai que dá”. Então, hoje, a S3 é uma inspiração, sabe? Acho que é o que melhor me define, porque eu preciso me sentir relevante no que for que eu estiver fazendo e se eu não sentir que algo tem relevância também, prefiro não fazer...

PISTAS DO DISCURSO

É estar sempre em uma luta... lutou por ser mulher, lutou por ser uma pessoa com deficiência, lutou para ser uma profissional e, hoje, é uma inspiração. Gosta do termo inspiração no sentido de que “é possível”. Precisa sentir-se relevante e relevância naquilo que estiver fazendo, pois, se não, prefere não fazer...

ENUNCIADO DO SUJEITO

S4 (DECR) - (Olhando para cima) Eu sou uma mulher...eh...madura, eu posso dizer que sou madura em termos de vários valores da vida, né...(olhando para mim) eu sou uma pessoa que reconheço os meus valores, as minhas habilidades, as minhas especialidades... a dança me ajudou muito e através dela eu me redescobri, ou melhor, através da dança eu me descobri enquanto mulher, enquanto pessoa... e... enquanto uma pessoa que tenho as minhas vontades e que posso impor as minhas opiniões... empoderada, como dizem agora né, porque eu tive uma criação muito restrita, eu não me posicionava diante de várias coisas e com a descoberta da dança, eu descobri várias S4 dentro de mim... Não sou perfeita, sou capricorniana e, por isso, eu me cobro muito... estou tentando muito me desculpar mais, me permitir mais, não me julgar tanto, não me cobrar tanto e não me cobrar a perfeição, né, curtir mais a vida e me curtir mais... E se hoje me perguntassem se em algum momento eu me arrependi de ter conhecido a DECR, se eu faria tudo diferente, eu diria que em nenhum momento... No começo, eu reclamei dos desafios várias vezes e disse que não queria mais, porque eu era insegura, me cobrava demais e tinha muito medo de não corresponder às expectativas da minha Companhia e dos meus professores e técnicos, mas tudo foi tão importante pra mim, conhecer a dança e crescer a partir dela, que penso que não poderia ter sido diferente. A DECR foi tudo pra mim, ela é (ênfase) tudo pra mim e hoje eu a curto muito mais, me divirto mais... É maravilhoso! E eu só tenho a agradecer a Deus essas oportunidades e quero aprender mais... eu quero viver mais, quero dançar mais e quero poder ser exemplo pra outras pessoas, não em questões de Ego, mas que, como eu era há 15 anos atrás, que nem me permitia imaginar dançando, que se uma pessoa cadeirante que admira a dança e me veja dançar, perceba que é possível e que existem possibilidades em uma cadeira de rodas.

PISTAS DO DISCURSO

É uma mulher madura, uma pessoa que reconhece os seus valores, as suas habilidades, as suas especialidades... Através da dança se descobriu enquanto mulher e enquanto pessoa, que tem vontades e que pode impor as suas opiniões. É empoderada, se cobra muito e está tentando se desculpar mais, se permitir mais, não se julgar tanto, não se cobrar tanto e não se cobrar perfeição, para conseguir curtir mais a vida e a si mesma... No começo, reclamou dos desafios por várias vezes e disse que não queria mais, pois era insegura e tinha muito medo de não corresponder às expectativas da Companhia e dos seus professores e técnicos. A DECR é tudo para ela e, hoje, a curte muito mais e se diverte mais... Quer viver mais, quer dançar mais e quer poder ser exemplo para outras pessoas, para que uma pessoa cadeirante possa perceber que a dança é possível e que existem possibilidades em uma cadeira de rodas.

ENUNCIADO DO SUJEITO

<p>S5 (ATLETISMO) - (sorriu e de pronto, olhando pra mim) Quem é a S5? <u>Eu S5 sou</u> uma atleta <u>paralímpica, brasileira</u>, da cidade da Bahia <u>de Salvador</u>, que <u>nasci</u> pra <u>representar</u> o Brasil, a <u>escolhida de José do Egito</u>, assim <u>diz</u> <u>minha</u> irmã (risos). <u>Lembrei</u> do que <u>ela</u> sempre <u>diz</u> pra mim, porque <u>nós somos</u> 12 irmãos (seis homens e 6 mulheres) e então <u>ela fez</u> uma comparação bíblica, entendeu? (risos)</p>
<p>PISTAS DO DISCURSO</p>
<p>É uma atleta paralímpica, brasileira, da cidade da Bahia/Salvador, que nasceu para representar o Brasil.</p>
<p>ENUNCIADO DO SUJEITO</p>
<p>S6 (ATLETISMO) - (respondeu de pronto e me olhando) Ó, <u>S6 é mãe, filha, esposa</u>. É uma pessoa que <u>luta</u> pelo o que <u>ela quer</u>, <u>ela vai</u> em busca do que <u>ela quer</u>, dos <u>seus</u> sonhos, porque <u>é</u> assim, <u>eu sou</u> a quinta filha de sete irmãos e <u>minha</u> mãe nunca <u>teve</u> condições de <u>dar</u> o que <u>a gente</u> queria, o que <u>a gente</u> precisava. <u>Ela</u> sempre <u>dava</u> o básico né, <u>guerreira</u> na verdade... Então, <u>eu procuro</u> ser... é... o <u>meu melhor</u>, <u>eu procuro</u> não... é... como <u>vou te dizer</u>... <u>procuro</u> estar nos <u>melhores</u> lugares, <u>ter</u> o que <u>eu</u> nunca <u>tive</u>, entendeu, e <u>ir</u> em busca dos <u>meus</u> sonhos, dos <u>meus</u> objetivos. Então, <u>essa S6 é guerreira</u>, na verdade, que <u>vem pra quebrar</u> tabu, porque pra uma pessoa que <u>é</u> do interior (Petrolina/PE) e não <u>tinha</u> expectativa nenhuma de <u>fazer</u> uma faculdade, agora <u>eu estou</u> fazendo e <u>sou</u> a única na <u>minha</u> família que <u>está</u> terminando uma faculdade. Pra mim, isso <u>é muito prazeroso</u>... <u>Eu acho</u> que a <u>S6 é essa</u> que <u>você está</u> vendo, que <u>vai</u> em busca e luta (ênfase) por tudo que <u>ela quer</u>, pela família... <u>sou</u> uma pessoa <u>de fibra</u> e <u>de garra</u>, entendeu? <u>Essa sou eu!</u></p>
<p>PISTAS DO DISCURSO</p>
<p>É mãe, filha, esposa. É uma pessoa que luta pelo o que quer, que vai em busca do que quer e de seus sonhos. Procura ser e fazer o seu melhor e ir em busca dos seus objetivos. É guerreira e veio para quebrar tabus e também para lutar por tudo que deseja e pela família... é uma pessoa de fibra e de garra.</p>
<p>ENUNCIADO DO SUJEITO</p>
<p>S7 (ATLETISMO) - Quem é a S7... ah...<u>eu, eu me sinto determinada</u> e <u>eu gosto</u> de desafios, <u>eu gosto</u>...(risos). <u>Meu</u> treinador até <u>gosta</u> muito de falar: “<u>Eu duvido</u> que <u>você faça</u> isso” e aí <u>eu vou</u> e <u>provo</u> pra <u>ele</u> que <u>eu consigo</u> (risos).</p> <p>*S7 fez toda a entrevista com sorriso no rosto</p>
<p>PISTAS DO DISCURSO</p>
<p>Se sente determinada e gosta de desafios.</p>
<p>ENUNCIADO DO SUJEITO</p>
<p>S8 (NATAÇÃO) - (de pronto e olhando pra mim) A <u>S8 é</u> uma pessoa <u>sorridente, brincalhona</u>, que <u>tá</u> sempre de <u>bem</u> com a vida, também <u>é</u> uma mãe <u>onça</u>, uma esposa <u>dedicada, dona de lar</u>, uma <u>fera</u> em competição...<u>Essa é</u> a S8!</p>
<p>PISTAS DO DISCURSO</p>
<p>É uma pessoa sorridente, brincalhona, que está sempre de bem com a vida e também é uma mãe onça, uma esposa dedicada, dona do lar e uma fera em competição...</p>
<p>ENUNCIADO DO SUJEITO</p>

<p>S9 (NATAÇÃO) - Ai...(sorriu, passou a mão no lado esquerdo do rosto, olhou para baixo por 3 segundos), é...(olhou para mim sorrindo, desviou o olhar para o lado e iniciou passando ainda a mão pelo rosto), diffícil dizer assim de bate e pronto...(voltou o olhar para mim e disse gaguejando), eu... eu acho que sou... eu me vejo como uma mulher como todas as outras, eu estou levando a minha vida, eu treino, eu tenho o meu trabalho, eu tenho os meus amigos, os meus relacionamentos, eu não sou... só a S9 cadeirante, eu sou a S9 mulher, ativa, eu sou muito ativa, eu tô sempre fazendo alguma coisa, eu moro sozinha hoje com o meu cachorrinho, então...(retirou a mão do rosto e sorriu), não sei se respondo a sua pergunta. (sorrindo) Hoje, eu sou muito feliz de ter o apoio que a gente tem do CPB, que é um apoio imenso de competição, de lugar pra treinar, de técnico, de equipe multidisciplinar e isso é muito positivo pra gente, porque realmente sem isso não dá pra estar onde eu estou, com as minhas próprias verbas, então, eu vejo isso tudo como muito positivo aqui no Brasil, pelo menos no grupo onde eu me encontro. (terminou a fala sorrindo)</p>
<p>PISTAS DO DISCURSO</p>
<p>Se vê como uma mulher como todas as outras, levando a sua vida. Treina, tem o seu trabalho, tem os seus amigos, os seus relacionamentos e não é somente a S9 cadeirante. É uma mulher, muito ativa, que está sempre fazendo alguma coisa e que mora sozinha com o seu cachorrinho...</p>
<p>ENUNCIADO DO SUJEITO</p>
<p>S10 (ATLETISMO) - (Olhando para o lado) Quem é a S10? Deixa eu te falar... É uma mulher guerreira, que luta pelo sonho, pelos meus sonhos, sempre lutei pra dar uma vida melhor pra minha mãe, que também me criou sozinha, né, e sou uma sonhadora. Eu sempre estou querendo ter metas, porque a gente tendo metas e objetivos na vida, a gente tem um rumo, né? Eu sou uma pessoa que... que... eu me cobro muito. Eu não sou perfeita não, mas tudo que depende de mim, eu tento fazer da melhor forma e isso, com o esporte também. E independente do esporte, eu sempre vou lutar por meus direitos... como mulher, deficiente e nordestina também, porque você sabe que existe muito preconceito com a gente, é complicado, mas eu tô aí (sorriu). É o que posso me descrever... eu sou uma sonhadora, guerreira e que nunca desiste de seus sonhos. (falou sorrindo)</p> <p>* A entrevista foi realizada pelo celular da S10, dentro de uma Van em movimento. Esta pergunta foi respondida enquanto observava o trajeto, sem me olhar em momento algum.</p>
<p>PISTAS DO DISCURSO</p>
<p>É uma mulher guerreira, que luta por seus sonhos e se considera sonhadora. Sempre se impõe metas, porque tendo metas e objetivos na vida, tem um rumo. Cobra-se muito e tudo que depende dela, tenta fazer da melhor forma. Sempre vai lutar por seus direitos como mulher, deficiente e nordestina, porque sabe que existe muito preconceito a respeito. Descreve-se como sonhadora, guerreira e como uma pessoa que nunca desiste dos seus sonhos.</p>
<p>ENUNCIADO DO SUJEITO</p>
<p>S11 (ATLETISMO) - (olhou para baixo e para o lado) Quem é a S11... muitas das vezes eu até me pergunto isso... (olhou para mim) mas a S11 é uma pessoa determinada, é uma pessoa com foco, eu sempre coloco pra mim que querer é poder, sim, você tem que querer (ênfase), que você consegue, independentemente de qualquer coisa. Eu falo que não é por eu ser uma pessoa com deficiência que isso vai me impedir de fazer alguma coisa. Eu acho que obstáculo é... fatos ruins e acontecem pra qualquer pessoa, seja ela com deficiência ou não. Hoje eu me coloco como uma pessoa super determinada naquilo que quer.</p>
<p>PISTAS DO DISCURSO</p>

É uma pessoa determinada, com foco, que sempre coloca para si que querer é poder, independentemente de qualquer coisa. Não é por ser uma pessoa com deficiência que isso irá impedi-la de fazer alguma coisa. Hoje, coloca-se como uma pessoa super determinada naquilo que quer.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S12 (HALTEROFILISMO) - (de pronto, olhando pra mim e sorrindo) A S12 é uma guerreira, vitoriosa, que nunca desiste e que está sempre correndo atrás... uma pessoa humilde, que pode ganhar horrores de dinheiro, mas que nunca vai deixar de ser aquela pessoa de antes, vai ser sempre ela mesma, porque tudo que eu tenho eu conquistei com muito suor e dedicação e o sucesso e o dinheiro não vai comer o meu cérebro. Eu sou uma pessoa que não tenho inveja, que não tenho olho grande, que ajudo todo mundo que precisar e, olha, que muitos da minha própria Associação, já tentaram tirar meu patrocínio, só que eu não desisto, luto e estou sempre ali.

PISTAS DO DISCURSO

É uma guerreira, vitoriosa, que nunca desiste e que está sempre correndo atrás... Uma pessoa humilde, que pode ganhar muito dinheiro, mas que nunca irá deixar de ser aquela pessoa de antes. Uma pessoa que não tem inveja, que não tem olho grande, que ajuda todo mundo que precisar, que não desiste e que luta por seus direitos e lugar.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S13 (DECR) - (Sorriu) Eu sou... (olhou para baixo) eu sou uma bailarina... (risos) Eu vou falar de uma outra forma (risos). Eu, aos 32 anos tenho aquela sobrecarga de que tenho que ser alguém e fazer algo na vida, né. Então, quando as pessoas me perguntavam o que faço, eu dizia que estudava pra concurso. Agora, eu digo que sou bailarina da Companhia de dança "Do Nosso Jeito" (risos), pra ter essa visibilidade também, né. Eu sou mulher, e... (olhou para baixo) com deficiência, mas tenho uma ocupação também, porque as pessoas veem a mulher com deficiência como uma pessoa que tem que ficar em casa, superprotegida, mas eu não... (me olhou) eu sou bailarina, sou... gosto muito de viajar, gosto muito de encontrar as pessoas, e... conhecer novas coisas, sabe, e... superar os meus limites, que, pra mim (ênfase), na verdade nem são, sabe... é uma dificuldade como qualquer outra pessoa tem, mas sou um ser humano cheio de vontades, de desejos e eu vou atrás deles. É isso que eu sou... (sorriu)

PISTAS DO DISCURSO

É uma bailarina que sente a sobrecarga de que tem que ser alguém e fazer algo na vida. É uma mulher com deficiência e que tem uma ocupação, porque as pessoas as veem como uma pessoa que tem que ficar em casa, superprotegida, mas ela não... Gosta muito de viajar, gosta muito de encontrar as pessoas, de conhecer novas coisas e de superar os seus limites. É um ser humano cheio de vontades, de desejos e que vai atrás deles.

ENUNCIADO DO SUJEITO

S14 (DECR) - (Falou de pronto, sorrindo e me olhando) Hoje (ênfase), a S14 é uma pessoa que ama a dança, hoje a S14 é uma pessoa que administra a dança, hoje a S14 é uma pessoa que é voltada pra família e hoje é uma pessoa que quer fazer uma pessoa na cama dançar, né. Essa é a S14 hoje... Acho que todo esse amadurecimento, me fez fazer um recomeço em outros lugares, né... Hoje em dia eu também quero galgar uma trajetória de estudos como você e fazer com que tudo isso que eu aprendi na dança seja passado, né, pras universidades, pras escolas... Então, assim, hoje em dia eu quero modificar a S14 que já pegou toda essa trajetória da dança e eu quero colocar isso dentro de um método universitário, né. Hoje em dia, eu quero me dedicar a estudar, a estudar muito, a colocar todo esse conhecimento e fazer que uma pessoa que seja acidentado recentemente, que ela saia não só pra uma cadeira de rodas, mas que ela saia pra dança...(risos) Esse é o meu objetivo e eu tenho certeza que eu vou realizar, porque isso está me motivando todos os dias e... já estou aqui (Toronto/Canadá) estudando uma outra língua, né, eu já estou pesquisando as faculdades que eu possa colocar em prática isso e..., assim, eu não quero ficar somente presa no Brasil, eu quero levar esse método pra tudo e qualquer lugar e eu acho que é uma renovação pra mim, sabe. Eu acho que a S14 hoje é uma pessoa que se renova a cada dia e eu me sinto renovada, renovada, renovada... e sempre com um objetivo. (sorriu)

PISTAS DO DISCURSO

Hoje, é uma pessoa que ama a dança, é uma pessoa que administra a dança, é uma pessoa que é voltada para a família e é uma pessoa que deseja fazer uma pessoa acamada, futuramente, dançar. Pretende se modificar, pegar toda a aprendizagem que teve, toda a sua trajetória na dança e aplicar em um método universitário. Hoje em dia, quer estudar e colocar todo esse conhecimento para fazer com que uma pessoa que seja acidentada recentemente, saia não só para uma cadeira de rodas, mas para a dança... Esse é o seu objetivo e tem certeza de que vai realizar, porque isso a está motivando todos os dias em Toronto/Canadá. Acha que, hoje, é uma pessoa que se renova a cada dia e se sente muito renovada e com objetivos.

II - INTERDISCURSOS

O POSSÍVEL DO DIZER

S1 (DECR) - Na minha primeira participação internacional, eu não me sentia preparada e senti um peso muito grande... eu me senti em estado de choque [...], tipo assim, vou ter que dar um resultado, né, porque é um investimento que estão fazendo em mim. Senti uma autocobrança muito grande, foi bem complicado pra mim [...].

O NÃO DITO

Sufrimento pelo desejo de não decepcionar e de atender às expectativas que supõe terem sobre si e sentimento de baixa autoestima.

O POSSÍVEL DO DIZER

S1 (DECR) - A dança trabalha com uma exposição muito grande, é a exposição de seu corpo, é a exposição dos seus movimentos. É um processo de aceitação do próprio corpo e transformação dessa sua visão sobre o que o outro está vendo e está pensando sobre você.

O NÃO DITO

Sentimento reprimido de aceitação de si e de baixa autoestima.

O POSSÍVEL DO DIZER
S2 (ATLETISMO) - Olha, desde que foi criado o CPB, nunca mais teve mulheres, cadeirantes, de corrida que foram convocadas pros Jogos Paralímpicos. E foi eu e a outra atleta, a Maria de Fátima, que fomos convocadas. Então, até nisso a gente conseguiu , porque nossa categoria é muito fraca aqui no Brasil [...].
O NÃO DITO
Sentimento reprimido de desejo de valorização de sua modalidade.
O POSSÍVEL DO DIZER
S3 (HALTEROFILISMO) - Eu sempre tive sobrepeso, sempre fui mais fortinha, mais gordinha e então fui pra Natação por causa do estereótipo de que “agora eu emagreço”. Mas quando ele (o técnico) falou do Halterofilismo, minha primeira reação foi de susto, porque eu não queria ficar “ marombada ” de jeito nenhum.
NÃO DITO
Sentimento reprimido de preconceito, tendo também preconceito pela modalidade de Halterofilismo, a princípio. (preconceito às avessas)
O POSSÍVEL DO DIZER
S3 (HALTEROFILISMO) - Ainda temos que conviver com o estereótipo de que a modalidade vai te masculinizar, que vamos perder a feminilidade e isso tem dificultado para o aumento das mulheres em competições. [...] e ainda escutamos que tomamos “ bomba ”, que não vamos conseguir namorar nunca...
O NÃO DITO
Sentimento reprimido de preconceito.
O POSSÍVEL DO DIZER
S4 (DECR) - Eu tive uma grande sequela na perna direita. Durante muitos anos eu fiz várias cirurgias... minha família empobreceu com isso, porque já não éramos de uma família rica .
O NÃO DITO
Sentimento reprimido de culpa pelo transtorno causado à família.
O POSSÍVEL DO DIZER
S4 (DECR) - Como eu sempre fui acima do peso, fui gorda , eu também não imaginava que uma gorda pudesse ter uma atividade de dançar em uma cadeira de rodas. Eu fiquei encantada com aquilo e, [...] eu me descobri na Dança.
O NÃO DITO
Sentimento reprimido de baixa autoestima.
O POSSÍVEL DO DIZER
S4 (DECR) - [...] chegar lá (no exterior), foi uma conquista e estar lá entre as melhores do mundo, me fez sentir muito importante . [...] eu estava com muita autoestima, porque, antes de ir, eu me sentia a gorda que dança, a “ patinho-feio ” e, lá, era eu que estava entre as tops , entre as melhores do mundo, e isso não é pra qualquer um...
O NÃO DITO
Sentimento reprimido de baixa autoestima, a princípio.
O POSSÍVEL DO DIZER

S4 (DECR) - Resumindo, a pessoa com deficiência na nossa sociedade não é vista ainda como produtor de arte, como protagonista da arte. [...], a Dança Esportiva em Cadeira de Rodas ainda não é vista. [...] Acho importante que, agora, a Confederação e as universidades estão abrindo seu olhar para nós, os atletas, e estão nos ouvindo também.
O NÃO DITO Sentimento reprimido de preconceito e sofrimento pelo não reconhecimento da sociedade.
O POSSÍVEL DO DIZER
S5 (ATLETISMO) - Eu tenho baixa visão e muita dificuldade pra ver, desde pequena, principalmente à noite. Só que eu não falava pra minha mãe. Eu nunca falei nada pra ninguém, porque achava que isso era normal.
O NÃO DITO Sentimento reprimido de desejo de ser uma filha normal e querida por sua mãe.
O POSSÍVEL DO DIZER
S5 (ATLETISMO) - Na escola eu também tinha dificuldades, mas era a melhor aluna nos esportes. Eu gostava muito de correr, de fazer coisas rápidas, mas nunca passou pela minha cabeça que eu tinha uma dificuldade... eu achava que eu era normal, né.
O NÃO DITO Sentimento reprimido de não aceitação, de negação de sua deficiência.
O POSSÍVEL DO DIZER
S5 (ATLETISMO) - Eu me preparo tanto, tanto, mas ainda não consegui chegar naquele limite de vencer o adversário e chegar em primeiro lugar, né. Mas eu acredito que em Tóquio, no ano que vem, eu consiga honrar mais o país e ficar mais feliz com o resultado.
O NÃO DITO Sentimento reprimido de baixa autoestima e de autocobrança.
O POSSÍVEL DO DIZER
S5 (ATLETISMO) - Eu fico triste com isso e acho que muitas pessoas ainda precisam me procurar, me valorizar, principalmente patrocinadores e entrevistadores. Eu sinto que ainda não sou reconhecida pelo Brasil, entendeu?
O NÃO DITO Sofrimento reprimido pelo desejo de ser reconhecida e valorizada pela sociedade.
O POSSÍVEL DO DIZER
S6 (ATLETISMO) - Pra mim estar hoje onde eu estou, eu tive que lutar muito, tive que abrir mão de muita coisa pra estar aqui...
O NÃO DITO Sofrimento pelo sentimento dúbio de prazer e renúncia.
O POSSÍVEL DO DIZER
S6 (ATLETISMO) - [...] eu participava do Convencional (competição de Atletismo). Aí, eu participei de uma competição pra deficientes, no meio do ano, mas não tinha ninguém igual a mim. Tinha surdo, tinha cego, tinha físico, mas não tinha, não tinha iguais a mim.

O NÃO DITO
Sentimento reprimido de desejo de firmar uma identidade e identificar-se com seus pares.
O POSSÍVEL DO DIZER
S6 (ATLETISMO) - - Na verdade, eles acham a gente coitadas , chamam a gente de coitadas . [...] você ser mulher, ser deficiente, ser mãe e ser esportista entra o preconceito deles , porque eles não acreditam . Só acreditam quando a gente consegue , né, e quando a gente chega lá no topo da escada, eles ainda dizem que foi pura sorte . Não veem o quanto você batalhou pra tá ali, entendeu.
O NÃO DITO
Sentimento reprimido de ser valorizada e reconhecida pela sociedade.
O POSSÍVEL DO DIZER
S7 (ATLETISMO) - A professora de Educação Física do Instituto São Rafael disse que eu tinha que fazer uma atividade física, que eu estava muito acima do peso e coisa e tal e me indicou uma associação [...] e eu escolhi o atletismo pela caminhada, no intuito de perder peso e não tinha pretensão nenhuma de ser atleta, de nem nada [...].
O NÃO DITO
Sentimento escondido de preconceito e debaixa autoestima.
O POSSÍVEL DO DIZER
S7 (ATLETISMO) - Ser deficiente, negra e mulher nesse país que a gente vive , a gente sabe que não tem oportunidades nenhuma, a gente sabe que o destino da gente está praticamente já dito na sociedade e que o esporte, não, o esporte proporcionou pra mim , na minha vida, várias coisas, né.
O NÃO DITO
Sentimento reprimido do desejo de ser valorizada pela sociedade.
O POSSÍVEL DO DIZER
S7 (ATLETISMO) - Em 2012, eu já fui convocada direto para uma Paralimpíada, [...]. Todo mundo começou a falar que eu entrei pela janela, né, e eles não sabem o quanto que eu nunca me permiti sonhar com isso...
O NÃO DITO
Sentimento reprimido de baixa autoestima.
O POSSÍVEL DO DIZER
S8 (NATAÇÃO) - Eu já cantei o Hino do Brasil várias vezes, que eu até já perdi as contas... é uma emoção que você para assim e passa um filme, durante 30 segundos, quando você vê que valeu a pena todo o esforço que você fez , valeu a pena você chorar na borda da piscina, valeu a pena você discutir com seu técnico, valeu a pena você deixar sua filha de lado (voz embargada) pra ir em busca de um sonho [...].
O NÃO DITO
Sentimento dúbio entre prazer e dor.
O POSSÍVEL DO DIZER

<p>S8 (NATAÇÃO) - [...] as mulheres já estão começando a tomar seu espaço, estão começando a subir no podium sim, estão começando a cantar o Hino Nacional e estão começando a mostrar que mulher também é atleta. A gente dá o nosso sangue, dá nosso suor e a gente faz o que for pra poder representar o Brasil bem em todas as competições.</p>
<p>O NÃO DITO</p> <p>Sentimento reprimido do desejo de ser valorizada pela sociedade.</p>
<p>O POSSÍVEL DO DIZER</p>
<p>S9 (NATAÇÃO) - Eu sempre fiz natação, desde novinha, por imposição de meus pais e eles incentivavam que sempre eu e meus irmãos a gente tinha que ter um esporte e eu escolhi a natação e sempre nadei. Depois do acidente, na reabilitação a natação me ajudou muito.</p>
<p>O NÃO DITO</p> <p>Sentimento reprimido de aceitação da modalidade em sua vida e como salvação na sua nova condição (tetraplégica).</p>
<p>O POSSÍVEL DO DIZER</p>
<p>S9 (NATAÇÃO) – Eu acho que ainda tem um longo caminho para o esporte paralímpico avançar. Acho que muitas pessoas meio que veem a pessoa com deficiência como um coitadinho, eu acho que o esporte paralímpico acaba sendo visto como um grupo de coitadinhos e às vezes parece que algumas pessoas veem como se não fosse de tão esforço como é para os olímpicos.</p>
<p>O NÃO DITO</p> <p>Sentimento reprimido do desejo de ser valorizada pela sociedade.</p>
<p>O POSSÍVEL DO DIZER</p>
<p>S10 (ATLETISMO) – Eu fiz as reuniões, as fisioterapias, mas a médica falou pra gente que eu podia fazer a fisioterapia que for, que ia melhorar um pouco, mas que nunca mais eu ia ser normal, né. Teoricamente, foi o que ela disse... Aí, eu fui lidando com isso [...].</p>
<p>O NÃO DITO</p> <p>Sofrimento reprimido pela descoberta de sua condição de deficiente.</p>
<p>O POSSÍVEL DO DIZER</p>
<p>S10 (ATLETISMO) - Aqui em Maceió eu conheço muita gente, mas a maioria das pessoas daqui não tem muita noção, sabe, que eu vou pra fora, que eu compito... não sabem o quanto é difícil viver longe, não dá tanto valor como realmente a gente da terra queria que dessem, né. [...] porque você sair do Nordeste, uma mulher, deficiente, lutar e vencer numa cidade totalmente diferente é complicado, mas eu agradeço a Deus, porque eu acho que eu só fui pra lá, porque realmente Deus achou que eu era merecedora, né.</p>
<p>O NÃO DITO</p> <p>Sentimento reprimido do desejo de ser reconhecida e valorizada pela sociedade e sentimento de baixa autoestima.</p>
<p>O POSSÍVEL DO DIZER</p>
<p>S11 (ATLETISMO) - Eles já colocam o estigma que por ser mulher, a mulher não pode ter o mesmo resultado que o homem, né, e ainda por ser deficiente... A sociedade precisa se abrir um pouquinho mais, né, até mesmo em questão do profissional de Educação Física, né, em abrir ali o olhar pra mulher, esportista com deficiência, [...] falta um pouquinho mais de mostrar pra esses profissionais que a mulher consegue um rendimento até melhor do que o homem [...].</p>

O NÃO DITO
Sentimento reprimido de preconceito e de desejo de ser valorizada pela sociedade.
O POSSÍVEL DO DIZER
S12 (HALTEROFILISMO) - [...] minha bisavó e minha avó já tinha nanismo. Meu pai é baixinho , mas não tem a perna “ cambota ”. Eu já tenho a perna “ cambotinha ”. Então, na minha família que somos 6 irmãos e eu sou a caçula , só eu e um irmão que somos pequeninhos .
O NÃO DITO
Sofrimento reprimido de não aceitação de sua condição (anã), reforçado pelo uso de diminutivos.
O POSSÍVEL DO DIZER
S12 (HALTEROFILISMO) - [...] a Socorro, que me chamou , em 2003, pra eu conhecer uma Associação. Eu fui lá e vium monte de cadeirantes e disse : “Deus me livre , isso é vida pra louco , esse povo tudo, esses aleijados ...”
O NÃO DITO
Sentimento de não aceitação e de negação de sua deficiência.
O POSSÍVEL DO DIZER
S12 (HALTEROFILISMO) - As pessoas me olham e perguntam se eu tomo “ bomba ” e eu digo que não, que eu sou uma paratleta da Seleção Brasileira e [...] quando digo que faço Halterofilismo, levantamento de peso, elas não acreditam , porque as pessoas nem sabem o que é Halterofilismo e ainda perguntam como eu levanto peso, pequena desse jeito... Eu acho que ainda tem muito preconceito...
O NÃO DITO
Sentimento reprimido do desejo de ser reconhecida e valorizada pela sociedade.
O POSSÍVEL DO DIZER
S12 (HALTEROFILISMO) - [...] eu dizia que detestava anãs e eu não me aceitava como anã. Karla, você acredita que quando nós chegamos lá (competição no exterior), [...] só tinha anãs de tudo quanto é tamanho e eu me senti a gigante perto delas? Só sei que foi minha melhor competição do ano e [...] quando eu voltei de lá, eu comecei a gostar mais do esporte, a dedicar , a me amar e a cada dia eu queria mais... [...] Eu só tenho a agradecer, porque aprendi muito com o esporte e sou outra pessoa.
O NÃO DITO
Sentimento reprimido de baixa autoestima e de aceitação de sua deficiência.
O POSSÍVEL DO DIZER
S13 (DECR) - Quando a gente foi pra Rússia, cada um foi com a sua cadeira e a minha era uma de basquete, que foi conseguida assim: um trouxe uma peça, outro trouxe outra e eles tinham uma cadeira excelente para o dia a dia e uma melhor ainda pra entrar na pista. Nós realmente fomos com a cara e a coragem , mas foi um momento que aprendemos muito sobre dedicar mais. Parece que eles vivem praquilo e eles treinam muito... e eles dançam de uma forma tão perfeita , que foi um momento pragente se inspirar mesmo...
O NÃO DITO
Sentimento reprimido de baixa autoestima.

O POSSÍVEL DO DIZER
S13 (DECR) - Olha, as pessoas geralmente ficam bem impressionadas , porque ainda não é uma coisa amplamente divulgado. As pessoas ficam muito surpresas com a pessoa com deficiência dançando na cadeira de rodas, porque as pessoas veem a mulher com deficiência como uma pessoa que tem que ficar em casa, superprotegida .
O NÃO DITO
Sentimento reprimido do desejo de ser reconhecida e valorizada pela sociedade.
O POSSÍVEL DO DIZER
S14 (DECR) - Quando eu comecei a competir internacionalmente, [...] tinham pessoas que já falavam muitas coisas pra mim , principalmente... já me chamaram de aleijada , sabe, mas isso não ficava em mim . Por mais que quando eu chegasse num local e as pessoas não me olhassem , as pessoas não me percebessem e as pessoas queriam me colocar em um local trancada, pra que eu não pudesse sair e rodar o baile ou que ninguém me visse , eu pedia pra me colocarem perto da pista, pra eu ter acesso pra dançar. Eu tinha uma vida social muito intensa e quando eu sáfa pra ir nos lugares de dança e ninguém me tirava pra dançar, eu ficava muito irritada ... Gostava de voltar pra casa com os braços doendo , móidos de tanto dançar... só assim, deitada na cama com os braços abertos e todo dolorido , eu dormia feliz ...
O NÃO DITO
Sentimento reprimido do desejo de ser valorizada e vista pela sociedade.
O POSSÍVEL DO DIZER
S14 (DECR) - Em 2012, [...] surgiu a oportunidade na dança novamente, de eu dar aulas de dança pra crianças e tive que abdicar da minha carreira de dança, de esportista e de competidora e resolvi abrir mão e dar aulas. É muito difícil parar, né... eu chorei muito, mas eu percebi que era o momento de parar [...] Em 2012, o Cabral ganhou de mim no brasileiro e foi muito bom e honrado , e foi mais um motivo para eu parar e começar a construir novos adeptos e, então, comecei a treinar outros cadeirantes.
O NÃO DITO
Sentimento reprimido de não aceitação de perdas.

Apêndice II

LISTA DE CLUBES

* Clubes participantes de Campeonatos Brasileiros - 2019/2020

- ATLETISMO (235)

A.I.A.D.V./SP	ACM/SP	AFERCAM/SP
A.R.F./SP	ACORP - CG/MS	AFLODEF/SC
AAA UNISANTANA/SP	ACPD CNRAC/ES	AGUEA/GO
AAC/SC	ADC INTELLI/SP	AJADAVI/PR
AADVAR/SP	ADD/SP	AJEP/SP
AAI/SP	ADEFAL/AC	AJIDEVI/SC
AAL - Lorena/SP	ADEFILP/SP	ALL STAR RODAS/PA
AAPA/SP	ADEFU/MG	AMAPED/RJ
AAPC/SP	ADESA/ES	AMAPED - RJ/RJ
AAPD/PB	ADESUL/CE	AMCONCE/CE
AAPPD - PE/PE	ADEVIRN/RN	AMEI/SP
ABC/DF	ADFCL/PR	ANDEF/RJ
ABDA/SP	ADM/CE	ANDEFUV/PR
ABRADSCG/RS	ADVEG/GO	ANH - Campinas/SP
ACALENTO/SP	ADVIR/SC	ANH - Jundiaí/SP
ACARISUL/SC	ADV - VALE/SP	ANH - SJC/SP
ACEA/CE	AEBS/PR	APA - AC/AC
ACERBES/ES	AEEP - DF/DF	APABB PR/PR
ACERGS/RS	AESPD/ES	APADEVI/PR
ACEVALI/SC	AFADEFI/SC	APAE Araxá/MG
APAE Frutal/MG	ASACEC/PR	CFB/DF

APAE Maranguape/CE	ASA - Sorriso/MT	CIA PANACEIA/CE
APAE Matão/SP	ASCEFETES/ES	CLUBE CAPIXABA/ES
APAE Paracatu/MG	ASDF/SC	CLUBE RODA SOLTA/SC
APAE São Francisco do Con./BA	ASEPED/PA	CLUBE TORNADO/DF
APAE/DF	ASESPP/SC	CNM/SP
APAE - Biguaçu/SC	ASPA/SP	CORVILLE/SC
APAE - Palmas/TO	ASSIPED/MS	CPDAR - Monte Sião/MS
APAN/AM	ATLETISMO BRASIL/SP	CPRN/RN
APA - Petrolina/PE	AVA/RJ	CRIA BRASIL/SP
APARU Uberlândia/MG	AVEA/SC	CULV - Lages/SC
APBS/SP	CAD/SP	CULV - Palhoça/SC
APC/SP	CAIRA/MS	CUM/SP
APEDEF/PR	CARN/RN	DOURADOS PARALÍMPICO/MS
APESBLU/SC	CASM/SP	ECP/SP
APLP/SP	CCF/SE	ENDURANCE/AM
APM - Marabá/PA	CCRCC/SP	ESPERIA/SPFSV/RN
APNH/SP	CDDU - Uberlândia/MG	ESPORTE+/RS
APOP/SP	CE 3/DF	EST- Campinas/SP
APP- Paranaguá/PR	CEFD/RJ	EST- Espírito Santo/ES
APS/SP	CELT/SP	EST- Goiás/GO
AR/SP	CEPE/SC	EST- Itajaí/SC
AREPID/SP	CEPREV/SP	EST - Vitória/ES
ARF/SP	CERTO/PE	PPL/ES
FAC ATENEU/CE	CETEFE/DF	
	INCLUSIVO/SP	

FADA - Araxá/MG	INSTITUTO REAGIR/PR	PUCPR/PR
FAMA/SP	INSTITUTO SUPERAR/RJ	PVE/MG
FEDER/RO	IPAD/PB	RCP/RO
FERROVIÁRIA PINDA/SP	IPPBRASIL/PR	REVIVER/TO
FEUC/AC	ISCE/SP	RO/RO
FMCLRN/RN	ISE - Itaperuna/RJ	RONINS/SP
FPA - AP/AP	ITG/PR	RS PARADESPORTO/RS
FSV/RN	JR - SP/SP	SADEF/RN
FTB/PR	JUDECRI/SC	SADEVI/MG
FUNAD/PB	JUNDIAÍ/SP	SBATLETISMO/SP
FUNDESORTE/SP	LACES/ES	SCR/PE
GES - SEED/SE	LDG/SP	SERC VASCO DA GAMA/RS
IADERJ/RJ	LPA/SP	SESI/SP
IBC/RJ	MOURA LACERDA/SP	SME - RP/SP
ICED - FMEBC/SC	NAAP/SP	SP/SP
IDD/SP	NEFD-UFPE/PE	SPRINT ATLETISMO/MS
IDESP/MT	NUMEC/SP	SUMAN/SP
IEMA SBC/SP	OMFQD/SP	SUPERANÇA SUMARÉ/SP
IFAP/AP	PESTALOZZI Maceió/AL	UAM/SP
IFTM/MG	PESTALOZZI/RS	UBERLÂNDIA/MG
IJGV/PR	PFDA/CE	UCA/SC
ILBES/ES	PITÁGORAS/AL	UEAP/AP
INSTITUTO ATHLON/SP	PODE/SP	
UDEVIMA/AM	UNIVERSO - São Gonçalo/RJ	

UEG/GO	UNOPAR Grossa/PR	Ponta
UFC/CE		
UFJF/MG	UNOPAR - RN/RN	
UFMG/MG	UPC/SC	
UFRRJ - Seropédica/RJ	UPDESCC/PE	
UFSC/SC	URECE/RJ	
UFU/MG	USO/SP	
UMPM/PR	VOTUCLUBE/SP	
UNIACE/DF		
UNIASSELVI/SP		
UNIAVAN/SC		
UNIBAVE/SC		
UNICESUMAR/PR		
UNIESP - Santa Bárbara/SP		
UNIFAP/SC		
UNINASSAU/SE		
UNINORTE ACRE/AC		
UNINTER/SP		
UNIP/SP		
UNIPAMPA/RS		
UNIP - SJRP/SP		
UNISOCIESC/SC		
UNISUL Florianópolis/SC		

- HALTEROFILISMO (23)

ADEFA/AM		
ADEFEGO/GO		
ADM - PE/PE		
AESA ITU/SP		
ALP SBS/SC		
ANDEF/RJ		
APAN/AM		
APNH/SP		
APODEC/PE		
AVA/RJ		
CAN/SE		
CARUARU/PE		
CCF/SE		
CDDU/MG		
CERTO/PE		
CFB/DF		
CPRN/RN		
INSTITUTO01/PR		
IPAD/PB		
SADEF/RN		
SADEVI/MG		
UNIDEF/PR		
UPEDESCC/PE		

- NATAÇÃO (157)

A.I.A.D.V./SP	ADFCL/PR	APM – Marabá/PA
A.P.T./SP	ADFEGO/GO	APOP/SP
A.R.F./SP	ADFP/PR	APP – Paranaguá/PR
AAB/SP	ADI APIN/SP	APPPLEP/PI
AABB – Recife/PE	ADM – CE/CE	ASEPED/AP
AACD/SP	AFLODEF/SC	ASPA – Sobral/CE
AAEB/SC	AMAI/SP	BOM PASTOR/MG
AAJ ITAPIRA/SP	AMDEFUV/PR	C.C.R.C.C./SP
AAPC/SP	AMEI/SP	CAD/SP
AAPD/PB	ANAAP/AP	CAECO V e C/PA
ABDA/SP	ANCOMCE/CE	CAML/SP
ACALENTO/SP	ANH – Bauru/SP	CB/RS
ACARISUL/SC	APA/AC	CELT/SP
ACD/RS	APA/SP	CEPE/SC
ACEA/CE	APABB – RS/RS	CESVALE/PI
ACEDEP/SP	APAE Araxá/MG	CETEFE/DF
ACPD CNRAC/ES	APAE Maranguape/CE	CFB/DF
ADD/MG	APAE Patrocínio/MG	CIA ATLÉTICA e ASPACAN/MG
ADEFA/AM	APAF/GO	CIEDEF/SP
ADEFAL/AL	APBS/SP	CIEP/SE
ADEFILP/SP	APC/SP	CLUBE 7/SC
ADEFIS/MT	APDAF/RS	CLUBE CURITIBANO/PR
ADESUL/CE	APESBLU/SC	CLUBE RODA SOLTA/SC
ADEVEG/GO	APLP/SP	

CNM/SP	GNU/RS	PFDA/CE
COP/RN	ICED – FMEBC/SC	PRAIA CLUBE/MG
CPRN/RN	IDD/SP	PUCPR/PR
CPSP/SP	IDEAIS JALES/SP	RC/MS
CUCL/RJ	IDEAIS Jundiaí/SP	REABILITAR/PI
ECP/SP	IEMA – SBC/SP	REVIVER/TO
ENDURANCE/AM	IFECTC/CE	RONINS/SP
ENIAC/SP	IJGV/PR	SADEF/RN
ESEF JUNDIAÍ/SP	IMG/SP	SADEVI/MG
ESPERIA/SP	INCLUSO/SP	SERC/SP
EST – Ceará/CE	INDES/SP	SUPERAÇÃO SUMARÉ/SP
ESTRELA/SP	INSTITUTO ATHLON/SP	TCC/SP
FADA – Araxá/MG	INSTITUTO BRASIL/DF	PRO THALIA/PR
FAEL – AP/AP	JOINVILLE/SC	TPC/DF
FAIP/SP	JR/SP	TTC/RJ
FASIP/MT	JUNDIAÍ/SP	UCB/DF
FAT/AL	LCN/SP	UCSP/SP
FERROVIÁRIA PINDA/SP	LEOAS DA SERRA/SC	UEAP/AP
FESB/SP	LIRA CLUBE/SC	UFC/CE
FMCLRN/RN	NAAP/SP	UFPR/PR
FUNAD/PB	NAVES/RJ	UFRN/RN
FUNDESORTE/SP	NEFD – UFPE/PE	UMPM/PR
GAPEDE/SP	NUMEC/SP	UNB/DF
GES – SEED/SE		UNIACE/DF

UNICEPLAC/DF		
UNICESUMAR/PR		
UNIFAVIP/PE		
UNINORTE/AC		
UNIP – SP/SP		
UNISAL/SP		
UNISANTA/SP		
UNISUL Florianópolis/SC		
UNIVERSO Gonçalo/RJ	São	
UNOESC/SC		
UP/PR		
URECE/RJ		
VASCO/RJ		
VOTUCLUBE/SP		
YCB/BA		

- DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS (13)

ADEFIP/MG		
ARAXÁ DANCE COMPANY/MG		
CIA CADÊNCIA/PE		
CIA DE DANÇA MAURO SANTOS/PA		
CIA DO NOSSO JEITO/PA		
CIA EFICIÊNCIA/MG		
CIA EXÍBELA/PA		
CIA INDEPENDENTE DE DCR/PA		
CIA LOUCURARTE/SE		
CIA RODA VIVA/PB		
INSTITUTO ENTRE RODAS/SP		
SOLIDARIEDANÇA/SP		
STÚDIO LAS CIA DE DANÇA/SP		

APÊNDICE III

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

As transcrições das entrevistas foram colocadas em ordem alfabética dos nomes das atletas.

*** Entrevista com S1 - 30/01/1966 - DECR
Sobre sua história, como chegou até o esporte, como foi a questão da sua deficiência, se é adquirida ou congênita e como foi se desenvolvendo no esporte.**

Eu tive poliomielite, quando criança com 6 meses, usei aparelho ortopédico até mais ou menos os 35 anos e... conheci a Dança em Cadeira de Rodas, eu acho que aos 39 anos, se não me engano, através de um Curso Municipal de DCR na cidade de Santos, onde eu fui fazer como lazer, como uma atividade física, porque toda atividade que eu ia fazer se tornava enfadonha e repetitiva. Aí, eu fui conhecer a dança e fui fazer sem nenhuma pretensão e aos poucos fui me apaixonando pela modalidade. Em 2007 ou 2008, o Alexandre me convidou para participar de um Campeonato Brasileiro. Na verdade eu não queria, não me sentia preparada, não me sentia segura, mas fui, né. Até porque como é um trabalho que... nesse Brasil que a gente vive, nessa sociedade que a gente vive, que é uma sociedade de resultados, infelizmente, se o trabalho não tiver resultados, por melhor que ele seja ele não é valorizado. Então, fui mais com a perspectiva de valorizar o trabalho dos meus professores que são maravilhosos. Topei ir para o campeonato e aí a gente pegou gosto, né. Quando você entra numa linha competitiva, você se dedica mais né, você se disciplina mais. Então, eu sempre gostei dos campeonatos, não pela competitividade entre as pessoas, mas pela competitividade eu comigo mesma e o quanto eu busco a disciplina, quando estou competindo e aí foi indo... Em 2010, a gente conseguiu ir para um Open Internacional, na Alemanha, que foi uma experiência que também me transformou, me mostrou o quão a dança é maravilhosa, o quão ela... nem sei te dizer... como lá fora é diferente daqui, né, o valor da Dança em Cadeira de Rodas, o esmero, a dedicação, o profissionalismo e a gente conseguiu agregar muita coisa nesse primeiro campeonato internacional. Mas, foi onde eu também extravasei toda a minha insegurança, (risos) meus medos, minhas preocupações... foi bacana, mas pra mim foi muito pesado. Aí, eu voltei e em

2015 a gente conseguiu ir de novo pra Rússia e já fomos com uma equipe maior. Eu já me sentia bem mais preparada, tivemos uma colocação boa, bastante medalhas e como equipe a gente cresceu muito, a gente amadureceu muito e como bailarina eu ganhei uma segurança muito grande, eu ganhei uma autoconfiança muito grande. A DECR transformou a minha vida como um todo, principalmente, no sentido de eu me firmar como pessoa mesmo, né, tanto é que quando eu entrei na Dança eu tinha o 2º grau e depois eu fui fazer a faculdade, eu tenho pós-graduação e foi a dança que me incentivou. Hoje eu danço em qualquer lugar com a maior firmeza, com maior segurança e aprendi tudo nisso com a dança e... com as competições, né. As competições têm o seu lado ruim, mas tem o seu lado bom (ênfase), muito bom, porque tem um aprendizado muito grande ali.

Sobre como foi sua participação em competições internacionais e suas conquistas.

Em 2010, na minha primeira participação internacional, eu não me sentia preparada e senti um peso muito grande... eu me senti em estado de choque (risos). Porque na verdade eu achava que a gente não ia, né, por causa da falta de dinheiro. Era um vai, não vai, vai, não vai e uma semana antes, acho que nem isso, é que foi confirmada a passagem, né. Foi meio um choque e ainda foi com equipe de televisão... Aí, tipo assim, vou ter que dar um resultado, né, porque é um investimento que estão fazendo. Senti uma autocobrança muito grande, foi bem complicado pra mim e... a segunda que eu fui, em 2015, já fui mais tranquila. Eu caí na pista, nessa segunda vez lá fora, e caí sem medo. Eu caí na pista não me comparando a ninguém e nem querendo ser a melhor que ninguém. Eu caí na pista pra dançar e dar o meu melhor e foi o que funcionou. Quando eu acabei indo pra final, que é a última bateria, e fiquei entre as seis das 17 competidoras e melhores paratletas do mundo, isso no Single, pra mim foi maravilhoso, assim, né. Eu dancei bem, foi muito gostoso, dei o meu máximo e voltei uma outra bailarina, uma outra pessoa. Eu acho que me trouxe um crescimento muito grande.

Sobre sua impressão em relação a como a sociedade vê a mulher, deficiente e esportista.

Eu parei de competir em 2016, mas se a DECR fosse uma modalidade paralímpica, existiriam milhões de pessoas fazendo. Mas como não é paralímpica, não tem apoio

do governo e nem nada, são poucas as pessoas que fazem e a gente não tem apoio nenhum, entendeu. Pra se fazer um campeonato nacional é um sufoco... você tem que ficar implorando, sabe, e isso tudo cansa um pouco, desestimula né, e...e... você ainda tem que trazer resultados. Então, em 2016 eu parei e hoje eu faço mais o artístico. Eu acho muito injusto isso, muito injusto, porque ninguém tem que fazer nada visando os resultados. Quando você faz aquilo que gosta e recebe todo o apoio necessário, os resultados vêm. Tu não tem que fazer das tripas coração para ter resultados. Acho isso mercantilista demais, pra mim, tira o brilho da coisa, sabe. A DECR só vai deslanchar no Brasil, quando ela for uma modalidade paralímpica, porque aí abrem as portas pros investimentos. Senão a gente vai ficar assim, com pessoas que amam o que fazem e levam avante, como são as pessoas que desenvolvem a DECR hoje em dia. E ainda não tem tido renovação de atletas, porque falta incentivo, atrativo. A dança trabalha com uma exposição muito grande, é a exposição de seu corpo, é a exposição dos seus movimentos. É um processo de aceitação do próprio corpo e transformação dessa sua visão sobre o que o outro está vendo e está pensando sobre você. É diferente de outra modalidade esportiva, onde se está ligado somente o desempenho físico. A Dança traz o desempenho físico, a capacidade física, a capacidade motora, mas também a plástica, a arte, a expressão, o ritmo, o figurino e ela contempla muito mais coisas que você tem que trabalhar dentro de si pra poder desempenhar com qualidade, né (sorriu). É muito mais complexo e diferente. A dança como uma modalidade esportiva, agrega muito mais coisas, entendeu, do que um outro esporte paralímpico. Eu vejo assim e talvez seja isso que me apaixonou, porque na dança, a cada coreografia que você aprende é sempre um desafio e é sempre um crescimento, você é sempre outra pessoa, é muito bom... Mas se a dança não virar uma modalidade paralímpica, eu não sei se ela atingirá mais pessoas. Vai depender somente das pessoas que têm amor pelo que faz, de cada um que trabalha com a DECR do que incentivos governamentais e empresariais pra estimular essa modalidade.

Sobre quem é a S1.

(respondeu de pronto, me olhando e sorrindo) Nossa... S1 já foi tanta gente... são várias S1 construídas ao longo desse tempo todo. Acho que essa pandemia mudou bastante a S1. A S1 hoje é... não sei te definir não... S1 já teve a fase dona de casa, S1 já teve a fase deslumbrada com a dança, S1 já teve a fase estudante,

descobridora de novos horizontes, de novos universos... S1 já teve a fase de amadurecimento como bailarina, da descoberta de todo o seu potencial e a S1 hoje está numa fase mais serena, mais alicerçada, mais tranquila, mais vendo que tudo isso foi importante, foi essencial e eu sinto que estou em uma nova jornada... A dança pra mim hoje é arte. Eu gostaria de trabalhar com a dança, hoje, falando da dança, não tanto dançando. Eu tava com esse projeto em 2019. Eu montei com meu parceiro de dança uma Companhia, né, a Hope Dança, e nós íamos desenvolver o trabalho de falar da Dança e da capacidade humana de se transformar através da dança nas empresas, em eventos, em simpósios, mas aí veio a Pandemia... Eu tô numa fase de falar dessa transformação que a dança trouxe pra mim. Saí já da fase competitiva, saí da fase de exibicionismo, de querer ser a melhor, de querer mostrar meu potencial, eu acho que agora eu estou na fase de compartilhar tudo que eu absorvi, tudo que eu aprendi e através desse compartilhar, estimular as pessoas a se desafiarem (sorriu). Então, faria uma apresentação artística e depoisalaria um pouco sobre toda essa questão, trabalhando bastante todo o emocional e o psicológico que a arte e os desafios da vida trazem pra gente, né, que agrega, constrói... porque o que vale não é que naquele ritmo eu sou a melhor, naquele outro ritmo eu sou a bam, bam, bam e quantas medalhas eu conquistei, mas o quanto eu cresci e aprendi aqui dentro. (colocou a mão sobre o peito) É isso o grande tesouro, a grande medalha que eu acho que trago, sabe... os amigos que eu fiz, os vínculos, o quanto eu cresci como pessoa...(sorriu)

*** Entrevista com S2 - 20/02/1991 - Atletismo Paralímpico**
Sobre sua história, como chegou até o esporte, como foi a questão da sua deficiência, se é adquirida ou congênita e como foi se desenvolvendo no esporte paralímpico.

Eu sofri um acidente de carro quando eu tinha 15 anos de idade e isso foi em 2006. Então, nesse acidente eu quebrei a coluna e fiquei paraplégica. Eu estava no 1º ano do Ensino Médio e eu detestava esportes, eu não praticava nenhuma atividade física. Eu fiz toda a minha reabilitação no Sarah Kubtschek, em Brasília, que foi sensacional pra mim e lá eu praticava algumas atividades. Mas, quando eu voltava pra Santa Catarina, não praticava nada na escola. Foi só depois que eu terminei o

Ensino Médio, com 19 anos, em 2010, que eu fui convidada por um atleta de Basquete, pelo Orkut, pra conhecer uma associação esportiva numa cidade vizinha de onde eu morava. Então eu fui lá conhecer e a associação era exclusiva pra pessoas com deficiência e eles tinham um time de Basquete e um time de Atletismo. Então, com o Basquete logo de cara eu vi que não tinha afinidade nenhuma e eu comecei a treinar o Atletismo. Então, em pouco tempo, eu já estava participando da minha primeira competição, que foi no ParaJasc, nos Jogos Paradesportivos de Santa Catarina. Eu me apaixonei pelo esporte logo na minha primeira competição, onde eu já consegui 3 medalhas de bronze... eu corri 100, 200 e 400 metros e resolvi continuar. Então, em 2011, a Associação comprou uma cadeira específica pra mim correr e eu comecei a participar de outras competições. Em 2012, eu já comecei a participar da São Silvestre e participei, pela primeira vez, do Circuito Loterias Caixa, que é o circuito brasileiro e consegui ficar entre as três primeiras do Brasil em algumas provas e aí eu fui convidada pra participar dos Jogos de São Paulo, pra representar São Caetano do Sul. Então eu conheci a estrutura, que é onde eu moro hoje em São Caetano, que era a melhor estrutura que tinha antigamente. Era a única pista Indoor do Brasil. Então, no final de 2013, eu fui pros Estados Unidos, sem saber falar inglês, foi eu e o Fernando, que é o meu técnico e marido, e a gente comprou uma cadeira importada, com rodas de carbono, com material de melhor qualidade e aí saímos de Santa Catarina e viemos morar em São Caetano. Aí, pedimos autorização pra treinar aqui na pista e em pouco tempo treinando aqui eu já tinha evoluído muito... Em 2014, eu já comecei a correr maratona, a Maratona de São Paulo, e provas de 800, 1500 e 5000 e consegui o recorde brasileiro dessas provas, inclusive da Maratona. Então, eu consegui ter o recorde em todas as provas que participei: nos 100, 200, 400, 800, 1500, 5000 e Maratona (risos). Aí a gente conseguiu realizar o sonho dos Jogos do Rio. Então a gente veio pra cá, justamente pra poder focar no meu treinamento... é... e depois dos Jogos do Rio, o Fernando começou a trabalhar no Centro Paralímpico também, pra treinar os atletas de Corrida em Cadeira de Rodas.

Sobre como foi sua participação em competições internacionais e suas conquistas.

Passado os Jogos do Rio, o Fernando me colocou na loucura dos Jogos na Neve (risos), porque pensou que a corrida estava muito fácil pra mim e que eu tinha que

fazer algo diferente (risos). A gente já conhecia alguns atletas que faziam esportes na neve e que fazem corrida também. Atletas da Rússia, dos EUA, do Japão, então não era tão incomum. A primeira participação do Brasil em Jogos de Neve foi em Sochi né, em 2014, muito recente, com o Fernando Aranha e o André Cintra. Eu conheci o Fernando Aranha, que fazia corridas de rua e participei de várias corridas com ele, inclusive ele foi um dos atletas que me ajudou a me preparar para os Jogos do Rio, porque ele veio treinar comigo algumas vezes. Então, o Fernando ficou muito interessado, porque era uma coisa diferente e que não tinha nenhuma mulher. Então, como a gente tinha a meta do Rio, não dava pra focar em duas modalidades. Então, a gente combinou que, passando os Jogos do Rio, a gente ia tentar ter essa nova experiência e a gente entrou em contato com a Confederação Brasileira de Desporto na Neve. Eles foram muito acessíveis, demonstraram muito interesse, porque eles queriam ter uma participação feminina. Então, passados os Jogos do Rio eu tirei um período de férias em Santa Catarina e depois vim pra São Carlos conhecer o equipamento que eles usam pra neve, treinei duas semanas no asfalto e, em dezembro de 2016, eles me levaram pra neve pela primeira vez, foi pra Suécia e a Confederação bancou tudo pra mim, bancou equipamento, viagem, roupa, estadia, alimentação e eu treinei 15 dias na Suécia. Em janeiro de 2017 eu fui pra minha primeira competição, que foi a Copa do Mundo da Ucrânia. Foi tudo muito rápido (risos)... eu mal sabia esquiar, eu caía muito, atolava na neve, mas eu precisava participar pra abrir a vaga feminina pro Brasil, porque os Jogos Paralímpicos de Inverno já seriam em 2018 e era muito pouco tempo... Foi uma experiência muito difícil, porque quando a gente chegou na Ucrânia, estava fazendo 28 graus negativos. Era algo impensável, doía, parecia que ia cair os dedos da mão. Na primeira prova eu pensei que isso era uma loucura... o que eu estou fazendo aqui... eu mal consigo terminar essa prova... e depois eu pensei, bom, eu comecei logo numa competição superdifícil que é pra saber se é isso mesmo que eu aguento(risos). Voltei para o Brasil e também resolvi continuar (com o esporte de neve), treinei no asfalto e, no final de 2017, a gente voltou a participar de outras competições na Alemanha, no Canadá e eu consegui o índice pra participar dos Jogos. Então, no início de 2018, a gente ficou o tempo todo na Europa treinando, se preparando e chegamos na Coreia. Lá, eu descobri que eu era a única mulher da América Latina na competição e no dia do içamento da bandeira do Brasil, coincidiu com o Dia da Mulher e, como homenagem, eles me escolheram pra ser a porta-

bandeira na competição. Foi algo espetacular, apesar de nos Jogos Paralímpicos eu não ter tanta experiência e ter, em todas as provas, capotado na neve (risos), mas foi uma experiência muito bacana. Saindo dos Jogos, eu continuei treinando e, no final de 2018, fui pra Finlândia, na Copa do Mundo Lá, eu consegui minha primeira medalha, que foi de 3º lugar e de lá pra cá, com certeza eu já sou outra atleta...(sorriu), com certeza nos próximos Jogos Paralímpicos eu não vou cair tanto na neve...(risos)

Sobre a impressão em relação a como a sociedade vê a mulher, deficiente e esportista paralímpica.

Olha, desde que foi criado o CPB, nunca mais teve mulheres, cadeirantes, de corrida que foram convocadas pros Jogos Paralímpicos. E foi eu e a outra atleta, a Maria de Fátima, que fomos convocadas. Então, até nisso a gente conseguiu (risos), porque nossa categoria é muito fraca aqui no Brasil. O fato de conseguir todos os recordes, era realmente porque eles eram muito fracos, não treinavam muito, não competiam e o fato de não ter premiação também, nas provas de rua do Brasil, faziam os atletas não se interessarem muito. Mas, no meu caso, na minha experiência, é... desde o início eu conquistei um grande respeito das pessoas. Nunca, nunca fui tratada diferente por ser mulher. Também na nossa categoria, as nossas premiações são iguais a dos homens, diferente da elite dos andantes que tem diferença na premiação entre mulheres e homens. A minha bolsa atleta que recebo é a mesma dos homens e os meninos sempre me ajudaram. Como eu sou a única na neve e sempre fui uma das únicas na cadeira, eu sempre treinava junto com eles, mas eles nunca deram moleza pra mim, pelo fato de eu ser mulher, não...(risos) Sempre treinei junto com eles e tentei fazer eles suar, como qualquer outro... Nunca teve essa diferença, principalmente na mídia. Eu acho que na nossa categoria de Corrida em Cadeira de Rodas (T54), a Vanessa, a Jéssica e outras meninas que correm, acabou conquistando uma mídia muito grande. A gente é sempre chamada pra fazer matérias e quando o Comitê precisa de um vídeo chama a gente... Então, os meninos acabaram ficando mais de lado que as mulheres nessa parte. Quando eu comecei a correr Corridas de Rua, a participar bastante dessas provas, eu e a Maria de Fátima entramos em disputa para ver quem seria chamada para a Seleção. (sorriu) Então, a Yescom começou a disponibilizar premiação para cadeirantes e por causa da gente, elas começaram a acontecer. Então, eu acho que

os homens também foram beneficiados por causa de nós (risos). Então foi mais uma coisa que as mulheres conseguiram conquistar. Mas também a gente trabalhou muito pra isso e, desde o início, quando eu comecei a participar de competições, como eu morava em cidade pequena, comecei a ir nas rádios da cidade, o Fernando escrevia relatório depois de cada competição e a gente mandava pro e-mail dos jornais e também tinha uma empresa que mandava pra todos os jornais que eles conheciam. Então, a gente acabava aparecendo nos jornais por causa disso e quando a gente veio pra São Paulo, a gente participava da São Silvestre por ser mídia pro Brasil inteiro. A gente chegou a participar do Programa da Fátima Bernardes, eu fui convidada, mas foi a gente que se inscreveu pra tentar ser chamado e deu certo... E depois disso, outras mídias começaram a chamar nós, a Record, já participei do Programa do Roberto Justos, Esporte Fantástico, a gente conseguiu contato com o Renato Peters da Globo, que fez várias matérias com a gente, mas a gente trabalhou pra isso e depois de algum tempo, a gente não precisou mais, porque aí eles começavam a chamar a gente. E quando surgiu o esporte de neve, foi uma grande oportunidade de mídia, porque como eu fui a primeira mulher a participar, então eles tinham bastante interesse com isso. E a gente aproveitava, é claro, de tudo que chamavam a gente... inclusive trabalhos com acadêmicos, que a gente sempre deu atenção. Eles também criaram minhas redes sociais, os acadêmicos de Marketing e os acadêmicos do Jornalismo já fizeram documentários comigo e com a Terezinha Guilhermina pra TCC. Teve uma acadêmica de Jornalismo que fez um livro fotográfico meu, com fotos nas corridas. Teve uma outra editora também, a Moll, que fez o livro “Eu amo correr” e são histórias de 50 corredores profissionais e amadores e entre um deles tem a minha história. Tem um outro livro fotográfico, do Paulo Vitale, que nossa... nesse livro eu nem consigo acreditar porque ele me chamou, porque o livro é de 50 personalidades brasileiras e tem Pelé, tem muitas pessoas incríveis e ele me colocou ali no meio (risos).

Sobre quem é a S2.

(olhando pra cima) Eu acho que é uma pessoa que... é... (olhou para mim) vive pra superar os seus medos (risos), que encara de frente, porque... é... (olhou para cima) todo mundo diz: “ah você faz tantas coisas diferentes, você não tem medo”, mas é mentira, porque eu tenho medo sim... Tem vez que eu subo aquela montanha de

neve e digo: “Meu Deus, eu tenho que descer isso aqui com um equipamento que não tem freio” (sorriu), mas aí eu penso que eu estou ali porque quero superar esse desafio, porque eu quero superar esse medo e viver grandes coisas... (olhando pra cima) Eu acho que é isso...(olhou pra mim) Eu vou pra superar os meus medos e fazer o que eu gosto, que é viver do esporte.

*** Entrevista com S3 - 09/09/1991 – Halterofilismo Paralímpico
Sobre sua história, como chegou até o esporte, como foi a questão da sua
deficiência, se é adquirida ou congênita e como foi se desenvolvendo no
esporte paralímpico.**

Eu nasci com deficiência, então a minha deficiência é congênita. A minha mãe tinha dificuldades pra segurar o feto, ela tinha problemas uterinos, e a minha gestação foi de alto risco. Quando eu estava com 21 semanas e alguns dias de vida uterina, minha mãe estava lavando roupas e a bolsa rompeu e aí ela correu para o hospital e eu nasci, lá em São Paulo. Ainda bem que ela estava em São Paulo, porque se estivesse aqui em Minas, eu não tinha sobrevivido... Então, nasci sem chegar a completar 5 meses, fiquei na incubadora e depois que saí do hospital, correu tudo muito bem. Com 7 meses de vida, a minha mãe percebeu que no processo de engatinhar, eu engatinhava empurrando com o bracinho, mas com as perninhas eu arrastava. Ela viu que tinha alguma coisa errada e começou a procurar médicos pediatras e ortopedistas, até que encontrou uma ortopedista que disse achar saber onde ela iria encontrar uma resposta. Daí eu fui encaminhada pra AACD de São Paulo, onde descobriram meu diagnóstico de deficiência, que é a Paralisia Cerebral Diparética Espástica. O prognóstico seria não andar, por não ter desenvolvimento motor de perna. Então, morei 7 anos em São Paulo e fiz tratamento durante todo esse período na AACD de lá, que era o melhor Centro de tratamento que tinha pra essa deficiência na época. Fiz tudo quanto há de tratamento que se possa imaginar, fiz fisioterapia, fiz T.O., fiz tudo, tudo... tudo que tinha eu fazia... Quando eu tinha 7 anos, meus pais se separaram e eu vim com minha mãe pra Ituiutaba, uma cidade do Triângulo Mineiro, perto daqui de Uberlândia. Com 8 anos, meu pai se casou de novo com uma mulher de Brasília e eu fui morar com ele pra fazer tratamento no Hospital Sarah. Lá no Sarah também estavam com a indicação de fazer uma

Tenotomia do Tendão do Calcâneo, porque meu pé era equino, muito virado, então minha marchinha era pra dentro. Fiquei 1 ano em Brasília, fiz a cirurgia e com 9 anos voltei pra Ituiutaba. Morei em Ituiutaba dos 9 aos 13 anos de idade e com 14 anos minha mãe se separou de novo e mudamos pra Uberlândia, pra que eu pudesse ter um Centro de Referência, porque em Uberlândia também tinha uma AACD. Tudo que eu tinha pra evoluir da parte física, eu evoluí na minha infância, mas, da parte social e psíquica, isso aconteceu aqui em Uberlândia. Eu fazia parte de grupos de pessoas com deficiência, de adolescentes, e o que mais escutava nesses grupos era que eu tinha que fazer esportes, pra continuar reabilitando, fazendo movimentos, enfim... e aí foi onde começou esse negócio do esporte na minha vida, porque a AACD tinha uma parceria com uma instituição aqui na cidade, que na época chamava Instituto Vistos, e lá os médicos, fisioterapeutas, educadores físicos me indicaram o que era mais difundido na época, que era a Natação. Eu sempre tive sobrepeso, sempre fui mais fortinha, mais gordinha e então fui pra Natação por causa do estereótipo de que “agora eu emagreço”. Então, com 18 anos, em novembro de 2009, comecei a nadar, depois de sair de uma longa (ênfase) lista de espera. Na Natação eu conheci um técnico, que era o coordenador de todos os esportes do Instituto e que é meu técnico até hoje, depois de quase 11 anos. Ele me disse que eu tinha o perfil para a Natação e o Halterofilismo, mas quando ele falou do Halterofilismo, minha primeira reação foi de susto, porque eu não queria ficar “marombada” de jeito nenhum. Eu estava com 18 anos e você imagina! (risos). Então eu fiz Natação duas vezes na semana, por uns 3 meses, pra aprender a nadar, e ele espertamente me perguntou se eu não queria fazer os dois, a Natação e a Musculação, e começar a treinar de verdade, 3 vezes na semana, pra poder emagrecer mais rápido. Então, eu teria que chegar 1h30 mais cedo, fazer a musculação e depois o treino na água, por duas vezes na semana, e depois ir mais um dia só pra Musculação mesmo. Então, isso rolou por um mês e meio e me lembro que eu estava terminando o colegial, quando essa instituição, por um motivo que não sei qual foi, fechou. Aí, eu perdi o contato com esse professor, o Weverton. Em 2010, mexendo em uma gaveta, achei o cartão de visitas desse professor, liguei pra ele e perguntei se ainda trabalhava com esporte adaptado, paralímpico. Ele disse que sim e combinamos de encontrar no ginásio público que ele dava aula. Aí, eu continuei a treinar natação duas vezes pela manhã e a musculação todos os dias a tarde. Isso foi em fevereiro e em abril ele me convidou para participar de uma

competição de halterofilismo e, aí, acabou... quando você vive e experiencia uma competição, acabou... quando o bicho da competição te pega, já era... (risos) Eu ainda me lembro dessa minha primeira competição, em maio de 2010, onde foi que tudo começou. Como eu não tinha passado no vestibular em 2009, minha mãe, que sempre foi muito firme comigo, disse que se eu quisesse fazer um esporte estava tudo bem, que a modalidade que eu havia escolhido não era a que ela tinha sonhado pra minha vida, mas que isso não era um problema e que só tinha um porém, eu teria que me virar pra continuar os estudos e passar no vestibular pra Universidade Federal de Uberlândia, que tem tradição, porque ela não teria condições de pagar uma faculdade particular e nem de me manter em outra cidade. Então, por um ano e meio eu treinei dois dias de natação pela manhã, musculação todos os dias à tarde e fiz cursinho à noite e passei no vestibular, em 2011, para Fisioterapia. Quando eu comecei a competir os campeonatos regionais, tinham 6 mulheres na modalidade em todo o Brasil e, hoje, você encontra fácil 50 mulheres. Mas, se você for comparar com os homens, que a gente tem um total de 250, ainda é uma modalidade pequena, quando se pensa em natação, em atletismo, que chegam a 3000 atletas, falando aí das modalidades do Comitê. Mas, quando você pensa que tem 250 homens pra 50 mulheres e em 2010 tinham apenas 6 mulheres, houve um ganho bom de participação feminina em 10 anos.

Sobre como foi sua participação em competições internacionais e suas conquistas.

Antigamente, conseguir um índice para campeonatos brasileiros na modalidade de Halterofilismo era muito difícil e sofrido, porque as regras para as mulheres eram semelhantes às dos homens e diferentes dos campeonatos internacionais. Na época, eu mesma demorei 3 anos pra conseguir um índice. Pra se ter uma ideia, em 2011, uma mulher tinha que levantar 1.1 de seu peso corporal, ou seja, se eu pesasse 50Kg, teria que levantar 55 Kg. Para os homens era 1.4 do peso corporal e se a gente fosse olhar os índices lá de fora, para as mulheres era em torno de 0,8 e 0,9. Por isso que em um campeonato brasileiro tinha tão poucas mulheres, às vezes só 4. Em 2013, mudou-se a gestão do Comitê e começaram a mexer e a olhar os regulamentos para difundir a modalidade. Então, começou a crescer a participação feminina em exponencial e, hoje, com as marcas tabeladas, melhorou muito. Mas, em 2011, quando passei no vestibular pra fisioterapia na Universidade Federal de

Uberlândia, foi “osso” pra conciliar tudo, pra fazer faculdade e treinar, porque começaram a ter as competições e, a partir de 2014, as competições internacionais também aconteceram. Nossa... foi muito difícil... o que eu pedia de dispensa, o que eu tinha que fazer pra conseguir treinar, o que eu rebolava... mas valeu a pena e vale muito a pena!

Sobre a impressão em relação a como a sociedade vê a mulher, deficiente e esportista paralímpica.

No Halterofilismo ainda temos que conviver com o estereótipo de que a modalidade vai te masculinizar, que vamos perder a feminilidade e isso tem dificultado para o aumento das mulheres em competições. Percebemos quando vamos convidar pessoas para iniciarem, porque, principalmente a família, assusta com a escolha desse esporte e temos que ter um certo jogo de cintura nesse momento para convencê-las. Quando vamos para uma competição fora, para um mundial da modalidade, é que abrimos a cabeça para essas coisas. Lá vemos mulheres muito, muito fortes e femininas. Meu irmão mesmo disse que, quando foi pela primeira vez numa competição dessas, viu várias S3...(risos). Agora, a mídia mesmo impregna o estereótipo do corpo fitness, escultural, mas a coisa muda de figura quando se fala de halterofilismo, ainda mais pra atleta paralímpico de alto rendimento. A não ser que se seja de uma categoria baixa, onde não tem o corpo trincado, não terá o estereótipo de masculinização do corpo, mas nas categorias médio-pesado, que estou, e na pesado, o corpo é bastante trincado e a galera assusta... e ainda escutam que tomamos “bomba”, que não vamos conseguir namorar nunca... tem horas que até dá preguiça de lutar, sabia? Mas, eu penso também que as pessoas só conseguirão lidar com isso se conviverem com... não tem jeito! E também quando a mídia passar a valorizar mais o desporto paralímpico, a modalidade de Halterofilismo, isso irá melhorar.

Sobre quem é a S3.

(Iniciou de pronto, olhando pra mim) Hoje a S3 é... é... (olhou para cima), eu gosto de usar o termo inspiração, mas não como referência, (olhou para mim) mas falando na minha melhor versão. É bom isso que a gente falou, estar sempre em uma luta... Eu lutei por ser mulher, eu lutei por ser uma pessoa com deficiência, eu lutei pra ser uma profissional e hoje eu gosto desse termo inspiração no sentido de que: “vamos

que é possível”. Eu falo sempre isso para meus pacientes no consultório: “vai que dá”. Então, hoje, a S3 é uma inspiração, sabe? Acho que é o que melhor me define, porque eu preciso me sentir relevante no que for que eu estiver fazendo e se eu não sentir que algo tem relevância também, prefiro não fazer...

*** Entrevista com S4 - 19/01/1972 - DECR**
Sobre sua história, como chegou até o esporte, como foi a questão de sua deficiência, se é adquirida ou congênita e como foi se desenvolvendo no esporte.

Então, a minha história começou em 1979, quando eu fui atropelada aos 7 anos de idade e fui atropelada por um ônibus... e eu tive uma grande sequela na perna direita. Durante muitos anos eu fiz várias cirurgias, minha família empobreceu com isso, porque já não éramos de uma família rica. Eu sou filha de mãe solteira e meus avós deram total apoio a minha mãe e a família empobreceu, eu digo isso porque você faz... você corre para o hospital, pega dinheiro emprestado pra poder pagar um médico particular, enfim, hoje já é difícil, imagina a medicina em 1979... e de resultado eu tive várias infecções hospitalares e tal e aos 13 anos eu voltei a andar, usando uma perna mecânica. Eu tive a perna amputada aos 12 anos e... e nesse interim eu fiquei sem estudar, porque eu fui atropelada no primeiro ano e só voltei a estudar com 13 anos, eu fui reclassificada, as professoras na época fizeram uma reclassificação e eu passei do primeiro ano para o terceiro, aos treze anos e, aí, até os 18 anos eu voltei a estudar e voltei a tentar recuperar aquele tempo que eu perdi, o tempo escolar. Aí eu tive outra infecção grave na perna e aí eu tive que amputar a perna mais um pouco e depois desse mais um pouco... mais um pouco e, resumindo, aos 18 anos de idade eu só tinha, eu só tenho um terço do fêmur direito e o meu pé esquerdo sempre teve problema e precisaria de várias cirurgias e correções e tal e aí eu tentei colocar perna mecânica de novo, não consegui, porque a perna mecânica assim, desarticulada, quando é assim na coxa é muito mais difícil, de quando você ainda tem o joelho, que não era mais o meu caso. E aí, eu queria ter a perna mecânica dos meus sonhos e eu não consegui... e aí, eu continuei nas muletas e voltei a minha vida, né, a viver a minha vida, fui terminar os meus estudos, me formei no Magistério, interrompi esses meus estudos porque engravidei, né, me

casei e voltei depois de um tempo para terminar os estudos, eu me formei professora do Ensino Fundamental Infantil, mas nesse período eu já estava de muletas... Eu me adaptei às muletas e andava de muletas e só fui conhecer a cadeira de rodas, porque assim, pra quem fica deficiente, e até mesmo pra mim o pensamento era esse mesmo, de que a cadeira de rodas é uma finitude, era o fim, era desistir de viver, era a última coisa que... e se você conversar com alguém que usa muletas, o pensamento será esse: “a cadeira de rodas é o fim” e eu tinha esse pensamento e minha família também. Quando foi em 2003, eu fui fazer uma cirurgia, já casada, professora, mãe e tal, dava aula em dois períodos e me adaptei na escola usando muletas, a comunidade escolar também se adaptou comigo, enfim, tudo corria normalmente e aí eu tive um problema na vesícula e fui tirar a vesícula. Aí, nesse 2003, eu fiquei uns meses sem andar de muletas, na cadeira de rodas pra não forçar a operação e quando o médico mandou eu voltar, eu já não conseguia mais. Aí, não sei te dizer o porquê, o corpo se acostumou com a cadeira, eu senti uma fraqueza na perna e eu fiquei cadeirante, quer dizer, eu comecei a usar a cadeira de rodas em 2003, que foi um baque na minha vida... Engraçado, em 2003, eu comecei a usar a cadeira de rodas e em 2013 eu já era campeã... eu já era vice-campeã em Dança em Cadeira de Rodas e, assim, pra mim, na minha família e no meu trabalho foi um baque, né, porque a minha mãe não aceitou o fato de eu usar a cadeira de rodas e eu..., quando a médica falou assim: “você vai ter que usar a cadeira de rodas”, pra mim foi um alívio muito grande. Eu acho que eu precisava desse apoio de alguém externo pra fortalecer aquilo que eu já queria, porque eu já sabia que eu não conseguiria mais me readaptar a perna mecânica e eu já não estava mais aguentando... E hoje eu sei que o problema de coluna que tenho é devido àqueles anos que eu passei, de 91 até 2003 usando muletas axilares, que você usa debaixo dos braços. Então, eu deveria ter enfrentado os meus medos, enfrentado os fantasmas todos e ido pra cadeira de rodas mais cedo, porque eu já sabia que eu não ia conseguir usar a prótese, entendeu. Mas, eu precisei me mobilizar dessa forma, pra me chamar pra razão. E quando foi em 2004... aí eu ganhei a minha primeira cadeira de rodas, porque ela foi ganha, eu não sei precisar ao certo, mas eu vi na televisão um casal, acho que do Rio de Janeiro, dançando em cadeira de rodas e eu achei lindo aquilo, mas...jamais eu pensei...nem em sonho, porque você se tornar cadeirante é difícil você conduzir uma cadeira de rodas, quiçá você dançar com ela, né...E assim, como eu também sempre fui acima do peso, fui

gorda, eu também não imaginava que uma gorda pudesse ter uma atividade de dançar em uma cadeira de rodas. Então, era uma coisa que não fazia parte da minha realidade, era um sonho, talvez. Aí, quando foi em 2004, eu acho, eu fui em um evento aqui em Santos/SP, que era “Para Todos”, que era um evento feito com o Conselho da Pessoa com Deficiência aqui de Santos e mais patrocínios e tal, que ali iam mostrar tanto tecnologias pra pessoas com deficiência da época, Tecnologia Assistiva, Cadeiras de Rodas e um monte de coisas e, lá, tinha um professor de dança que já fazia um trabalho com o Luciano e a Célia, só que não me recordo mais quando eu já os havia assistido, porque não existia, naquela época, internet e nem meios de comunicação como temos hoje, né. Aí, eu fui nesse evento e lá eu encontrei o professor de Dança, o Alexandre Lars, e eles estavam com um stand, mostrando a dança com fotos dele, da Célia e do Luciano. Aí, uma amiga minha, cadeirante também, que estava comigo, me chamou pra ir ver e eu toda tímida fui e quando parei para olhar, fiquei encantada com aquilo. Aí, eu perguntei na maior vergonha, se eles estavam fazendo inscrição e disseram que não, naquele momento, mas ficou com o meu nome lá e tal e eu fiquei toda feliz, né. E passou o tempo, quando em 2005, no ano seguinte, eles abriram a primeira Escola Municipal de DCR, através da Secretaria de Cultura de Santos, e essa mesma amiga, a Cida, viu nos Jornais e me ligou, porque eu não tinha acesso ao Diário Oficial de Santos, por morar no interior, em São Vicente, e de tanto ela insistir, porque eu achava que estava muito gorda pra isso, eu resolvi e fiz a minha inscrição. Aí, passados alguns dias, talvez um mês, eu fiz a primeira aula, em 2005, e de lá pra cá... eu me descobri, né. Assim, é o que eu digo, é uma S4 antes e uma S4 depois, porque a idade me trouxe a maturidade que traz a qualquer ser humano, mas a dança me trouxe muito mais que isso... me trouxe autoestima, autoconfiança, me proporcionou conhecer lugares e coisas que eu nunca imaginei que eu poderia conhecer na vida, porque eu tinha um mundo bem restrito. A dança também esteve do meu lado em momentos difíceis da minha vida, como a minha separação e não me deixou cair no buraco, cair na depressão. Os amigos e a dança, né? Eu decidi viver e dançar e assim eu acabei suprimindo aquela lacuna de frustração, que o casamento me deixou de herança.

Sobre como foi sua participação em competições internacionais e suas conquistas.

A minha primeira vez na Dança Competitiva, aliás, a minha primeira vez na Dança Artística foi numa apresentação em grupo, em Santos, e a minha primeira vez num palco, foi na apresentação de um espetáculo no Teatro Municipal de Santos e também a minha primeira viagem foi para Juiz de Fora, para o Campeonato Brasileiro de 2006, mas nós não competimos, só apresentamos artisticamente na Mostra de Dança. Foi um ano em que dancei muito artisticamente, porque era novidade aqui em Santos e em toda a região. Então, em 2008, até pela repercussão que houve, apareceram alguns candidatos andantes para fazer par conosco e participar de campeonatos e até para conhecer melhor e saber conduzir na dança, porque as pessoas têm muito medo dessa condução do cadeirante... parece um bicho de sete cabeças, né... Então, a minha primeira vez em competições foi em 2008, com o corajoso Marcelo e nós ganhamos o vice-campeonato. Foi muito bacana essa colocação, para uma primeira vez, mas infelizmente o Marcelo precisou parar, porque ele tinha uma vida muito atribulada e não estava conseguindo mais treinar e isso me estressava muito, porque eu tomei gosto e só queria melhorar (risos). Em 2009, eu conheci o meu parceiro de dança, o Jeferson Lima, que era aluno de Dança de Salão e que havia me visto apresentando artisticamente com o Alexandre e gostou muito, se interessou e então apareceu para aprender. Aí, a gente começou a treinar juntos e, naquele mesmo ano, fomos pra Juiz de Fora competir, ficando com um segundo lugar, dois terceiros e um quarto lugar. Competi com ele até 2012, quando precisou parar de treinar também, por motivo de falta de tempo. Aí, em 2013, fiquei sem par novamente, quando apareceu o Walmir Coelho, que é meu parceiro cadeirante. No começo eu resisti, por ter medo de não saber pegar em outro cadeirante, mas acabei cedendo, porque senão ficaria mais tempo sem poder dançar, esperando um par andante que quisesse competir e também porque o bichinho da dança te contamina, como diz a Adelina (risos). Eu só sei que em 2013 eu já estava competindo com o Walmir, em São Paulo, em 2014, ficamos em 2º lugar e, em 2015, já éramos campeões. E competir no exterior, foi muito fascinante pra mim (sorriu). Eu teria que ir novamente para vivenciar tudo de novo com mais maturidade. A primeira vez é tudo novo, é primeiro em tudo e você nem consegue analisar o que está sentindo... Foi uma correria só, treinar e se preparar para a viagem, que só o fato de chegar lá, foi uma conquista e estar lá entre as melhores do mundo, me fez sentir muito importante. Mas foi muito assustador, porque, em 2015, estávamos muito aquém das competidoras em termos de

equipamentos, de cadeira de rodas, e também em termos de técnica, porque a cadeira é responsável por 50% da técnica e, mesmo assim, conquistamos um 11º, um 7º e um 4º lugar. Então, quando voltei para o Brasil, eu estava cheia de ideias pra desenvolver aqui, eu trouxe uma bagagem e possibilidades de performances, de técnicas e eu estava com muita autoestima, porque, antes de ir, eu me sentia a gorda que dança, a “patinho-feio” e, lá, eu que estava entre as tops, entre as melhores do mundo, e isso não é pra qualquer um... Olha só o que a dança me proporcionou... O amadurecimento me fez sonhar mais alto... Acho que todo atleta merece um dia competir com daqueles que ele tem como ídolo, como referência... Foi muito importante pra mim. E agora, em 2020, participar de um Open, de campeonato latino e ainda por cima on-line, foi muito desafiador e, ao mesmo tempo, gratificante e enriquecedor demais, porque o ritmo do Tango é muito difícil de se fazer em cadeira de rodas e eu consegui o primeiro lugar. Ganhar das Mexicanas me fez perceber que estamos evoluindo na técnica e que estamos no caminho certo...

Sobre sua impressão em relação a como a sociedade vê a mulher, deficiente e esportista.

Eu percebo que, mesmo fazendo parte da Companhia de Dança há 15 anos, a sociedade ainda tem uma visão capacitista, né, tipo assim: “ah, que bonitinho, ela dança... ai que lindo...” e ainda enxergam a DECR como uma terapia, dizendo: “Ah, ela é feliz, ela dança né?” e não vê como arte. Resumindo, a pessoa com deficiência na nossa sociedade, não é vista ainda como produtor de arte, como protagonista da arte. Já somos aceitas como protagonistas no esporte, porque nossos atletas paralímpicos trouxeram grandes medalhas e provaram que aqui temos, realmente, atletas de ponta. Mas, a dança esportiva em cadeira de rodas, ou melhor, a dança esportiva para andantes no Brasil já não era muito conhecida e valorizada em nosso país, né, e a dança esportiva para cadeirantes, para deficientes ainda não é vista. Nós também temos que parar de dizer que somos bailarinas e devemos falar que somos paratletas, que praticamos Dança Esportiva em Cadeira de Rodas e que somos campeãs na modalidade, porque só assim a DECR irá ganhar respeito e reconhecimento da nossa sociedade. Se a gente ficar com mimimi e dizer que somos bailarinas e que de vez em quando dançamos e damos uma giradinha (risos), a gente nunca vai ajudar a dança a ganhar o status que ela merece. A dança

ganhará espaço, não somente por nossas ações, nossas conquistas, mas também por nossa fala. Por isso que eu aceito e participo de qualquer convite para se falar da dança, porque eu me sinto mensageira e na obrigação de levar o esporte adiante. Acho que todos os atletas têm que ser mensageiros do esporte que está praticando, porque você está representando tudo aquilo que veio antes de você e tudo aquilo que virá depois de você naquele esporte. Então, você é atuante e o protagonista daquele momento e não pode deixar que te veem como menos... e isso eu aprendi com meus professores. Acho importante que, agora, a Confederação e as universidades estão abrindo seu olhar para nós, os atletas, e estão nos ouvindo também.

Sobre quem é a S4.

(Iniciou olhando para cima) Eu sou uma mulher... eh... madura, eu posso dizer que sou madura em termos de vários valores da vida, né...(olhando para mim) eu sou uma pessoa que reconheço os meus valores, as minhas habilidades, as minhas especialidades... a dança me ajudou muito e através dela eu me redescobri, ou melhor, através da dança eu me descobri enquanto mulher, enquanto pessoa...eh...enquanto uma pessoa que tenho as minhas vontades e que posso impor as minhas opiniões... empoderada, como dizem agora né, porque eu tive uma criação muito restrita, eu não me posicionava diante de várias coisas e com a descoberta da dança, eu descobri várias S4 dentro de mim... Não sou perfeita, sou capricorniana e, por isso, eu me cobro muito...estou tentando muito me desculpar mais, me permitir mais, não me julgar tanto, não me cobrar tanto e não me cobrar a perfeição, né, curtir mais a vida e me curtir mais... E se hoje me perguntassem se em algum momento eu me arrependi de ter conhecido a DECR, se eu faria tudo diferente, eu diria que em nenhum momento... No começo eu reclamei dos desafios várias vezes e disse que não queria mais, porque eu era insegura, me cobrava demais e tinha muito medo de não corresponder às expectativas da minha Companhia e dos meus professores e técnicos..., mas tudo foi tão importante pra mim, conhecer a dança e crescer a partir dela, que penso que não poderia ter sido diferente. A DECR foi tudo pra mim, ela é (ênfase) tudo pra mim e hoje eu a curto muito mais, me divirto mais... É maravilhoso! E eu só tenho a agradecer a Deus essas oportunidades e quero aprender mais... eu quero viver mais, quero dançar mais e quero poder ser exemplo pra outras pessoas, não em questões de Ego, mas

que, como eu era há 15 anos atrás, que nem me permitia imaginar dançando, que se uma pessoa cadeirante que admira a dança, me veja dançar e perceba que é possível e que existem possibilidades em uma cadeira de rodas, que ela possa pensar que pode também e, assim, as oportunidades virão, se ela se permitir...

*** Entrevista com S5 - 28/07/1976 - Atletismo Paralímpico
Sobre sua história, como chegou até o esporte, como foi a questão da sua
deficiência, se é adquirida ou congênita e como foi se desenvolvendo no
esporte paralímpico.**

Geralmente eu já tinha a deficiência mesmo, só que eu não sabia que existia esportes nessa área de deficientes, entendeu? Além de ter perda auditiva, eu tenho baixa visão e muita dificuldade pra ver, desde pequena, principalmente à noite. Só que eu não falava pra minha mãe e quando a gente saía a noite, eu segurava nela e na saía dela pra não cair, porque tinha muito medo, né. Eu achava que era assim mesmo, que a noite não dava pra enxergar direito. Eu nunca falei nada pra ninguém, porque achava que isso era normal. Na escola eu também tinha dificuldades, mas era a melhor aluna nos esportes. Eu gostava muito de correr, de fazer coisas rápidas, mas nunca passou pela minha cabeça que eu tinha uma dificuldade... eu achava que eu era normal, né. Conclusão, eu era caipira, do interior, e não sabia de nada, né. (risos) Aí, o esporte eu praticava junto com os convencionais e tinha muita dificuldade. Eu tropeçava, não via lombada, quebra-molas, eu segurava nas pessoas pra correr e se fosse no escuro eu não ia. Aí eu fui crescendo e vi o esporte na TV, a São Silvestre, que me deu aquele pique pra correr, no ano de 1987. Depois de 10 anos competindo no esporte convencional, em 2012 eu conheci um amigo, que me perguntou se eu ia correr ali na cidade e eu disse que sim e que eu ia correr no dia seguinte, mas que eu não sabia onde eu estava e pra onde ir, porque tava tudo muito escuro. Ele percebeu que eu era deficiente, estranhou de estar sozinha e disse que me levaria numa pousada. Aí, em 2012 mesmo ele me apresentou a uma ONG de deficiência, onde de lá pra cá eu vim praticando esporte na área da deficiência. Mas, antes de 2012, eu praticava esporte junto com os convencionais, corria Corrida de Rua, atletismo, representava nos Jogos Regionais da cidade, mas sempre com aquela dificuldade, sem saber que existia a área pra deficientes

competir em ONG, entendeu? Eu sofri bastante... muito, muito... não tinha apoio, não tinha patrocínio, não tinha nada, eu ia por minha conta, fazia inscrição, pagava, participava, representava a minha cidadezinha nos Jogos Regionais, nos Jogos Abertos e aí fui madurando com 17, 18, 24, 32 anos e hoje eu vou fazer 44 anos, né. A partir dessa deficiência e de participar de competições pra deficientes, eu fui fazer a classificação de visão, depois que fui apresentada na ONG, por meu amigo José. Aí, eu levei meus documentos que dizia que tenho deficiência e foi aonde marcaram que eu era T13. Aí, depois de 2 ano, fiz outros exames, eles me estudaram correndo e me colocaram como T12, onde corro com um guia, porque sou muito boa pra fazer as provas de 1500 e 5000. Quando tava pra chegar os Jogos do Rio, as Paralimpíadas, eles me escolheram, porque eles achavam que parecia que eu corria bem as corridas de rua e que era pra mim dedicar e correr maratona. Só que eu não ligava e não levava a sério. Aí, em 2015, eu dediquei, treinei, participei de corrida em Porto Alegre, mas não consegui o índice. No início do ano de 2016, levei mais a sério, treinei, treinei e participei de novo em Porto Alegre, que foi em maio e era a última chance pra pegar o índice pra Paralimpíada do Rio. Aí fui lá, fiz a prova e consegui o índice, abaixo do que eles me pediram, de 3h10. Fiz 3h e 3 minutinhos... 42km é muito tempo correndo, é muito sofrimento e tem que estar bem treinada pra conseguir chegar bem... Aí, eu consegui o índice e fui convocada pra representar o Brasil nos Jogos do Rio/2016.

Sobre como foi sua participação em competições internacionais e suas conquistas.

Nos Jogos do Rio de 2016, por ser minha primeira vez e em Maratona, tive muita dificuldade nos treinos, muito cansaço de ficar viajando pra lá e pra cá pra aclimatação, muito nervosismo, não dormia bem... muita coisa aconteceu, sabe? Mas mesmo assim, quando chegou o dia da prova, foi difícil mas consegui trazer a medalha de bronze pro Brasil. Em 2017, no ano seguinte do Rio, eu estava lesionada, mas fui pra Buenos Aires, em setembro e consegui uma boa marca também. Em 2018, me preparei em altitude pra participar da Maratona de Londres e de lá pra cá, sempre me mantive em segundo lugar no Ranking Mundial e graças a Deus até hoje! No ano passado, foi uma rotina de preparação e de treinos para a Paralimpíada de Tóquio e, de novo em Buenos Aires, eu consegui o índice pra 2020. Mas, como aconteceu esse desastre da doença pra todos, no mundo né, nós vamos

em 2021. Estou voltando aos poucos pros treinos, pra aulas de flexibilidade, pra academia de musculação e tudo o que o técnico está passando eu estou fazendo... estou me preparando e dedicando e, se Deus quiser, saindo a vacina no ano que vem, eu acredito que faremos um treinamento de altitude fora, mas não sei aonde que vai ser. Estão programando também uma participação em Maratona em Sevilha e, então, estou me preparando pra isso. Eu me preparo tanto, tanto, mas ainda não consegui chegar naquele limite de vencer o adversário e chegar em primeiro lugar, né. Mas eu acredito que em Tóquio eu consiga honrar mais o país e ficar mais feliz com o resultado.

Sobre a impressão em relação a como a sociedade vê a mulher, deficiente e esportista paralímpica.

Na verdade, os atletas convencionais que me conhecem das Corridas de Rua, me dão os parabéns por representar bem o Brasil nas competições internacionais, porque eu sou a única mulher que trouxe uma medalha de Maratona em Paralimpíada pro Brasil. Só essas pessoas que me valorizaram e também os técnicos e os atletas com deficiência que me conhecem. Eu fico triste com isso e acho que muitas pessoas ainda precisam me procurar, me valorizar, principalmente patrocinadores e entrevistadores. Eu sinto que ainda não sou reconhecida pelo Brasil, entendeu?

Sobre quem é a S5.

(sorriu e de pronto olhando pra mim) Quem é a S5? Eu sou uma atleta paralímpica, brasileira, da cidade da Bahia de Salvador, que nasci pra representar o Brasil, a escolhida de José do Egito, assim diz minha irmã (risos). Lembrei do que ela sempre diz pra mim, porque nós somos 12 irmãos (seis homens e 6 mulheres) e então ela fez uma comparação bíblica, entendeu? (risos)

*** Entrevista com S6 - 15/08/1986 - Atletismo Paralímpico
Sobre sua história, como chegou até o esporte, como foi a questão da sua deficiência, se é adquirida ou congênita e como foi se desenvolvendo no esporte paralímpico.**

Eu comecei no esporte desde os 13 anos de idade na escola. Eu tenho má formação no braço esquerdo, não tenho a mão e minha deficiência nunca foi um “empecilho” pra mim, nunca me senti deficiente na verdade, né. Quando eu estudava, eu era muito popular, elétrica, gostava de brincar, correr...eu era muito hiperativa. Aí, através da Educação Física, me falaram que tinha o Atletismo, o treinamento para o atletismo e vários outros esportes e foi onde eu treinei também o Futsal, Handebol, Futebol de Campo, Vôlei... então, eu entrei em tudo. Eu era muito hiperativa, saía de um e entrava em outro, estava sempre participando de um esporte, isso com 14 anos. Aí, eu fui participar de uma competição, dos Jogos Escolares Regionais de Petrolina, só que eu participava do Convencional e não era velocista, eu participava mais de corrida longa, de meio fundo. Então, na minha primeira competição ganhei três medalhas de bronze. Aí, eu participei de uma competição pra deficientes no meio do ano, mas, assim, não tinha ninguém igual a mim. Tinha surdo, tinha cego, tinha físico, mas não tinha, não tinha... como vou te dizer, iguais a mim. Eu competi e no mesmo ano fui para o Regional, em Recife, Paraolímpico. Eu não fui no Convencional, porque pra ir tinha que ter ganho medalha de ouro e eu não ganhei naquele ano. Hoje minha classe é T47 e só tem provas de velocidade (100m, 200m e 400m). Se tivesse fundo eu seria recordista mundial... (risos). Nessa competição de Recife eu conheci Rosinha, que era uma atleta paraolímpica, internacional, só que naquela época eu era novinha, não tinha muita ideia do que estava acontecendo, só queria saber de viajar, entendeu? Então foi assim, isso no ano de 2000 e de acordo que os anos foram passando, eram as mesmas competições... eram os Regionais Escolares e Regionais de Paradesporto. Aí, no ano de 2007, eu vim conhecer Jenifer. Ela tinha participado dos Jogos ParaPanamericanos do Rio e conversei novamente com Rosinha, porque eu já conhecia ela, entendeu. E através delas, eu fui conhecer mais e fui atrás do paraolímpico mesmo. Foi aí que eu fui apresentada realmente ao esporte paraolímpico, mas eu continuei fazendo rua, porque meu técnico dizia que treino de velocidade era pra preguiçoso. Antigamente, em Corridas de Rua eu ajudava minha família, porque eu sou de família humilde. Então, o que eu ganhava na Corrida de Rua, eu ajudava em casa e guardava uma parte pra próxima competição. Aí, com o passar do tempo, fui pra Pequim 2008, consegui a vaga, mas aquela coisa... sem muita informação, meu técnico só queria treinar o fundo, não queria me treinar velocidade, então eu fui perdendo o foco, na verdade eu fui me machucando. Como eu treinava fundo, não tinha como dar

resultado na velocidade. Aí o tempo foi passando, foi passando, até que eu troquei de técnico e levei três, quatro anos pra ficar com uma forma boa. Quando eu tava voltando pra minha forma boa, eu tinha sido medalhista no Open de Berlin, eu engravidei. Eu vinha muito bem, muito bem e já tinha vaga garantida no ParaPanamericano de Toronto, no Canadá. Aí, no mesmo ano eu ganhei minha filha e no ano seguinte, eu tentei vaga pro Rio. Eu, com 2 meses de parida, fui pra uma competição tentar uma vaga e levei a bebezinha comigo. De lá pra cá, eu comecei a perder peso, a focar no que realmente eu queria e assim fui... fui indo, fui indo e agora, hoje, eu sou campeã brasileira, recordista nos 200 e nos 400 metros e agora eu quero ser recordista mundial. Atualmente tenho o melhor índice no ParaPanamericano, nos 200 e 400 e fui finalista também nos 200 e 400 no Mundial de Dubai, onde eu não peguei medalha, porque eu adoeci, tava com a garganta inflamada, passei 2 dias sem comer, quase não conseguia beber nada, minha garganta ficou totalmente travada e cheia de pus. Eu tava a base de antibiótico, antiinflamatório, antialérgico e um monte de remédios e mesmo assim fui finalista nas minhas provas principais.

Sobre como foi sua participação em competições internacionais e suas conquistas.

Olha, participar de competições internacionais é muito prazeroso. Você saber que seu trabalho... cada dia é uma luta pra cada trabalho, porque nem todo dia você tá bem da cabeça, nem todo dia seu corpo tá bem, tem dia que seu corpo tá meio mole, é que nem em qualquer outro trabalho... tem dia que você não tá afim de ir, mas você tá indo e vê que lá na competição, quando você ganha uma medalha, quando você é finalista, quando você dá o seu melhor, você vê que todo o trabalho que você fez antes, foi recompensado, que valeu a pena! Tem horas que a gente olha pra trás (falou olhando pra cima) e fala assim: "Eu consegui". Porque tem dias que você tá no treino debaixo de um sol quente e se pergunta o que está fazendo ali, mas depois você vê, quando lá na frente você deu o resultado... No Rio 2016, eu não tava em forma, porque tava muito inchada por causa do nascimento da minha filha dois meses antes. Eu tive uma gravidez muito tranquila, mas no último mês eu engordei muito, engordei 15 quilos e fiquei muito inchada. Nem acreditei como consegui engordar tanto, porque eu enjoei comida e vivia a base de "Draminho" pra poder comer alguma coisa. Mas eu voltei rápido, consegui participar de algumas

competições, levei minha filha em todas... Teve um evento teste, que foi no Rio de Janeiro, e minha filha adoeceu um dia antes da competição que eu tinha a minha melhor prova. Eu não dormi nada naquela noite, só tirei um cochilo quase de manhã, porque ela ficou muito doentinha. Na competição, uns amigos meus e o técnico ficaram com ela, enquanto eu competia...

Sobre a impressão em relação a como a sociedade vê a mulher, deficiente e esportista paralímpica.

Na verdade, a mentalidade dessas pessoas são pequenas, porque eles não conseguem ver isso. Na verdade, eles acham a gente coitadas, chamam a gente de coitadas. Não existe essa palavra coitadas... Aí já viu né, você ser mulher, ser deficiente, ser mãe e ser esportista entra o preconceito deles, porque eles não acreditam. Só acreditam quando a gente consegue, né, e quando a gente chega lá no topo da escada, eles ainda dizem que foi pura sorte. Não veem o quanto você batalhou pra tá ali, entendeu. Só acreditam quando você tá lá em cima e antes de você chegar lá, eles não acreditam não. Agora, se você for comparar uma Paraolimpíada com uma Olimpíada, o Brasil é uma potência... Na verdade, o Brasil é muito pobre em espírito, porque eles não acreditam nos atletas e sem investimento, hoje, você não chega em lugar nenhum. Eu lhe digo isso de experiência própria. Pra mim estar hoje onde eu estou, eu tive que lutar muito, tive que abrir mão de muita coisa pra estar aqui, tive que deixar de estar com minha família, com minha filha, de dar o carinho que ela precisa, deixei de estar com ela pra estar em São Paulo e em Recife treinando, deixei o meu marido também, que me apoia, que fica com ela, entendeu, pra eu ir atrás do meu sonho, do que eu quero, entendeu? Ainda bem que eu tenho esse apoio... mas eu já falei com ele que, se um dia ele me perguntar: “ou eu ou o esporte” eu vou dizer pra ele já ir arrumando a malinha... (risos), porque o esporte não é só o meu ganha pão, é um estilo de vida e eu amo tá no esporte.

Sobre quem é a S6.

(respondeu de pronto e me olhando) Ó, S6 é mãe, filha, esposa, é uma pessoa que luta pelo que ela quer, ela vai em busca do que ela quer, dos seus sonhos, porque é assim, eu sou a quinta filha de sete irmãos e minha mãe nunca teve condições de dar o que a gente queria, o que a gente precisava. Ela sempre dava o básico né, guerreira na verdade... Então, eu procuro ser... é... o meu melhor, eu procuro não...

é... como vou te dizer... procuro estar nos melhores lugares, ter o que eu nunca tive, entendeu, e ir em busca dos meus sonhos, dos meus objetivos. Então, essa Fernanda é guerreira, na verdade, que vem pra quebrar tabu, porque pra uma pessoa que é do interior (Petrolina/PE) e não tinha expectativa nenhuma de fazer uma faculdade, agora eu estou fazendo e sou a única na minha família que está terminando uma faculdade. Pra mim, isso é muito prazeroso... Eu acho que a Fernanda é essa que você está vendo, que vai em busca e luta (ênfase) por tudo que ela quer, pela família... sou uma pessoa de fibra e de garra, entendeu? Essa sou eu!

***Entrevista com S7 - 11/04/1981 - Atletismo Paralímpico
Sobre sua história, como chegou até o esporte, como foi a questão da sua
deficiência, se é adquirida ou congênita e como foi se desenvolvendo no
esporte paralímpico.**

Então, eu tive sarampo com 6 anos e aí veio o agravando né, até o jeito que é hoje. Eu entrei no São Rafael com 18 anos e aí eu era bem acima do peso, estava pesando uns 115, 120 assim e aí, a professora de Educação Física do Instituto São Rafael, que é uma escola especializada pra deficiente visual que tem aqui em BH, disse que eu tinha que fazer uma atividade física, porque durante a aula de EF a gente ficava jogando baralho e dominó e ela disse que a aula de Educação Física não era baseada só em jogos né. Aí ela me pegou de canto e disse que eu tinha que praticar uma atividade física, que eu estava muito acima do peso e coisa e tal e me indicou uma associação que tem daqui em BH, que se chama ADEVIBEL, só para deficientes visuais, e eu fui até lá né. Lá tem vários tipos de modalidades né, tem judô, natação, futebol, goalboll e eu escolhi o atletismo pela caminhada, no intuito de perder peso e não tinha pretensão nenhuma de ser atleta, de nem nada, eu queria ter uma qualidade de vida. Então eu comecei a treinar e o treinador sempre me falava que eu tinha que competir e coisa e tal e eu dizia que não tinha nascido pra isso não. Eu só queria era emagrecer mesmo... Aí, foi passando o tempo, de caminhada eu passei a trotar e depois a gente começou a dar tiros na pista e com isso eu emagreci bastante e de cento e pouca eu fui para sessenta. Foi a época que eu perdi mais peso na minha vida... Aí, depois disso, eu comecei a namorar um

rapaz que entrou na associação e ele já tinha o intuito de altorendimento. Ele queria viajar, conhecer o mundo, tudo dentro do esporte. Aí, o meu treinador disse: “Uai, negrinha, você vai deixar seu namorado viajar sozinho? É perigoso. Você não sabe como é as competições, é sempre cheio de pessoas de outros estados e coisa e tal, você vai deixar? Então eu fiquei com a pulga atrás da orelha e disse ele que então podia fazer a minha inscrição, mas eu fui só com essa intenção de vigiar o namorado da época. Aí, a minha primeira competição foi com o treinador me colocando pra correr dos 800 aos 5 mil e na minha primeira prova, eu não tinha noção de roupa, de nada pra competir e fui com uma roupa que não era apropriada e aí na prova dos cinco mil eu ganhei né, mas não fui classificada, porque a roupa não era adequada e começou a cair e eu ia correndo e puxando a roupa. E aí, me aguçou, me deu mais vontade de competir mais, de conhecer como era esse universo e aí eu fui para os 1500 e os 800m com um short que não me atrapalhou e aí eu ganhei também. Então, assim eu comecei a me apaixonar, mas como eu tinha uma estrutura muito pesada, a corrida para mim era muito sofrida. E aí, por causa desse treinador eu vi o peso e perguntei como era isso e ele começou a me explicar sobre as provas de campo e eu nem sabia que existia. Quando eu entrei no São Rafael eu nem sabia que deficiente praticava algum tipo de esporte né? (risos) Nossa... eu era totalmente leiga e quando eu entrei nesse universo e pra mim foi muito bom. Aí, o que acontece, eu entrei na corrida já como T11, com todo mundo vendado e tudo mais né. Aí eu consegui bastante títulos correndo, tudo do nacional mesmo né... eu nunca tinha conseguido atingir o internacional né. Aí eu comecei a correr e a arremessar. Aí, a primeira competição de arremesso, ao contrário de peso, eu já fiquei em último, é... custou, sabe, pra encaixar. Eu comecei por volta de 2007, é..., isso mesmo, e comecei a fazer os arremessos em 2010, se não me engano, e eu acho que eu estava com 32 anos. Eu sou muito ruim de datas. Sou difícil demais com esse negócio de datas, homem que é assim né (risos). Só lembro as datas das competições que foram muito importantes na minha vida né. Eu comecei a arremessar e a sobressair.

Sobre como foi sua participação em competições internacionais e suas conquistas.

Em 2012, eu já fui convocada para uma Paralimpíada, só que foi tão incrível, porque geralmente a gente é convocada pra uma competição menor né, para um Para Pan,

um Mundial, e já de cara ser convocada para uma Paralimpíada, então foi um feito muito grande, que ninguém acreditou. Todo mundo começou a falar que eu entrei pela janela né (sorriu). Eles não sabem o quanto que eu nunca me permiti sonhar com isso... Aí eu fui convocada pelo arremesso e fiquei em 7º lugar, tinha 19 mulheres né e foi junção de classes, F11 e F12. E eu ter ficado em sétimo com todas essas mulheres, foi um feito muito grande né. Vamos supor, se isso fosse a nível Olímpico, nossa, seria como se eu fiquei com a medalha de ouro né. Mas aí eu fiquei um pouco triste né, porque a gente vai com a ideia que vai ficar entre os 3 primeiros né, fiquei com aquela depressão pós prova e depois que a gente consegue administrar tudo na cabeça né, eu falei: “agora é treinar e começar tudo de novo, se Deus quiser”. Eu pensei que eu nunca mais ia ser convocada né, bobeira que passa na cabeça da gente, aí em 2013 eu fui convocada de novo para o Mundial em Lion, na França, e lá sim eu fiquei entre as três, porque não tinha junção de classe. Fiquei em terceiro lugar no arremesso de peso e então, assim, foi uma realização maravilhosa na minha vida né. Em 2014 não teve nenhum evento grande assim, foi só a nível nacional e em 2015 eu fui convocada duas vezes, para o ParaPan e para o Mundial. No ParaPan do Canadá, eu consegui um sonho muito grande na minha vida, que era ouvir o Hino Nacional no lugar mais alto do pódio, chorei demais lá no pódio por ter conseguido realizar, ouvindo o Hino Nacional, eu e meu treinador e todo mundo que sabe que eu tinha esse sonho. Aí, eu falo que sem Deus eu não tinha conseguido. Aí fui convocada de novo, se não me engano, para o Mundial no Katar e lá eu fiquei em 3º lugar. Era chinesa, chinesa e eu brasileira e então foi um feito muito bom. Aí em 2016, no Rio, graças a Deus eu também consegui ser convocada e consegui sair com minha medalha no peito. Eu falo que se eu conseguir na minha vida ter filhos, netos, sabe... eu vou poder contar pra alguma geração aí pra frente, de que eu participei de uma Paralimpíada no meu país, com minha torcida, com minha família tudo torcendo pra mim e Deus me abençoou tanto que eu consegui sair com minha medalha que é o meu xodó. Eu guardo ela num lugar bem protegido lá em casa. Aí em 2017 fui convocada de novo, se não me engano, foi de novo no Katar, porque lá teve duas vezes. Em 2019, fui convocada mais uma vez para o ParaPan, a gente foi lá e ouvi de novo o hino nacional, foi uma maravilha e aí, logo em seguida teve um Mundial em Dubai e lá foi bom, consegui manter, sabe, consegui melhorar a minha marca e agora, em 2020, a gente estava pré-convocada, mas infelizmente né, veio essa pandemia e coisa e tal, mas Deus

sabe de todas as coisas e agora a gente está trabalhando pra 2021. Então, assim, eu só tenho a agradecer mesmo a Deus né, por ter me presenteado com o esporte na minha vida, porque eu falo que o esporte na minha vida foi um divisor de águas, né.

Sobre sua impressão em relação a como a sociedade vê a mulher, deficiente e esportista **paralímpica.**

Eu sou filha de... de um jardineiro e de uma cozinheira, sou a terceira de sete irmãos e ser deficiente, negra e mulher nesse país que a gente vive, a gente sabe que não tem oportunidades nenhuma, a gente sabe que o destino da gente está praticamente já dito na sociedade e que o esporte, não, primeiro Deus, porque eu falo que Deus é tudo na minha vida, o esporte, não, Deus e o esporte, proporcionou pra mim, na minha vida, várias coisas né. Eu falo assim que, eu, uma mulher negra e deficiente, conheci vários países, culturas, consegui a minha autonomia, hoje eu tenho a minha casa, que eu posso falar que é minha, e eu devo tudo isso ao esporte mesmo assim, porque se não fosse o esporte eu seria mais uma mulher negra, deficiente e aqui em nosso país, a gente já sabe qual seria o nosso destino na sociedade. E através do esporte eu consegui também uma bolsa pra cursar um curso superior, que já estou quase acabando, sabe... então o esporte é só benção na minha vida.

Eu posso dizer pra você, que vem crescendo bastante a participação das mulheres nas competições e para cada tanto de homens convocados, tem que ter um tanto de mulheres. Naquela época de 1976, quando as mulheres começaram, não tinha nenhum reconhecimento financeiro como tem hoje, você vê que aquilo era amor, era raça né, por fazer aquilo que gosta. Eu fico admirada mesmo e hoje em dia, tomara que, eu peço muito pra gente não se perder né, e continuar fazendo isso com amor também, com prazer, sabe, você tem que buscar isso e eu gosto né (risos), faço com amor e com prazer (risos), eu gosto de treinar, eu gosto de competir... é claro que tem aquele frio na barriga, aquela angústia que dá antes da prova, que se não tiver aquilo não tem graça, né. E o tempo passa e você vê que todo o esforço que você vive e tudo aquilo que você deixou de fazer, é tudo muito gratificante e você volta e faz tudo de novo, viu? A gente mal sai de um e já está de olho no outro campeonato (risos), passa muito rápido esse ciclo de 4 anos e a gente acaba um campeonato e já pensa no treinamento pro outro...(risos). É muito bom e é uma coisa gratificante,

que te joga pra frente... A gente vai vendo a nossa evolução e isso é bacana né? Com o tempo a gente vai ficando mais experiente e em cada prova, a gente pega uma experiência que te ajuda pra próxima né?

Sobre quem é a S7.

Quem é a S7... ah... eu, eu me sinto determinada e eu gosto de desafios, eu gosto...(risos). Meu treinador até gosta muito de falar: “Eu duvido que você faça isso” e aí eu vou e provo pra ele que eu consigo (risos).

Oh, Karla, então foi um prazer, espero que eu te ajude nessa sua pesquisa aí, que foi muito bacana e te dou os parabéns por ter essa iniciativa de falar de nós. (S7 fez toda a entrevista com um sorriso no rosto)

*** Entrevista com S8 - 14/02/1987 - Natação Paralímpica Sobre sua história, como chegou até o esporte, como foi a questão da sua deficiência, se é adquirida ou congênita e como foi se desenvolvendo no esporte paralímpico.**

Eu comecei o esporte com 13 anos de idade, por ordens médicas, porque eu caía muito e o médico pediu pra eu fazer uma reabilitação na água. Aí, a minha primeira técnica, a Suzana, viu que eu tinha potencial pra ser atleta e perguntou a minha mãe se eu podia ser atleta. Minha mãe disse que eu podia sim, mas que ela não tinha condições de arcar com as despesas, né, porque pra ser atleta requer recursos e ela disse que não teria problema, que investiria em mim, né, e na mesma hora minha mãe aceitou e disse que eu podia treinar, já que você viu que ela tem potencial. Então, ela começou a me treinar e com 8 meses que eu já estava treinando e me preparando pra ser atleta, eu fui pra minha primeira competição em Recife e eu trouxe 7 medalhas, 5 de ouro e 2 de prata. E aí foi quando eu fui convocada para o Open, na Argentina, em 2001, e chegando lá me subiram de categoria, me colocaram de S5 pra S9. Então, nadar com pessoas com 1 metro e 70, 1 metro e 60 e poucos, 1 metro e 50 e poucos, pra mim é uma desvantagem muito grande, porque eu tenho 1 metro e 24. Então, elas dão duas de mim, né. Aí, eu subi de classe e quando cheguei em Natal, chorei, chorei, chorei, chorei, mas não desisti não, continuei sendo atleta, continuei treinando todos os dias, durante 9 anos.

Durante 9 anos eu passei como S9, treinando e só parei em 2007, porque engravidei. Mas treinei até os 7 meses de gestação e competi com 4 meses de gestação. Com essa classe, eu ficava sempre em terceiro lugar, porque também não tinha muitos atletas bons e os clubes não tinha essa estrutura que tem hoje em dia, né. Não tinha patrocínios bons como Loterias Caixa, não tinha o Bolsa Atleta, que hoje em dia é uma renda muito boa pros atletas desenvolver, ter sua vida financeira boa, ter seu Imposto de Renda bom, que consiga pagar seus profissionais, né, seus fisioterapeutas, nutricionista... Então, assim, eu sempre ficava em terceiro lugar e ficava com bolsa nacional. Aí, em 2010, me levaram pra uma competição internacional, um Open na Grécia, e lá me desceram pra S5 novamente. Aí, foi quando eu ressurgi e comecei a bater tempos bons, comecei a bater recordes brasileiros, comecei a ficar num patamar melhor. Eu estou na Seleção há 10 anos já, nem parece, mas são 10 anos de Seleção, eu fico besta quando paro e vejo que já passou esse tempo todo... A minha deficiência foi descoberta com 1 ano e 6 meses, quando eu tinha as pernas bem arqueadas e a minha mãe me levou no médico. Aí, o médico disse que eu tinha acondroplasia.

Sobre como foi sua participação em competições internacionais e suas conquistas.

Depois que eu atingi a classificação S5, lá na Grécia, eu já participei de cinco Mundiais, três PanAmericanos, duas Paralimpíadas, várias competições internacionais, como Open, como Abertos, como Pan Pacífico e assim vai... Já participei de dois Pan Pacífico e de muitas competições internacionais, mas até hoje, se eu for fazer uma tirada de tempo com balizamento, com árbitro, eu fico nervosa e faço xixi no bloco (risos). Eu acho que é coisa de atleta, sabe. Meu técnico ri demais e diz que: “você tem 20 anos de cloro e ainda faz xixi na roupa?” (risos) Eu digo: “Meu filho, eu posso ter 200 que vou fazer do mesmo jeito... vou dar aquela balançada (risos). Mas é uma emoção muito grande poder subir no podium, poder representar o Brasil é muito bom... Eu já cantei o Hino do Brasil várias vezes, que eu até já perdi as contas... em competições, em PanAmericanos, em Mundial já cantei o Hino Nacional, então, é uma emoção que você para assim e passa um filme, durante 30 segundos, quando você vê que valeu a pena todo o esforço que você fez, valeu a pena você chorar na borda da piscina, valeu a pena você discutir com seu técnico, valeu a pena você deixar sua filha de lado (voz embargada) pra ir em busca de um

sonho que não é só seu, é da sua família também, então passa um filme e as lágrimas veem, vem aquela emoção toda... é muito gratificante, é muito lindo, é uma coisa inexplicável, só sei que é lindo demais (riu emocionada).

Sobre a impressão em relação a como a sociedade vê a mulher, deficiente e parolímpica.

Você pode ver que na Seleção tem poucas mulheres. Antes eram duas, três mulheres e hoje a gente já tá em oito. No último campeonato que a gente foi, fomos em 8, então, as mulheres já estão começando a tomar seu espaço, estão começando a subir no podium sim, tão começando a cantar o Hino Nacional e tão começando a mostrar que mulher também é atleta (risos). A gente soa e dá o nosso sangue, dá nosso suor e a gente faz o que for pra poder representar o Brasil bem em todas as competições. Então, assim, quando eu subi no podium, em 2015, no Mundial, eu fui a única mulher a subir no podium num Mundial e a cantar o Hino Nacional, né. Então foi muito sensacional, assim, as pessoas me olhando, me dando os parabéns e tal e nos Jogos do Rio, eu fui a única mulher que trouxe medalha individual. Então, assim, isso mostra que a gente, mulher, está evoluindo, tá crescendo e querendo conquistar o nosso espaço. Às vezes eu bato na tecla, que eu já fui atleta iniciante, que eu não nasci nadando e ganhando medalhas... Então, assim, pra você poder ver quem eu sou e também pra poder ter um incentivo maior e melhor, que me entreviste, veja quem eu sou, me conheça pra eu poder falar um pouco da minha história e poder motivar outras pessoas, outras mulheres, entendeu? Eu teclaro muito isso e digo que ao invés de gastar tanto com um atleta só, poderia dar uma porcentagem de 60% pra um atleta de rendimento e 40% dividir pra atletas iniciantes, porque tem muitos atletas que não têm um maiô pra competir, que não tem uma touca pra usar... Algumas pessoas falam: "Então pegue seu dinheiro e faça isso" e eu faço, mas não precisa ninguém saber, entendeu? Eu falo assim, porque eu já fui atleta iniciante e ninguém sabia quem eu era. Hoje que eu ganho medalhas, sabem quem sou eu. Então, isso é que as pessoas têm que ver, que atleta ele começa de baixo, ele não começa no topo. Atleta nenhum nasce no topo, ninguém nasce pronto, a gente vai adquirindo em qualquer profissão, entendeu? Eu acho que a imprensa também tem que ver quem tá iniciando, fazer entrevista, porque incentiva, dá empolgação pra um atleta novo continuar.

Sobre quem é a S8.

(de pronto e olhando pra mim) A S8 é uma pessoa sorridente, brincalhona, que tá sempre de bem com a vida, também é uma mãe onça, uma esposa dedicada, dona de lar, uma fera em competição... Essa é a S8!

*** Entrevista com S9 - 06/07/1987 - Natação Paralímpica**
Sobre sua história, como chegou até o esporte, como foi a questão da sua deficiência, se é adquirida ou congênita e como foi se desenvolvendo no esporte paralímpico.

A minha deficiência é adquirida, mas eu sempre fiz natação, desde novinha, por imposição de meus pais e eles incentivavam que sempre eu e meus irmãos a gente tinha que ter um esporte e eu escolhi a natação e sempre nadei. Participei de algumas competições aqui no Brasil, mais regional e estadual e eu tinha muita dor no joelho e eu nadava o peito e aí acabou que aos 15 anos, eu me afastei dos treinamentos pesados porque sentia muita dor, mas eu ainda nadava. Quando eu estava no segundo ano da faculdade, eu sofri um acidente de moto e eu fraturei o pescoço, na C4 e C5 e eu fiquei tetraplégica. E na reabilitação a natação me ajudou muito. Fiquei internada lá no Sarah, em Brasília-DF, por 1 mês no Hospital Sarah Centro e fiz vários exames médicos e eu me descobri e descobri a deficiência. E aí depois eu fui para o Sarah Lago, que fica na região Norte lá em Brasília, e lá eu fazia aula de natação. Eu comecei na piscina interna, só que ela era de 12,5m. Você que sabe nadar sabe que não dá pra fazer nada (risos). Mas a minha primeira experiência foi importante ter sido nessa piscina, porque foi com um professor do lado, porque dava muito medo de... afundar, de...sei lá, de virar com a cara na água e não conseguir desvirar. Então minha primeira experiência foi com um professor do lado, nadando só costa, que já é mais fácil de equilibrar e pra respirar. Então, eu comecei nessa piscina pequena e fiz poucas aulas nela, porque logo ela ficou pequena e aí eu pedi pra ir nadar no lago e aí isso me ajudou muito. Eles montaram uma raia de 50m pra mim lá no lado e eu tinha mais espaço e fui conseguindo ter mais confiança e eu falo que no tempo em que eu ficava nadando, me ajudava a esquecer um pouco a deficiência, porque foram meses muito difíceis

no começo, porque eu não sabia como eu ia continuar minha vida pós reabilitação. Eu morava em São Paulo, só eu e meu irmão, que também fazia faculdade, meus pais moram no interior de São Paulo, então eu tinha minha independência, eu tinha meus amigos na faculdade, eu me virava sozinha e não sabia como ia ser depois. Eu estava na reabilitação junto com minha mãe e ela fazia tudo pra mim. Então, pra você ter ideia, eu era alimentada na boca (fez o gesto de levar uma colher até próximo da boca), minha mãe me trocava, minha mãe me banhava, então a piscina me ajudava a desligar de tudo que eu não conseguia mais fazer e era... tipo ai, isso eu consigo fazer, da forma como eu consigo e isso me fazia bem e então me ajudou muito. E aí, depois disso eu fui continuando na nataçãõ, treinava numa academia no bairro, próximo de casa, meu irmão me levava e eu te falei que estava no 3º semestre da faculdade quando tive o acidente, tranquei o semestre e no ano seguinte eu voltei, com uma carga horária reduzida e aí, no semestre seguinte minha carga horária ficou cheia, meu irmão não tinha mais disponibilidade pra me levar e a gente não tinha dinheiro pra comprar um carro adaptado e então eu fiquei um período sem treinar. Assim que a minha família conseguiu comprar um carro adaptado eu voltei a nadar nessa academia próximo daqui de casa e aí, um dia, um técnico amigo de uma amiga minha do ciclismo, também tetraplégica, conversando com ele, ele disse que: “a gente tá com um projeto, exatamente na academia que você está nadando e eu quero que você faça parte” e aí eu comecei a nadar mais, de uma forma mais estruturada com ele, na equipe dele, que chama Instituto Laramara Britto, do qual faço parte até hoje. Hoje eu não treino mais como Instituto, mas faço parte dele para participar de competições nacionais. E com o instituto eu fui treinando, melhorando e vendo que eu tinha um potencial a mais e aí, na nataçãõ, a gente faz a Classificação Funcional e eu fui classificada na classe ideal pra mim, mais justa e fui desenvolvendo cada vez mais e estou até hoje. Eu sou Classe S3, porque os meus dedos da mão não se mexem e quando nado tenho espacidades múltiplas e muito rígidas e a mão fica muito fechadinha e não abre por nada. É até um educativo bom pra vocês da nataçãõ convencional, fazer uns 50m de nado com a mão fechada para ter essa percepçãõ. A Classificação é muito dura, muito difícil e a gente vê atletas que parecem estar na classe errada e a gente não pode dizer nada.

Sobre como foi sua participação em competições internacionais e suas conquistas.

A minha primeira participação em competições foi em 2016, no Rio, eu já comecei direto na Paralimpíada e fui 7º lugar nos 50m Costas e 8º lugar nos 100m livre. Como minha primeira vez num campeonato, eu fiquei muito surpresa com meu resultado, porque foi uma melhora muito significativa pra mim e quando eu participei de uma competição internacional na Austrália, em 2018, foi o Open... uhmm...Pan Pacific, e lá eu peguei o 2º lugar, também com uma melhora de tempo, foi um resultado muito positivo pra mim. No ano passado, eu participei de Lima/2019, fiquei em 2º lugar e participei do Mundial de Londres e fiquei em 4º lugar. Nesse Mundial eu me deixei levar pela ansiedade e não tive o resultado que eu estava esperando. Sempre faço essas duas provas, mas tenho mais foco nos 50 Costas.

Sobre sua impressão em relação a como a sociedade vê a mulher, deficiente e esportista paralímpica.

Eu acho que tem pouquíssima visibilidade ainda, não chega nem perto de mídia, patrocínio e atenção da população comparado a natação convencional e acho que ainda tem um longo caminho para o esporte paralímpico avançar. Acho que muitas pessoas meio que veem a pessoa com deficiência como um coitadinho: “Ai coitadinha, ela está em uma cadeira de rodas... coitadinha ela não mexe a mão... coitadinha ela não anda” e aí eu acho que o esporte paralímpico acaba sendo visto como um grupo todo de coitadinhos e às vezes parece que algumas pessoas veem como se não fosse de tão esforço como é para os Olímpicos. Sabe, a gente dedica tanto quanto, dentro das nossas limitações, a gente abdica de um monte de coisa, tanto quanto o olímpico.

Sobre quem é a S9.

Ai...(sorriu, passou a mão no lado esquerdo do rosto, olhou para baixo por 3 segundos), é...(olhou para mim sorrindo, desviou o olhar para o lado e iniciou passando ainda a mão pelo rosto), difícil dizer assim de bate e pronto...(voltou o olhar para mim e disse gaguejando), eu... eu acho que sou... eu me vejo como uma mulher como todas as outras, eu estou levando a minha vida, eu treino, eu tenho o meu trabalho, eu tenho os meus amigos, os meus relacionamentos, eu não sou tipo...a S9 cadeirante, eu sou a S9 mulher, ativa, eu sou muito ativa, eu tô sempre

fazendo alguma coisa, eu moro sozinha hoje com o meu cachorrinho, então...(retirou a mão do rosto e sorriu), não sei se respondo a sua pergunta.

(sorrindo) Hoje, eu sou muito feliz de ter o apoio que a gente tem do CPB, você começou dizendo que tinha o patrocínio e, hoje, eu tenho o CPB que é um apoio imenso de competição, de lugar pra treinar, de técnico, de equipe multidisciplinar e isso é muito positivo pra gente, porque realmente sem isso não dá pra estar onde eu estou, com as minhas próprias verbas, então eu vejo isso tudo como muito positivo aqui no Brasil, pelo menos no grupo onde eu me encontro. (terminou a fala sorrindo)

*** Entrevista com S10 - 02/05/1990 - Atletismo Paralímpico
Sobre sua história, como chegou até o esporte, como foi a questão da sua
deficiência, se é adquirida ou congênita e como foi se desenvolvendo no
esporte paralímpico.**

A minha deficiência foi adquirida, né... eu tive paralisia cerebral no parto, aí faltou oxigênio no cérebro e afetou meus membros inferiores... é... também o estrabismo que eu tenho e só. No começo, nasci de 5 meses e meio a seis e fiquei um tempinho lutando pra viver...mas graças a Deus eu consegui. Esse “problema” foi porque minha mãe tentou me tirar, porque brigou com meu pai, aí ela tomou remédio, né. No começo eu fiz 3 cirurgias no calcanhar, porque tinha encurtamento. Fiz a primeira cirurgia com 1 ano, depois com 3 e a última com 6 anos. Aí, com sete anos comecei a andar e... nesse período de 1 ano até quase os 7, eu não andava, não ia a escola, era bem complicado, sabe. Aí, dessa última cirurgia eu consegui, graças a Deus a andar, né, porque meu pé era... eu não sei o nome que dá e então, eu só usava a parte da frente, entendeu? Daí fez as três cirurgias pra corrigir. O meu pé não tem cava, ele é reto. É uma das características do meu “problema”, né, uma das características da paralisia cerebral. Nesse período até os 7 anos, foi de muita fisioterapia... a minha família não tinha poder aquisitivo... foi bem complicado, né. A minha sorte foi que minha avó era enfermeira, aqui em Maceió, e conseguiu essas cirurgias, porque talvez se não tivesse feito, seria bem pior. Eu também usava aquelas botas ortopédicas, quando pequenininha, mas depois que minha avó faleceu, a gente não tinha mais contato com ninguém e não conseguimos usar e é

por isso que ficou ruim, porque era muito caro na época. Aí, só usei a bota na primeira cirurgia e não usei mais e aí não conseguiu corrigir o problema. Aí, eu fiquei esses 6 anos sem andar e fui fazendo fisioterapia em casa mesmo, porque também não tinha condições de pagar. Daí, comecei a estudar aos 7 anos... foi tudo atrasado pra mim, tudo atropelado e complicado, mas depois da escola eu me inseri na sociedade e foi bem mais tranquilo. Com relação ao esporte, aqui em Maceió existe uma Associação que eu me vinculei a ela pra conseguir ter um benefício do INSS, né. Aí eu fiz as reuniões, as fisioterapias, mas a médica falou pra gente que eu podia fazer a fisioterapia que for, que ia melhorar um pouco, mas que nunca mais eu ia ser normal, né (risinho). Teoricamente, foi o que ela disse... Aí, eu fui lidando com isso, conheci vários deficientes de lá da Associação, fui me inserindo mais e nesses dias entre ir na fisioterapia e na hidroterapia, tinha um rapaz lá que era o auxiliar de uma grande atleta aqui de Maceió. Ele trabalhava de manhã lá na Associação e foi e me convidou. Ele disse que tem esporte pra deficiente, que ela faz o atletismo, aí falou dela e ficou insistindo pra mim ir, né. Aí ele falou: "Ó, você tem um perfil, você aparentemente deve ter força, tal... Aí, pronto! Ele ficou me pedindo pra ir, isso foi em 2006, eu acho, e não dei muito valor. Aí, eu perdi um familiar meu e fiquei desnorteada, né. Era meu primo, mas como se fosse meu irmão, meu protetor, entendeu? Aí, eu fiquei fragilizada com isso e procurei um meio de ocupar a minha mente pra não ficar sofrendo. Aí, foi quando, tipo uns 2 meses depois, que eu fiz um teste lá e a mulher ficou endoidecida, disse que eu tinha muito potencial de atleta, mas pra mim, era uma coisa que não tinha valor no começo. Eu era adolescente e não dava o valor como hoje. Aí, eu não voltei mais, sumi e continuava só mesmo na hidroterapia, porque por eu ter ficado muitos anos sem andar, eu tinha fraqueza nas pernas e caía muito. Aí, eles foram na minha casa, pegaram meu endereço, foram atrás de mim, e disse que queriam que eu treinasse e tal. Aí, foi no final do ano de 2007, que eu fui realmente tentar, né. Fui numa competição Regional e não ganhei nada... Uma garota ficou me zoando e isso me deu muita raiva, sabe. Aí, eu disse a ela que no ano seguinte eu ia treinar só pra ganhar dela (risos). Aí, eu botei isso na minha cabeça e tomei jeito, meio que na brincadeira. Pedi pra minha treinadora, a Elisângela, pra me treinar pra ganhar dela. Aí, em 2008, fui pro mesmo Regional, na mesma cidade, e ganhei dela e ainda bate recorde brasileiro, né. Eles ficaram doidos... aí, pronto! Em 2008, entrei com o patrocínio do Ministério dos Esportes, consegui convencer minha família, minha mãe, que era uma coisa que tinha futuro,

né. Daí, nessas primeiras competições, minha mãe que me ajudou com passagem e outras coisas, mais aí ela se convenceu de que era isso mesmo, que eu queria ser atleta e me deixou livre pra eu escolher o meu caminho. Como eu era de menor, na época, ela tinha que me dar autorização, era toda uma burocracia... Nesse meio tempo, eu bati um recorde e no final de 2008 fui convocada para o Pan-Americano. Aí, desse Pan-Americano, nunca mais eu saí da seleção, né e estou até hoje, graças a Deus! Em 2009, foi que eu comecei a saber o que realmente eu queria, entendeu? Eu não gostava no começo, mas depois que eu peguei gosto e vi que eu tinha futuro, aí eu me dediquei, entendeu? Eu agradeço muito a esse rapaz que me deu uma luz, né, pela insistência dele, que nem me conhecia e a essa menina que me zouu, que aí aflorou esse meu lado de competir, né (risos), porque talvez se ela não tivesse feito isso, eu talvez não teria continuado...Coisas de Deus, eu acho, é que era pra ser...

Sobre como foi sua participação em competições internacionais e suas conquistas.

No começo, eu não tinha experiência, dava alguns moles, mas...nessa primeira competição que eu fui, em 2009, no Pan-Americano de Jovens, na Colômbia, eu ganhei 3 medalhas de ouro e bati recorde brasileiro e sulamericano. Daí, eu fui pegando experiência, conversando com as pessoas mais antigas né, mas quando eu fui pra o adulto foi bem assim... eu fiquei com receio né, porque, na época, eu tinha 19 anos só, mas graças a Deus existia o Sírio, lá do Comitê, que foi uma pessoa que também me botou nos trilhos... Ele me cobrava, me ensinava que era difícil, mas que se realmente eu me dedicasse, eu ia conseguir algo... E depois que eu peguei amizade com as meninas das provas de campo, tudo ficou mais tranquilo. Elas me tranquilizaram, mas no começo eu dei uns mole, né? Mas depois, eu tomei rumo e estou até hoje, graças a Deus! Sou da Classe F35 no Lançamento de Disco e Arremesso de Peso, mas só aqui no Brasil que eu lanço disco, porque lá fora não tem essa prova. Eu compito aqui no Disco pra ganhar pontos pro clube, mas no Mundial só tem o Arremesso de Peso. Infelizmente, na minha classe só tem essa prova. Ou é aquela prova, ou é aquela prova... (risos). O curioso, Karla, é que o peso era a prova que eu menos gostava, sabe. Então, quando eu descobri, em 2014, que não existiria mais o Disco, que era a prova que eu gostava, foi tipo, assim, é como se fosse um recomeço... Eu falei pra minha treinadora que agora não dava

mais, que o peso eu ia deixar de treinar, porque eu não gostava, não me identificava, sabe. Aí, o destino mais uma vez, fazendo com que o que era estranho se tornou a prova que eu consegui tudo na minha vida hoje, o nome que eu tenho, a minha medalha paralímpica... é os percalços de Deus na vida da gente, né? A prova que eu não treinava, foi a prova que me levou ao auge.

Sobre sua impressão em relação a como a sociedade vê a mulher, deficiente e esportista **paralímpica.**

Aqui em Maceió eu conheço muita gente, mas a maioria das pessoas daqui não tem muita noção, sabe, que eu vou pra fora, que eu compito... mas não sabem o quanto é difícil viver longe, não dá tanto valor como realmente a gente da terra queria que dessem, né. O valor de vestir realmente a camisa do seu país, de se dedicar e nunca deixar de dizer que é daqui. Mesmo longe, eu nunca deixei de dizer, mesmo não tendo apoio nenhum daqui, entendeu? O único apoio que eu tive, foi o da Associação mesmo. Tudo que eu conquistei aqui, não tive apoio de nada do Alagoas, nem um incentivo... um nada! Minhas sapatilhas, meus suplementos, tudo quem me deu foi minha treinadora que é daqui também e que agora está em Portugal, mas, daqui, o que eu consegui foi por mérito meu. Mas, com tudo isso, eu nunca deixei de deixar claro que sou alagoana. A única coisa que tem, é quando você chega no aeroporto, depois do resultado e tem lá a televisão pra te filmar e te entrevistar né, só pra divulgar. Mas governo, prefeitura, nunca tive apoio de nada, nada, nada... Deus é tão bom comigo, que me levou pro Rio de Janeiro, porque eu me dediquei muito, sabe, fiz das tripas coração, fui pra lá com 21 anos, me dediquei. Porque você sair do Nordeste, uma mulher, deficiente, lutar e vencer numa cidade totalmente diferente é complicado, mas eu agradeço a Deus, porque eu acho que eu só fui pra lá, porque realmente Deus achou que eu era merecedora, né. Mas apoio diretamente daqui, infelizmente não tive nenhum. Aqui, o pessoal não tem estudo né, não tem estrutura pra saber o que a gente passa. Na verdade, é uma coisa que eu sinto no Brasil inteiro. Aqui, como em São Paulo e no Rio, você só é deficiente se sua deficiência aparecer. Se você não demonstrar ou não ser aparente, pra eles você é normal. Tipo assim, quando eu estou no metrô em São Paulo e me sentar na cadeira de deficiente, as pessoas ficam me olhando, porque minha deficiência só aparece quando eu ando. Eu sofro muito com isso e já passei por várias coisas horróricas, de chorar mesmo. Teve uma vez no Rio, que eu estava no metrô e pedi

ao moço pra liberar a catraca, que eu era deficiente. Eu mostrei pra ele a carteira de ônibus, porque não tinha a de metrô e aí ele falou pra eu ir no guichê. O que a mulher do guichê me falou eu nunca vou esquecer:” Anda aí pra eu ver”. Eu falei que não ia, que ela tava vendo na carteira que eu realmente sou deficiente e você não quer liberar a catraca, porque eu estou arrumada, bem vestida ou por que você tá de preconceito só porque você não está vendo e acha que estou de sete um? Disse que ela estava ferindo a minha pessoa, tava me constrangendo... Eu paguei a passagem, fiz um vídeo e coloquei na rede social e teve uma repercussão grande né, mas foi uma coisa que me marcou. Poderia ter até entrado com um processo contra o metrô. Eu não quis, por ser patrocinada pela prefeitura de lá. Aí, eu não quis mexer... mas foi horrível, viu? O metrô estava lotado lá. Tinha uma fila... foi um horror! Mas aqui em Maceió não é diferente. A diferença aqui é que as pessoas não têm estudo, mas acho que aqui, por não ter estudo é menos preconceituoso que lá, porque aqui o pessoal, em todo lugar, se julga pela aparência, né. Eu acho que é errado, porque você não conhece ninguém só porque você está vendo aparentemente que a pessoa não tem nada, mas você não sabe, né, que ela tem alguma doença, algum “poblema”. Não está escrito na nossa testa que a gente é deficiente. Eu passo por vários perrengues... Lá em São Paulo, às vezes eu nem sento, posso estar super cansada, pra não passar vergonha. Os idosos de lá ficam me olhando se sento...

Sobre quem é a S10.

(Olhando para o lado) Quem é a S10? Deixa eu te falar... É uma mulher guerreira, que luta pelo sonho, pelos meus sonhos, sempre lutei pra dar uma vida melhor pra minha mãe, que também me criou sozinha, né, e sou uma sonhadora. Eu sempre estou querendo ter metas, porque a gente tendo metas e objetivos na vida, a gente tem um rumo, né? Eu sou uma pessoa que... que... eu me cobro muito. Eu não sou perfeita não, mas tudo que depende de mim, eu tento fazer da melhor forma e isso, com o esporte também. E independente do esporte, eu sempre vou lutar por meus direitos... como mulher, deficiente e nordestina também, porque você sabe que existe muito preconceito com a gente, é complicado, mas eu tô aí (sorriu). É o que posso me descrever... eu sou uma sonhadora, guerreira e que nunca desiste de seus sonhos. (falou sorrindo)

** A entrevista foi realizada pelo celular da S10, dentro de uma Van em movimento.

Esta pergunta foi respondida enquanto observava o trajeto, sem me olhar em momento algum)

*** Entrevista com S11 - 12/02/1986 - Atletismo Paralímpico
Sobre sua história, como chegou até o esporte, como foi a questão da sua
deficiência, se é adquirida ou congênita e como foi se desenvolvendo no
esporte paralímpico.**

A minha deficiência é adquirida. Eu fui atropelada aos 4 anos de idade e nesse acidente, nesse atropelamento, eu fiquei paraplégica e, então, não tenho os movimentos dos membros inferiores. Eu pratico esporte, acho que... desde que eu me entendo por gente. Eu falo que a minha família sempre foi a minha paz, principalmente, a minha mãe, porque desde novinha ela me inseriu dentro da sociedade, né. Antigamente, as coisas eram muito mais difícil pra pessoa com deficiência e, assim, eu conheci o esporte em si, através da nataçãõ, eu era atleta de nataçãõ. Eu participei de algumas competições que quem fazia na época era a Abradecar e hoje é o Comitê Paralímpico que faz. Era tudo junto as competições de Nataçãõ, Tênis de Mesa, Atletismo e tal e hoje é feito separado, né. A Abradecar trabalhava com todas as modalidades e quando eu fui pra uma competiçãõ, em Brasília, eu conheci o Atletismo. Mas dentro desse meio tempo aí, que eu comecei a praticar esporte com 6 anos de idade, eu comecei na Nataçãõ né, passei pelo Basquete em Cadeira de Rodas, fiz Dança em Cadeira de Rodas também, participei de algumas competições, fui pra Juiz de Fora dançar... fiz também o Tênis de Mesa, mas foi em 2008 que eu me encontrei definitivamente no esporte, que foi no Atletismo.

Sobre como foi sua participação em competições internacionais e suas conquistas.

Em 2008, eu fui pra minha primeira competiçãõ dentro do Atletismo e já era ano Paralímpico. Ia acontecer as Paralimpíadas de Pequim e era tudo muito novo pra mim...e todo mundo na expectativa de ser convocado pra Seleçãõ, né. Eu era uma classe abaixo, eu era F53, porque eu ainda não tinha participado de uma competiçãõ internacional e feito a Classificaçãõ Internacional. Daí, eles falaram que

eu era uma das mulheres com possibilidade de ser convocada para os Jogos, né, e aquilo ali me deixou... Eu faço as 3 provas de campo, mas minha especialidade é o Dardo, porém eu iniciei no Disco, é muito engraçado isso... Daí, teve a competição em Brasília e uma semana depois eles mandaram por e-mail a pré-convocação pra Pequim e aí a expectativa aumentava cada dia mais. Eu aprendi muito sobre esse esporte com meus colegas de classe e de modalidade, porque era tudo muito novo pra mim... a gente não tinha material pra treinar, treinava com disco de borracha que era pra meninos da iniciação, e aí veio a tão sonhada convocação pros Jogos de Pequim. E foi um sonho, assim, que eu jamais pensei que pudesse acontecer isso, eu estar em outro continente, tá conhecendo outra cultura, foi uma coisa surreal pra mim, foi muito, muito, muito importante pra mim. Porém, durante os Jogos de Pequim, eu fiz a Classificação Internacional, me subiram de classe, fui pra Classe F54, e aí eu não tive a oportunidade de competir. Eu fiquei bastante frustrada por não poder competir, mas aproveitei de tudo, dos equipamentos, dos treinos, durante os 30 dias que ficamos por lá e eu disse que quando chegasse no Brasil eu não iria desistir, que eu iria continuar, iria persistir e que eu estaria novamente dentro da Seleção. Aí vieram outras competições internacionais e a gente teve muito, muito êxito e em 2012, eu fiquei de fora da de Londres, porque eu não consegui obter o índice, né. Então eu coloquei como meta pra mim, que no Rio 2016 eu seria convocada, que eu estaria no meu país, representando a minha nação. E assim aconteceu... Eu fui pra minha segunda Paralimpíada e obtive o 5º lugar no Arremesso de Peso e fiquei em 6º no Lançamento de Dardo. E aquilo, assim, me deu um gás pra poder treinar cada dia mais, e mais, e mais, e mais... Eu falo que o esporte tá crescendo mais, antes o Atletismo tinha poucas mulheres e hoje não, a gente tem que treinar, tem que suar pra conseguir uma vaga, porque a mulherada tá vindo aí com tudo... (risos) Eu fui convocada novamente pra Lima, pro ParaPan, e fui medalhista, fiquei em 3º lugar. Foi uma conquista surreal pra mim, porque aqui na minha cidade não tem profissionais que entendem da área do Atletismo e aí, pouco antes da competição eu tive que fazer uma transição muito forte e quem me treinou e fez a periodização de meus treinos foi o técnico da Seleção, o Alex Sabino, de Ribeirão Preto, e aí eu vi o quanto o meu desempenho melhorou... e até então eu tinha que conciliar a minha vida de atleta e de profissional, porque eu trabalhava fora também. Era tudo muito complicado... e eu vi que, pra eu ter resultados melhores, pra poder alcançar o objetivo e a meta que eu queria, eu teria que me dedicar

exclusivamente. A gente conseguiu um apoio muito grande da Unimed daqui de Uberaba, hoje eles são um dos meus patrocinadores. Daí eu abdiquei do meu serviço fora e hoje eu dedico 100% ao esporte e vejo o quanto isso faz a diferença. No Regional de Goiânia desse ano, eu fui a melhor atleta no feminino, bati o recorde brasileiro, consegui o índice técnico pros Jogos de Tóquio, foi uma coisa que eu jamais imaginei conquistar... e agora estamos aí, firmes e fortes, esperando com muita expectativa os Jogos acontecerem no ano que vem, por causa do Covid. Mesmo com essa Pandemia e nossos treinos em periodização fora da fase pré-competitiva, de polimento, as nossas marcas estavam começando a subir e sabemos, assim, que agora está tudo sendo feito corretamente pra gente poder alcançar o nosso objetivo que é estar em Tóquio e, se Deus quiser, trazer uma medalha pro Brasil, independente da cor.

Sobre a impressão em relação a como a sociedade vê a mulher, deficiente e esportista paralímpica.

Eles já colocam o estigma por ser mulher, a mulher não pode ter o mesmo resultado que o homem, né, e ainda por ser deficiente... mas vejo o quão vem crescendo a participação da mulher nas Paralimpíadas, porque se não me engano, em 2008, nós estávamos em 7 ou 6 mulheres, que eram eu, a Rosinha, a Sueli Guimarães e a Soninha nas provas de campo e mais outras duas ou três atletas nas provas de pista e, em 2016, eu sinceramente não sei te dizer quantas eram, mas assim, eram muitas (ênfase) mulheres. Em 2019, no ParaPan, o campo tava lotado de mulher, enfim, vem crescendo muito, muito, muito... A sociedade precisa se abrir um pouquinho mais, né, até mesmo em questão do profissional de Educação Física, né, em abrir ali o olhar pra mulher, esportista com deficiência, porque mesmo o profissional de Educação Física escolhe quem irá chamar para estar treinando, pra fazer um trabalho a longo prazo e escolhem mais homens. Então, falta um pouquinho mais de mostrar pra esses profissionais que a mulher consegue um rendimento até melhor do que o homem e eu acredito que nessa campanha pra 2021, em Tóquio, as mulheres vêm quebrando muitos tabus aí...

Sobre quem é a S11.

(olhou para baixo e para o lado) Quem é a S11... muitas das vezes eu até me pergunto isso... (olhou para mim) mas a S11 é uma pessoa determinada, é uma

pessoa com foco, eu sempre coloco pra mim que querer é poder sim, você tem que querer (ênfase), que você consegue, independentemente de qualquer coisa. Eu falo que não é por eu ser uma pessoa com deficiência que isso vai me impedir de fazer alguma coisa. Eu acho que obstáculo é... fatos ruins acontecem pra qualquer pessoa, seja ela com deficiência ou não. Hoje eu me coloco como uma pessoa superdeterminada naquilo que quer.

*** Entrevista com S12 - 23/02/1982 - Halterofilismo Paralímpico Sobre sua história, como chegou até o esporte, como foi a questão da sua deficiência, se é adquirida ou congênita e como foi se desenvolvendo no esporte paralímpico.**

Eu sou de uma família humilde do interior daqui de Natal e minha bisavó e minha avó já tinha nanismo. É genético aqui na minha família, entendeu? Meu pai é baixinho também, tem 1 metro e 60 mas não tem a perna “cambota”, eu já tenho a perna “cambotinha”. Na família do meu pai, que são 5 homens e 3 mulheres, só uma tia que tem 1m90, o resto é tudo baixinho. Então, na minha família que somos 6 irmãos e eu sou a caçula, só eu e um irmão que somos pequenininhos. Meu irmão tem 1m60 e eu tenho 1m30, 1m29 porque já estou diminuindo (risos). Eu saí do interior, da cidade pequena com 15 anos e fui procurar trabalho na cidade grande, em Natal, e então eu trabalhei de babá, de empregada doméstica e sempre eu pensei alto, entendeu? Comecei na casa de um casal novinho, de 23 anos, e fiquei lá por 10 anos e 2 meses. Eu era muito “matuta”, tinha medo até do vento (risos) e disse que era “de maior” pra eles me aceitarem e eu conseguir o emprego. Lá, eles não me tratavam como empregada, eu tinha um quarto com suíte só pra mim, eu comia na mesa junto com eles e, então, eu tinha uma vida que nem todo mundo consegue, de tanto eu pedir a Deus pra me ajudar a ter um bom trabalho... Eles me colocaram pra estudar e cuidavam muito bem de mim, como se eu fosse da família. Me chamavam de Tatá. Acontece que minha patroa se separou-se e a filhinha dela, que eu acompanhei a gravidez todinha e cuidei da menina que nasceu prematura, já tinha uns dois aninhos quando isso aconteceu e eu quis ficar com elas. Aí, vira e mexe, ela se casou de novo e foi-se embora pra São Paulo, mas aí eu não quis ir com ela,

porque não podia deixar minha família. Além disso, quando eu ainda trabalhava nessa casa, uma vez no ônibus eu encontrei uma moça, a Socorro, que me chamou, em 2003, pra eu conhecer uma Associação, mas eu nunca que procurei saber. Mas, ainda em 2003, eu fui lá e vi um monte de cadeirantes e disse: “Deus me livre, isso é vida pra louco, esse povo tudo, esses aleijados...” Eu dizia aleijado porque antes, Karla, eu não me aceitava, eu não gostava do jeito que as pessoas olhavam pra mim, porque sempre fui fortinha, com cabelão, sempre me arrumava muito bem e chamava a atenção e as pessoas me olhavam como coitada, me encaravam até me deixar encabulada e isso eu não gostava. Eu não me aceitava, mas não falava pra ninguém... eu me trancava no quarto e chorava sozinha. Então, um ano antes de minha patroa ir pra São Paulo, eu me cadastrei e comecei a vender produtos da Natura e vendia no prédio todo, depois de fazer o meu serviço. Eu fazia bijuterias com ela e vendia na praia, no veraneio, onde eles tinham uma casa de férias. Então, assim, eu sempre fui uma menina danada de esperta e tudo que eu ganhava de dinheiro, eu guardava. Aí, quando ela foi embora pra São Paulo, eu aluguei um flat pra mim, lá perto, na Zona Sul, e na mudança eu encontrei o cartão com o nome da Associação e da moça, Socorro. Aí eu fui até lá, fiz uma entrevista, fiz um teste e não voltei mais. Aí a moça me ligou e eu disse que não gostei porque os rapazes ficavam me olhando esquisito. Ela disse pra eu ir lá à noite, que tinha uma moça, uma técnica e ela estaria lá também. Karla, eu fui e a moça me recebeu muito bem. Fiz outro teste e eu vi a hora que aquela barra ia cair no meu pescoço e disse que aquilo não era pra mim não, que ela fosse matar outro... (risos) A moça disse que eu ia aprender a técnica direitinho e que ia gostar. E eu fui pegando confiança e comecei a treinar a noite com esse pessoal, em 2011. Aí, com 2 meses de treino, eu fui participar de minha primeira competição, em Campinas, e já comecei levantando 50Kg, que era o peso que eu pesava. Como eu não tinha muita técnica e tremia muito, ganhei uma medalha de participação. Mas quando cheguei na competição e vi tanto cadeirante, tanto deficiente, que eu disse assim: “que diabos de tanta gente aleijada, isso não é pra mim não” e minha técnica me disse: “S12, para com isso, seja mais humilde, deixa as pessoas chegarem perto de você”, porque o povo quando me viu ficou doido, falava que eu era uma anãzinha bonitinha, que não sei o que mais... eu já não me aceitava, Karla, e o povo todo em cima de mim, o povo querendo me namorar, aquilo tudo me estressava. A Socorro Santos que sempre estava do meu lado, disse pra eu relaxar, que não era assim, que eu estava em

outro mundo, que eu iria aos poucos acostumando, que eu iria viajar, ser campeã e entrar pra Seleção e que ela queria me ver lá em cima... Eu não acreditei que isso fosse pra mim não e só sei que eu fiquei muito feliz por competir e ganhar uma medalha de participação. Aí, quando eu voltei, eu voltei com outra cabeça pra treinar. Treinei muito, mas não tinha apoio financeiro de ninguém e estava desempregada, vivendo só de minhas vendas dos produtos, do dinheiro que guardei e isso me deixava muito triste. Em 2012, eu consegui minha Bolsa Atleta, porque era a primeira da minha categoria no Brasil, até 49kg, mas só fui receber no ano seguinte e a ter uma alimentação direito também. Pensei até em desistir de tudo, porque essa bolsa não chegava e eu não via meus resultados melhorarem. Mas aí, no final de 2012, eu fui convidada pra participar de uma competição nos Estados Unidos, que era só eu de mulher e mais 3 homens, e o meu sonho era fazer parte da Seleção Brasileira. Então, eu resolvi continuar no esporte e treinava cada dia mais. Fiquei até doida e muito feliz, quando minha mala com o uniforme do Brasil chegou...

Sobre como foi sua participação em competições internacionais e suas conquistas.

Em 2013, quando cheguei no aeroporto de Minas pra embarcar pros EUA, porque eu estava treinando em Uberlândia, é que descobri que eu ia pra uma competição só de anãs. Se eu soubesse antes não tinha aceitado ir, porque eu dizia que detestava anãs e eu não me aceitava como anã. Karla, você acredita que quando nós chegamos lá, eu com a cara mais feia do mundo e sem querer ninguém perto de mim, só tinha anãs de tudo quanto é tamanho e eu me senti a gigante perto delas? (risos) Só sei que foi minha melhor competição do ano e quando eu fiquei em primeiro lugar, na minha categoria, foi lindo... e eu abracei todo mundo e a gente cantou o Hino do Brasil, foi uma festa! Então, quando eu voltei de lá, eu comecei a gostar mais do esporte, a dedicar, a me amar e a cada dia eu queria mais... Aí, em 2014, eu tinha metas pra mim ir pro México, pro Parapanamericano, e lá eu fiquei em primeiro lugar, levantando 71kg, sendo a melhor atleta e a única a conseguir medalhas pro Brasil, porque também tive uma medalha de bronze e aí eu entrei de vez pra Seleção. Em 2015, meu pai faleceu e no velório dele eu prometi que eu faria o meu esporte, que competiria fora do Brasil e que Deus me daria uma medalha, não importaria qual, em homenagem a ele. Aí, eu fui competir no Canadá e fui a

primeira medalhista paralímpica e o ouro geral foi o meu. Essa competição foi muito difícil pra mim, eu chorava muito pelo meu pai e Deus me ajudou, que levantei 78Kg. Então, eu fiquei muito conhecida, em todos os jornais e agradei muito a Deus por essa homenagem ao meu pai. Fui a melhor atleta do Rio Grande do Norte e recebi uma homenagem no Rio de Janeiro nesse ano. Em 2016 eu não fui pra Paraolimpíada do Rio, porque fiz uma cirurgia, de endometriose, e eu chorei muito, porque eu tinha me preparado tanto e queria estar lá. Mas, eu fui a condutora da Tocha Olímpica e Paralímpica e tenho as duas em casa (risos). Então, eu fiquei 1 ano afastada pra tratamento e em 2017 comecei a me preparar pra 2018. Em 2018 eu fui pra minha primeira competição em Bogotá e a primeira medalha que o Brasil conquistou também foi a minha. Aí eu participei do Parapanamericano em Lima, no ano passado, e fiquei em 4º lugar, porque me modificaram de categoria, passei pra até 45kg, e ajuntaram as categorias tudo, onde eu, a mais leve, competi com as mais pesadas. Eu perdi a minha medalha, chorei muito, mas mesmo assim quebrei o recorde das Américas. Hoje, Karla, o esporte melhorou o meu astral e ele é tudo na minha vida. Eu só tenho a agradecer, porque aprendi muito com o esporte e sou outra pessoa. Hoje eu tenho o meu apartamento na Zona Sul, enorme, que comprei no *cash*, não devo nada a ninguém, eu deixei de ser empregada e hoje sou uma atleta de ponta. E é uma emoção muito grande e boa você sair de seu país, ir competir internacionalmente representando o Brasil que eu amo tanto e chegar lá ouvir o Hino nacional... Sabe, eu já tive muito medo de morrer dessa doença (referindo-se ao Covid-19), mas tenho treinado bastante e de tudo, que até me machuquei, tendo desgaste no joelho por fazer trilhas e rolar pneus. Mas eu não parei e estou treinando como se eu fosse participar da Paraolimpíada agora.

Sobre a impressão em relação a como a sociedade vê a mulher, deficiente e esportista **paralímpica.**

Hoje eu estou muito conhecida aqui na minha cidade e, Karla, as pessoas olham pra você com outro olhar. As pessoas me olham e perguntam se eu tomo “bomba” e eu digo que não, que eu sou uma paratleta da Seleção Brasileira e elas assustam dizendo: “você?... mulher, o que você faz?”. Quando digo que faço Halterofilismo, levantamento de peso, elas não acreditam, porque as pessoas nem sabem o que é Halterofilismo e ainda perguntam como eu levanto peso, pequena desse jeito... Eu acho que ainda tem muito preconceito... preconceito de como você é anã e ainda

levanta peso. Teve uma mulher que disse que era mentira o que eu estava falando... (risos) Hoje em dia, o esporte que é pra uma pessoa que é deficiente é muito difícil. Você tem que querer, tem que gostar, tem que seguir, entendeu, porque o preconceito é muito grande ainda... porque não melhorou por ser mulher, por ser musculosa, por ser vaidosa e muitas pessoas morrem de inveja de mim, do que eu posto no Instagram... mas muitas dizem também que se inspira em mim, no que eu faço, no meu alto astral e no incentivo que dou pra fazerem o que desejam, que basta elas quererem. Hoje, Karla, eu tenho bolsa atleta nacional e internacional, sou uma pessoa feliz, vitoriosa, que me amo e então eu digo que o esporte pra mim é tudo... eu só tenho que agradecer a Deus!

Sobre quem é a S12.

(de pronto, olhando pra mim e sorrindo) A S12 é uma guerreira, vitoriosa, que nunca desiste e que está sempre correndo atrás... uma pessoa humilde, que pode ganhar horrores de dinheiro, mas que nunca vai deixar de ser aquela pessoa de antes, vai ser sempre ela mesma, porque tudo que eu tenho eu conquistei com muito suor e dedicação e o sucesso e o dinheiro não vai comer o meu cérebro. Eu sou uma pessoa que não tenho inveja, que não tenho olho grande, que ajudo todo mundo que precisar e olha, que muitos da minha própria Associação, já tentaram tirar meu patrocínio, só que eu não desisto, luto e estou sempre ali.

*** Entrevista com S13 - 13/01/1988 - DECR**
Sobre sua história, como chegou até o esporte, como foi a questão da sua deficiência, se é adquirida ou congênita e como foi se desenvolvendo no esporte.

Então...quando eu tinha 10 anos e estava brincando de Tacoboll, eu machuquei meu joelho e não falei pra minha mãe, porque ela proibia essa brincadeira. Aí passados alguns dias e eu estava sentindo muita dor, muita dor e eu escondi. Mas, quando ela me trouxe pra o hospital, aí eles fizeram a biópsia e detectaram um tumor ósseo, o osteosarcoma. Aí, eu comecei a fazer o tratamento de quimioterapia e com 11 anos eu amputei a perna. Aí, depois, eu continuei fazendo a quimioterapia e por causa dela eu perdi parte da audição. Então, eu tenho duas deficiências... (mostrou o 2

com os dedos e riu) Aí, depois que eu terminei o meu tratamento, que concluí tudinho, eu tinha 12 anos, eu voltei para o interior e lá, eu não conhecia e nem tinha contato com nenhuma pessoa com deficiência. Daí, as pessoas queriam me superproteger e na escola, na Educação Física, eu nunca participava de nada, porque os professores não sabiam como trabalhar comigo. Eu só ficava lá sentada, vendo as atividades e eu era avaliada através de trabalho de pesquisa, que nem viam e eu só ganhava 10 (risos). Aí, na adolescência, como os outros, eu queria andar de bicicleta, subir em árvore, essas coisas né... Eu queria fazer essas atividades, mas as pessoas não queriam permitir, porque tinham medo de eu cair, me machucar, enfim... Aí, eu comecei a conquistar a confiança deles de que eu podia fazer tudo isso. Então eu voltei a brincar, a correr, a subir em árvores, essas coisas todas, só que na escola eu não tinha nenhum apoio pra praticar esporte e pra nada, né. Então, quando eu tinha uns 16, 17 anos, sempre vinha pra consultas de retorno e exames, aqui em Belém, conheci uma Associação que se chama AVAO (Associação Voluntariado de Apoio à Oncologia), que dá apoio aos pacientes do Hospital. Aí, tem uma Associação que dá apoio aos pacientes do Hospital e lá tem vários cursos, mas a maioria desses cursos eram pra atividades manuais, pra tricô, bordado, essas coisas... Então eu só ia pra escola, mas queria fazer algo mais, né. Aí, conversando com a presidente da Associação, a “tia” Ana, ela disse que eu poderia fazer qualquer curso lá e se eu tinha interesse em alguma coisa. Eu disse que tinha interesse em aprender a dançar, que eu achava muito bonito o ballet, mas que nunca tinha feito não, porque no interior nem existia isso. Então ela falou pra eu ir pra casa, que depois conversava comigo. Passados uns dias, ela me ligou e disse que tinha conseguido uma professora de Ballet voluntária e perguntou sobre minha disponibilidade pra um dia na semana por uma hora. Então, eu ia de Oren (sua cidade) pra Belém, fazia a aula de Ballet e voltava pra casa. No dia que não conseguia voltar por causa de passagem de ônibus, eu podia dormir na casa de uma das voluntárias. E assim eu fiz, durante 1 ano (mostrou o 1 com o dedo), esse vai e volta... e comecei a ficar muito cansada, apesar de ser só uma vez na semana. Eu já estava com 18 anos. Aí, por eu ter parado os estudos por causa do tratamento, eu estava com 19 anos no 3º ano do Ensino Médio, vim pra cá pra Belém e aqui continuei fazendo o Ballet, uma vez por semana lá na Associação, e a me preparar para o cursinho, pra fazer o vestibular. Eu passei na faculdade pra Serviço Social, na Universidade Federal do Pará e continuei fazendo dança, o Ballet. Aí, quando eu

tinha uns 23 anos, a minha professora de dança teve um problema de saúde, precisou fazer uma cirurgia e parou de trabalhar. Daí, eu passei um ano todo sem fazer dança, só que eu queria continuar dançando. Foi aí que eu conheci a Thaís e o Elielson, que dançavam na cadeira de rodas lá na Casa de Cultura. Então, eu fui fazer uma oficina com eles e fiquei só olhando e coisa e tal. Aí trocamos contato, participei de mais umas oficinas e pronto, comecei a seguir eles. Quando foi no outro ano, a Thaís começou com o Projeto “Do Nosso Jeito”, que era pra qualquer tipo de deficiência. Foi aí que eu comecei a participar do projeto, em dois dias na semana, aqui em Belém, porque eu já morava aqui, estava na faculdade e pude participar tranquila. Como o projeto deu muito certo, com o apoio da Casa de Cultura, foi criada a “Companhia Do Nosso Jeito”, só para deficiência física e, no início, no primeiro Campeonato Nacional que a Companhia participou eu não quis ir, porque eu tinha muito medo de cair da cadeira... Ela não conseguiu me convencer e, então, eu só participava das Amostras. Mas no segundo ela me convencei e eu fui, porque o marido dela estava como preparador físico e ele me ajudava... Eu caí poucas vezes da cadeira, mas isso acontece, né (risos) Aí, pronto! Aí eu comecei a dançar já na cadeira de rodas pra competir.

Sobre como foi sua participação em competições internacionais e suas conquistas.

Fui em dois campeonatos internacionais... pra Rússia, que foi um grupo maior com 10 pessoas (5 cadeirantes e 5 andantes) e pra Alemanha, que foram duas meninas na cadeira de rodas, dois bailarinos e o técnico, um grupo menor. Olha, foi a realização de um sonho mesmo... uma coisa que a gente nunca imaginava. Quando a gente teve o convite, quando o nosso técnico disse que tinha a possibilidade, ele disse que a gente teria que trabalhar muito, até pra conseguir custear, né, a viagem e também pra participar. E quando a gente viu os vídeos deles... (risos) eles pareciam ser muito bons... (risos) É uma coisa de outro mundo... Meu Deus, eles dançam muito... e treinam muito também. Quando a gente foi pra Rússia, cada um foi com a sua cadeira e a minha era uma de basquete, que foi conseguida assim... um trouxe uma peça, outro trouxe outra e eles tinham uma cadeira excelente para o dia a dia e uma melhor ainda pra entrar na pista. Nós realmente fomos com a cara e a coragem, mas foi um momento que aprendemos muito sobre dedicar mais. Parece que eles vivem praquilo e eles treinam muito... e eles dançam de uma forma tão

perfeita que foi um momento pra gente se inspirar mesmo... E eu estava lá... E quando eu vi um rapaz que sou muito fã dele, um alemão, nossa... eu fiquei doida. Foi muito emocionante... foi uma experiência que eu vou guardar pra minha vida toda.

Sobre sua impressão em relação a como a sociedade vê a mulher, deficiente e esportista.

Olha, as pessoas geralmente ficam bem impressionadas, porque ainda não é uma coisa amplamente divulgado. As pessoas ficam muito surpresas com a pessoa com deficiência dançando na cadeira de rodas. E no interior então, ainda tem esse sentimento de superproteção, né. É tudo muito novo pra todo mundo. Eu acho assim, que... até a pessoa com deficiência acha que não pode dançar. Tem que divulgar mais isso. Sempre que posso, posto meus vídeos dançando e as pessoas dizem: “nossa, uma pessoa na cadeira de rodas consegue dançar?” (risos)

Sobre quem é a S13.

(Sorriu) Eu sou... (olhou para baixo) eu sou uma bailarina... (risos) Eu vou falar de uma outra forma (risos). Eu, aos 32 anos tenho aquela sobrecarga de que tenho que ser alguém e fazer algo na vida, né. Então, quando as pessoas me perguntavam o que faço, eu dizia que estudava pra concurso. Agora, eu digo que sou bailarina da Companhia de dança “Do Nosso Jeito” (risos), pra ter essa visibilidade também, né. Eu sou mulher, é... (olhou para baixo) com deficiência, mas tenho uma ocupação também, porque as pessoas veem a mulher com deficiência como uma pessoa que tem que ficar em casa, superprotegida, mas eu não... (me olhou) eu sou bailarina, sou... gosto muito de viajar, gosto muito de encontrar as pessoas, é... conhecer novas coisas, sabe, e... superar os meus limites, que, pra mim(ênfase), na verdade nem são, sabe... é uma dificuldade como qualquer outra pessoa tem, mas sou um ser humano cheio de vontades, de desejos e eu vou atrás deles. É isso que eu sou... (sorriu)

*** Entrevista com S14 - 22/08/1977 - DECR**
Sobre sua história, como chegou até o esporte, como foi a questão da sua deficiência, se é adquirida ou congênita e como foi se desenvolvendo no esporte.

Bom, vamos lá... é... Eu cheguei na DECR bem por acaso. Eu sempre gostei de dança e sempre tive dificuldade em fazer dança em um local, em uma academia, em um lugar onde todo mundo faz dança né. E aí por indicação de um ortopedista, ele me indicou uma fisioterapeuta bem longe, em uma cidade ao lado da minha... eu ficava no Rio e ela na cidade de Niterói. E daí, mais por saber que seria uma pessoa que não me diria não, eu me arrisquei e resolvi investir né. Lá não era um local público, era pago e era uma vez por semana. Eu tinha 19 anos e adquiri a deficiência após Poliomielite com 1a6m de idade, fiquei com falta de força na minha perna direita, a sequela maior foi essa, e utilizo mais minha perna esquerda para fazer tudo, né. Hoje em dia eu uso uma órtese e duas muletas pra me locomover. E nunca usei cadeira de rodas pra dançar. Aí eu fiz as aulas com a Rosângela, que era uma fisioterapeuta capacitada, sendo que a aula dela do contemporâneo me deixava muito cansada e frustrada, porque eu não conseguia ficar muito tempo em pé. E isso me deixava meio triste, sabe, mas mesmo assim eu fui até onde eu consegui e... depois mudou a chefia da minha empresa e eu não consegui mais fazer as aulas, porque era em dia de semana, né. Não tinha em final de semana e num horário não comercial. Então... o que aconteceu... a associação da qual eu fazia parte, a ANDEF (Associação Nacional para Deficientes), ela fundou...ela resolveu fundar uma companhia de dança, chamada Corpo e Movimento, que existe até hoje e lá, eu já praticava basquete né, e eu nunca imaginava que dava pra dançar em cadeira de rodas né e, na época, eu não nunca ia comprar uma cadeira de rodas pra dançar, porque era um material muito caro. Então, eu pensei em fazer dança, mas aí a ANDEF falou que não, que eu faria a dança e se fosse necessário, a gente faria na cadeira de rodas com as adaptações. Aí ligou tudo. Eu faria a dança com o equipamento correto, num local correto, com uma professora que também estudava e ela tinha muita boa vontade em trocar conosco e aí a coisa fluiu. Daí, a presidente, que na época era a professora Tânia, ela nos apresentou a dança como esporte, que era a dança esportiva. Quando ela me mostrou isso... eu falei...ah, eu quero fazer é isso e aí, eu fiquei obstinada a fazer isso então. Só que tudo era muito difícil, porque na época ainda não existia a Federação, a Confederação, não tinha

patrocínio e era tudo muito novo e ela também estudou e viu que a dança esportiva era algo muito longe da cultura do Brasil, assim dizendo né, não era uma coisa fácil de se encontrar. E naquela época você só podia competir com os pares né e era mais difícil ainda. Então, depois ela percebeu que o investimento seria muito alto e que dependia de andantes, né, pra poder tá fazendo isso e, enfim, meio que eles desanimaram, mas aquilo ficou na minha cabeça. Eu falei que: “poxa, eu não acredito que vocês desanimaram, vocês não querem fazer a dança...” Eles disseram que não, que isso não era mais o objetivo do grupo e tal e eu pensei: “bom, o que eu vou fazer...”, porque era tudo ligado, sabe, o emprego, com a associação, com a dança e eu falei: “caramba, como eu conseguir realizar isso... Parecia uma missão impossível!” Mas eu não conseguia esquecer e queria realizar isso, praticar isso, porque eu quero muito... Foi daí que, no ano de 2003, essa minha associação me mandou embora, meio que, sabe, tirou um peso das minhas costas e eu disse, agora eu posso fazer o que eu posso, posso ir atrás dos meus sonhos, né. Aí, eu não sabia se eu ia conseguir, porque conciliar trabalho e dança era muito difícil, mas, enfim, eu estava disposta. Daí eu comecei a procurar o método da dança esportiva e não encontrava, sabe, ninguém sabia o que era isso, ninguém estudava o que era isso. Aí, teve uma vez que eu... fundei um grupo e desse grupo a gente fundou um outro, que começou a ser financiado né pela Lei Rouanet e aí a gente teve a oportunidade de ir para a Holanda e lá eu encontrei a dança esportiva de novo...olha que interessante. Mas na época que eu fui ver essa dança e era uma coisa assim meio que confraternização. Aí, a responsável do grupo, a Paula Nóbrega me disse: “É isso mesmo que você quer fazer?” e eu disse que era isso mesmo que eu quero fazer (risos) e ninguém tirava nada da minha cabeça (risos). Aí eu voltei e saí do grupo também, porque ele era da linha contemporânea e eu só fiquei porque eu queria dançar e me manter, porque ele era patrocinado também, o dinheiro era bom, mas eu falei que agora eu iria ao encontro do que eu quero. Bom, já que eu queria fazer dança esportiva e era o ballet dance, vou continuar fazendo dança de salão e aí eu comecei, em 2004, isso... comecei a fazer a dança de salão em 2004 e em 2005 eu viajei e em 2006, de tanto perturbar várias pessoas, minha professora de dança de salão me disse que sabia quem eu deveria encontrar e te treinar. Eu disse: ahh... eu não acredito... e ela disse assim: “vai ser difícil, é como se eu estivesse dando uma filha pra outra pessoa criar, mas não tem jeito, porque você não tira essa dança esportiva da sua cabeça e eu estou percebendo que você não

vai ser feliz, enquanto não realizar isso”. Eu falei que também percebo da mesma forma... E daí, ela me apresentou o Érico Rodrigo né, que foi justamente o meu técnico que me fez campeã durante 5 anos. E ele começou a me falar de todo o conhecimento que ele tinha, que ele tinha feito estudos com o Jarne, que ele tinha ido pra França, que tinha estudado dança esportiva e aí, eu me encontrei, disse: “agora eu tô em casa, né?” (risos) Aí eu falei pro Érico: “vamos competir?” E ele disse: “vamos embora!”, e eu, “quando podemos começar?” E ele, mas eu tenho uma coisa pra te falar, eu tenho problema de coração e não posso fazer dança esportiva, porque é muito puxado... Ai, meu Deus do céu, quando eu acho que tava tudo dando certo... Mas, ele disse que íamos nos preparar para fazermos a dança esportiva e que ele só conhecia para andantes e que deveria ser tudo a mesma coisa... Aí, a gente começou, né. Aí eu comecei a procurar a confederação, eu fui na frente, eu fui aplicando em cursos, eu fui aplicando em conhecimento com outros professores, então eu fui tudo na frente... e daí, o meu primeiro parceiro de dança, que foi o Paulo Soares, que já era encantado com a dança esportiva, só que não conseguia realizar com uma menina andante, né, porque ninguém gostava e aí a gente se juntou e a gente treinou durante algumas madrugadas, né, para a dança esportiva e de quase 30 competidores a gente ficou em primeiro lugar, na categoria iniciante. Foi o ano que mais teve competidores e foi em Piracicaba/SP, em 2006, e demorou um pouco para eu ir pro exterior. Em 2007, eu fui para o avançado e ganhei do Cabral.

Sobre como foi sua participação em competições internacionais e suas conquistas.

Em 2008, ganhei de novo a competição no avançado e foi a primeira vez que eu fui pra Bielorrússia, representar o país num campeonato mundial de dança esportiva em cadeira de rodas e fui a primeira mulher a ir também. Na verdade, nenhum brasileiro cadeirante tinha ido num mundial até então e eu e Cabral fomos juntos, ficamos na mesma colocação, ficamos em 26º lugar. Aí, eu voltei e quis ir de novo, né, quis batalhar pra ir de novo e aí, corri atrás de patrocínio, sendo também bem difícil e daí a UFJF falou que mandaria os competidores da confederação, em 2010. Aí, fechou... só que só ficamos sabendo disso quando ganhamos o campeonato, né e quase que eu não fui competir, porque uma semana antes de irmos para o campeonato, o patrocínio furou. Ele falou que não daria mais dinheiro pra gente e eu

resolvi investir, estourei com meu cartão de crédito, paguei as passagens... foi uma loucura da minha parte, mas eu estava tão obstinada que resolvi investir, paguei as passagens a perder de vista e a gente foi e voltou no mesmo dia e ganhamos o campeonato. Nesse ano, em 2010, eu e Adelina tínhamos ido ao campeonato, sendo minha segunda vez e a primeira da Adelina. E só pra competir que eu usava a cadeira de rodas, mas hoje está muito mais aberto, já tem o Single Dance e se pode dançar sozinha e não depende de um parceiro, como naquela época dependia. Na época, o esporte era bem claro, ou a pessoa sentava na cadeira de rodas ou ia fazer a dança artística. O esporte, hoje em dia, está sofrendo algumas modificações, mas a sua característica é na cadeira de rodas. Aí, em 2012, eu já estava com muitas dificuldades financeiras e eu percebi que não conseguiria ir novamente, né, no campeonato mundial e aí surgiu a oportunidade na dança novamente, de eu dar aulas de dança pra crianças e tive que abdicar da minha carreira de dança, de esportista e de competidora e resolvi abrir mão e dar aulas. É muito difícil parar, né... eu chorei muito, mas eu percebi que era o momento de parar, de dar a vez para outras pessoas e fazer novos atletas, dando a oportunidade para outras pessoas também. Em 2012, o Cabral ganhou de mim no brasileiro e foi muito bom e honrado, e foi mais um motivo para eu parar e começar a construir novos adeptos e comecei a treinar outros cadeirantes.

Sobre sua impressão em relação a como a sociedade vê a mulher, deficiente e esportista.

É bem complicado! Quando eu ganhei meu primeiro campeonato, eu acho que eu mudei, sabe Karla, porque minha autoconfiança foi tão (ênfase) grande, eu me sentia a mulher mais realizada do mundo, sabe, assim, a primeira vez foi quando eu comecei a competir e, a segunda vez, quando eu comecei a competir internacionalmente. Eu me tornei muito (ênfase) autoconfiante, sabe, e tinham pessoas que falavam muitas coisas pra mim, principalmente... já me chamaram de aleijada, sabe, mas isso não ficava em mim. Essas coisas que aconteciam fora, já não me afetava, porque eu fiquei tão (ênfase) realizada, tão feliz (falou com sorriso) de ter realizado meu grande sonho, que eu não queria parar. Independente de patrocínio, eu bancava as passagens, transporte e alimentação minha, do meu par e do meu técnico, que na época também não tinham condições, porque o tamanho do sonho era meu e eu iria investir o quanto eu pudesse. Hoje eu sou uma pessoa

muito realizada em todos os aspectos e se tivesse que fazer tudo de novo eu faria, né (risos). Eu acho que quando uma mulher não faz o que gosta, ela acaba ficando muito frustrada e acaba ficando muito infeliz com isso, né. Por eu não ser uma pessoa que vivesse uma vida vazia, eu nunca fiquei deprimida, porque eu sempre tinha algo pra fazer e aprender, relacionado justamente com a dança. E hoje em dia eu vejo que isso está relacionado com a autoestima. Então, assim, por mais que quando eu chegasse num local e as pessoas não me olhassem, as pessoas não me percebessem e as pessoas queriam me colocar em um local trancada, pra que eu não pudesse sair e rodar o baile e que ninguém me visse, eu pedia pra me colocarem perto da pista, pra eu ter acesso pra dançar. Aí, elas falavam me olhando assustadas: “Mas você dança?” e eu dizia: “Danço e muitíssimo bem! Daqui a pouco vocês vão me ver aí rodando o salão” (risos). E quando as pessoas me viam dançando, aí era tudo diferente... né? Eu tinha uma vida social muito intensa e quando eu saía pra ir nos lugares de dança e ninguém me tirava pra dançar, eu ficava muito irritada...(risos) Gostava de voltar pra casa com os braços doendo, moídos de tanto dançar... só assim, deitada na cama com os braços abertos e todo dolorido, eu dormia feliz...(risos)

Sobre quem é a S14.

(Falou de pronto, sorrindo e me olhando) Hoje (ênfase), a S14 é uma pessoa que ama a dança, hoje a S14 é uma pessoa que administra a dança, hoje a S14 é uma pessoa que é voltada pra família e hoje é uma pessoa que quer fazer uma pessoa na cama dançar, né. Essa é a S14 hoje... Acho que todo esse amadurecimento, me fez fazer um recomeço em outros lugares, né... Hoje em dia eu também quero galgar uma trajetória de estudos como você e fazer com que tudo isso que eu aprendi na dança seja passado, né, pras universidades, pras escolas... Então, assim, hoje em dia eu quero modificar a S14 que já pegou toda essa trajetória de dança e eu quero colocar isso dentro de um método universitário, né. Hoje em dia, eu quero me dedicar a estudar, a estudar muito, a colocar todo esse conhecimento e fazer que uma pessoa que seja acidentado recentemente, que ela saia não só pra uma cadeira de rodas, mas que ela saia pra dança...(risos) Esse é o meu objetivo e eu tenho certeza que eu vou realizar, porque isso está me motivando todos os dias e... já estou aqui (Toronto/Canadá) estudando uma outra língua, né, eu já estou pesquisando as faculdades que eu possa colocar em prática isso e..., assim, eu não

quero ficar somente presa no Brasil, eu quero levar esse método pra tudo e qualquer lugar e eu acho que é uma renovação pra mim, sabe. Eu acho que a Viviane hoje é uma pessoa que se renova a cada dia e eu me sinto renovada, renovada, renovada... e sempre com um objetivo. (sorriu)

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO (TCLE)


UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa "O papel da mulher no paradesporto brasileiro". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é que, ao longo da história, a inclusão da mulher nos esportes se deu de forma lenta, gradativa e por vezes traumática, marcada por muitas lutas e preconceitos e, com relação à mulher esportista com deficiência, este cenário mostrou-se ainda mais agravante. (SIMÕES, 2004; CIDADE, 2004; DLIVEIRA, 2008). Diante disso, nesta pesquisa pretendemos analisar o papel da mulher brasileira com deficiência nos esportes de competição, tomando-se como fio condutor a sua história esportiva, a maneira como se percebe e é percebida na sociedade, a fim de compreendermos o seu papel nesses ambientes e poderemos dar visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

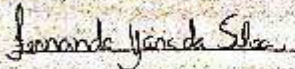
Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: uma entrevista na forma escrita ou gravada, por e-mail ou por Skype, de acordo com sua escolha da melhor maneira para realizarmos a entrevista. Nesta, será solicitado que fale sobre sua história esportiva, sua trajetória de conquistas na modalidade que desempenha, bem como as impressões existentes com relação ao seu desempenho esportivo e à sociedade. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são mínimos. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem será assegurado o seu anonimato em todo o percurso do estudo, como também você terá a liberdade de desistir da mesma a qualquer momento. Esta pesquisa pode ajudar e contribuir para a construção e solidificação do entendimento do papel da mulher no paradesporto brasileiro, e fomentar a discussão sobre a mulher brasileira e atesa com deficiência nos esportes de competição e na publicação dos resultados encontrados em revistas científicas e sites, dando visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será remunerado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 468/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins resumidos e reportados.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, 30 de Outubro de 2020.


 Assinatura do Participante


 Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Pesquisador Responsável: Karla Mesquita Belgo
 Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:
 CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF
 Campus Universitário da UFJF
 Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
 CEP: 36035-900
 Fone: (32) 2102-3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

1



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa "O papel da mulher no paradesporto brasileiro". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é que, ao longo da história, e inclusive da mulher nos esportes se deu de forma lenta, gradual e por vezes inúmeras, marcada por muitas lutas e preconceitos e, com relação à mulher esportista com deficiência, este cenário mostrou-se ainda mais agreste. (SIMÕES, 2014; CIDADE, 2004; OLIVEIRA, 2009). Diante disso, nesta pesquisa pretendemos analisar o papel da mulher brasileira com deficiência nos esportes de competição, tomando-se como fio condutor a sua história esportiva, a maneira como se percebeu e é percebida na sociedade. O fim da compreensão o seu papel nesses ambientes e podemos dar visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: uma entrevista na forma escrita ou gravada, por e-mail ou por Skype, de acordo com sua escolha de melhor maneira para realizarmos a entrevista. Nela, será solicitado que fale sobre sua história esportiva, sua trajetória de conquistas na modalidade que desempenha, bem como as impressões existentes com relação ao seu desempenho esportivo e a sociedade. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são mínimos. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem será assegurada o seu anonimato em todo o percurso do estudo, como também você terá a liberdade de desistir a qualquer momento. Esta pesquisa pode ajudar a contribuir para a construção e validação do entendimento do papel da mulher no paradesporto brasileiro, a fomentar a discussão sobre a mulher brasileira e atlete com deficiência nos esportes de competição e na publicação dos resultados encontrados em revistas científicas e afins, dando visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

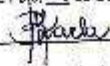
Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizemos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa serão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que inclua sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução N° 456/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.


Assinatura do Participante

Juz de Fora, 29 de Outubro de 2023


Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Pesquisador Responsável: Karla Mesquita Belgo
Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF
Faculdade de Educação Física e Desporto/NSIME
CEP: 36036-900

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF
Campus Universitário da UFJF
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisas
CEP: 36036-900
Fone: (32) 2102-3788 / E-mail: cep.pcpesa@ufjf.edu.br



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostariamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa "O papel da mulher no paradesporto brasileiro". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é que, ao longo da história, a inclusão da mulher nos esportes se deu de forma lenta, gradativa e por vezes traumática, marcada por muitas lutas e amarguras e, com relação à mulher esportista com deficiência, este cenário mudou-se ainda mais agravante. (SIMÕES, 2004; CIDADE, 2006; OLIVEIRA, 2008). Diante disso, nesta pesquisa pretendemos analisar o papel da mulher brasileira com deficiência nos esportes de competição, tomando-se como fio condutor a sua história esportiva, a maneira como se percebe e é percebida na sociedade, a fim de compreendermos o seu papel nesses ambientes e pudermos dar visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: uma entrevista na forma escrita ou gravada, por e-mail ou por Skype, de acordo com sua escolha da melhor maneira para realizarmos a entrevista. Não há outra solicitação que fale sobre sua história esportiva, sua trajetória de conquistas na modalidade que desempenha, nem como os impedimentos físicos com relação ao seu desempenho esportivo e a sociedade. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são mínimos. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem será assegurado o seu anonimato em todo o percurso do estudo, como também você terá a liberdade de retirar-se a qualquer momento. Esta pesquisa pode ajudar a contribuir para a construção e solidificação do entendimento do papel da mulher no paradesporto brasileiro, a fomentar a discussão sobre a mulher brasileira e elaile com deficiência nos esportes de competição e na publicação dos resultados encontrados em revistas científicas e afins, dando visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer remuneração financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fazemos com você neste pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira parar a qualquer momento, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e se você não quiser participar não vai sofrer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas cópias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados nesta pesquisa ficarão a seu acesso como o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores registrarão a sua identidade com dados profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 166/2 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, 24 de Novembro de 2020.

Maiara Barreto

Digitally signed by Maiara Barreto
DN: cn=Maiara Barreto, ou=UFJF,
email=maiara.barreto@ufjf.edu.br,
c=BR
Date: 2020.11.24 19:22:28 -03'00'

Assinatura do Participante

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Pesquisador Responsável: Karla Mesquita Belgo

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF
Campus Universitário da UFJF
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102-3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa "O papel da mulher no paradesporto brasileiro". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é que, ao longo da história, a inclusão da mulher nos esportes se deu de forma lenta, gradativa e por vezes traumática, marcada por muitas lutas e preconceitos e, com relação à mulher esportista com deficiência, este cenário mostrou-se ainda mais agravado. (SIMÕES, 2004; CIDAQUE, 2004; OLIVEIRA, 2008). Diante disso, nesta pesquisa pretendemos analisar o papel da mulher brasileira com deficiência nos esportes de competição, tomando-se como fio condutor a sua história esportiva, a maneira como se percebe e é percebida na sociedade, a fim de compreendermos o seu papel nesses ambientes e podermos dar visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

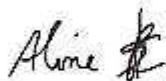
Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: uma entrevista na forma escrita ou gravada, por e-mail ou por Skype, de acordo com sua escolha da melhor maneira para realizarmos a entrevista. Nela, será solicitado que fale sobre sua história esportiva, sua trajetória de conquistas na modalidade que desempenha, bem como as impressões existentes com relação ao seu desempenho esportivo e a sociedade. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são mínimos. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem será assegurado o seu anonimato em todo o percurso do estudo, como também você terá a liberdade de desistir da mesma a qualquer momento. Esta pesquisa pode ajudar a contribuir para a construção e solidificação do entendimento do papel da mulher no paradesporto brasileiro, a fomentar a discussão sobre a mulher brasileira e atleia com deficiência nos esportes de competição e na publicação dos resultados encontrados em revistas científicas e afins, dando visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizemos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, 30 de Outubro de 2020.



Assinatura do Participante



Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Pesquisador Responsável: Karla Mesquita Belgo
Universidade Federal de Juiz de Fora/MG

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF

Campus Universitário da UFJF



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa "O papel da mulher no paradesporto brasileiro". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é que, ao longo da História, a inclusão da mulher nos esportes se deu de forma lenta, gradativa e por vezes traumática, marcada por muitas lutas e preconceitos e, com relação à mulher esportista com deficiência, este cenário mostrou-se ainda mais agravante. (SIMÕES, 2004; CIDADE, 2004; OLIVEIRA, 2008). Diante disso, nesta pesquisa pretendemos analisar o papel da mulher brasileira com deficiência nos esportes de competição, tornando-se como fio condutor a sua história esportiva, a maneira como se percebe e é percebida na sociedade, a fim de compreendermos o seu papel nesses ambientes e podemos dar visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

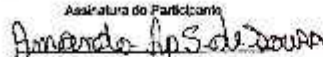
Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: uma entrevista na forma escrita ou gravada, por e-mail ou por Skype, de acordo com sua escolha de realizar a mesma para realizarmos a entrevista. Não, será solicitado que fale sobre sua história esportiva, sua trajetória de competições na modalidade que desempenha, bem como as impressões existentes com relação ao seu desempenho esportivo e a sociedade. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são mínimos. Mas, para diminuir a chance desses riscos ocorrerem será assegurado o seu anonimato em todo o processo do estudo, como também você terá a liberdade de desistir de qualquer momento. Esta pesquisa pode ajudar a contribuir para a construção e validação do empoderamento da mulher no paradesporto brasileiro, a fomentar a discussão sobre a mulher brasileira e atleta com deficiência nos esportes de competição e na publicação dos resultados encontrados em revistas científicas e afins, dando visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão a sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratam a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, 30 de Outubro de 2020.

Assinatura do Participante




Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

CEP: 38036-900

Fone: (31) 2102-3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa "O papel da mulher no paraesporte brasileiro". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é que, ao longo da história, a inclusão da mulher nos esportes se deu de forma lenta, gradual e por vezes traumática, marcada por muitas lutas e preconceitos e, com relação à mulher esportista com deficiência, esse cenário mostrou-se ainda mais agravante. (SIMÕES, 2004; CIDADE, 2004; OLIVEIRA, 2008). Diante disso, nesta pesquisa pretendemos analisar o papel da mulher brasileira com deficiência nos esportes de competição, tomamos-se como to conditar a sua história esportiva, a maneira como se percebe e é percebida na sociedade, a fim de compreendermos o seu papel nesses ambientes e promover a visibilidade e importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: uma entrevista na forma escrita ou gravada, por e-mail ou por Skype, de acordo com sua escolha da melhor maneira para realizarmos a entrevista. Não, será solicitada que fale sobre sua história esportiva, sua trajetória de conquistas na modalidade que desempenha, bem como as dificuldades existentes em relação ao seu desempenho esportivo e a sociedade. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são mínimos. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem será assegurado o seu anonimato em todo o percurso do estudo, como também você terá a liberdade de desistir da mesma a qualquer momento. Esta pesquisa pode ajudar a contribuir para a construção e divulgação do conhecimento do papel da mulher no paraesporte brasileiro, a fomentar a discussão sobre a mulher brasileira e atleta com deficiência nos esportes de competição e na publicação dos resultados encontrados em revistas científicas e mais, dando visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

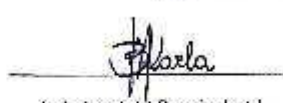
Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou a matéria que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador aviziará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratam a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, 21 de Outubro de 2020.


Assinatura do Participante


Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Pesquisador Responsável: Karla Mesquita Belgo
Universidade Federal de Juiz de Fora/MG

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102-3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa "O papel da mulher no paradesporto brasileiro". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é que, ao longo da história, a inclusão da mulher nos esportes se deu de forma lenta, gradativa e por vezes traumática, marcada por muitas lutas e preconceitos e, com relação à mulher esportista com deficiência, este cenário mostrou-se ainda mais agravante. (SILVARES, 2004; CIOADE, 2004; OLIVEIRA, 2008). Diante disso, nesta pesquisa pretendemos analisar o papel da mulher brasileira com deficiência nos esportes de competição, tomando-se como fio condutor a sua história esportiva, a maneira como se percebe e é percebida na sociedade, a fim de compreendermos o seu papel nessas atividades e podermos dar visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: uma entrevista na forma escrita ou gravada, por e-mail ou por Skype, de acordo com sua escolha da melhor maneira para realizarmos a entrevista. Nela, será solicitada que fale sobre sua história esportiva, sua trajetória de conquistas na modalidade que desempenha, bem como as impressões existentes com relação ao seu desempenho esportivo e à sociedade. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são mínimos. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem será assegurado o seu anonimato em todo o percurso do estudo, como também você terá a liberdade de desistir da mesma a qualquer momento. Esta pesquisa pode ajudar e contribuir para a construção e solidificação do entendimento do papel da mulher no paradesporto brasileiro, a fomentar a discussão sobre a mulher brasileira e atleta com deficiência nos esportes de competição e na publicação dos resultados encontrados em revistas científicas e afins, dando visibilidade e importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indica sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação ou para os resultados.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados em o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador enviará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratam a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução nº 486/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, 29 de Outubro de 2020.

Mariana Oliveira da Silva

Assinatura do Participante

[Assinatura]

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Pesquisador Responsável: Karla Mesquita Belgo

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisas

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102-3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

1



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostariamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa "O papel da mulher no paradesporto brasileiro". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é que, ao longo da história, a inclusão da mulher nos esportes se deu de forma lenta, gradativa e por vezes traumática, marcada por muitas lutas e preconceitos e, com relação à mulher esportista com deficiência, este cenário mostrou-se ainda mais agravado. (SIMÕES, 2004; CIDADE, 2004; OLIVEIRA, 2006). Diante disso, nesta pesquisa pretendemos analisar o papel da mulher brasileira com deficiência nos esportes de competição, tomando-a como fio condutor à sua história esportiva, a maneira como se percebe e é percebida na sociedade, a fim de compreendermos o seu papel nesses ambientes e podermos dar visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

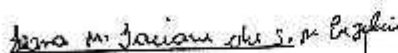
Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: uma entrevista na forma escrita ou gravada, por e-mail ou por Skype, de acordo com sua escolha da melhor maneira para realizarmos a entrevista. Nela, será solicitado que fale sobre sua história esportiva, sua trajetória de conquistas na modalidade que desempenha, bem como as impressões existentes com relação ao seu desempenho esportivo e a sociedade. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são mínimos. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem será assegurada o seu anonimato em toda o percurso do estudo, como também você terá a liberdade de decidir da mesma a qualquer momento. Esta pesquisa pode ajudar a contribuir para a construção e satisfação do entendimento do papel da mulher no paradesporto brasileiro e fomentar a discussão sobre a mulher brasileira e atleta com deficiência nos esportes de competição e na publicação dos resultados encontrados em revistas científicas e outras, dando visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratam a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para as fins acadêmicas e científicas.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, 25 de Novembro de 2020.



Assinatura do Participante



Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Pesquisador Responsável: Karla Mesquita Belgo
Universidade Federal de Juiz de Fora/MG

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF
Campus Universitário da UFJF
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
CEP: 36036-900
Fone: (32) 2102-3788 / E-mail: cep.propes@ufjf.edu.br



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa "O papel da mulher no paradesporto brasileiro". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é que, ao longo da história, a inclusão da mulher nos esportes se deu de forma lenta, gradativa e por vezes traumática, marcada por muitas lutas e preconceitos e, com relação a mulher esportista com deficiência, este cenário mostrou-se ainda mais agravante. (S MOSES, 2004; CIBADE, 2004; OLIVEIRA, 2008). Diante disso, nesta pesquisa pretendemos analisar o papel da mulher brasileira com deficiência nos esportes de competição, tomá-lo-se como fio condutor a sua história esportiva, a maneira como se percebe e é percebida na sociedade, a fim de compreendermos o seu papel nesses ambientes e podermos dar visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

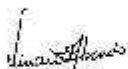
Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: uma entrevista na forma escrita ou gravada, por e-mail ou por Skype, de acordo com sua escolha da melhor maneira para realizarmos a entrevista. Não será solicitada que fale sobre sua história esportiva, sua trajetória de conquistas na modalidade que desempenha, bem como as impressões existentes com relação ao seu desempenho esportivo e a sociedade. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são mínimos. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem será assegurado o seu anonimato em todo o percurso do estudo, como também você terá a liberdade de desistir a qualquer momento. Esta pesquisa pode ajudar a contribuir para a construção e solidificação do entendimento do papel da mulher no paradesporto brasileiro, a fomentar a discussão sobre a mulher brasileira e atleta com deficiência nos esportes de competição e na publicação dos resultados encontrados em revistas científicas e e-books, dando visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

Para participar desta estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você terá direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e poderá optar para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é tratado (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indica sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não se é identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa serão armazenados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. De acordo com este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores atuarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, além de obedecer a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins científicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, 14 de setembro de 2020.


Assinatura do Participante


Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF
Campus Universitário da UFJF
Fórum/Instituição de Pós-Graduação e Pesquisa
CEP: 36035-900
Fone: (32) 2102-3788 / E-mail: cep.pmpesq@ufjf.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa "O papel da mulher no paradesporto brasileiro". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é que, ao longo da história, a inclusão da mulher nos esportes se deu de forma lenta, gradativa e por vezes traumática, marcada por muitas lutas e preconceitos e, com relação à mulher esportista com deficiência, este cenário mostrou-se ainda mais agravante. (SIMÕES, 2004, CIDADE, 2004; OLIVEIRA, 2008). Diante disso, nesta pesquisa pretendemos analisar o papel da mulher brasileira com deficiência nos esportes de competição, tomando-se como fio condutor a sua história esportiva, a maneira como se percebe e é percebida na sociedade, a fim de compreendermos o seu papel nesses ambientes e poderemos dar visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: uma entrevista na forma escrita ou gravada, por e-mail ou por Skype, de acordo com sua escolha da melhor maneira para realizarmos a entrevista. Nela, será solicitado que fale sobre sua história esportiva, sua trajetória de conquistas na modalidade que desempenha, bem como as impressões vivenciadas com relação ao seu desempenho esportivo e a sociedade. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são mínimos. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem será assegurado o seu anonimato em toda o percurso do estudo, como também você terá a liberdade de desistir da mesma a qualquer momento. Esta pesquisa pode ajudar a contribuir para a construção e solidificação do entendimento do papel da mulher no paradesporto brasileiro, a fomentar a discussão sobre a mulher brasileira e atleta com deficiência nos esportes de competição e na publicação dos resultados encontrados em revistas científicas e afins, dando visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que firmamos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa serão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratam a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, 23 de setembro de 2020.


Assinatura do Participante


Assinatura do (s) Pesquisador (a)

Pesquisador Responsável: Karla Mesquita Belgo
Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF

Campus Universitário de UFJF

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102-3786 / E-mail: cep@propp@ufjf.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa "O papel da mulher no paradesporto brasileiro". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é que, ao longo da história, a inclusão da mulher nos esportes se deu de forma lenta, gradativa e por vezes traumática, marcada por muitas lutas e preconceitos e, com relação à mulher esportista com deficiência, este cenário mostrou-se ainda mais agravante (SILVOS, 2004; CIDADE, 2004; OLIVEIRA, 2008). Diante disso, nesta pesquisa pretendemos analisar o papel da mulher brasileira com deficiência nos esportes de competição, tomando-se como fio condutor a sua história esportiva, a maneira como se percebe e é percebida na sociedade, a fim de compreendermos o seu papel nesses ambientes e podemos dar visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

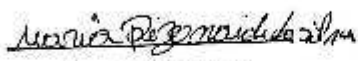
Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: uma entrevista na forma escrita ou gravada, por e-mail ou por Skype, de acordo com sua escolha da melhor maneira para realizarmos a entrevista. Nesta, será solicitado que fale sobre sua história esportiva, sua trajetória de conquistas na modalidade que desempenha, bem como as impressões existentes com relação ao seu desempenho esportivo e a sociedade. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são mínimos. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem será assegurado o seu anonimato em todo o percurso do estudo, como também você terá a liberdade de desistir da mesma a qualquer momento. Esta pesquisa pode ajudar a contribuir para a construção e solidificação do entendimento do papel da mulher no paradesporto brasileiro, a fomentar a discussão sobre a mulher brasileira e atleta com deficiência nos esportes de competição e na publicação dos resultados encontrados em revistas científicas e afins, dando visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fazemos com você nessa pesquisa, você tem direito à busca indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido(a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

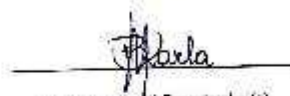
Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratam a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, 29 de Outubro de 2020



Assinatura do Participante



Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Pesquisador Responsável: Karla Masquili Belgo
Universidade Federal de Juiz de Fora/MG

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pré-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

CEP: 38035-900

Fone: (32) 2102-3788 | E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

1



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO


Gostariamos de convidar você a participar como voluntária (a) da pesquisa "O papel da mulher no esporte brasileiro". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é que, ao longo da história, a inclusão da mulher nos esportes se deu de forma lenta, gradativa e por vezes marginalizada, marcada por muitas lutas e preconceitos e, em relação a muitos aspectos, com inferioridade. Este cenário mudou-se ainda mais agravando (SILVA, 2004; CIDALI, 2004; OLIVEIRA, 2008). Diante disso, nesta pesquisa pretendemos analisar o papel da mulher brasileira com deficiência nos esportes de competição, tomando-se como foco condutor a sua história esportiva, a maneira como se percebe a a percepção na sociedade e, fim, re compreendamos o seu papel nesses ambientes e podemos dar visibilidade a importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: uma entrevista na forma escrita ou gravada, por e-mail ou por Skype, de acordo com sua escolha, da melhor maneira para você, bem como a entrevista. Não será solicitado que você escreva sua história de competições na modalidade que desempenha, bem como as impressões existentes em relação ao seu desenvolvimento esportivo e a sociedade. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são mínimos. Mas, para garantir a máxima segurança, sempre realizaremos uma sessão de teste a respeito do seu ambiente de trabalho e estudo, caso também você tem a liberdade de desistir de mesma a qualquer momento. Esta pesquisa pode ajudar a contribuir para a construção e validação do entendimento do papel da mulher no cenário esportivo brasileiro, a formação a união sobre a mulher brasileira e ainda com deficiência nos esportes de competição e na publicação dos resultados inseridos em revistas científicas e ainda, dando visibilidade a importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.


Para participar desta pesquisa você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa dos atividades que fazemos com você nesta pesquisa, você tem direito a ser indenizado. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e sempre terá para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de você participar não vai trazer qualquer benefício ou mudança na forma em que você é tratada (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão a sua disposição somente finalizada. Seu nome ou o material que envolve sua participação não será publicado sem a sua permissão. Você não será remunerado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento esclarecido é impresso em duas vias registradas sendo que uma será armazenada pelo pesquisador responsável e a outra será entregue a você. Os dados coletados na pesquisa serão armazenados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido esse tempo, o pesquisador analisará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores buscam a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde) utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que não foi cooço a coerção de ler e esclarecer da natureza do estudo.


Assinatura do Participante

Juiz de Fora, 22 de Outubro de 2020


Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Investigador Responsável: Karla Mesquita Delgn
Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF
Campus Universitário da UFJF

Pro-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

CEP 36076-000

Fone: (32) 2107-3786 | E-mail: cep@propeq.ufjf.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordamos em contribuir, voluntariamente, para a realização da pesquisa (a) de doutorado "O papel da mulher no desenvolvimento esportivo". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é (a) em função da importância da participação da mulher nos esportes de elite, em nível mundial, e por vezes brasileira, limitada por motivos físicos e psicológicos. A mulher esportista com deficiência, esta sempre motivada a lutar mais agressivamente. (OLIVEIRA, 2004; OLIVEIRA, 2008). Diante disso, nasce a pesquisa para entender o papel da mulher no esporte com deficiência nos esportes de competição, entendendo-se como (a) candidato (a) a (a) prática esportiva, entendendo-se como (a) participar e a importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

Caso você concorde em participar, deverá fazer as seguintes atividades com você, uma entrevista, na forma escrita ou gravada, por e-mail ou por CD/MP3, de acordo com as condições de melhor maneira para a realização da entrevista. Não será solicitado que fale sobre sua história esportiva, sua trajetória de conquista na modalidade que desempenha, bem como as impressões existentes com relação ao seu desempenho esportivo e a sociedade. Estas perguntas têm alguma razão, que são mínimas. Mas, para diminuir a chance desses dados acontecerem em um desajustado e seu andamento em todo o percurso do estudo, como também você terá a liberdade de desistir da mesma a qualquer momento. Esta pesquisa pode ajudar a contribuir para a construção e solidificação do entendimento do papel da mulher no paradesporto brasileiro, a fomentar a discussão sobre a mulher brasileira e atleta com deficiência, ou nos esforços de comunicação e na publicação dos resultados encontrados em revistas científicas e afins, dando visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.

Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizermos com você neste pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e sobre a forma como participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você o quiser, não será obrigado a participar. Você pode voltar em qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não afetará quaisquer possibilidades de estudar na forma em que você e a comissão (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quanto finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa regular.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 4/2012 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, 15 de Setembro de 2020.

Ana Patrícia de Oliveira

Assinatura do Participante

[Assinatura]

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

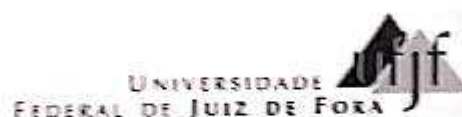
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102-3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa "O papel da mulher no paradesporto brasileiro". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é que, ao longo da história, a inclusão da mulher nos esportes se deu de forma lenta, gradativa e por vezes traumática, marcada por muitas lutas e preconceitos e, com relação à mulher esportista com deficiência, este cenário mostrou-se ainda mais agravado. (SIMÕES, 2004; CIDADE, 2004; OLIVEIRA, 2008). Diante disso, nesta pesquisa pretendemos analisar o papel da mulher brasileira com deficiência nos esportes de competição, tomando-se como fio condutor a sua história esportiva, a maneira como se percebe e é percebida na sociedade, a fim de compreendermos o seu papel nesses ambientes e podermos dar visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: uma entrevista na forma escrita ou gravada, por e-mail ou por Skype, de acordo com sua escolha da melhor maneira para realizarmos a entrevista. Nela, será solicitado que fale sobre sua história esportiva, sua trajetória de conquistas na modalidade que desempenha, bem como as impressões existentes com relação ao seu desempenho esportivo e a sociedade. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são mínimos. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem será assegurado o seu anonimato em todo o percurso do estudo, como também você terá a liberdade de desistir de mesma a qualquer momento. Esta pesquisa pode ajudar e contribuir para a construção e solidificação do entendimento do papel da mulher no paradesporto brasileiro, a fomentar a discussão sobre a mulher brasileira e atleta com deficiência nos esportes de competição e na publicação dos resultados encontrados em revistas científicas e afins, dando visibilidade à importância da mulher com deficiência no cenário esportivo.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizemos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:
 CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF
 Campus Universitário de UFJF
 Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
 CEP: 36206-900
 Fone: (32) 2102-3738 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br



Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você.

Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, 15 de setembro de 2020.

Adelino Oliveira

Assinatura do Participante

Flávia

Assinatura do (s) Pesquisador (s)

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:
 CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF
 Campus Universitário da UFJF
 Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
 CEP 36036-900
 Fone: (32) 2102-3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

2

Digitizado com